

RENATA XAVIER CARNIEL

**O trabalho dos indígenas da aldeia Te'yikue na produção de cana-de-açúcar:
significados e sentidos sob a perspectiva histórico-cultural**

ASSIS

2020

RENATA XAVIER CARNIEL

**O trabalho dos indígenas da aldeia Te'yikue na produção de cana-de-açúcar:
significados e sentidos sob a perspectiva histórico-cultural**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Claudia Aparecida Valderramas
Gomes

ASSIS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

Carniel, Renata Xavier

C289t O trabalho dos indígenas da aldeia Te'ýikue na produção de cana-de-açúcar : significados e sentidos sob a perspectiva Histórico-Cultural / Renata Xavier Carniel. Assis, 2020.
159 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Claudia Valderramas Gomes

1. Psicologia histórico-cultural. 2. Indígenas - Trabalho.
I. Título.

CDD 158.7



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Título:

AUTORA: RENATA XAVIER CARNIEL

ORIENTADORA: CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA,
área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES
Departamento de Psicologia Social / UNESP/Assis

Profa. Dra. ROSANGELA CELIA FAUSTINO
Departamento de Teoria e Prática da Educação / UEM/Maringá

Prof. Dr. DEIVIS PEREZ BISPO DOS SANTOS
Departamento de Psicologia Social / UNESP/Assis

Assis, 28 de agosto de 2020.

AGRADECIMENTOS

Sempre ouvi dos colegas que a produção da dissertação era um fazer solitário. Comigo foi diferente porque foi produzida na relação com muitas pessoas e algumas delas tiveram fundamental importância para sua materialização, como é o caso da professora Claudia Aparecida Valderramas Gomes, a minha orientadora. A quem não posso só expressar minha gratidão, mas também a minha admiração pelo seu profissionalismo em saber acolher, incentivar, direcionar sem jamais impor o caminho.

Agradeço também aos professores do programa, especialmente aqueles com quem cursei as disciplinas. Sem dúvida, suas vozes ecoam por toda esta dissertação. São eles: Deivis Perez Bispo dos Santos, João Batista Martins, José Sterza Justo, Francisco Hashimoto. Também não posso deixar de agradecer a Professora Ana Maria Rodrigues de Carvalho e os colegas com quem tive mais proximidade: Meirize, Luciana, Flávio, Bruna, Jéssica, Edgar e Paulo.

Também agradeço e dedico todo este estudo aos trabalhadores da aldeia Te'ýikue. Por permitirem que suas histórias fossem contadas pelas minhas palavras. Não posso fazer além disso, apenas contá-las.

Agradeço, especialmente, minha família. Marcelo, meu amigo e companheiro, com quem compartilho esperanças, alegrias e tristezas. Sempre tão incentivador e otimista! Meu Guilherme que, mesmo tão novinho, frequentou a universidade comigo. Esteve comigo sempre e tem me ensinado que tudo passa – que a vida é feita de ciclos. E precisamos aproveitar todos eles.

Minha gratidão a minha sogra – Naomi. Sei o quanto se esforçou para me ajudar com o Guilherme. Obrigada pela sua dedicação e cuidado conosco!

Aos meus pais – Nelson e Fátima. Pelo incentivo. Sempre prontos a me amparar quando necessário. Compreendo que gostariam de estar mais próximos, mas a distância e suas responsabilidades o impediam. Obrigada por tanto amor!

Aos meus irmãos – Luiz e Alessandro e as minhas cunhadas Ângela e Cláudia. Pela nossa união e respeito. Sei que posso contar com vocês!

CARNIEL, RENATA XAVIER. **O trabalho dos indígenas da aldeia Te'yikue na produção de cana-de-açúcar: significados e sentidos sob a perspectiva Histórico-Cultural**. 2020. 159 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

RESUMO

A temática central desta pesquisa versou sobre o trabalho executado pela população indígena da aldeia Te'yikue, localizada nas proximidades do município de Caarapó-MS, no corte de cana-de-açúcar entre os anos de 1980 e 2000. Fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico dialético e da psicologia histórico-cultural, buscou apreender os significados e sentidos constituídos pelos indígenas acerca do trabalho nas usinas de produção de açúcar e álcool. Quanto aos procedimentos metodológicos, o estudo empregou a entrevista narrativa com um conjunto de nove participantes, dentre os quais foram selecionadas três para a análise dos resultados, que seguiu a metodologia dos *Núcleos de Significação*. O estudo recuperou a trajetória histórica dos guaranis kaiowás, desde o tempo em que viviam em seus *tekoha* tradicionais até a chegada dos colonizadores que ocuparam seus territórios e exploraram sua força de trabalho em nome do processo civilizatório. Além do percurso histórico, a pesquisa abordou o contexto da contratação de mão de obra indígena pelas usinas que se instalaram no estado do Mato do Grosso do Sul por volta da década de 1980, e as implicações decorrentes desse tipo de trabalho para a vida dos indígenas. No que tange aos resultados, o estudo revela, primeiramente, que os sentidos sobre o trabalho se produzem por meio das ações individuais e coletivas e das relações de trabalho, vinculadas às condições materiais da comunidade indígena daquele momento, as quais distanciadas do significado social do trabalho se traduziram por processos fragmentados e alienadores. Outro indicador dos resultados, diz respeito a historicidade dos sentidos atribuídos ao trabalho; sua transitoriedade e multideterminação o definem como síntese na subjetividade humana confirmando os pressupostos metodológicos da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Histórico-Cultural; Trabalho indígena; Significados-sentidos.

CARNIEL, Renata Xavier. **The work of the indigenous people of the Te'yikue village in the production of sugar cane: meanings and senses from the Historical-Cultural perspective.** 2020. 159 f. Dissertation (Masters in Languages). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2020

ABSTRACT

The central theme of research was based on the work performed by the indigenous population from Te'yikue village, located near the municipality of Caarapó-MS, in the cut of sugar cane between the years of 1980 and 2000. Based on methodological-theorist assumptions of historical dialectical materialism and cultural-historical psychology, intended to learn the meanings and senses, constituted by them about work done in the sugar and alcohol production plants. As to methodological procedures, the study employed the narrative interview for data production with a set of nine participants, among which were selected three for analysis of results, that followed the methodology of "*Meaning Nuclei*". The study recovered the historical trajectory of Guaraní Kaiowás, since the time they lived in their *tekoha*, traditional until the arrival of the colonizers, that occupied their territories and explored their workforce, on behalf of the civilizing process. Beyond the historical path, the research approached the context of hiring indigenous labor by the plants, that settled in Mato Grosso do Sul, around the decade of 1980, and the implications arising from this type of work for indigenous workers' life. Regarding the results the study reveals, firstly, that meanings of work are produced through individual and collective actions and work relationships, linked to the material conditions of the indigenous community at that time, which are distanced from the social meaning of work, translated into fragmented and alienating processes. Another indicator of the results, refers to the historicity of the meanings attributed to work; its transience and multidetermination define it as synthesis in human subjectivity confirming the methodological assumptions of the research.

KEY WORDS: Cultural-Historical Psychology; Indigenous labor; Meanings-Senses

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - OS FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E A CATEGORIA TRABALHO NA FORMAÇÃO DO PSIQUISMO HUMANO.....	16
1.1 Breve história da Psicologia Histórico-Cultural.....	16
1.2 O Legado da filosofia marxiana para a Psicologia Histórico-Cultural.....	22
1.3 Atividade e Consciência Humana: uma unidade dialética.....	32
1.4 As categorias de Sentido e Significado.....	38
CAPÍTULO II - OS GUARANIS E KAIOWÁ: DAS MATAS AOS CANAVIAIS.....	42
2.1 O modo de produção dos Guaranis e Kaiowá.....	44
2.2.O processo de colonização e a exploração da mão de obra indígena no estado do Mato do Grosso do Sul.....	52
2.3 A indústria canavieira no Estado do Mato Grosso do Sul e a mão de obra indígena.....	55
2.4 O processo de trabalho nas usinas de açúcar e álcool.....	59
CAPÍTULO III – A PESQUISA.....	63
3.1 O Método.....	63
3.2 Etapas Metodológicas.....	67
3.2.1 O contexto da pesquisa.....	68
3.2.2 A produção dos dados.....	74
3.2.3 Procedimentos de análise.....	78
CAPÍTULO IV – PERCURSO DA ANÁLISE DOS DADOS: DOS PRÉ-INDICADORES AOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO.....	81
4.1 O lugar do Pré-indicadores nas narrativas.....	81
4.2Sistematização dos Pré-indicadores em Indicadores.....	90
4.3 A organização dos núcleos de significação.....	105
CAPITULO V – OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO INDÍGENA EM NA PRODUÇÃO DE CANA-DE-ACÚCAR.....	107
5.1 NÚCLEO 1 - O que os motivou a trabalhar nas usinas? Necessidades, motivos e as condições que determinaram a ida e a permanência.....	108

5.2 NÚCLEO 2 – Sobre o trabalho nas usinas: características e estratégias para lidar com as dificuldades.....	115
5.3 NÚCLEO 3 - O que e por que mudou? Transformações nos modos de pensar, de sentir e de agir após o trabalho nas usinas.....	130
5.4 NÚCLEO 4 - Como estão e o que fazem após a experiência nas usinas? As atuais condições de vida e perspectivas para o futuro.....	135
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
ANEXOS.....	154

INTRODUÇÃO

Poderia situar o início desta pesquisa em 2018 que coincide com o ingresso no Programa de Pós-graduação em Psicologia e Sociedade da Unesp/ Assis-SP. Porém, seria mais correto situá-lo no ano 2007 quando comecei a trabalhar em uma usina de açúcar e álcool no município de Caarapó, no estado do Mato Grosso do Sul e, que nesta ocasião, iniciava o processo de contratação de mão de obra indígena para o cultivo de cana-de-açúcar. O período que trabalhei nesta usina¹ representa, portanto, a tomada de consciência acerca da realidade indígena.

Cabe, portanto, retomar aqui um pouco desta história que possibilitou o contato mais direto com os trabalhadores indígenas da aldeia Te'ýikue e que resultou em tantos questionamentos e inquietações. Foi exatamente em 2007 que a usina iniciava suas operações no município de Caarapó-MS. Fui uma das primeiras contratadas para atuar na área de Recursos Humanos e a principal demanda deste setor era a contratação de trabalhadores rurais para iniciar e dar continuidade ao cultivo da cana-de-açúcar. Inúmeras foram as tentativas para contratar e reter mão de obra local não-índia, porém, a rotatividade, o absenteísmo e atestados médicos por conta de doenças ocupacionais era uma constante.

Frente a esse cenário, de mão de obra escassa, começou-se a pensar na contratação dos indígenas, visto que algumas usinas e destilarias do estado já os contratavam para essa atividade e relatavam bons resultados como alta produtividade e com poucas reclamações trabalhistas. Apesar das particularidades desta relação de trabalho, após *benchmarking*² e audiências com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) iniciou-se a contratação de indígenas da aldeia Te'ýikue, também localizada no município de Caarapó-MS, para realizar as atividades que os “não-índios” não “conseguiram” ou não “queriam” realizar.

¹ Essa usina tinha sua sede no interior do estado de São Paulo. E iniciou a construção de uma nova unidade em Caarapó-MS no ano de 2007, portanto, no decorrer do estudo não nos referimos a ela, já que o estudo recupera dados dos anos de 1980 a 2000. Este ano (2020) esta usina foi vendida para um grupo multinacional. Mantiveram em seu quadro de funcionários cerca de duzentos trabalhadores indígenas da aldeia Te'ýikue. Atualmente (Ago/2020) estão afastados de suas atividades devido a pandemia do novo coronavírus.

² O termo *Benchmarking* designa um processo empresarial que visa identificar as melhores práticas do mercado, por meio da comparação, a fim de incrementar a performance de uma companhia. O conceito parte da medição entre a empresa e seus concorrentes, diretos e indiretos. Disponível em <https://www.dicionariofinanceiro.com/benchmarking/>. Acesso em 31/10/2019.

Diante do cenário de adequação para a contratação de mão de obra indígena (na qual eu estava inserida) questionamentos foram sendo levantados pela gestão da empresa, pois em sua maioria não era da região e nunca haviam visto “um índio de perto”. Falam a nossa língua? Não são agressivos? Usam roupas? O que eles comem? Como vivem? Como é a organização dentro da aldeia? Por que não caçam e pescam para sobreviver? Por que precisam trabalhar, não recebem benefício do governo? Vão nos obedecer? Como são as leis que regem esse trabalhador? E foi neste momento que me dei conta que não sabia nada a respeito da população indígena. Justo eu, moradora da cidade (desde que nasci), me vi sem respostas nem argumentos que justificasse tamanha ignorância. A verdade é que ignorava a presença indígena.

Mas ao trabalhar com os índios, ou melhor dizendo, ser colega de trabalho deles foi uma experiência marcante em minha trajetória profissional. Estive com eles nesta usina cerca de seis anos e os aprendizados foram constantes. Apesar do trabalho duro nos canaviais, sempre os via com um sorriso no rosto. Trabalhavam sorrindo debaixo do sol escaldante. Respeitavam o tempo para o tereré e, dessa hora, faziam uma festa. Sempre muito respeitosos e educados. Eram organizados, gostavam de fazer filas e se organizavam por ordem de chegada. Sempre muito humildes para justificar os absenteísmos. Aliás, suas atitudes pareciam ser, continuamente, de submissão e inferioridade.

Foi esse relacionamento que me despertou para outras questões. Cursei duas graduações, ambas da área de Ciências Humanas – Letras e Psicologia. A primeira numa universidade pública e a segunda numa privada. As duas no município de Dourados-MS (distante a 40 km de Caarapó e que possui a maior aldeia Indígena do estado com cerca de 13mil habitantes vivendo, praticamente, dentro da área urbana). Em nenhuma das universidades, tive algum professor que incentivou a realização de um estágio ou estudo sobre essa temática. Mesmo o índio estando, quase sempre, nas mídias locais como personagem de situações conflituosas como demarcação de terras, uso de drogas, violência, suicídio, fome e miséria.

Dados coletados no Censo Demográfico realizado pelo IBGE no ano 2010³ mostraram que no Brasil a população indígena é de 896,9 mil, há 305 etnias e 274 línguas distintas. Os povos indígenas estão presentes nas cinco regiões do Brasil. No Norte do país é onde se concentra o maior número e na região Sul está a menor população. Do total de 896,9 mil,

³ Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2015/04/populacao-indigena-no-brasil-e-de-896-9-mil>. Acesso em 01/10/2017. A periodicidade da pesquisa é decenal e a coleta do próximo Censo Demográfico será realizada entre os meses de agosto a outubro de 2020, conforme informado em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 20/09/2019.

502.783 vivem na zona rural e 315.180 estão na área urbana. Esses dados evidenciam que a população indígena representa cerca de 1% da população total do Brasil, porém representam uma parcela significativa quando se trata de questões que envolvem disputas por terras e efetivas políticas públicas no campo da saúde, educação, habitação, etc. que deem conta das inúmeras diferenças culturais e regionais.

Na aldeia Indígena Te'ýikue⁴, localizada no município de Caarapó-MS, questões como: degradação ambiental, aumento populacional, território reduzido, falta de trabalho e de perspectiva de vida são urgentes. Essa área indígena está a 19 km da área urbana e foi demarcada em 1924 pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Possui 3.600 hectares de terra abrigando, em regime de confinamento, mais de 3.000 mil índios das etnias kaiowá e guarani e o retrato ambiental é de total degradação (BATISTA, 2005).

Habitam, essa aldeia, povos guarani, subdivididos em duas parcialidades: na grande maioria Kaiowá e em menor número Ñandeva que se autodenominam guarani-kaiowá. Os guarani-kaiowá originalmente cultivavam a economia da reciprocidade, cujo processo de produção era bem simples e orientado pelas necessidades familiares, bem como a divisão do trabalho. Não existia a imposição quanto a utilização de recursos para a produção e as trocas eram comprometidas com a redistribuição de produtos mais elaborados. Porém, a degradação ambiental e o contato com as leis de mercado desestabilizaram essa forma de economia dentro da aldeia. Precisaram trabalhar fora de sua comunidade para sobreviverem. Inicialmente começaram a trabalhar nas fazendas e, por volta do ano de 1980, por iniciativa do governo estadual que incentivou a instalação de usinas de produção de açúcar e álcool, inicia-se o processo de assalariamento de mão de obra indígena para cultivo da cana-de-açúcar. Essas usinas eram localizadas em municípios distantes da aldeia Te'ýikue, por isso estes trabalhadores ficavam em alojamentos em situações precárias de higiene e segurança e só retornavam para casa a cada sessenta dias de trabalho.

Esta relação de trabalho foi alvo de muitas polêmicas ao longo de décadas, sendo configurado trabalho análogo a escravidão. Com a intervenção do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Ministério Público Federal (MPF) e representantes de órgãos governamentais e não governamentais foi criado o Pacto Comunitário dos Direitos Sociais nas Relações de Trabalho Indígena⁵ que assegura melhor qualidade de vida a esses trabalhadores, além de

⁴ Te'ýikue significa *te'ýi* (gente, homem) e *kue* como sufixo da palavra para designar o passado, ou aquilo que já foi; assim, o termo Te'ýikue foi sendo traduzido como aldeia antiga (BENITES, 2014, p.42)

⁵ Este pacto foi assinado em 21 de maio de 1999, porém a contratação de mão de obra indígena pelas usinas da região do estado do Mato Grosso Sul ocorrem em 1991 e fez-se por meio de contratos “verbais”, não havendo nada por escrito e, principalmente, nenhuma proteção era dada a trabalhador. Essa realidade foi denunciada,

direitos trabalhistas e previdenciários. Antes da consolidação dessas leis (que remonta quase vinte anos – entre 1980 a 1999) essa relação de trabalho foi marcada pela exploração e violação de direitos trabalhistas e, principalmente, dos direitos humanos.

Face a essa realidade, a questão que pretendemos responder com esta pesquisa de campo é: quais os significados e os sentidos que o trabalho nas usinas de cana-de-açúcar tem para a população indígena da aldeia Te'ýikue? Entender como essa atividade afetou sua história e a história de sua comunidade e se a mesma contribuiu para a melhoria ou para a degradação ainda maior da qualidade de vida dessa população. Para selecionar os participantes desta pesquisa utilizamos os seguintes critérios de inclusão: indígenas que atuaram em usinas e destilarias de açúcar e álcool entre as décadas de 1980 (período em que a contratação era informal) e 2000 (após a consolidação do Pacto Comunitário dos Direitos Sociais nas Relações de Trabalho Indígena) e que, atualmente, exercem atividade distinta daquela, seja remunerada ou não.

Com base nessas reflexões, definimos como objetivo geral dessa investigação: apreender os significados e sentidos constituídos pelos indígenas acerca do trabalho nas usinas de produção de açúcar e álcool ou usinas de cana-de-açúcar. Como objetivos específicos, que nos ajudarão na construção do escopo principal do estudo, destacamos três: 1) Conhecer a cultura do povo guarani-kaiowá compreendendo as tradicionais formas de produção da vida material e imaterial; 2) Resgatar a historicidade do processo de assalariamento da mão de obra indígena pelas usinas e destilarias de cana-de-açúcar no estado do Mato Grosso do Sul, bem como as características desta atividade; 3) Contribuir para que a ciência psicológica se volte, efetivamente, para a realidade social, despertando em seus profissionais o compromisso com a dimensão histórica e social da comunidade na qual está inserido.

Diante destes objetivos, entendemos a relevância deste estudo, visto que a ciência psicológica parece pouco atenta a essa população que traz tanta complexidade, singularidade e um campo tão rico e vasto para estudo. Uma pesquisa realizada por Vitale, et al (2009) sobre o estado da arte de produções científicas relacionadas a temática indígena pela Psicologia constatou que, até aquele momento, os estudos eram escassos e, mesmos os autores que desenvolveram um trabalho de pesquisa e/ou intervenção, não deram continuidade.

Outra, e não menos importante, justificativa para este estudo, é investigar de que forma o trabalho e a inserção do índio em um ambiente tão diverso daquele que é o seu, repleto de regras: como carga horária de trabalho, procedimentos para a realização das atividades, deveres

a serem cumpridos, é significado socialmente. Em palavras mais simples: quem eles eram e como viviam, e hoje quem são e como vivem? Quais eram suas perspectivas? Que expectativas possuem no presente e para o futuro? O significado social e o sentido do trabalho é positivo ou negativo e de que forma influencia na melhoria de vida dessa população? Esse estudo é relevante, visto que o trabalho fora da aldeia, como uma das alternativas encontradas por esse povo para melhorar suas condições de vida, pode alterar decisivamente a organização social e o modo de viver guarani-kaïowá.

Para atender aos objetivos propostos, a investigação foi desenvolvida mediante pesquisa de campo e estudos teóricos sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, que se fundamenta no materialismo histórico e dialético para explicar os fenômenos humanos e que considera o homem como inerentemente social, produto histórico que se desenvolve não por si só, isoladamente, mas pelas relações que estabelece com o mundo material, objetivo ao longo do tempo. Como afirma Aguiar (2000, p. 126) “é o indivíduo concreto, mediado pelo social, determinado histórica e socialmente, que não pode, jamais ser compreendido independentemente de suas relações e vínculos”.

Nesta perspectiva metodológica, o trabalhador indígena não é reduzido ou limitado a um sujeito discursivo e nem a um sujeito mecânico. É um sujeito, cujas necessidades mobilizaram e seu modo de pensar, sentir e agir e foram constituídas historicamente, sob múltiplas determinações a partir de sua atuação nos diversos espaços e nas relações sociais.

A construção dos dados da pesquisa de campo se deu por meio de entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2008) e para a análise e interpretação foi utilizado o procedimento denominado Núcleos de significação, elaborado por Aguiar & Ozella (2006, 2013) e Aguiar (2015) com o objetivo de “instrumentalizar pesquisadores no processo de apreensão de sentidos e significados constituídos pelos sujeitos frente à realidade” (AGUIAR, 2015, p. 56).

A historicidade está presente em todos os capítulos deste texto que foi organizado de modo a trazer, no primeiro, uma apresentação geral de categorias importantes para a Psicologia Histórico-Cultural, tais como: trabalho, atividade, consciência, sentido e significado, além de contextualizar o início das produções e as contribuições da teoria marxiana para essa vertente da ciência psicológica. Este primeiro capítulo é o resultado e um compilado dos conteúdos das disciplinas cursadas durante os primeiros semestres deste curso de Pós-graduação.

No segundo capítulo tratamos, exclusivamente, dos participantes de nossa pesquisa – os guarani e kaïowá da aldeia Te’yíkue e o processo histórico do qual fazem parte. Destacamos, sobretudo, neste capítulo os modos tradicionais de produção e as particularidades no que se

refere ao assalariamento dessa população pelas usinas de açúcar e álcool da região sul do estado do Mato Grosso do Sul. É um capítulo voltado a historicidade de um processo que, assim como todos os fenômenos humanos, é síntese de múltiplas determinações.

O objetivo do terceiro capítulo é apresentar o caminho metodológico percorrido na construção dos dados para análise. Descrevemos a abordagem metodológica e os procedimentos utilizados; o contexto da pesquisa e os sujeitos participantes, o processo de produção e de análise dos dados e de interpretação dos resultados.

O quarto capítulo apresenta os dados provenientes das entrevistas narrativas, seguindo a perspectiva do procedimento metodológico denominado Núcleos de significação que é dividido em três etapas distintas: a primeira se destina a identificação de pré-indicadores; a segunda a sistematização dos pré-indicadores em indicadores e a terceira a inferência e sistematização dos núcleos de significação.

O quinto capítulo consiste na interpretação dos dados produzidos empiricamente e sistematizados no capítulo anterior. É o momento da síntese que nos permitiu apreender os significados e os sentidos do trabalho nas usinas para os indígenas da aldeia Te'yikue.

CAPÍTULO I

OS FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E A CATEGORIA TRABALHO NA FORMAÇÃO DO PSIQUISMO HUMANO

Um dos propósitos deste capítulo é apresentar os fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural, abordagem esta que concebe o homem como produto e produtor da sua própria história, que se desenvolve não por si só, isoladamente, mas pelas relações que estabelece com o mundo material, objetivo ao longo do tempo. Apesar de o desenvolvimento ter como base os processos biológicos e sua predeterminação, o contexto social, histórico, cultural e o trabalho exercem papel fundamental na constituição da consciência, ou seja, dos significados sociais e sentidos pessoais que, juntos, formam a subjetividade individual.

Além dos fundamentos que norteiam as produções no campo da Psicologia Histórico-Cultural, neste capítulo também abordaremos o contexto histórico em que seus precursores se empenharam na construção de uma nova psicologia que, pautada nos pressupostos da filosofia marxiana, pretende explicar o psiquismo humano.

1.1 Breve História da Psicologia Histórico-Cultural

A abordagem histórico-cultural remonta a Rússia, até então União das Repúblicas Socialistas Soviética – URSS -, nas primeiras décadas do século XX. Além de histórico-cultural⁶ também é denominada Psicologia Sócio-histórica; Psicologia Histórico-crítica; Teoria da Atividade; Psicologia Soviética, porém a diversidade das nomenclaturas não assume tanta importância, desde que caracterize e sintetize uma perspectiva filosófica e metodológica pautada na teoria social de Karl Marx (1818-1883), em outras palavras que aponte para uma psicologia de base marxista.

⁶ Acerca das nomenclaturas citadas acima, FURTADO & SVARTMAN (2009, p. 73) esclarecem que a teoria de Vigotski é conhecida como histórico-cultural. O termo “sócio-histórico” foi a denominação pela qual o grupo orientado por Sílvia Lane definiu o campo crítico da Psicologia produzida no Brasil a partir da leitura dos autores russos e da produção crítica elaborada por Lane no Programa de Estudos de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP.

O início das produções teóricas desta abordagem está estritamente ligado a L.S.Vigotski⁷ (1896-1934), A. N. Leontiev⁸ (1903-1979) e A. R. Luria (1902-1977). Sobre o encontro destes três teóricos, Molon (2003) relata que Luria e Leontiev se aproximaram de Vigotski – constituindo a *Troika* – e permaneceram fiéis a ele até sua morte, destacando-se por expressiva produtividade. Dedicaram-se ao estudo de textos em diversos idiomas, o que lhes possibilitou a análise das condições da psicologia mundial do século XX, quer dizer, da crise na qual a psicologia estava imersa. Tuleski (2008), se referindo aos responsáveis pela elaboração da Teoria Histórico-Cultural, afirma que Vigotski não a elaborou sozinho, no entanto, as obras deste autor foram mais divulgadas, lidas e pesquisadas pelos educadores brasileiros.

Zanella (2007) nos apresenta o panorama histórico e político dessa época em que a Psicologia surge como ciência e profissão e, sobretudo, o olhar mais preciso das condições sociais, históricas e políticas que caracterizam o início do século XX, berço das primeiras produções na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Este século foi marcado pela busca desenfreada por território e pela manutenção de fronteiras e, principalmente por lutas por

⁷ Será utilizada a grafia do nome deste autor em português, salvo quando a fonte adotada citá-lo de modo diferente. As variações de grafia do nome (Vygotski, Vygostsky, Vigotski) seguem as traduções de suas obras. Por exemplo: a tradução espanhola das Obras Escolhidas utilizam a grafia Vygotski. Nascido em 1896, numa família judaica bielorrussa, Vigotski concluiu aos 17 anos, com distinção, sua formação ginasial, tornando-se apto a entrar, pelo sistema de cotas, na Faculdade de Medicina da Universidade Imperial de Moscou, em 1913. Em seguida, transferiu-se para o curso de Direito da mesma universidade. Estudou ainda História e Filosofia na Universidade Popular Chaniavski, um centro de excelência não oficial, no qual lecionavam os melhores professores da época. Lá apresentou como trabalho monográfico de conclusão de curso sua célebre análise de Hamlet, de Shakespeare. Ao final de 1917, retorna para a cidade de Gomel, iniciando seus trabalhos um ano depois, quando o poder soviético se instalou. Assumiu diferentes postos, lecionando e se dedicando a atividades culturais. Organizou também o gabinete de psicologia cultivando ideias que o tornariam reconhecido em 1924, e convidado a compor a equipe de pesquisadores do Instituto de Psicologia de Moscou. Vigotski desde então até sua precoce morte em 1934, deixando-nos imensas contribuições em psicologia e educação. Um dos aspectos de destaque no percurso intelectual de Vigotski, cuja produção chegou a pelo menos 282 obras, sem contar sua correspondência, é o tratamento editorial que elas receberam tanto na URSS, quanto, de modo ainda mais grave, no ocidente. Sob o pretexto da ligação do autor com a pedagogia, estudo geral da criança, que caiu em desgraça diante do Estado Soviético, desde decreto de 1936, todas as suas obras foram proibidas deste ano até 1956. E, desde então, todos os honrosos esforços de publicação de Vigotski, mesmo na Rússia, foram permeados por sérias dificuldades tanto quanto ao número de obras publicadas. No ocidente, a situação foi ainda mais grave, em função da redução de textos completos, com o pretexto de “facilitar sua apreensão por parte do leitor”, e de consideráveis erros de tradução (LONGAREZI & PUENTES, 2013, p. 18).

⁸ Aleksei Nikolaevitch Leontiev nasceu em Moscou no dia 5 de fevereiro de 1903 em um período conhecido historicamente como Pré-revolucionário. Concluiu, na primeira metade da década de 1930, seus estudos na Faculdade de História e Filologia, atualmente denominada Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Moscou. Em 1923, o Instituto de Psicologia de Moscou, objetivou construir nova base filosófica diante dos estudos psicológicos, juntamente com os seus demais líderes, tendo em vista sua afirmação como ciência. Esse período marcou o início da vida profissional e científica de Leontiev, sendo convidado por Lúria a trabalhar neste mesmo Instituto, ocasião em que se tornou seu colaborador próximo. Esses fatos coincidiram com a reorganização deste Instituto e o começo da reestruturação da psicologia soviética sob as bases da filosofia marxista, possibilitando a “criação” da chamada “Escola histórico-cultural”. Em meados de 1924, instauraram-se no campo da psicologia novas discussões e investigações impulsionadas pelos estudos da “tróika” (LONGAREZI & PUENTES, 2013, p. 67-72).

melhores condições de vida. Tudo isso instaurou disputas entre países, culminando na Primeira Guerra Mundial. Além dessa busca desenfreada por territórios, mão de obra, matéria-prima e, principalmente, consumidores para os produtos industrializados vindos de países ricos, o início do século XX também foi marcado pelo antissemitismo, sentimentos nacionalistas e muitas rivalidades.

Todo esse clima de tensão fez com que os países europeus tentassem se agrupar visando uma cooperação mútua em caso de ataques às suas soberanias. Essa busca de proteção levou à divisão da Europa em dois grupos antagônicos, resultantes de uma política de Alianças. O primeiro grupo, a Tríplice Aliança, reunia a Alemanha, a Austria-Hungria e a Itália. O segundo grupo formado em 1907, reunia a França, Inglaterra e a Rússia, denominou-se Tríplice Entente. Vieram somar-se a este segundo grupo, posteriormente, a Bélgica, Servia e o Japão. (ZANELLA, 2007, p. 27).

Conforme o exposto, dois grandes grupos de países que se formaram sob um clima de rivalidade. Em 28 de junho de 1914, o assassinato de Francisco Fernando – sucessor do Império Austro-Húngaro - “serviu como pretexto para uma agitação internacional que terminou por desencadear a Primeira Grande Guerra”, explica Zanella (2007, p.28). Para a autora todas as potências imperialistas foram responsáveis pelos horrores causados pela guerra e que todos os envolvidos tinham um único objetivo: repartir novamente o mundo, porém a seu proveito. Como resultado da guerra tem-se, principalmente, a queda do regime monárquico na maioria dos países europeus, havendo “vitória da democracia e dos princípios liberais” (ZANELLA, 2007, p.31). Porém, o clima que se instaurou foi de insegurança e instabilidade social, situação muito propícia para o surgimento de ditaduras. Eis o panorama do pós-guerra no continente europeu

(...) Os problemas sociais enfrentados pela população europeia agravaram-se com o conflito. O desemprego, o desabastecimento crônico e as mudanças culturais decorrentes – a mulher teve seu papel social modificado. As influências culturais de além-mar invadiram definitivamente os ambientes sociais e familiares - resultaram em uma nova ordem social, na qual a população queria, no período pós-guerra, pensar o menos possível. Os anos que se seguiram ao conflito foram de aparente paz para esquecer os horrores da guerra a população europeia iludia-se com a aparente conquista da harmonia mundial. (ZANELLA, 2007, p.32)

Na Rússia, o período também foi marcado por instabilidade social a partir do ingresso na guerra em 1914, sob o comando de czarina Alexandra, fato que agravou muito a situação social do país. Em 1917, a população saiu às ruas para protestar contra o regime monárquico que resultou na queda do czar Nicolau II. Foi um movimento social sem precedentes da história, conforme Zanella (2007, p. 37)

Em 1917 a situação chegou a tal ponto que o povo saiu às ruas para protestar contra guerra e protestar contra o regime monárquico. O levante de mais de dois milhões de habitantes de Petrogrado fez com que, no dia 15 de março de 1917, o Czar Nicolau II abdicasse do trono imperial em favor de seu irmão Mikhail Romanov. No dia seguinte, este novo imperador também abdicou, pondo fim à dinastia dos Romanov e, consequentemente, ao regime monárquico russo. (ZANELLA, 2007, p.37).

Após a queda do governo monárquico, mencheviques Lvov e Kerensky assumem, provisoriamente, o comando do país, porém não conseguem atender às demandas da população, inclusive mantem o país na guerra. Esse descontentamento leva novamente o povo às ruas, desta vez, liderados pelos bolcheviques, que assumem o comando da Rússia, confiscam os bens rurais dos grandes latifundiários, entregando-os aos camponeses, o que resultou em melhores condições de vida (ZANELLA, 2007, p. 37).

Entretanto, ao recuperar a historicidade do pensamento de Vigotski e seus colaboradores, Tuleski (2009) também afirma que, após outubro de 1917, a Rússia passou por contradições em todas as classes (burgueses e proletariados) e, mesmo almejando a construção de uma sociedade socialista as relações capitalistas não foram totalmente superadas, “uma vez que as formas, sob as quais estas se manifestavam, continuavam a reproduzir-se, como: moeda, o preço, o salário, o lucro, etc. Tais formas não podiam ser abolidas por decreto” (TULESKI, 2009, p. 39).

Ainda sobre esse período na Rússia, a autora afirma que o projeto era a construção de uma sociedade socialista e que os anos que se seguiram não conseguiram transformar as relações burguesas e as lutas de classes, mesmo que as propriedades privadas tivessem sido eliminadas judicialmente. Ao descrever as características da Rússia, aponta a necessidade de mudanças urgentes naquele cenário, que era de um grande país em proporções geográficas com considerável atraso econômico e cultural e devastado pelas consequências de duas guerras, que deveria se transformar em um curto espaço de tempo, garantindo a sobrevivência e a qualidade de vida da população. É nesse contexto de reconstrução da sociedade, que imprimia ora características burguesas ora socialistas às relações de produção, que a Psicologia Histórico-Cultural se desenvolve (TULESKI, 2009, p.39).

Molon (2003) também atribui a esse período significativo da sociedade russa, envolvida em um processo revolucionário, as construções teóricas de Vigotski e seus colaboradores. Segundo a autora eles possuíam as condições necessárias para pensar e construir “novas bases de sustentação teórica e metodológica e novas implicações no campo dos problemas práticos” (MOLON, 2003 p. 21). Ou seja, era necessário que alguém olhasse para os problemas da população e propusesse novas abordagens e metodologias que dessem

respostas e que auxiliassem nesse processo de reconstrução da sociedade. Para a autora, Vigotski podia desenvolver novas bases que fundamentassem a Psicologia, a Educação e a Pedologia, pois tinha uma formação humanística e era sensível aos problemas sociais e culturais.

No contexto social da Rússia, nesse período, se fazia urgente o desenvolvimento de um novo paradigma para as ciências, principalmente para a Educação, bem como a posição de Vigotski sobre a revolução e a construção da nova sociedade socialista, como Zoia et al (2013, p.55) afirmam

A Revolução pôs como tarefa primordial a formação do homem novo e de uma escola nova que iria educar esse homem que viveria na nova sociedade socialista. Entre os que pertenciam à intelectualidade russa houve os que “aceitaram” e os que “não aceitaram” a Revolução. Vigotski estava no primeiro grupo e mergulhou de corpo e alma no fluxo das transformações vertiginosas trazidas pela Revolução de Outubro e, entre 1925 e 1930, os estudos da “troika” provocam também uma espécie de revolução na interpretação da consciência. Em sua fala, em janeiro de 1924, em Petrogrado, Vigotski já defendia que a Psicologia deveria estudar os problemas da consciência na organização do comportamento do homem, mas não como faziam os naturalistas e os fenomenologistas que, ao final das contas, selavam um acordo silencioso, como diz Luria (2001), de que as funções psicológicas complexas – as que nos diferenciam dos animais – não se submetem às investigações científicas (ZOIA et al, 2013, p. 55).

Percebe-se que Vigotski e seus colaboradores estavam empenhados em consolidar as bases de uma psicologia que viesse ao encontro das necessidades daquele período e que pudesse contribuir na formação de um novo homem, capaz de construir uma nova história e produzir cultura.

Segundo Zanella (2007, p. 70), a psicologia assume nesse momento um “caráter social que viria a contribuir com a busca de soluções para os problemas diversos, com os quais a maioria da população soviética se debatia”. Era necessário e urgente que a psicologia pudesse corroborar para a resolução dos principais problemas da população. E naquele momento, conforme Molon (2003), umas das grandes dificuldades enfrentadas pelo Estado era a Educação.

O interesse pela gênese da cultura e o entendimento do homem como construtor de cultura fez com que Vigotski rompesse com as correntes psicológicas clássicas que não forneciam respostas satisfatórias sobre os processos de individualização do sujeito e nem respondiam às problemáticas relacionadas à criação artística e percepção estética. De acordo com Molon (2003), Vigotski se engajou na construção de uma nova sociedade e também de uma nova ciência psicológica, que se diferenciou das correntes clássicas da época por seu

interesse na natureza social dos processos psicológicos superiores e sua preocupação com os processos de subjetivação do homem inserido na cultura.

Vigotski criticou as correntes empiristas e idealistas tradicionais da Psicologia, que ora se apresentavam como positivista e ora como idealista, as quais consideravam o ser humano somente quanto aos aspectos fisiológicos e ou, apenas, por aspectos espirituais e idealistas, cujos fenômenos só eram descritos e não explicados. Tuleski (2009) afirma que as obras de Vigotski pretendiam superar a “velha Psicologia” instaurando uma “nova Psicologia” capaz de eliminar as dicotomias (corpo e mente) e realizar a síntese. É, nesta tentativa de superação das visões idealistas e materialistas que ele, juntamente com o Leontiev e Luria, trouxeram para a Psicologia o método proposto por Marx e Engels – o materialismo histórico e dialético.

Portanto, o propósito de Vigotski e seus colaboradores na construção de uma nova Psicologia, fundamentada nos princípios da filosofia marxista, era conforme Daniels apud Tuleski (2008 p. 36) afirma

(...) Para Vygotsky, a filosofia marxista não era um dogma ou uma teoria em que poderiam ser encontradas as respostas para todas as questões específicas da psicologia. Essas respostas só podem ser obtidas com base no estudo psicológico cuidadoso e científico da atividade e da consciência humanas. Tendo um conhecimento profundo do marxismo, um psicólogo pode aprender um método geral de investigação científica, também baseado em muitos anos de trabalho científico experimental em psicologia (DANIELS apud TULESKI, 2008, p. 36).

Ainda no sentido de explicar qual era a relação de Vigotski e seus colaboradores com a teoria social de Marx, Molon (2003) traz a mesma perspectiva supracitada, enfatizando que o método era o que os interessava para a construção de uma nova ciência psicológica

A apropriação legítima do marxismo pela psicologia não se dava de forma direta, mas sim mediada. Por meio do conhecimento do método de Marx, Vygotsky construiu uma ciência psicológica, entretanto, jamais buscou a psicologia no marxismo ou na aderência de marxismo e psicologia. (MOLON, 2003, p. 43).

O materialismo histórico e dialético continha os fundamentos necessários para edificar uma Psicologia que abarcasse uma nova concepção de homem que pudesse superar as dicotomias presente nas correntes clássicas, que explicasse e não apenas descrevesse os fenômenos psicológicos e, principalmente, que pudesse contribuir para a resolução dos problemas práticos da sociedade. O materialismo histórico e dialético representava essa possibilidade de superação, pois nesta perspectiva o homem é um ser histórico e social, constituído de múltiplas determinações, e do mesmo modo que é produto também é considerado produtor das condições reais de vida, ou seja, da sua realidade concreta.

No próximo subitem apresentaremos o legado da filosofia marxiana para a Psicologia Histórico-cultural. Para tanto, analisaremos os fundamentos do materialismo histórico e dialético e também a centralidade da categoria trabalho, como atividade exclusivamente humana, e o processo de alienação do trabalhador que resulta dos modos de produção capitalista, cujos princípios são alicerçados no lucro e na acumulação de capital.

1.2 O Legado da Filosofia Marxiana para a Psicologia Histórico-Cultural

Karl Marx (1818-1883)⁹ foi um teórico comprometido com a transformação social. Com Friedrich Engels (1820-1895), compartilhou não apenas ideias, mas lutas pela construção de uma sociedade mais justa. Sobre o legado deixado por Marx para humanidade, Gramsci (1987) escreve

Foi grande e sua ação foi fecunda não porque tenha inventado a partir do nada, não por haver engendrado com sua fantasia uma *original* visão da história, mas porque com ele o fragmentário, o irrealizado, o imaturo, se fez maturidade, sistema, consciência. Sua consciência pessoal pode converter-se na de todos, e já é de muitos; por isso Marx não é apenas um cientista, mas também um homem de ação; é grande e fecundo na ação da mesma forma que no pensamento, e seus livros transformaram o mundo, assim como transformaram o pensamento. Marx significa a entrada da inteligência na história da humanidade, significa o reino da consciência (GRAMSCI, 1987, p. 109-110).

⁹ Nascido em Treves, capital da província alemã do Reno (Renânia), em 5 de Maio de 1818, Karl Marx, ingressou na carreira jurídica em 1836 na Universidade de Bonn seguindo, depois, para a Universidade de Berlim. O fato de ter se ligado ao grupo dos jovens Hegelianos – muito embora ele não concordasse com o idealismo de Hegel (1770-1831) – associado ao crescente interesse pela História e pela Filosofia fez com que desistisse de ser advogado. Terminou o doutorado em 1841 e decidiu seguir a carreira universitária. Tornou-se redator-chefe da *Gazeta Renana* nos anos de 1842-1843, mas abandonou o cargo após sofrer pressões políticas e perseguições, emigrando para Paris em 1843. Em 1844 quando esteve exilado em Paris redige os *Manuscritos Econômico-filosóficos*, também chamados de *Manuscritos de Paris*. As ideias centrais dos *Manuscritos* são a essência humana e o trabalho alienado. Nesse mesmo ano (1844) Marx reencontra o amigo Friedrich Engels (1820-1895) com quem iniciaria uma estreita colaboração intelectual e política. Juntos escrevem *A Sagrada Família* (1845) e *A Ideologia Alemã*, este último redigido entre os anos de 1845-1846.

Saviani (2004) explica que: “Na passagem dos *Manuscritos de 1844* para as *Teses sobre Feuerbach* e *A Ideologia alemã* o conceito de essência humana passa a coincidir com a práxis, ou seja, o homem passa a ser entendido como ser prático, produtor, transformador” (Saviani, 2004, p.37-8). Esse mesmo autor (2004) pontua que o conceito de alienação deixa de desempenhar o papel central que desempenhava nos *Manuscritos* e, de fundamento explicativo da situação humana, passa a ser considerado um fenômeno social que, por sua vez, é explicado por outro fenômeno histórico, a saber, a divisão do trabalho. Em Bruxelas (1847) Marx e Engels ingressaram na *Liga dos Justos*, organização sediada na França, mas com ramificações internacionais – *Liga Comunista* – publicando no início de 1848 o *Manifesto do Partido Comunista*. Em 1852 publica *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, em que analisa os acontecimentos na França entre os anos de 1848-1851. Mas a obra máxima de Marx – *O Capital* – teve seu primeiro volume publicado apenas em 1867. Nesta obra, as premissas estabelecidas em *A Ideologia Alemã* vão ser aplicadas rigorosamente ao estudo do modo de produção capitalista, fundamentalmente naquilo que seria o desvelamento do que a “economia científica burguesa” jamais poderia explicar, o segredo da exploração do homem pelo homem. Marx morre em 14 de Março de 1883, em Londres (GOMES, 2008, p. 28).

Ainda em referência as obras e as características do pensamento marxiano, o autor esclarece que o objetivo de Marx não era escrever um catecismo nem ser um messias, e muito menos deixar “uma fieira de parábolas carregadas de imperativos categóricos, de normas indiscutíveis, absolutas, fora das categorias do tempo e do espaço. Seu único imperativo categórico, sua única norma é: ‘Proletários do mundo inteiro, uni-vos!’” (GRAMSCI, 1987, p. 109).

A teoria marxiana exerceu, e ainda exerce grande influência no campo da política e da filosofia, fornecendo base teórica para a constituição de organizações sociais, partidos políticos, movimentos culturais e Estados populares. Representa uma ciência comprometida com o ser humano e com a transformação da realidade na qual ele está inserido, afirmando a impossibilidade de pensar uma realidade sem considerar o sujeito que a constitui e, do mesmo modo, é constituído por ela. Na Psicologia, o marxismo possibilita o conhecimento sobre os ‘homens reais’, sendo considerados a partir das contradições gerais de um desenvolvimento histórico-social determinado, explicando as relações entre uma ‘necessidade histórica’ e a ‘liberdade individual’ (TANAMACHI, 2007, p. 65).

Dessa maneira, o marxismo representa a inconformidade com a visão liberal imposta pelo capitalismo e, metodologicamente, representa a ruptura com o paradigma da objetividade e do idealismo. Conforme nos ensina Gonçalves (2007, p.50), “o marxismo representa, desde seu início, a contraposição à visão liberal. Do ponto de vista metodológico, representa uma alternativa à visão dominante objetivista, que reduzia ou excluía a subjetividade do processo social ou a apresentava como uma essência do sujeito individual”. Ao romper com as tradições idealistas e objetivistas das ciências humanas, o marxismo traz para a Psicologia a possibilidade de compreender o indivíduo como um ser que, além de produto da evolução biológica das espécies, é inerentemente social, produto histórico que se constitui sob as condições reais e objetivas de vida.

Em seu livro *O marxismo e o indivíduo*, Schaff (1987) afirma que “o ponto de partida lógico, nas considerações de Marx, é a convicção de que o homem existe como espécie e como indivíduo, que é um exemplar desta espécie, um resultado, um produto do desenvolvimento histórico, e, portanto, um produto social” (SCHAFF, 1987, p. 69). O homem é um produto da história e todos os fenômenos humanos são produzidos também num processo histórico de constituição da vida social, que só pode se constituir na materialidade das relações entre os homens e entre os homens e a natureza.

Ainda sobre a concepção do humano na teoria histórico-cultural Tomanik (2009, p.49) diz que “o ser humano é agente em sua própria história”. Isto significa que, mesmo que hajam

determinantes biológicos, sociais e históricos que favoreçam tendências de desenvolvimento, eles não são capazes de determinar resultados específicos e igualdades plenas. A constituição do sujeito não segue um padrão preestabelecido e linear, não é igual para todos. É um processo dinâmico, dialético, pois é “nas relações que o individual se manifesta, mas é, também, a partir dela que o individual pode ser elaborado” (TOMANIK, 2009, p. 51).

Ainda sobre a constituição do homem, o mesmo autor diz que este se integra dialeticamente à sociedade e a história, portanto se desenvolve a partir e como parte de processos históricos e sociais. Ao nascer, o sujeito é inserido num grupo ou em vários, situados em processos históricos de constituição e transformação. Cada grupo, onde o sujeito se insere, é portador de uma cultura, de um complexo conjunto de conhecimentos e crenças que possibilita a compreensão da realidade. Portanto, como sujeito social, o “ser humano participa da (re)construção contínua dos processos de compreensão da realidade empreendidos pelos grupos e comunidades e como participantes daquelas transformações o sujeito (re)constrói, igualmente, sua própria constituição” (GONZÁLEZ-REY apud TOMANIK, 2009, p. 50).

Sobre as complexas bases da evolução natural e cultural, o ser humano desenvolveu uma psique histórica e cultural, que se expressa como um movimento constituído e constituinte desta cultura, sem desaparecer nela, pois sua especificidade está em sua constituição histórica no sujeito psicológico concreto, e em suas diferentes formas de agrupamento e institucionalização (GONZÁLEZ-REY apud TOMANIK, 2009, p. 50).

Diante do exposto se evidencia que a concepção e o processo de constituição do ser humano se fazem num processo histórico e social, complexo e dinâmico, que não é linear nem preestabelecido por fatores externos (social, cultural), nem tampouco por fatores internos (biológico). É, portanto, um processo histórico e dialético e, conseqüentemente, todos os fenômenos humanos também o são. Nesse sentido, Bock & Gonçalves (2009, p. 139) afirmam que “apontar o caráter histórico dos fenômenos sociais e humanos possibilita uma análise que permite a sua desnaturalização”. Isso significa trabalhar com categorias que indicam processos, com conteúdos históricos, ideológicos, contraditórios, mediados (BOCK & GONÇALVES, 2009, p. 139).

Para as autoras (2009) considerar a historicidade dos fenômenos humanos implica a utilização de um método que prevê forma e conteúdo, pois a forma revelará o caráter processual dos fenômenos e o conteúdo indicará sua produção histórica, considerando os aspectos da sociedade de que se trata. Portanto, considerar forma e conteúdo implica a concepção de sujeito constituído na dialética entre subjetividade-objetividade, identificando as peculiaridades deste processo capazes de revelar a sua historicidade. “Por isso, a forma processual, juntamente com

o conteúdo histórico, resultante das relações de classe devem ser considerados. As categorias da dialética, particularmente a categoria da mediação, são recursos para apreender o processo” (BOCK & GONÇALVES, 2009, p. 139).

Sobre o entendimento do que seja uma categoria, Aguiar (2007) afirma que:

As categorias se apresentam então como aspectos do fenômeno constituídos a partir do estudo do processo, do movimento, da gênese deste último. As categorias de análise devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o fenômeno estudado em sua totalidade. São construções ideais (no plano das ideias) que representam realidade concreta e, como tais, carregam o movimento do fenômeno estudado, suas contradições e sua historicidade (AGUIAR, 2007, p. 95).

Portanto, nessa perspectiva categorias são abstrações que se constituem a partir da realidade e que orientam a investigação de processos, com o intuito de apreender do real, dos (fenômenos) suas múltiplas determinações, já que não se manifestam diretamente (KAHHALE & ROSA, 2009, p. 26). Em outras palavras, as categorias auxiliam na compreensão dos fenômenos humanos e, como são abstrações, permitem sair do nível da aparência e capturar o processo, a concretude, ou seja, os nexos, as relações e contradições em movimento.

De acordo com Kahhale & Rosa (2009) a primeira reflexão a ser feita é sobre a concepção de mundo, já que esta é a que embasa o materialismo histórico e dialético. Segundo as autoras, nessa concepção de mundo, a matéria é a base que constitui o real. Marx e Engels (1846/2007), em *A Ideologia Alemã*, discutem a materialidade, categoria indispensável para a compreensão de suas produções teóricas.

Os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação (MARX & ENGELS, 1846/2007, p. 86-87).

Matéria, portanto, é a realidade objetiva produzida pelo homem. Essa realidade material existe independente da percepção e da consciência do homem, está fora dele e representa uma infinidade de coisas, desde objetos, fenômenos e processos que existiram até aqueles que existem e que poderão vir a existir futuramente. O movimento da matéria implica todas as possibilidades reais e futuras, sejam de ordens físicas, químicas, biológicas e sociais que estão interligadas e são interdependentes, ou seja, mesmo de naturezas distintas, constituem uma unidade numa relação em que umas dão origem às outras, resultando em movimentos mais complexos e elaborados e caracterizando a dimensão histórica desse processo (KAHHALE & ROSA, 2009, p. 27-28).

As autoras (2009) ainda apresentam outros princípios que norteiam o materialismo histórico e dialético na compreensão da realidade e de seu movimento. Um deles é a contradição que se refere à unidade de contrários. Assim, a essência da realidade é a transformação e esse processo envolve, necessariamente, dois movimentos inseparáveis: um externo que provém dos fatos e fenômenos e outro interno que decorre dos modos como cada sujeito apreende esses fatos, apropriando-se e objetivando-os por meio de sua atividade. Nesse sentido, a tarefa da ciência não é apenas identificar esses dois movimentos, mas, sobretudo, apreender esse processo e a maneira como eles se constituem e estão imbricados dialeticamente um no outro. (KAHHALE & ROSA, 2009, p. 27-28).

Ainda tratando das categorias fundamentais do método marxiano, as autoras (2009) ressaltam a importância das categorias *totalidade*¹⁰ e *mediação* para a compreensão da realidade e do seu movimento (KAHHALE & ROSA, 2009, p. 30). Pela categoria *totalidade* compreendemos que “o singular expressa dimensões do plural ou do todo que o constitui, assim como o todo articula dialeticamente todas as possibilidades das singularidades a partir das quais se produz” (KAHHALE & ROSA, 2009, p. 31).

Mas a compreensão desse processo de articulação dialética, em que singular e plural estão intimamente imbricados, só é possível por meio da categoria *mediação*¹¹ que é responsável por romper com dicotomias e com visões que naturalizam os fenômenos humanos, além de possibilitar uma análise mais crítica dos elementos constitutivos do sujeito, pois permite a inserção de um elemento, ou processo, em uma relação que anteriormente era vista como direta. A mediação revela elementos/processos ausentes até então. Objetividade e subjetividade, externo e interno nessa perspectiva “não podem ser vistos numa relação

¹⁰ Sobre a categoria *totalidade*, Kosik (1976, p.35-41) explica: que ela significa “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classe de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido”. Adverte ainda que no princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da *totalidade* concreta que implica necessariamente que cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo. “Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo” e tem duas funções: a primeira é definir a si mesmo e depois definir o todo; ser produto e produtor; ser revelador e determinado; ser revelador e a decifrar a si mesmo; possuir um significado único e também conferir um sentido a algo mais. Essa característica de reciprocidade (conexão e mediação) da parte e do todo implica que “os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio”.

¹¹ Sobre a categoria *mediação*, Oliveira (1995, p.26-30) afirma que este é um conceito chave para compreensão da teoria vygotskiana acerca do funcionamento psicológico. Segundo ela “é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por este elemento”. Isso, para Vygotski, significa que a relação do homem com o mundo é uma relação mediada seja por instrumentos ou pelos signos ou instrumentos psicológicos. A autora explica que Vygotski os distingue da seguinte forma: os instrumentos são elementos externos ao homem, servem para transformar natureza, ou seja, provocar mudanças nos objetos. Os signos, por sua vez, agem como instrumento da atividade psicológica e servem para solucionar um problema psicológico, como por exemplo: lembrar, escolher, comparar, etc).

dicotômica e imediata, mas como elementos que, apesar de diferentes, se constituem mutuamente, possibilitando a existência do outro numa relação de mediação (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 225).

Ao concluir seu entendimento sobre os princípios e categorias que fundamentam o materialismo histórico e dialético, Kahhale & Rosa (2009) reiteram que este método assume que o real é a matéria que se transforma constantemente obedecendo às leis da dialética (unidade de contrários, saltos qualitativos, complexificação e totalidade). “E nessa perspectiva, entende-se que a evolução e complexificação da matéria produziu a vida e uma das suas expressões mais complexas: a espécie humana”. Inclusive o pensamento e a consciência, na concepção do materialismo histórico e dialético também tem sua gênese na realidade material. “A matéria é o que constitui o universo e a consciência é uma das suas expressões mais complexas”. (KAHHALE & ROSA, 2009, p. 32).

A filosofia materialista histórica e dialética se caracteriza pela: 1) concepção materialista, por meio da qual explica que a realidade só possui uma forma de existência – a material – que permite conhecer todo e qualquer fato e suas leis. 2) concepção dialética, cujo princípio fundamental é a contradição, base do movimento de transformação constante da realidade. 3) concepção histórica que permite compreender que as leis que regem a sociedade e os homens não são preceitos naturais, mas determinações históricas, ou seja, resultam da ação do homem sobre a realidade (trabalho e relações sociais). Essas leis são objetivas porque estão inseridas na realidade concreta e são produzidas por sujeitos concretos, apesar disso essa objetividade não exclui a subjetividade na medida em que uma dimensão constitui e determina a outra. (BOCK, 2007, p. 33)

A mesma autora (2007) também reforça que os fundamentos, acima apresentados, permitem examinar os objetos em sua totalidade concreta; acompanhar e apreender o seu constante movimento e transformação; compreender que os fenômenos mudam qualitativamente, o que se dá por meio de processos quantitativos; entender que o movimento e a transformação dos fenômenos acontecem devido a forças opostas que coexistem e nessa relação do objeto com o mundo que os elementos contraditórios se constituem.

Portanto, são esses pressupostos que nos permitem olhar criticamente para a realidade, compreender que o fenômeno psicológico é um produto social, constituído historicamente por sujeitos concretos e abandonar a visão positivista de ciência, cuja neutralidade e idealismo são as principais características, para vislumbrar uma ciência mais comprometida com a realidade social.

O materialismo histórico e dialético propõe que a realidade concreta deva ser entendida no seu movimento, nas suas inúmeras possibilidades, quer dizer na dinâmica entre o que existe (real, concreto) e o que poderá vir a existir. E todo o movimento da história deve ser compreendido a partir das contradições internas a todo e qualquer fenômeno que são as responsáveis por dinamizar a existência do ser. É a matéria, o concreto, os modos de produção e reprodução das condições materiais que possibilitam que as ideais sejam constituídas e desenvolvidas.

Em resumo se pode dizer que a Psicologia Histórico-Cultural, fundamentada no materialismo histórico e dialético, concebe o homem como um ser inerentemente social, constituído a partir de seus vínculos e relações sociais e cuja consciência é determinada pelas condições reais, objetivas e concretas de sua própria vida. É dessa maneira que Marx e Engels escreveram, em *A ideologia alemã* (1846/2007), sobre a constituição do psiquismo

(...) Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Na primeira forma de considerar as coisas, partimos da consciência como sendo o indivíduo vivo; na segunda, que corresponde à vida real, partimos dos próprios indivíduos reais e vivos, e consideramos a consciência unicamente como a *sua* consciência (1846/2007, p.94).

Portanto, o homem é um ser ativo, histórico e social e é essa a condição que lhe possibilita constituir suas formas de pensar, sentir e agir, dando forma a sua consciência e atividade na dinâmica do psiquismo. Como um dos elementos que constitui as condições reais de vida, o modo de produção e reprodução do indivíduo, está o trabalho.

A filosofia marxiana compreende o *trabalho* como categoria central para o desenvolvimento do gênero humano. O trabalho, portanto, é categoria fundamental da qual se deve partir para compreender a totalidade do ser social. Marx e Engels (1846/2007) afirmam que é pelo trabalho que o homem se distingue dos animais, ou seja, é pela capacidade de produzir seus próprios meios de vida, sua vida material que o homem se diferencia dos animais. Engels, no texto “Sobre o papel do trabalho na formação do macaco em homem” (1876/1999), reitera essa ideia de que o trabalho é premissa de toda a vida humana, sendo ele o responsável por criar o próprio homem e o distinguir dos animais.

De acordo com os pressupostos marxianos, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, por meio do qual o homem é capaz de regular e controlar, por sua própria ação, os fenômenos naturais e sociais. Dessa maneira, o trabalho assume caráter mediador em diferentes modelos de atividade social. Como atividade especificamente humana, o trabalho, ao mesmo

tempo que transforma a realidade objetiva, também contribui para transformar a subjetividade, ou seja, o homem constrói significados e atribui sentidos a sua existência.

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos – a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecida e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais (MARX, 1867/2017, p. 211).

Entende-se, portanto, que para Marx o homem se diferenciou da natureza sem dela desprender-se, mantendo uma relação de intercâmbio, pois na medida em que a transforma também é transformado por ela. Esse processo caracterizado, principalmente, por uma interdependência é resultado do trabalho – atividade especificamente humana – que se distingue da atividade animal pela maneira com que estabelece as condições para satisfação de suas necessidades. Em outras palavras, o modo com que o homem age a fim de suprir suas necessidades é um processo mediado pelo uso de instrumentos e signos.

Portanto, o que distancia homem e animal é, principalmente, a capacidade humana de ser sujeito de sua atividade, submetê-la às suas vontades e necessidades, ter consciência das ações, podendo se distanciar delas, definir seus próprios fins, além de poder orientar a atividade de outros indivíduos. Ademais, o homem, por meio de sua atividade, pode fazer generalizações, formar conceitos e abstrações.

Sobre o processo de trabalho, Marx (1867/2017) explica a divisão em três momentos: o primeiro momento é o próprio trabalho que tem um objetivo, ou seja, a própria atividade adequada a um fim. O segundo momento é o objeto do trabalho, a matéria do trabalho, e o terceiro momento é o instrumental do trabalho, as ferramentas que o trabalhador insere entre ele e o seu objeto a fim de dirigir sua atividade e agir sobre esse objeto. Assim, no processo de trabalho, seguindo um determinado objetivo, o homem transforma seu objeto utilizando-se de instrumentos. Sobre o uso e a fabricação de meios de trabalho, Marx (1867/2017) ainda adverte que, muito embora alguns animais em estágio inicial de desenvolvimento também criem e utilizem certos meios de trabalho, esta é uma característica do processo humano de trabalho.

Compreende-se que o trabalho para Marx é uma atividade adequada a um fim. É o que define o ser como humano, satisfaz suas necessidades e, além disso, lhe confere a capacidade de planejar ações para realizá-las e transformar a natureza, ao mesmo tempo em que se autotransforma, humanizando-se, ou seja, é pelo trabalho e somente por meio dele que o homem

pode desenvolver autonomia, liberdade e a capacidade de ser agente criador de sua própria história. Contudo, a característica que o trabalho possui de humanizar e de transformar o homem num representante fiel do gênero humano não se concretiza. Na sociedade capitalista, marcada, principalmente, pela luta de classes e pelo interesse apenas na produção e no lucro, o que se observa é um distanciamento do trabalhador em relação ao seu objeto, ou seja, aquilo que ele produz.

O homem não é livre para se apropriar da natureza e recriá-la à sua própria maneira. Nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx (1844/2008) apresenta as características do trabalho no modo de produção capitalista, fundada na exploração e, consequentemente, no estranhamento e alienação. Segundo ele, na sociedade capitalista o trabalho “aparece para o trabalhador como se (o trabalho) não fosse seu próprio, mas de outro, como se não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro” (MARX, 1844/2008, p.83).

A partir do materialismo histórico e dialético, Duarte (2013), analisa o trabalho como aquela atividade capaz de possibilitar ao ser humano agir para além das necessidades imediatas de seu corpo biológico. Afirmar que o que distingue a produção animal da produção humana são a fabricação e utilização de instrumentos, que é tanto um processo de apropriação da natureza como um processo de sua objetivação. E, “sem a apropriação da natureza, não haveria a criação da realidade humana, não haveria a objetivação do ser humano. Sem objetivar-se por meio de sua atividade, o ser humano não pode se apropriar humanamente da natureza”. (DUARTE, 2013, p. 32).

A relação dialética entre apropriação e objetivação expressa a essência da humanização, e é esse movimento que diferencia a atividade vital humana da atividade dos animais. Além de sustentar essa diferença, também é responsável pela historicidade do gênero humano, conforme Duarte (2013, p. 54):

Cada indivíduo, ao longo de sua vida, entra em relação com um nível historicamente alcançado de desenvolvimento objetivado na humanidade. Nesse sentido, e apenas nesse, o gênero humano objetivado possui existência prévia à atividade dos indivíduos e determina o “mundo” no qual esta se realiza. (DUARTE, 2013, p. 54)

Apesar de o autor (2013) afirmar que a relação entre objetivação e apropriação, relacionada diretamente à atividade de trabalho, é a responsável pelo desenvolvimento histórico do gênero humano, considera, também, que tanto a objetivação quanto a apropriação são marcadas pela contradição entre humanização e alienação. Portanto, humanização e alienação estão ligadas a atividade humana de trabalho.

Dito isso, verifica-se que a concepção de trabalho, como atividade laboral na teoria marxiana, se refere a um trabalho produtivo capaz de humanizar e emancipar o ser humano. Tem o caráter de diferenciar o homem do animal, já que é pelo trabalho que o homem se apropria da natureza, age sobre ela, imprime suas características de acordo com suas vontades. Todavia, o trabalho traz as marcas do processo de alienação que pode ser compreendido como um processo de distanciamento e de conflito entre a riqueza material e intelectual do ser humano e a vida de cada pessoa singular, ou seja, a maioria da população não tem acesso a todos os avanços e conquistas que a humanidade produziu por meio do trabalho.

Isto significa dizer que a alienação nos modos de produção, ou seja, a alienação econômica corrobora decisivamente para as demais formas de alienação existentes na sociedade dividida em classes. Marx (1844/2008) enumera as principais consequências do processo de alienação. A primeira delas é a cisão entre o trabalhador, sua atividade e o produto de seu trabalho. Essa cisão faz com o que o produto, resultado da atividade do trabalhador, assuma uma condição independente que o domina por leis próprias, que lhe são estranhas e hostis. Outra consequência da alienação é que o trabalho está restrito apenas à satisfação das necessidades básicas de sobrevivência, ou seja, para assegurar a existência física e não para desenvolver, plenamente, todas as possibilidades humanas. Assim, o trabalho alienado contribui para o esvaziamento físico e mental.

Ainda como consequência da alienação, Marx (1844/2008, p.86) enfatiza: “a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles (está estranhado) da essência humana”, o que significa dizer que a alienação, além de distanciar o trabalhador do produto do seu trabalho, também o distancia de sua espécie, na medida em que o acesso e a possibilidade de desenvolvimento pleno não são para todos, apenas para uma pequena parcela da população. As riquezas, tanto materiais quanto imateriais, não são acessíveis a todos, conforme afirma Leontiev (1978a, p. 280) acerca do processo de alienação; há “uma ruptura entre, por um lado, as gigantescas possibilidades desenvolvidas pelo homem e, por outro, a pobreza e a estreiteza de desenvolvimento que, se bem que em graus diferentes, é a parte que cabe aos homens concretos”.

Os pressupostos supracitados, acerca do trabalho como atividade laboral e sobre os processos de alienação, tão presentes no modo de produção capitalista, nos faz refletir sobre as desigualdades sociais e o quanto elas impedem o pleno desenvolvimento do indivíduo. O quanto o trabalho estranhado / alienado compromete não só a saúde física e mental, mas também tem papel fundamental no incremento das funções psíquicas e da consciência.

A Psicologia Histórico-Cultural defende, portanto, que o psiquismo humano se forma na relação concreta, material, objetiva e dinâmica da vida, nos modos de produção e reprodução e que o trabalho, como atividade exclusivamente humana, possui um caráter indispensável para a compreensão da formação do gênero humano, e de cada indivíduo singular, corroborando para a emancipação (humanização) ou para a alienação do mesmo.

No próximo subitem trataremos da relação entre atividade humana e o desenvolvimento do homem com base nos pressupostos de A. N. Leontiev (1978a e 1978b). As ideias de Leontiev acerca do desenvolvimento humano são sintetizadas na Teoria da Atividade, assunto abordado a seguir.

1.3 Atividade e Consciência Humana: uma unidade dialética

Como já exposto, o trabalho é considerado pela Psicologia Histórico-Cultural como fundamental para a existência humana. Essa vertente da ciência psicológica, pautada na teoria marxiana, se apropria dessa categoria para compreender o desenvolvimento humano. Foi neste sentido que Leontiev alicerçou a Teoria da Atividade, estabelecendo uma “relação de interdependência entre a atividade humana e o desenvolvimento do homem” (LONGAREZI & FRANCO, 2013, p. 82).

A teoria da atividade, um dos pilares da psicologia de base marxista, foi iniciada por Vigotski, porém foi Leontiev quem a estruturou relacionando-a com a explicação acerca da consciência. Essa teoria rejeita o “duplo reducionismo, o essencialismo idealista e o materialismo elementarista” e compreende a consciência como uma categoria que se constitui, no processo da atividade do indivíduo. Portanto, estudar o desenvolvimento da consciência implica a análise da atividade (PINO, 1990, p.65). Ainda sobre a teoria da Atividade, Pino (1990) destaca que ela está fundamentada no conceito proposto por Marx e Engels de trabalho, considerado por eles como o mediador das relações entre o homem e a natureza e que possibilita superar os animais pela sua capacidade de criar diferentes formas de realidade.

Sobre a gênese do psiquismo humano, Leontiev (1978a) afirma que

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal (LEONTIEV, 1978a, p. 282-283).

Essa afirmação de Leontiev (1978a) evidencia que o desenvolvimento humano não é um processo biológico que está sujeito apenas às leis orgânicas. O homem se desenvolve na relação concreta, material, objetiva e dinâmica da vida, por meio da apropriação das produções humanas. Essa capacidade de produção histórica e compartilhamento às novas gerações, permitindo que ela seja apropriada por meio da atividade, é o que distingue o homem dos animais.

A esse respeito, Leontiev (1978a, p.267) enfatiza “o homem *aprende* a ser um homem”, porque só o que a natureza (herança genética) lhe dá quando nasce não é suficiente para que ele viva em sociedade. Faz-se, portanto, indispensável a apropriação da cultura que foi criada pelas gerações anteriores. Seguindo a teoria de Leontiev, Bock explica

O homem nasce candidato a essa humanidade, humanidade esta que está no mundo material, cristalizada nos objetos, nas palavras e nos fenômenos da vida humana. Aqui se invertem, por completo, as visões tradicionais da psicologia, que supõem uma humanidade natural do homem. As características humanas e o mundo psicológico que estavam tomados na psicologia como um *a priori* do homem, como algo de sua natureza humana, surgem agora como aquisições da humanidade e precisam ser resgatadas do mundo material para que o mundo psicológico se desenvolva, se humanize (BOCK, 2004, p.30).

A autora, além de enfatizar a necessidade do processo de apropriação na formação do indivíduo, também tece críticas às teorias psicológicas tradicionais que valorizam demasiadamente as características biológicas do homem, inatas, em detrimento dos processos sócio-históricos que circundam os fenômenos humanos.

O homem, para se desenvolver, tem que se apropriar das aquisições da humanidade e isso se dá por meio da atividade. Conforme Leontiev (1978a), a atividade pode ser definida como “um processo que é eliciado e dirigido por um motivo – aquele no qual uma ou outra necessidade é objetivada. Em outras palavras: por trás da relação entre atividades, há uma relação entre motivos”. Isto significa que é por meio da atividade que o homem atua sobre a natureza, sobre as coisas e também sobre as pessoas e essas relações são dialéticas, de tal modo que ao transformar uma realidade, ele próprio é transformado. Portanto, a atividade externa é o que constitui a atividade interna e a potencializa desenvolvendo, desta forma, as capacidades humanas (LEONTIEV, 1978a, p.13).

Percebe-se, portanto, que a apropriação é um processo que permite ao indivíduo se apropriar, por meio da atividade, das características do gênero humano. A relação dialética entre apropriação e objetivação expressa a essência da humanização, e é esse movimento que

diferencia a atividade vital humana da atividade dos animais. Duarte (2013, p. 54) esclarece que, “a formação do indivíduo é resultado da permanente e essencial dialética entre a objetivação da atividade humana e a apropriação da atividade objetivada nos produtos materiais e ideativos”. Em suma, o processo de apropriação é o que possibilita o desenvolvimento do homem como ser genérico e não como espécie.

Toda atividade tem como premissa uma necessidade. Porém, mesmo sendo condição primeira e se constituindo como força interna, não é a necessidade que determina a orientação concreta dessa atividade, pois mesmo sendo condutora interna, não é suficiente para provocá-la. É necessário que ela encontre um objeto capaz de orientá-la concretamente. É o encontro da necessidade com o objeto que determina o motivo da atividade, ou seja, indica para onde a ação é dirigida, o conteúdo da atividade e o que dirige a ação. O objeto pode ser algo específico da natureza, uma instituição ou o próprio homem.

O homem, ao se apropriar do objeto através de sua atividade, transforma suas necessidades em motivos. A necessidade nada mais é do que um impulso, uma tendência que, ao encontrar-se com o objeto se transforma em motivo. A finalidade do motivo é impulsionar o indivíduo por meio de ações. Ação, na teoria da atividade, pode ser compreendida como parte de um processo maior que compõe a atividade e cada parte (ação) é orientada a um fim específico (LEONTIEV, 1978b).

Para melhor explicar a diferença entre atividade e ação, Leontiev (1978a) utiliza o exemplo da caça. O agrupamento humano, para realizar essa atividade, poderia se dividir em dois: o primeiro grupo seria responsável por apartar o animal até o lugar onde se daria o abate e onde estaria o restante do grupo. O segundo outro grupo seria responsável efetivamente pelo abate. As ações do primeiro grupo, no intuito de conduzir o animal até o lugar do abate, abarcam gritar, espantar e correr atrás do animal e isto seria o conteúdo da ação, que quando analisada de forma isolada, parece ser desprovida de sentido, pois o que motiva a ação do abatedor é a fome e a necessidade de se alimentar da carne do animal. Contudo, essa ação deve ser analisada como parte de uma atividade coletiva – a caça – e o que conecta a ação e o motivo são as relações sociais existentes entre o abatedor e o restante do grupo. A finalidade da ação – aquilo que a move – deve estar em conexão com o motivo da atividade global.

Neste exemplo, percebe-se que a estrutura da atividade humana é composta por: *necessidade, objeto, motivos e ação*. Longarezi & Franco (2013) ao discorrer sobre os componentes que estruturam a atividade, afirmam que, além destes, há outros elementos: *sujeito, operações, condições, meios e produto*. Para as autoras, o *sujeito* é quem realiza a ação e não necessariamente é apenas um indivíduo concreto, podendo ser um grupo ou a sociedade

inseridos numa realidade social num dado contexto histórico. *Operações* são as formas de se realizar determinada ação que dependem das *condições* materiais e objetivas, ou seja, dependem das situações nas quais o sujeito age no contexto social. Essas situações podem ser ambientais, emocionais e/ou psíquicas. E os meios dizem respeito aos instrumentos que podem ser materiais ou simbólicos (signos). Os instrumentos exercem a função de mediadores entre o sujeito e o objeto da atividade, possibilitando que as operações sejam realizadas, já que as relações do sujeito com o mundo são sempre mediadas. O *produto*, por fim, são as transformações ocorridas no objeto e no sujeito.

Sobre o caráter dinâmico, e se referindo a atividade como as possibilidades da relação do homem e com mundo, as autoras (2013) apresentam o conceito de atividade principal, indispensável à compreensão da teoria de Leontiev e a influência que esta exerce no desenvolvimento do psiquismo humano. Segundo elas, o homem desenvolve vários tipos de atividades, porém em cada etapa da vida, e sob determinadas condições histórico-sociais, “apenas uma governará as transformações mais relevantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade e que, portanto, potencializa o desenvolvimento” (LONGAREZI & FRANCO, 2013, p. 94). Dessa maneira, a atividade principal da criança é o brincar, da mesma forma que a do jovem é estudar e a do adulto é trabalhar.

Outra categoria que compõe a dinâmica no psiquismo, ao lado da atividade é a consciência. Segundo Leontiev (1978a) é ela que permite que a atividade humana seja realizada com intencionalidade, diferenciando-a da atividade dos animais, regida por necessidades biológicas. O autor compreende que a consciência não é orgânica, nem estática, mas dinâmica e dependente do modo de vida concreto do indivíduo.

Para descobrir estas características psicológicas da consciência, devemos absolutamente rejeitar as concepções metafísicas que isolam a consciência da vida real. Devemos, pelo contrário, estudar como a consciência do homem depende do seu modo de vida humano, de sua existência. Isto significa que devemos estudar como se formam as relações vitais do homem em tais ou tais condições sociais históricas e que estrutura particular engendra dadas relações. Devemos em seguida estudar como a estrutura da consciência do homem se transforma com a estrutura da sua atividade. Determinar os caracteres da estrutura interna da consciência é caracterizá-la psicologicamente (LEONTIEV, 1978a, p. 92).

Se a consciência é constituída social e historicamente na concretude da vida, nas condições reais do indivíduo e tem um caráter dinâmico, cuja transformação só é possível por meio da atividade, esta se põe como a unidade de análise mais adequada para o estudo da consciência humana. Dessa maneira, atividade e consciência formam uma unidade dialética, em que uma constitui a outra (LONGAREZI & FRANCO, 2013, p. 83).

Neste sentido, Luria (1999) escreve

A psicologia soviética sustenta que a consciência é a forma mais elevada de reflexo da realidade; ela não é dada *a priori*, nem é imutável e passiva, mas sim formada pela atividade e usada pelos homens para orientá-los no ambiente, não apenas adaptando-se a certas condições, mas também reestruturando-se (LURIA, 1999, p. 23).

Tanto Leontiev (1978a) quanto Luria (1999) afirmam que a consciência é o reflexo da realidade. É a forma histórica e concreta do psiquismo humano e que se constitui de acordo com as condições reais e sociais da vida de cada pessoa, ou seja, é a expressão das relações do indivíduo com o mundo social, cultural e histórico. “Sendo assim, as particularidades da consciência humana dependem das especificidades das relações sociais de produção” (AITA & TULESKI, 2017, p.101). É uma forma qualitativamente nova de refletir a realidade e um processo caracterizado por inúmeras transformações qualitativas e não somente quantitativas como o psiquismo animal.

Em síntese, a consciência humana é de natureza social e seu desenvolvimento depende exclusivamente da maneira pelo qual os homens se apropriam da realidade objetiva. Para que essa realidade seja apropriada, “os homens precisam transmitir seus conhecimentos e o fazem por meio da comunicação, que é condição necessária e específica para que o homem se desenvolva” (AITA & TULESKI, 2017, p.101). Entretanto, o mundo social não é absorvido de forma direta pelo indivíduo, essa representação do mundo social se dá por meio dos signos, ou seja, é mediado pela linguagem que é elaborada socialmente.

De acordo com Leontiev (1978a) a estrutura fundamental da consciência é o trabalho – atividade –, mas é pela linguagem que os processos psíquicos se concretizam. O autor considera a linguagem como a forma de existência da consciência.

Ainda tratando das características da consciência humana, Leontiev (1978a) apresenta duas categorias que compõem sua estrutura interna – sentido pessoal e significado social. Ao afirmar quais são os elementos da consciência, o autor destaca outro que, para ele, é responsável por criar a base da consciência. Esse componente é o conteúdo sensível, ou seja, as sensações, imagens de percepção e representações que constituem “o tecido material da consciência que cria a riqueza e as cores do reflexo consciente do mundo”. (p.99).

Portanto, o conteúdo sensível é uma forma generalizada, universal de reflexo psíquico que se constitui pela atividade humana e que é responsável por compor a imagem sensorial da realidade. Mesmo como base e qualidade da consciência, o autor esclarece que ela não representa toda a sua especificidade e que a capacidade, exclusivamente humana, de refletir

psiquicamente a realidade “consiste em que este reflexo se efetua por meio da linguagem, isto é, de palavras” (LEONTIEV, 1978a, p. 99).

Sobre a significação, o autor esclarece que “é aquilo que num objeto ou fenômeno se descobre objetivamente num sistema de ligações, de interações e de relações objetivas. A significação é refletida e fixada na linguagem, o que lhe confere a sua estabilidade” (LEONTIEV, 1978a, p.94). Sendo assim, os significados são constituídos social e historicamente e são apropriados pelo indivíduo, ao longo de sua existência, nas relações que estabelece com os outros. Acrescenta, ainda, que o fato propriamente psicológico do sistema de significações consiste no modo como o indivíduo se apropria dele, que depende exclusivamente do seu sentido pessoal.

A significação é o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele tal como se apropria de um instrumento, esse precursor material da significação. O fato propriamente psicológico, o fato da minha vida, é que eu me aproprie ou não, que eu assimile ou não uma dada significação, em que grau eu a assimilo e também o que ela se torna para mim, para a minha personalidade; este último elemento depende do sentido subjetivo e pessoal que esta significação tenha para mim (LEONTIEV, 1978 a, p. 96)

Dessa maneira, pode-se afirmar que o significado é o reflexo do real independente da relação pessoal ou individual. Quanto à compreensão da categoria sentido pessoal, Leontiev (1978a, p. 98) assinala que esta “traduz precisamente a *relação* do sujeito com os fenômenos objetivos conscientizados”. Assim, o sentido pessoal está intimamente ligado ao motivo da ação e ao seu fim, ou seja, aos seus objetivos e, para revelar os sentidos pessoais, é imprescindível descobrir o motivo que lhe corresponde.

O autor também discorre sobre a relação entre sentido e significado, que no psiquismo caracterizam o reflexo consciente. Para ele, essas categorias estão interligadas, mas podem facilmente ser dissociadas uma vez que o sentido se exprime no significado da mesma forma que o motivo se exprime nos fins.

Acerca das categorias *sentido pessoal* e *significação*, Longarezi & Franco (2013), com o respaldo das obras de Leontiev, destacam que o primeiro expressa o social no individual, resultam das vivências de cada indivíduo e são constituídos de múltiplas determinações em um dado contexto social. As significações, por sua vez, possuem um caráter mais coletivo, são entendidas como produções da humanidade, constituídas pela dinamicidade história e pela cultura e formam a consciência social. O homem, por meio de sua atividade, a partir de suas

vivências será o responsável por transformar todas as significações apropriadas ao longo de sua vida em sentido pessoal. .

Toda a produção teórica de Leontiev acerca da Teoria da Atividade é de grande relevância para as ciências humanas contemporâneas (DUARTE, 2002). Representa o desenvolvimento de um pensamento científico que permite compreender que a relação do homem com o mundo objetivo não é apenas como um reflexo ou uma reação, mas por ser ativa e dinâmica, ao modificar a natureza através da atividade o próprio homem se transforma (LONGAREZI & FRANCO, 2013).

Faz-se necessário dizer que, a categoria sentido foi introduzida na Psicologia Histórico-cultural por Vigotski que tratou de explicá-la, exclusivamente, em seu livro “Pensamento e Linguagem” no ano de 1934, última fase do seu pensamento científico. Apesar de alguns autores apontarem como divergentes¹² as produções teóricas de Vigotski e Leontiev, adotaremos o posicionamento de que, apesar de haverem enfoques distintos, a teoria de Leontiev representa um processo de desenvolvimento científico do pensamento vigotskiano, cujas bases permanecem alicerçadas nos pressupostos do materialismo histórico e dialético proposto por Marx e Engels (LONGAREZI & FRANCO, 2013); (DUARTE, 2002, 2004).

O próximo e último subitem deste capítulo será dedicado à compreensão das categorias *sentido e significado*, centrais para essa pesquisa. Podemos afirmar, baseados em AGUIAR et al (2009), que estas são importantes categorias de análise e que, articuladas às funções psíquicas pensamento e linguagem, possibilitam a compreensão dos elementos que constituem o conteúdo da consciência do sujeito em suas múltiplas determinações.

1.4 As categorias de significado e sentido

¹² Alguns autores enfatizam as diferenças conceituais das categorias de sentido e significado nas obras de Leontiev e Vigotski. Para González-Rey (2007), Leontiev ao tratar do conceito de sentido pessoal o relaciona como um momento da atividade e não como uma unidade capaz de possibilitar a complexa organização do sistema psíquico do indivíduo. Enquanto que, em Vigotski, a categoria sentido é concebida como uma nova unidade capaz de revelar e possibilitar a compreensão do sistema psicológico do indivíduo. Aguiar (2000) também aponta as divergências conceituais destes dois autores no que se refere a categoria de sentido. Concordando com González-Rey, ela afirma que, de fato, Leontiev não desenvolveu a categoria sentido como sendo uma unidade de análise para o estudo da consciência humana e que ele enfatiza a função dominante da ação prática, ou seja, da atividade desconsiderando a mediação semiótica. Vigotski, por sua vez, prioriza o campo simbólico e comunicativo da atividade humana entendendo que a linguagem e outros mediadores semióticos não podem ser considerados com independentes da realidade e da ação prática. Já Duarte (2002, 2004) acredita que a tentativa de distanciar esses dois teóricos é uma estratégia ideológica, cujo intuito é afastar a teoria vigotskiana dos pressupostos do materialismo histórico e dialético proposto por Marx e Engels e que essas diferenças não significam ruptura ou conflito, mas sim um desenvolvimento, uma continuidade da teoria histórico-cultural, posicionamento com o qual estamos de acordo.

Na Psicologia Histórico-cultural, as categorias sentido e significado foram introduzidas por Vigotski no ano de 1934 em seu livro *Pensamento e Linguagem*. Sobre o desenvolvimento dessa categoria por Vigotski, González-Rey (2009, p.51-52) escreve que apesar de pouco, o que produziu a respeito foi o suficiente para “deixar aberta uma alternativa teórica que incluía a possibilidade de desenvolver uma teoria da subjetividade de uma perspectiva histórico-cultural”.

O autor (2009) ainda destaca que a categoria sentido, na obra de Vigotski, compreende uma “unidade constitutiva da subjetividade, capaz de expressar processos complexos de subjetivação naquilo que têm de dinâmico, irregular e contraditório”. Além disso, acrescenta que essa categoria, da forma como foi desenvolvida pelo psicólogo russo, permite a superação dos pressupostos tradicionais que se pautavam nas dicotomias (consciente-inconsciente, individual-social, afetivo-cognitivo, natural-social), já que o sentido se constitui “de forma simultânea na integração dessas dimensões”.

Referindo-se ao pouco tempo que o autor russo teve para desenvolver a categoria sentido e as inúmeras possibilidades que ela abarca para a compreensão da subjetividade, González-Rey (2009) aponta que o sentido possibilita entender o lugar que o social¹³ ocupa na perspectiva Histórico-Cultural da Psicologia.

O sentido nos leva a compreender o social não como algo externo e objetivo com relação ao individual e sim como outro momento de produção de sentidos associada a condições objetivas e de relação que transcendem os espaços e tempos do individual, e dentro dos quais se produz o desenvolvimento da subjetividade individual. Essa subjetividade individual caracteriza historicamente os sujeitos singulares que constituem os diferentes espaços sociais e se expressa nas ações deles, convertendo-se a partir desta perspectiva em ações constituintes de outro momento da subjetividade: a subjetividade social, que, por sua vez, é constituinte do sujeito (GONZÁLEZ-REY, 2009, p. 53).

Na citação o autor evidencia que o social não pode ser compreendido como a dimensão externa e objetiva em relação ao indivíduo. O social é um “momento” em que se produz e se

¹³ Pino (2000) afirma que o termo “social” é um dos mais utilizado por Vigotski em suas obras se destacando em diferentes momentos, lugares e contextos. Mas, apesar da frequência com que o termo é utilizado, não aprofunda sua definição, apenas destaca situações e fatos pelos quais é possível identificar o social no processo de constituição do sujeito. O autor apresenta três relações que, segundo ele, são interessantes para demonstrar o papel que o social exerce na teoria de Vigotski. A primeira é entre o *social* e o *cultural* que revela o social como sendo bem mais amplo que o cultural, pois tudo o que é cultural é social, mas nem tudo que é social é cultural. O social é bem mais antigo que o cultural, sendo, portanto, condição e resultado do aparecimento da cultura. A segunda relação apontada por Pino (2000) é entre o *social* e o *simbólico*. Os signos e os símbolos são criados pelo homem, dessa maneira, são produtos da cultura e não da natureza, possuindo uma existência independente do organismo, daí seu caráter social. A terceira relação diz respeito ao social e às funções psíquicas superiores. Segundo o autor, Vigotski enfatiza que nelas (funções superiores ou culturais) tudo é social: seja sua composição, sua estrutura genética e seu modo de funcionar de maneira que permanecem como sendo “quase o social”.

desenvolve não somente a subjetividade individual, mas também a subjetividade social. O sentido não omite o objetivo, na verdade, ele expressa e caracteriza um processo no qual a dimensão objetiva se converte em subjetiva, em psicológica. É o social que se transforma em pessoal, sem negar ao indivíduo sua singularidade. Aguiar et al (2009, p.60) também considera que “sentido e significado são momentos do processo de construção do real e do sujeito, na medida em que objetividade e subjetividade são também âmbitos de um mesmo processo, o de transformação do mundo e constituição dos humanos”.

Outra importante contribuição acerca da categoria sentido é que todo sentido está diretamente relacionado às necessidades do sujeito, inserido em um determinado contexto. Das necessidades derivam emoções e processos simbólicos que, em suas relações, determinam o sentido da atividade do sujeito (GONZÁLEZ-REY, 2009, p. 54). O sentido, portanto, orienta-se pelo sentimento do sujeito, o que nos leva a compreender a produção social dessa forma de sentir.

Portanto, o sentido é a forma singular e psicológica pela qual se manifesta uma história social, com as sutilezas e desdobramentos que essa situação gera dentro da história única de produção de sentidos, seja de uma pessoa ou grupo social. Entretanto, a produção de sentido não se dá de forma automática, linear como um mero resultado da influência do meio sobre um sujeito ou grupo. Os processos de produção de sentido “expressam a capacidade da consciência humana para produzir expressões singulares em situações aparentemente semelhantes”, isto implica afirmar que o sentido é único, cada indivíduo possui um mecanismo próprio que lhe confere a capacidade de, mesmo em situações “parecidas”, atribuir sentido diferentes (GONZÁLEZ-REY, 2009, p. 53).

Aguiar et al (2009) afirmam que as categorias sentido e significado se apresentam articuladas às de pensamento e linguagem. Segundo os autores, o pensamento compreende os processos de memória, cognição e afeto, contudo, não se pode confundi-lo com nenhum deles. Além disso, o pensamento não se produz no ato da fala, mas é neste ato que ele se efetiva. Portanto, “a relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso em palavras permanece uma sombra” (VIGOTSKI, 1998, p.190).

Percebe-se que, para Vigotski, a relação entre o pensamento e a linguagem é um processo dinâmico e mutável. Não podem ser considerados como elementos isolados e independentes. A relação entre pensamento e linguagem surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica. Além disso, é uma relação de mediação, em que um não se confunde com o outro, mas não podem ser compreendidos isoladamente, ou seja, um constituiu o outro. A

mediação, portanto, é um processo que tem por intuito organizar objetivamente a relação entre o pensamento e a linguagem. Aqui o elemento que medeia a relação entre o pensamento e a linguagem é o significado (AGUIAR, et al, 2009).

Os instrumentos mediadores podem ser físicos (ferramentas/utensílios) e/ou representacionais que são os signos, os quais são capazes de modificar a relação do homem consigo mesmo e com os outros. Zanella (2007) afirma que os signos representam algo em uma relação convencional, socialmente estabelecida que possibilita ao homem conferir a realidade outra forma de existência: a existência simbólica. Sobre os signos Aguiar et al (2013) afirmam que:

Assim, os signos, instrumentos psicológicos, são constitutivos do pensamento não só para a comunicação, mas como meio de atividade interna. A palavra, signo por excelência, representa o objeto na consciência. Podemos, desse modo, afirmar que os signos representam uma forma privilegiada de apreensão do ser, pensar e agir do sujeito. (AGUIAR, 2013, p. 05).

Sendo assim, os signos são criados pela sociedade ao longo do curso da história humana e alteram a forma com social e o grau de desenvolvimento da cultura, portanto, são caracterizados pela generalização. Em outras palavras, podemos afirmar que só é signo se for convencionalizado social e historicamente e que sua interiorização só é possível através da linguagem. Aguiar et al (2013) afirmam que o pensamento passa por inúmeras transformações antes de ser expresso em palavras e que essa transição do pensamento para a palavra passa pelo significado e sentido.

O sentido da palavra, segundo Zanella (2007), é a soma de todos os eventos psicológicos trazidos à nossa consciência graças à palavra, já o significado é só uma dessas zonas do sentido, a mais estável, coerente e precisa. Pode ser compartilhado e permite a comunicação humana. De acordo com o Aguiar et al (2013) a atividade humana sempre terá um significado, ou seja, o homem realiza uma atividade interna e uma externa e ambas operam com os significados. Portanto, os significados são produções históricas e sociais que, além de permitir a comunicação, também promovem a socialização de nossas experiências.

Segundo Aguiar et al (2013) a melhor forma de compreender o sujeito é através dos significados, já que são eles o ponto de partida. Contém mais do que aparentam e, por meio de um trabalho de análise e interpretação, se pode chegar mais próximo de zonas mais instáveis, fluídas e profundas, que são as zonas de sentido. Ainda segundo esses autores, o sentido é mais amplo que o significado, ou seja, é mais próximo da subjetividade, é o que mais expressa o sujeito, a unidade de todos os seus processos cognitivos e afetivos.

CAPÍTULO II

OS GUARANI E OS KAIOWÁ

Apesar de os direitos dos povos indígenas já terem sido tratados desde a Constituição de 1934, foi apenas na publicação de 1988 que lhe foi conferido um capítulo inteiro a esta questão, regulamentando como deve ser a relação do Estado brasileiro com os índios, rompendo com os conceitos de integração/incorporação e garantidos os direitos à diferença, à alteridade e à autonomia (CUNHA, 2018). Entretanto, a verdade é que a questão indígena é ignorada em todas as suas instâncias. O senso comum prevalece quando o assunto é o “índio”. O antropólogo Carlos Roberto Ricardo (1995) afirma que a sociedade brasileira:

(...) desconhece e ignora a imensa sociodiversidade nativa contemporânea dos povos indígenas. Não se sabe ao certo quantos povos nem quantas línguas nativas existem. O (re) conhecimento ainda que parcial dessa diversidade não ultrapassa os restritos círculos acadêmicos especializados. Hoje, um estudante ou um professor que quiser saber algo mais sobre os índios brasileiros contemporâneos, aqueles que sobraram depois dos tapuias, tupiniquins e tupinambás, terá muitas dificuldades (RICARDO, 1995, p.29).

Para este pesquisador, essa dificuldade se deve a três motivos: o primeiro é a falta de comunicação cultural, pois os índios não dispõem de canais regulares de comunicação e expressão no cenário brasileiro, ou seja, não há troca de vivência cultural entre índios e não índios. O segundo está no conhecimento parcial e fragmentado acerca das sociedades indígenas, já que menos da metade das etnias conhecidas foram pesquisadas por especialistas e o terceiro seria a forma pela qual a imprensa e os livros didáticos expõem a questão indígena. Veiculam informações incorretas e a imagem que fazem do índio, na maioria das vezes, se refere àquela figura que vive nua, na mata, mora em ocas e que viviam em paz e harmonia com a natureza e, após a chegada dos colonizadores portugueses em 1500, foram exterminados e os poucos que sobreviveram estariam se aculturando e deixando de ser índios (RICARDO, 1995).

Todas essas ideias escondem grandes equívocos, conforme nos ensina o mesmo pesquisador, pois o índio genérico não existe, o que existe são povos distintos com identidades próprias. Há os bororó, os pataxós, os guarani, os kadiwéu e muitos outros grupos, cada qual com seu próprio modo de ser e de ver o mundo. Embora sejam descendentes das populações encontradas aqui pelos portugueses, não se pode pensar que as sociedades indígenas fazem parte do passado e que o fato de o índio falar nossa língua, utilizar produtos industrializados, ter acesso à internet e todos os meios de comunicação, estaria deixando de ser índio. Pelo contrário, “como todas as outras culturas, a cultura indígena também se transforma em função

de novos acontecimentos e novas situações” (RICARDO, 1995 p. 29). O que acontece é que à medida que a realidade se transforma, o homem cria novos símbolos capazes de traduzir o significado das novas realidades. Portanto, a história do povo indígena, suas crenças, valores, seu modo de ver o mundo influenciam e têm forte influência em suas crenças e valores no futuro (RICARDO, 1995).

Isso significa que, por mais que uma comunidade étnica sofra grandes influências da globalização e do avanço tecnológico, sempre será o grupo que determinará as regras e as diferenças culturais. Para Tassinari (2001) nem tudo o que acontece nas aldeias indígenas tem influência da globalização, nem mesmo sua organização social e econômica. A questão do tempo e do espaço, as representações e significações, até podem ser reelaborados, mas são motivados pela dialética interna, dentro dos próprios padrões culturais. Em um dado momento, as lideranças podem até modificar seu discurso, de acordo com os padrões que a sociedade globalizada e tecnológica deseja ouvir, mas na prática, esse mesmo discurso pode adquirir outros significados, são reelaborados de acordo com suas próprias vivências.

Segundo Batista (2005), a própria história mostra que apesar de séculos de discriminação, exclusão, privados de suas tradições e de sua língua materna, continuam resistindo e construindo mecanismos de defesa, perpetuando seu jeito de ser, sentir e viver. Portanto, a sobreposição cultural pode motivar uma reorganização social, pode até gerar diversos papéis com outros sentidos, mas mantém e carrega traços de suas características originais.

Neste capítulo apresentaremos os participantes desta pesquisa e a realidade do contexto em que estão inseridos. Para tanto, foi necessário retomar parte de sua travessia histórica desde o tempo em que eram livres, tanto homens quanto mulheres, e viviam em seus *tekoha* tradicional até a chegada dos colonizadores que ocuparam seus territórios, exploraram sua força de trabalho, dizimaram populações inteiras e deram o nome a isso de processo civilizatório iniciado em 1850 pela Coroa portuguesa com a então chamada Lei de Terras que cujo intuito foi institucionalizar formas de expropriações. Silva (2018, p.483) relata as consequências para as populações indígenas do Brasil

A realidade do acesso, uso e apropriação das terras brasileiras é resultado de uma condição colonial de longa exploração. É importante recordar as consequências nocivas do sistema colonial secular que, além de devastar física e culturalmente as populações originárias, também garantiu a instituição das grandes propriedades privadas nas mãos de poucos. Referimo-nos à grande concentração de terras nas mãos de classes agrárias que exerceram seu violento poder de dominação e exploração dos trabalhadores do campo através de múltiplas formas de expropriação (SILVA, 2018, p.483).

Cabe ressaltar que o território tem fundamental importância para os guarani e kaiowá e o quanto a expropriação tem um papel tão destrutivo a essa população. A palavra *tekoha*¹⁴, de acordo com Mota (2017, p. 65-66), “representa todas as esferas do modo de vida Guarani e Kaiowá relacionadas com o espaço geográfico”. Os laços simbólico-afetivos com o território estão ligados “à sua geografia com uma diversidade de espacialidades que possibilitam a reprodução de um modo ideal, sem deixar de ser real”. O entendimento da cosmologia indígena¹⁵ é complexo e tarefa quase impossível para os não integrantes dessa sociedade tradicional, visto que se trata de um conceito abstrato que envolve, principalmente, afeto.

Além do resgate histórico cujo objetivo é demonstrar os modos de produção e reprodução originais do povo guarani e kaiowá, neste capítulo também abordaremos o contexto da contratação de mão-de-obra indígena pelas usinas de açúcar e álcool, que se instalaram no estado do Mato do Grosso do Sul por volta da década de 1980, bem como o processo e as consequências que esse tipo de trabalho acarretaram na vida dos trabalhadores indígenas.

2.1 O modo de produção dos Guarani e Kaiowá

De acordo com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio)¹⁶ os guarani já habitava a América antes da chegada dos colonizadores espanhóis e portugueses, por volta de 1500. Os guarani eram povos originários que falavam um mesmo idioma, mantinham viva a memória de antigas tradições e as transmitia de geração a geração. Em relação à economia, praticavam uma agricultura que, além de atender as necessidades de subsistência, também gerava excedente o que lhes permitia a distribuição de produtos, conforme determinava a economia da reciprocidade. Os europeus, quando aqui chegaram, foram surpreendidos com a organização da economia e a capacidade de produção, tão eficaz e altamente sustentável que possibilitava a igualdade social e a preservação do meio ambiente.

¹⁴ Segundo Mota (2017, p.62) *Tekoha* é uma categoria nativa da língua guarani e uma das principais expressões de luta e resistência dos povos Guarani e Kaiowá que vivem no estado de Mato Grosso do Sul.

¹⁵ As cosmologias indígenas representam modelos complexos que expressam suas concepções a respeito da origem do Universo e de todas as coisas que existem no mundo. Os mitos, considerados individualmente, descrevem a origem do homem, das relações ecológicas entre animais, plantas e outros elementos da natureza, da origem da agricultura, da metamorfose de seres humanos em animais, da razão de ser de certas relações sociais culturalmente importantes. Cada uma das diversas sociedades indígenas elabora suas próprias explicações a respeito do mundo, dos fenômenos da natureza, dos espíritos, dos seres sobrenaturais e, também, do momento em que surgiram os seus ancestrais. Disponível em <http://www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/245-mito-e-cosmologia>. Acesso em 20/09/2019.

¹⁶ Extraído do artigo História e cultura do Guarani disponível no site da FUNAI. <http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani/> Acesso 13/04/2019.

Sobre a localização dos guarani e kaiowá, Shaden¹⁷ (1974), afirma que eles habitavam, em séculos anteriores, extensos territórios dos estados meridionais do Brasil, do Uruguai, da Argentina e do Paraguai. Hoje, porém, já não ocupam áreas extensas e estão confinados em pequenas aldeias sob a administração oficial. O autor afirma que os Guaranís são divididos em três grandes grupos: os Ñandeva, os Mbuá e o Kayová¹⁸ e se distinguem não somente pelas diferenças linguísticas, costumes, tradições míticas, organização política e social, mas, principalmente, pelas formas específicas de interpretar a realidade vivida. Ainda sobre a localização destes grupos, o autor relata que os Mbuá estão no Paraguai e no Brasil (região Sul). Os Ñandeva e Kayová, concentram-se, exclusivamente no Brasil, no sul do estado do Mato do Sul.

Apesar de apontar diferenças e peculiaridades, o autor salienta que entre os três grupos há o predomínio extraordinário da religião em todas as esferas da cultura, inclusive na economia. Todos os acontecimentos sejam inesperados ou não, as atividades econômicas, como a colheita dos produtos da roça ou a partida para uma viagem, tudo se torna motivo para a realização de cerimônias (rezas e danças rituais) de contato com o sobrenatural.

De acordo com Brand (2004) os guarani e kaiowá ocupavam um extenso território, especificamente, entre o rio Apa, Serra de Maracaju, os rios Brilhante, Ivinhema, Paraná, Igatemi e a fronteira com o Paraguai. Viviam, geralmente, em áreas de matas, ao longo de córregos e rios e se agrupavam em pequenos grupos familiares: duas ou mais famílias e entre eles se casavam, sob o comando dos chefes de família mais velhos, denominados como *tekoaruvicha* (chefes de aldeia) ou *ñanderu* (nosso pai).

Os critérios utilizados pelos guarani e kaiowá para escolher e fixar uma aldeia eram: terras de matas, boas para a agricultura e próximas a córregos. O território tem para essa sociedade um significado amplo e complexo como explica Mota (2017, p. 63)

a territorialidade, assim como a identidade, se manifesta em seu caráter simbólico-cultural de pertencimento e de enraizamento dos sujeitos sociais ao território, mas, também, como um modo de vida, nas diversas formas como os povos se relacionam com a natureza e dela tiram seu sustento (MOTA, 2017, p.63).

¹⁷ Egon Schaden (1913-1991) um dos mais importantes antropólogo brasileiro. Foi docente da USP e se dedicou aos estudos do povo guarani. Durante sua trajetória como estudioso dessa cultura, esteve no sul do estado do Mato Grosso do Sul nos anos de 1940 a 1951 desenvolvendo suas pesquisas em aldeias dessa região. Disponível em <https://jornal.usp.br/cultura/vida-e-obra-de-egon-schaden-sao-lembradas-na-usp>. Acesso em 04/09/2019.

¹⁸ Na literatura encontramos diferentes formas de grafias para essas denominações, porém manteremos conforme a referência utilizada.

A partir desta explicação, percebe-se que o território envolve um tanto de apropriação material (político-econômico) quanto imaterial (simbólico-cultural), ou seja, sem esse espaço é impossível para o guarani e kaiowá desenvolver o seu modo de ser e viver. Brand (2004) reitera a complexa relação desses povos com o território enfatizando, sobretudo, que os núcleos familiares (relativamente autônomos) se caracterizavam pela constante mobilidade e que essa prática se justificava basicamente por dois motivos: como estratégia e manejo ambiental (evitar o esgotamento dos recursos naturais) e também como superação de conflitos internos decorrentes, principalmente, de acusações de feitiço e disputas políticas.

Em relação à quantidade de habitantes por núcleos, variava de cinquenta a duzentas pessoas por aldeia. Sobre a economia kaiowá e guarani, o autor afirma que a agricultura era baseada num sistema de plantio em que as áreas cultivadas eram submetidas a um descanso, permitindo o crescimento da vegetação nativa por um período maior que o de plantio propriamente dito e a matéria orgânica cortada seca no local até que pudesse ser queimada. Essa prática rotativa tinha o objetivo evitar a degradação do solo e dispensar o trabalho com atividades de combate e controle de pragas, além de permitir que a vegetação nativa fosse recuperada com rapidez (BRAND, 1997).

A economia tradicional dos guarani e kaiowá se fundamenta na “distribuição, redistribuição e na reciprocidade”. Nessa sociedade não se verifica “o princípio do máximo benefício”, o qual é substituído pela “mayor repartición posible” a fim de assegurar a sobrevivência da comunidade. É neste contexto que a concepção de propriedade, não individual, assume um papel importantíssimo nessas relações. A reciprocidade aqui não é entendida como um “simples intercâmbio comercial entre as pessoas”, mas como uma forma de proporcionar o bem do outro e acabar com a pobreza no mundo (MELIÁ apud REZENDE, 2011, p. 20).

O processo tradicional do trabalho dos guarani e kaiowá tem características próprias e podem ser analisados de diferentes formas. Souza (2002, p.222) afirma que “a economia, como é conhecida nas sociedades complexas, é inexistente nas sociedades simples”. Ou seja, a produção e economia nas sociedades guarani e kaiowá não se desenvolve de maneira isoladas do campo social. Assim, “o parentesco, o cacicado, a ordem ritual e todas as demais instituições existentes aparecem, nas sociedades primitivas, como forças econômicas. O econômico forma um bloco com todos os demais níveis da realidade sociocultural” (SOUZA, 2002, p.222).

O autor ainda reitera que nas sociedades, cuja base se sustenta no parentesco, o setor econômico possui as seguintes características: a produção é orientada pelas necessidades familiares; o processo de produção é simples, bem como a divisão do trabalho; a produção de

alimentos é predominante; não existe imposição quanto a utilização de recursos para a produção e as trocas são comprometidas com a redistribuição de produtos mais elaborados. É neste processo que o grupo familiar aparece, tanto como unidade de produção quanto de consumo. É um “segmento autônomo no interior do conjunto social mais amplo” (p.223). A economia doméstica dos guarani e kaiowá pode ser analisada como “a forma elevada de sociabilidade econômica (de cada um de acordo com suas possibilidades, para cada um de acordo com as suas necessidades)” (SOUZA, 2002, p.223).

A forma com que o trabalho é organizado e a forma com que os resultados e os produtos são distribuídos são decisões domésticas que visam, sobretudo, a satisfação e o bem estar da família. Ou seja, se produz de acordo com as necessidades, beneficiando diretamente seus produtores. O autor ainda enfatiza que:

Os Guarani pré-coloniais possuíam um tipo de organização econômica marcada pela modalidade de existência adaptada à floresta tropical – sua ancestralidade cultural esteve ligada à ecologia amazônica; ou seja, sua economia era, antes de tudo, parental. A família extensa (uni ou multipatrilinear) era ao mesmo tempo a estrutura social e estrutura econômica de produção e consumo (SOUZA 2002, p.225).

Na explicação do que seja uma família extensa na cultura guarani e kaiowá, Schaden (1974) evidencia que são compostas pelo casal, filhos, filhas, os genros e a geração seguinte e que formam uma unidade de produção e consumo. Porém, isso não se manteve após anos de influência com outras culturas, principalmente com a jesuítica. E, hoje, o que se observa são famílias fragmentadas.

O surgimento de uma estrutura social mais abrangente denominada por *tekoha*, não provocou alterações significativas na organização doméstica da economia dos guarani e kaiowá, conforme afirma Souza (2002). Sobre o termo *tekoha* Mura (2019, p.80) esclarece: “entre muitos significados, designa “lugar” e é entendido atualmente pelos indígenas como “o lugar onde realizamos nosso modo de ser”¹⁹.

Entretanto, Souza (2002) reitera que todo o sistema econômico dos guarani e kaiowá deve ser entendido como doméstico e não como aldeã ou tribal. Para ele, apenas em áreas ecologicamente favoráveis com maiores capacidades de produção é que o vínculo tribal foi possível. “Assim, dependendo do índice e da capacidade produtiva na esfera doméstica, aparecem ou não as condições necessárias à constituição do *tekoha*” (p.225). Ou seja, a integração de famílias-grandes, numa estrutura social mais ampla se dá devido a uma produção

¹⁹ Na língua guarani, a palavra *tekoha* passou a ser ressaltada pelos povos Guarani e Kaiowá a partir da década de 1970, justamente diante do processo de perda de seus territórios étnicos para as frentes de expansão agropastoril (MOTA, 2017, p.65)

econômica que ultrapassa as necessidades de consumo da família. O autor acrescenta, contudo, que a constituição do *tekoha* mostra que o sistema de produção guarani podia ser organizado de formas distintas, não se restringindo apenas as unidades domésticas. Podiam se organizar e realizar projetos mais coletivos, porém essa característica não implicava em alterações significativas no sistema doméstico, ou seja, o núcleo familiar continuava sendo uma unidade de produção e consumo. É dessa maneira que o autor explica que, apesar das relações mais abrangentes em comunidades aldeãs, as relações familiares permanecem as mesmas.

Assim, a vida social estava organizada em grupos unida por laços de consanguinidade ou afinidade, em que as famílias reunidas construía um rancho comum, ainda que os componentes de cada casa comunal possuísem um espaço produtivo individualizado das demais. O aparecimento de um papel político-parental aglutinador, como era o *tuvichá*, não significava, portanto, a supressão do encargo devido ao chefe em cada casa comunal; pelo contrário, cada família-grande mantinha sua organização político-econômica original, apesar da criação de vínculos mais abrangentes com outras (SOUZA, 2002, p.230).

Sobre a divisão do trabalho nas sociedades indígenas guarani e kaiowá, o autor reitera:

Considerando as observações etnográficas em grupos atuais, pode-se colocar a divisão sexual do trabalho no interior da família da seguinte forma: a começar pelas crianças, as meninas carregam água e cuidam dos irmãos menores, enquanto os meninos trabalham na roça ou trazem dela os produtos necessários; a partir dos 8 ou 10 anos, os meninos aprendem a caçar, a coletar mel ou outros produtos, e os pais orientam o aprendizado de técnicas de trançado e a confecção de artefatos (neste momento, os meninos já fazem sua própria roça); aos 12 anos, os meninos começam a demonstrar independência, e aos 15 ou 16, passam a morar com o sogro e a trabalhar na lavoura deste. Nota-se, além da especialização ocupacional por sexo, também uma diferenciação por faixa etária. Em termos de laços afetivos, Schaden coloca que a ligação entre filho e pai é menos consistente do que a entre o filho e a mãe, e o filho tende a tornar-se, após o casamento, economicamente distante do pai. Esse último aspecto é decorrência da matrilocalidade, condicionando para que a ligação da moça com a família de seus pais seja bem mais duradoura (SOUZA, 2002, p.228).

Para os guarani e kaiowá a autoridade do sogro é muito importante. O genro precisa trabalhar na roça do sogro e aprender com ele tudo o que for necessário. Além disso, as atividades discriminadas por sexo e idade são centralizadas na figura do *varão*, que é responsável pela organização e desenvolvimento dos trabalhos coletivos entre os habitantes da mesma casa-grande. O *varão*, portanto, tinha a responsabilidade de:

organizar tarefas de mutirão para a coleta de materiais utilizados na construção das habitações coletivas, coordenar tal construção, orientar o trabalho masculino na derrubada de áreas florestais (seja para a fundação de um novo espaço habitacional, seja para a criação de uma nova área de roçado), liderar expedições de coleta, de guerra, etc. Posteriormente, o rendimento originado das atividades coletivas era distribuído em parcelas destinadas

individualmente a cada família nuclear; o número de esposas e de filhos determinava o tamanho e o número de parcelas destinadas a cada homem adulto (a poligamia poligínica existia, mas era quase exclusiva dos chefes político-religiosos) (SOUZA, 2002, p.229).

Na tradição original dos guarani e kaiowá um dos elementos é o trabalho comunal, conforme Schaden (1974). O trabalho coletivo, também denominado como *puxirão*, deve ser entendido como dia de festa, expressão de solidariedade de um grupo de vizinhança ou local. O autor menciona dois tipos de *puxirão*: o primeiro seria o trabalho coletivo feito para uma determinada pessoa, por exemplo: construção de uma casa ou o plantio de uma roça. Dessa maneira, “a instituição coletiva funciona em benefício de um pequeno grupo, a família elementar” (p. 58). O segundo tipo de *puxirão* seria o trabalho coletivo para todo o grupo local, às vezes organizado pelo chefe local ou entre todos os membros da comunidade. Das duas formas, o *puxirão* é caracterizado pela “solidariedade e cooperação que vigoravam na satisfação de todas as necessidades vitais, quer fosse nas práticas religiosas, nas atividades econômicas ou em quaisquer outros domínios da existência” (SCHADEN, 1974, p. 59).

Para Souza (2002, p. 231-232), o trabalho coletivo dos guarani e kaiowá tem a “capacidade de transformar a realização de tarefas produtivas numa espécie de jogo, dando ao labor tal sentido lúdico quase inexistente nas sociedades complexas atuais”. O trabalho realizado de forma coletiva é a forma de expressar a solidariedade e reciprocidade do grupo.

Todas as características do sistema econômico dos guarani e kaiowá implicam, sobretudo, em não reconhecer o indivíduo como um agente autônomo. Catafesto de Souza (2002) enumera as características que o levam a esse entendimento: o plantio de roças coletivas; a família-grande como unidade de produção e consumo; a posse coletiva de áreas de caça e das terras de plantio; caçadas e pescarias coletivas, mantendo vínculos entre as diversas famílias-grandes e “a ausência quase completa de um comércio intragrupal a não ser por troca de serviços” (p.232). O autor também destaca a incapacidade dos guarani e kaiowá em “adotar um padrão de competição econômica intragrupal. Durante o processo reducional²⁰, cujo

²⁰ Sobre o processo reducional, Mura (2019, p.125-128) relata que a partir das primeiras décadas do século XX abriram-se espaços para a colonização da faixa fronteira entre Brasil e Paraguai, passando colonos procedentes do sul do país a ocupar porções de terras onde viviam os indígenas. “O Estado brasileiro participou ativamente desse processo, através da atuação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que com suas práticas levava os Kaiowá e os Nandeva a residirem em espaços extremamente reduzidos, absolutamente incompatíveis com suas características de organização social e territorial. Embora a instituição indigenista manifestasse atitudes protecionistas para com os nativos, o que sua atuação acabava por produzir era a liberação de terras para a colonização.

objetivo era a transformação sociocultural das populações e a sua posterior inserção no circuito de exploração colonial (Souza, 2002, p.232).

Em relação a atitude dos guarani e kaiowá frente ao dinheiro, Schaden (1974) explica que o valor que lhes atribuem é mais simbólico do que real e corresponde a imitação de uma atitude econômica distinta das suas demandas culturais. Assim ele escreve:

O dinheiro existe para ser gasto; não se trata de economizá-lo e à sua poupança não corresponde função na cultura guarani. (O Capitão Francisco, do Rio Branco, certa vez me disse ter guardado uma porção de moedas, mas não dinheiro em notas, que, afirmava, se estragam facilmente). A consciência de outras possibilidades de fazer economia – através da aquisição, por exemplo, de um cavalo, de um tráfico de mandioca ou de outros valores – só aparece em estado aculturativo posterior à assimilação de muitos padrões da vizinha cultural rural (SCHADEN, 1974, p. 56)

Outro aspecto importante das relações dos guarani e kaiowá, segundo Schaden (1974, p. 45), é que “a eficiência econômica do indivíduo não representa fonte de prestígio social” por dois principais motivos: o primeiro é devido a produção e o consumo serem predominantemente comunitários, e o segundo se deve “a orientação mística da cultura e o relevo dado à comunhão com o sobrenatural” (p. 46). Em relação ao primeiro motivo, o autor explica que o estímulo à realização do trabalho está totalmente ligado com a intensidade do sentimento de solidariedade social. Porém, o contato com a cultura diversa, que privilegia a individualização dos trabalhos econômicos, e a “aceitação dos valores correspondentes como elementos de diferenciação social, a noção de indivíduo vadio ou trabalhador e a do homem pobre ou rico vão adquirindo sentido para o espírito guarani” (SCHADEN, 1974, p.46).

O trabalho, na concepção indígena, de acordo com Meliá & Temple apud Rezende (2011, p.23) é distinto da concepção dos não-indígenas. “A natureza do trabalho assume outra dimensão diante da reciprocidade simétrica²¹, pois o homem é visto em sua dimensão total, incluindo a sua natureza espiritual, e não apenas como simples ser biológico. Tudo isso torna o trabalho jogo e arte”. Sabourin (2011) escreve

o apagar histórico da reciprocidade frente ao desenvolvimento do individualismo e do liberalismo, provém da passagem de uma cultura original,

²¹ Do ponto de vista econômico, a reciprocidade constitui, portanto, não somente uma categoria econômica diferente da troca mercantil, mas um princípio econômico oposto ao da troca ou mesmo antagonista da troca. Ainda de acordo com o autor “as relações mobilizadas em tais estruturas de reciprocidade geram valores materiais ou instrumentais imateriais (conhecimentos, informações, saberes), mas produzem também valores afetivos (amizade, proximidade) e valores éticos como a confiança, a equidade, a justiça ou a responsabilidade. A distinção das estruturas elementares de reciprocidade (a partir da noção do Terceiro incluído) gerando sentimentos de si mesmo ou sentimentos compartilhados que dão lugar à produção de valores éticos ou espirituais, constitui o principal aporte inovador da teoria da reciprocidade. consiste no compartilhamento do esforço entre pares. Esta sociabilidade se expressa também nas refeições em comum e num ambiente festivo” (SABOURIN, 2011, p.30-33).

onde a reciprocidade era dominante ou equivalente às lógicas de troca, para uma verdadeira “privatização da dádiva”. O valor da responsabilidade teria se apagado para dar lugar a relações de troca e de interesse, assim como para uma relação de propriedade estrita (SABOURIN, 2011, p.32).

O progressivo abandono dos padrões de trabalho coletivo e a cultura da reciprocidade, segundo Schaden (1974, p. 57) são, em certo grau, responsáveis pela desorganização social das comunidades guarani e a “individualização das preocupações econômicas”, que derivam da aproximação com a cultura econômica local, que restabelece o trabalho coletivo, porém em moldes distintos daqueles praticados pelos guarani e kaiowá. Esta se faz não somente em face de novas exigências impostas pelos padrões da sociedade, mas também como uma consequência da perda ou modificação de velhos padrões, instituições e mesmo condições materiais que torna a velha economia impraticável, obrigando a procura de novas alternativas de subsistência.

O autor ainda explica que isso foi possível, principalmente, pela necessidade dos guarani e kaiowá de obter dinheiro para possuir coisas que, por meio da cultura tradicional, seria impossível conseguir. “O fato de precisar de dinheiro é para os guarani o único estímulo tendente a fazê-lo romper o círculo fechado das atividades de produção e consumo do grupo local e integrar-se na esfera mais ampla da economia regional” (SCHADEN, 1974, p. 62).

Trabalho remunerado em fazendas e propriedades próximas; exploração da natureza ambiente com intuito comercial (extração de palmitos, orquídeas, peles, papagaios, etc.); comércio de artefatos de confecção baseada em técnicas em parte tradicionais, em parte novas (vassouras, cestos, arcos e flechas); vendas de produtos agrícolas; e, finalmente, expedições de mendicância aos centros urbanos. À medida que se generalizam essas atividades, a economia perde o seu caráter tribal, deixando de ser fechada e autossuficiente (SCHADEN, 1974, p. 62-63).

Quando essas atividades deixam de ser esporádicas ou realizadas apenas para suprir necessidades imediatas e passam a substituir os elementos da economia tradicional (roças, caçadas e pescarias coletivas, instituição de famílias grandes como unidade de produção e consumo e a extinção do comércio de troca intragrupal) e quando o indivíduo se reconhece como agente econômico autônomo no seio da comunidade tribal será a fase final da existência do grupo (SCHADEN, 1974).

Além disso, o autor também destaca as dificuldades que surgem deste processo, principalmente porque essa aculturação não se processa em outras esferas, tornando-se motivo de desnivelamento cultural. A principal, segundo ele, seria a incapacidade dos guarani e do kaiowá de conceber o indivíduo descolado da comunidade econômica, ou seja, de “passar a considerá-lo como agente próprio com interesses individuais e, em parte, talvez contrários aos

do grupo; enfim, a relutância em adotar um padrão de competição econômica intragrupal” (SCHADEN, 1974, p.62-63). Em outras palavras, a dificuldade está na incapacidade do indígena de desenvolver um espírito econômico, com a noção de lucro e competitividade.

Percebe-se, portanto, que, tradicionalmente, o modo de produção dos guaranis e kaiowá é pautado pelas relações de cooperação, reciprocidade e igualdade. As famílias-grandes, constituídas pelo casal, filhos, genros e netos produziam e consumiam de acordo com suas necessidades. A troca de produtos entre as famílias também era uma prática importante, assim como os trabalhos coletivos de caça, pesca, plantio de lavouras, construções de moradias. Tudo isso pautado na noção de que o indivíduo não é um agente econômico autônomo. Porém, todas essas características da produção econômica dos guaranis e kaiowás, ao longo do tempo e da aproximação com a sociedade capitalista, foram transformadas e resinificadas.

Em resumo, Mura (2019) aponta que a desorganização dos modos tradicionais de produção e consumo e a perda do senso da coletividade é o resultado do loteamento das terras indígenas e da necessidade de sair para trabalhar fora ou sob longos contratos nas usinas de cana de açúcar e álcool em troca de alimentação para si e para a família. “O afastamento muitas vezes prolongado dos homens deixa a família desassistida e é fator de desintegração do núcleo familiar que constitui a unidade básica da sociedade, em torno do qual se articulam as atribuições de produção” (MURA, 2019, p.579).

Depois de apresentar as características do modo de produção e reprodução tanto da vida material quanto da imaterial (cultura) dos povos guarani e kaiowá e as consequências da aproximação com a sociedade capitalista, no próximo subitem trataremos do processo de exploração da mão de obra indígena no estado do Mato Grosso do Sul que se confunde com a colonização e as iniciativas governamentais de impulsionar o desenvolvimento econômico.

2.2 O processo de colonização e a exploração da mão de obra indígena no estado do Mato Grosso do Sul

A exploração de mão de obra indígena não é recente e nem um fato que se deu apenas no interior do estado do Mato Grosso do Sul. Segundo Correa (2014) a utilização de mão de obra indígena submissa remonta desde o Brasil-Colônia, que “pela arma ou pela fé”, (p. 01) serviam ao lucro fácil dos colonizadores. A relação comercial era a única estabelecida entre os habilitantes nativos e os estrangeiros que se aventuravam de um continente a outro pelos mares a fora buscando, sobretudo, o lucro fácil e retorno financeiro garantido. O resultado dessa

relação de submissão, pautada na busca desenfreada pelo lucro, foi a diminuição drástica da população indígena brasileira. Cabe ressaltar que não foi só o Brasil que sofreu com essa situação de dominação. Todo o continente americano foi colonizado e, assim como o Brasil, diversas populações indígenas foram dizimadas e, com elas, suas características culturais, políticas e econômicas. Depois disso, as populações nativas, nunca mais tiveram períodos duradouros de estabilidade social. (CORREA, 2014).

Ainda de acordo com Correa (2014, p.01), “a história do avanço econômico no Brasil constitui-se em construção de ruínas; os responsáveis pelo processo civilizatório no país construíram e trouxeram alto preço aos indígenas”. O Brasil foi crescendo economicamente e, aos poucos, se tornou uma nação, porém aos povos indígenas nunca lhes foi dada a chance de se reconstruírem em sua totalidade. Ao contrário, “dificultou ainda mais a conservação da vida comunitária, pois a dominação do território por aqueles, levou-os a se engajarem como assalariados para prover a sua subsistência e a de sua família e ainda suprir a necessidade de produtos antes desconhecidos, mas ora desejados”. (REZENDE, 2011, p.19)

Dessa maneira, o avanço econômico, a busca desenfreada pelo lucro fácil à custa de mão de obra manipulável, abundante e descartável se estabeleceu no Brasil como uma constante. Correa (2014) evidencia que as relações de trabalho estabelecidas historicamente são pautadas na dominação, tornando os indivíduos (índios ou não) incapazes de reivindicar direitos ou buscar novas alternativas para o futuro.

No estado do Mato do Sul isso não foi diferente, conforme explica Brand (2004)

As primeiras frentes não-indígenas adentraram pelo território kaiowá e guarani, a partir da década de 1880, após a guerra do Paraguai, quando se instala na região a Companhia Matte Laranjeira. Esta Companhia, embora não questionasse a posse da terra ocupada pelos índios, nem fixasse colonos e desalojasse comunidades, definitivamente, das suas terras, foi, contudo, responsável pelo deslocamento de inúmeras famílias e núcleos populacionais, tendo em vista a colheita em novos e por vezes distantes ervaais. Interferiu menos, ao que parece, na estrutura social interna dos Kaiowá e Guarani do que as iniciativas posteriores. Tampouco constituíram problema mais sério as primeiras fazendas de gado que no final do século XIX e início do século XX se instalaram nas regiões de campo entre Amambai, Ponta Porã e Bela Vista, pois, como já dito acima, os Kaiowá e Guarani localizavam suas aldeias, preferencialmente, nas regiões de mata (BRAND, 2004, p. 139).

No Brasil, a situação dos guarani e kaiowá foi alterada drasticamente após o término da Guerra do Paraguai, que durou de 1864 a 1870, conforme Bucker et al (2012). Uma das consequências da guerra, tanto para o Brasil quanto para o Paraguai, foi a demarcação das terras na região de fronteira, permitindo que os combatentes mantivessem contato direto com os índios e com ervaais nativos. A partir daí se iniciam as primeiras ocupações na região de fronteira do

sul do estado, até então denominado Mato Grosso²² e, concomitantemente, as explorações econômicas capitalistas que se sucederam. Os autores citam que, inicialmente, veio a erva-mate, depois as fazendas de gado, as colônias agrícolas, o plantio de soja (monoculturas na década de 70) e finalmente a indústria sucroalcooleira na década de 1980 e que, ao mesmo tempo, que seus territórios eram invadidos, suas matas e rios destruídos pelos colonos, “passavam a ser vistos como importante reserva de força de trabalho a ser utilizada nessas sucessivas fases exploratórias. (BUCKER et al, 2012, p. 192).

Seguindo a trajetória histórica, Brand (2004, p. 138) relata que entre os anos de 1915 e 1928 foi demarcado pelo Governo Federal oito “pequenas extensões de terra para usufruto dos Kaiowá e Guarani, perfazendo um total de 18.124 ha, com o objetivo de confinar os diversos núcleos populacionais dispersos em amplo território ao sul do atual Estado de Mato Grosso do Sul”. Contudo, o autor afirma que essa demarcação foi orientada pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que serviu de “importante estratégia governamental de liberação de terras para a colonização e consequente submissão da população indígena aos projetos de ocupação e exploração dos recursos naturais por frentes não-indígenas”. Ou seja, nas demarcações não foram considerados a organização social dos povos indígenas, bem como seu relacionamento com o território e com os recursos naturais.

Após a demarcação das terras indígenas e a contínua colonização, pautada no desenvolvimento econômico do estado, no ano de 1943 o governo Getúlio Vargas criou a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), cujo intuito era “possibilitar o acesso à terra para milhares de famílias de colonos, migrantes de outras regiões do país. A instalação dos colonos em território indígena provocou, de imediato, problemas diversos e graves, pois questionou sua presença e impôs a sua transferência para outros espaços”. O autor ainda recupera que, a partir da década de 1950, instalam-se vários empreendimentos agropecuários em territórios ocupados pelos guarani e kaiowá, como a monocultura da soja e, como consequência, acentua-se o processo de confinamento nas reservas e também o desmatamento, comprometendo decisivamente a biodiversidade (BRAND, 2004, p. 140).

As destilarias chegam ao recém-criado estado de Mato Grosso do Sul no início da década de 1980 “com uma grande demanda de mão de obra, vislumbrando nos indígenas,

²² A decisão de desmembrar Mato Grosso e criar Mato Grosso do Sul foi tomada em abril de 1977 pelo terceiro presidente do regime militar, Ernesto Geisel, seis meses antes da assinatura da Lei Complementar nº 31, em 11 de outubro. A divisão efetivamente aconteceu em janeiro de 1979 com a instalação do governo do novo Estado. Dentre as causas da divisão, o artigo cita: os interesses da oligarquia agrária sulista, a rivalidade política entre Cuiabá e Campo Grande e a elite da pecuária foram os componentes principais do movimento separatista. Disponível em <http://www.ms.gov.br/a-historia-de-ms/> Acesso em 21/09/2019.

expropriados dos meios necessários para garantir a sua subsistência, os trabalhadores ideais para o plantio da cana-de-açúcar, o que contribuiu para a continuidade do processo de assalariamento” (BRAND, 1997, p. 91)

Acerca do processo de desenvolvimento do estado do Mato Grosso do Sul e a exploração da mão de obra indígena, Correa (2014) afirma

Em Mato Grosso do Sul, empreendimentos particulares e públicos são incentivados pelo governo sem qualquer preocupação com os impactos sociais que possam causar, desde a concessão imperial à exploração de terras para plantação de erva mate pela Companhia Matte Laranjeira, em 1882, até o advento da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (a partir de 1943), com doação de lotes a trabalhadores vindos do Nordeste. Projetos levados adiante pelo governo (carcomido e favorecedor dos interesses oligárquicos) com o discurso do progresso para regiões consideradas atrasadas. Os índios não foram considerados como habitantes em nenhum momento, pelo contrário, foram submetidos ao trabalho compulsório em condições precárias. Com a perda dos territórios tradicionais (ponto central da organização indígena), a precariedade torna-se rotina em suas vidas. (CORREA, 2014, p. 03).

O desenvolvimento econômico do estado, conforme Brand (2004) destaca, configurou para os povos indígenas a perda da terra e comprometimento dos recursos naturais, levando-os ao assalariamento em usinas de álcool e às profundas modificações em seus modos de produção e subsistência constituídos por alternativas como a agricultura, a caça, a pesca e a coleta. Entretanto, o autor reitera que não só as alternativas econômicas foram modificadas, mas que “comprometeu de forma crescente a autonomia interna desses povos por reproduzir suas possibilidades de decisão sobre essas questões, deixando cada vez um espaço mais reduzido para a negociação a partir de suas alternativas histórico culturais” (BRAND, 2014, p. 141).

A seguir apresentaremos o contexto do processo de assalariamento dos Guarani e Kaiowá pelas usinas de açúcar e álcool no estado do Mato Grosso do Sul.

2.3 A indústria canavieira no Estado do Mato Grosso do Sul e a mão de obra indígena

O cultivo da cana-de-açúcar remonta desde o Brasil colônia. Prado Jr. (2012), ao relatar a história, afirma ela foi umas das primeiras atividades econômicas, precedida apenas pela extração do pau-brasil. Segundo ele, os colonizadores sabiam que o clima quente e úmido da costa e a qualidade do solo eram favoráveis a essa cultura, além disso podiam contar com a mão-de-obra indígena que era numerosa e pacífica. O cultivo da cana-de-açúcar é considerado pelo autor como sendo um dos fatores de consolidação da ocupação efetiva e da colonização

do Brasil, visto que o açúcar, nesta época, era um produto de grande valor comercial e seu fornecimento era racionado pela Europa e vendido apenas em boticas, pesado em gramas.

No século XX a cana-açúcar volta a ser destaque no Brasil em virtude da crise mundial do petróleo na década de 70. Sousa (1987) afirma que neste contexto (encarecimento do petróleo e mercados externos fechados para a exportação) a política energética do Brasil lança no ano de 1975 o Programa Nacional do Álcool (PROÁLCOOL), cujo principal objetivo era enfrentar a crise, pois se tratava de uma substituição, em grande escala, de petróleo importado pelo álcool produzido a partir de biomassas agrícolas. Este programa foi criado pelo Decreto nº 76.593, de 14/11/1975 e seu marco foi entre os anos de 1986 e 1987, “quando foram produzidos 12,3 bilhões de litros de álcool”. (REZENDE, 2011, p. 57).

É através do Proálcool, incentivado por meio de inúmeros benefícios fiscais e de financiamentos com juros baixos, que o capital agroindustrial canavieiro se insere no estado do Mato Grosso do Sul. Na primeira e segunda fase do Proálcool, que corresponde aos anos de 1975 a 1985, o estado já possuía cerca de nove indústrias canavieiras. Destas, apenas duas eram do próprio estado, seis vieram do nordeste e duas de São Paulo (CORRÊA, 2010).

Na última fase do Proálcool, que corresponde aos anos de 1985 a 1995, a produção de álcool no Brasil ultrapassa as metas de produção determinadas pelo governo que, aos poucos, inicia um processo de redução dos investimentos às usinas, desestimulando sua produção. O que se observa, então, é uma estagnação da produção de álcool no estado, bem como a implantação de novas usinas. (CORRÊA, 2010).

Devido à estagnação do mercado e a desregulamentação dos investimentos do governo em relação ao álcool, as indústrias canavieiras do estado do Mato Grosso do Sul passam a se inserir no mercado de açúcar, que se apresentava, no cenário mundial como atrativo.

Na quarta fase do Proálcool, Corrêa (2010) então afirma que o açúcar passa a ser produzido no estado Mato do Grosso do Sul no início da década de 90 e mantém a produção crescente até 2000. Dados da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Agrário da Produção, do Comércio e do Turismo informam que entre os anos de 2005 e 2008 o estado do Mato Grosso do Sul, que possuía onze, passaria a ter oitenta e quatro usinas de açúcar e álcool, quarenta e cinco destas estão instaladas na microrregião de Dourados que é composta por quinze municípios.

Esse crescimento considerável de usinas no estado de Mato Grosso do Sul se deve às características que facilitavam e atraíam investimentos ao setor sucroalcooleiro, como extensos territórios de terras planas; preços das terras mais competitivos que outras regiões produtoras

como São Paulo e a proximidade com os grandes centros. Além disso, o governo do estado concede incentivos fiscais pelas três esferas de poder (REZENDE, 2011).

Diante da expansão do setor no estado do Mato Grosso do Sul, a autora evidencia que as mudanças sociais e também territoriais nos municípios em que estas empresas estão sediadas são preocupantes. Segundo ela, é possível constatar alguns benefícios no que tange ao relacionamento entre empresa e empregados, contudo os impactos sociais são inegáveis e não estão dentre suas prioridades e preocupações. Cita ainda, em seu trabalho, a título de exemplo, que “o Ministério Público do Trabalho e o Ministério Público Federal ajuizaram, em 2010, seis ações civis públicas com pedido de condenação das usinas ao pagamento das parcelas vencidas referentes ao Programa de Assistência Social”. Além destas, também cita outras ações civis públicas que “foram interpostas no mês de outubro de 2011, sendo certo que, assim, todas as empresas do setor sucroalcooleiro do estado de Mato Grosso do Sul estão sendo instadas a cumprir a obrigação imposta pela Lei nº. 4.870/65²³” (REZENDE, 2011, p. 64-65).

A autora ao discorrer sobre os impactos sociais causados pelas implantações de usinas de açúcar e álcool no estado também mostra a existência de lavouras de cana-de-açúcar em territórios tradicionais indígenas, demarcados ou não. Com esses fatos, evidencia a forma com que este setor trata as questões relativas a população indígena.

No que tange ao assalariamento indígena pelas usinas de açúcar e álcool, essa relação de trabalho teve início em 1980 quando o Programa Nacional do Álcool (Proálcool) incentivou a produção de cana-de-açúcar no estado do Mato Grosso do Sul. Segundo ele, desde então, os índios exercem a atividade de cortar cana-de-açúcar nas lavouras, capinar a terra para o plantio ou trabalham como "bituqueiros" – encarregados de recolher a matéria-prima cortada. “a regulação dessa mão de obra específica desafia o poder público. Trata-se de uma empreitada complexa, devido principalmente às peculiaridades culturais e jurídicas da situação dos indígenas”. (CAMPOS, 2008)

O autor relata que, no início, a captação de mão de obra indígena era realizada informalmente. As empresas buscavam grandes grupos de índios para o trabalho nos canaviais. A contratação era realizada verbalmente pelo “cabeçante” (líder do grupo, geralmente aquele que possuía mais conhecimento sobre a língua do não índio). E ali eles permaneciam por, aproximadamente, dois meses. A Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em alguns casos, também participava dessa contratação, estabelecendo regras pontuais e cobrando taxas

²³ Foi esta lei que institui o Programa de Assistência Social – PAS, que determina a todos os empregadores do setor sucroalcooleiro a elaboração e implementação de um programa voltado a garantir vários benefícios aos trabalhadores, dentre eles a formação profissional.

comunitárias. O autor expõe algumas das situações vividas pelos trabalhadores indígenas nessas usinas na década de 80, de acordo com a Procuradoria do Trabalho.

Ficavam, diz ele, em barracões de lona, onde bebiam água dos rios junto com os animais. Além disso, era rotina também a presença de crianças no corte da cana. Em diversas ocasiões, a usina pagava e o cabeçante desviava o dinheiro. E muitas vezes a usina não pagava, enrolava mesmo. (CAMPOS, 2008, p.01).

Na década seguinte, houve mudanças. Porém, Campos (2008) afirma que só no ano de 1999 é que os trabalhadores passam a ter registro formal, firmando-se o Pacto do Trabalhador Indígena. Muitos foram os modelos pensados para essa contratação, tendo em vista que não configurasse discriminação e que não ferisse a cultura indígena, conforme o Procurador do Trabalho, PRT 24ª Região/MS Jonas Ratier Moreno enumera: “a primeira, denominada contrato verbal; a segunda contrato de prestação de serviços e a terceira contrato de equipe, defendida pelo Ministério Público do Trabalho que, felizmente, foi acolhida e implantada” (MORENO 1999). Esse terceiro modelo de contratação, mais precisamente denominado Pacto Comunitário dos Direitos Sociais nas Relações de Trabalho Indígena assegura melhor qualidade de vida a esses trabalhadores.

A contratação de trabalhadores indígenas para exercer as atividades laborais nas usinas de açúcar e álcool “efetivou-se de diversas formas, da total informalidade dos contratos meramente verbais, passando por contratos escritos, intermediados por servidores da FUNAI e que não garantiam direitos” a esses trabalhadores (REZENDE, 2011, p.94). Segundo a autora, dos contratos verbais e das condições de trabalho, só se sabe o que foi relatado pelos próprios indígenas em ações trabalhistas. Depois, a contratação de mão de obra se deu por meio de um contrato de trabalho, mas que na verdade era um simples contrato de prestação de serviços, firmado entre a destilaria e o cabeçante, responsável pelos demais trabalhadores que fariam parte da turma. Nessa relação, a FUNAI também estava inserida, pois confeccionava e também firmava o contrato. Ao longo do tempo esse contrato foi reformulado e inseriram-se nele cláusulas que previam a melhora nas condições de trabalho como fornecimento de EPI – Equipamento de Proteção Individual – e garantias de condições dignas nos alojamentos. Porém, a autora afirma que essas garantias, muitas vezes, não saíam do papel.

Posterior a esse, surge um terceiro tipo denominado “contrato de trabalho unificado” que, na prática, também não foi capaz de promover melhoria significativa nas condições de trabalho – e nada do que constava no contrato foi cumprido efetivamente (REZENDE, 2011). A autora também descreve outras tentativas de formalizar essa relação de trabalho, tais como o contrato de locação de serviços e o sistema de cooperativa. Para o Ministério Público do

Trabalho a única forma correta era a contratação por meio de registro em CTPS, mas os líderes indígenas eram resistentes, já que os usineiros os ameaçavam dizendo que, se esse fosse efetivado, não mais os contratariam (REZENDE, 2011, p.104). O relato da autora indica que o processo para a formalização da contratação de mão de obra indígena foi complexo e perdurou por vários anos até se constituir da forma como é hoje.

Atualmente, as usinas que ainda possuem mão de obra indígena seguem o *modelo de contrato de equipe*. Essa modalidade permite a contratação de um grupo de trabalhadores que realizam a mesma atividade num mesmo local de trabalho e foi bem aceita pela comunidade indígena como também pelos órgãos responsáveis, conforme exposto por Moreno (1999):

O contrato de equipe, segundo conceituação de José Augusto Rodrigues Pinto, é “um negócio jurídico envolvendo, de um lado, um empregador e, de outro, uma pluralidade de empregados, estes, porém, enlaçados por uma unidade de interesses. Celebra-se o contrato de grupo geralmente quando um conjunto de trabalhadores forma uma unidade de trabalho, de tal maneira coordenada que a prestação de cada um não resulta eficaz sem a contínua cooperação dos demais elementos do grupo. O modelo concebido de contrato de equipe consta do anexo do instrumento do “Pacto Comunitário dos Direitos Sociais nas Relações de Trabalho Indígena”, celebrado pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, lideranças indígenas, Ministério Público do Trabalho, Ordem dos Advogados do Brasil, Fundação Nacional do Índio e demais organizações governamentais e não governamentais ligadas à área indígena (MORENO, 1999, s/p).

Essa modalidade de contratação também confere ao trabalhador rural indígena os mesmos direitos trabalhistas e previdenciários de um trabalhador não-índio, conforme Moreno (1999) nos relata: “O Estatuto do Índio estabelece, no artigo 14, Caput, que não haverá discriminação entre trabalhadores indígenas e os demais trabalhadores, aplicando todos os direitos e garantias das leis trabalhistas e de previdência social”. Dessa maneira, o trabalhador indígena possui os mesmos direitos trabalhistas e previdenciários de um trabalhador não-índio, possui carteira de trabalho assinada, FGTS, férias, 13º salário, descanso intrajornada, horas extras acima da 8ª diária e 44ª. semanal. Também estabelece ao trabalhador indígena a preservação de seus costumes e cultura, conforme o autor: “a adaptação de condições de trabalho aos usos e costumes da comunidade a que pertencer o índio”. (MORENO, 1999, s/p)

Trataremos, agora, mais especificamente das atividades realizadas pelos trabalhadores rurais indígenas e as consequências deste processo de trabalho, cuja remuneração é baseada na produção.

2.4 O processo de trabalho nas usinas de açúcar e álcool

Sobre as atividades realizadas pelos trabalhadores indígenas no cultivo da cana-de-açúcar, Rezende (2011) descreve:

A atividade empreendida pelo trabalhador que corta manualmente a cana-de-açúcar é considerada extenuante. Com efeito, é necessário o deferimento de inúmeros golpes para o corte de cada tonelada cortada e em posição não ergonômica. Adiciona-se as questões ambientais, tais como as altas temperaturas, tanto em face da queimada como da ação solar, e a pouca umidade do ar que impera no período de colheita, além das próprias condições de trabalho a que são submetidos, há que se concluir que a atividade revela um extremo esforço físico. Além de que, o trabalhador deve portar roupas grossas e sobrepostas e equipamentos de proteção individual, normalmente constituídos de botina, perneira de couro até o joelho, luvas, óculos e chapéu, totalmente desprovidos de conforto físico e térmico, pois não ajudam a dissipar o calor (REZENDE, 2011, p. 69-70).

O processo de trabalho no corte da cana-de-açúcar na década de 1980 segundo Alves (2006, p.92) consistia em “cortar retângulos com seis metros de largura, em cinco ruas (linhas em que são plantadas a cana), por um comprimento que variava por trabalhador, que era determinado pelo que ele conseguia cortar em um dia de trabalho”, dependendo do ritmo de trabalho e da resistência física de cada um. Com esta explicação, percebe-se que é possível medir o desempenho do trabalhador de duas maneiras distintas: a primeira, pelo comprimento do eito²⁴ e a segunda pela quantidade de cana cortada. “Se a opção for pelo comprimento, a medida do que ele produziu é o metro linear ou o metro quadrado, caso a opção seja pela quantidade de cana cortada no eito, só é possível medir o trabalho pesando-se a cana cortada” (p.92). O autor ainda afirma que o trabalhador prefere que seu trabalho seja mensurado por metro e não por quantidade.

Para cortar 6 toneladas de cana em um dia, considerando uma cana de primeiro corte, de crescimento ereto, o comprimento do eito deve ser de aproximadamente 200 metros. Isso significa que a área total desse eito é de 1.200 m² (200 m de comprimento por 6 m de largura); nele o trabalhador realiza as seguintes atividades: • Corta a cana rente ao solo, desprendendo as varas das raízes. • Corta a ponteira da cana, que é a parte de cima, onde estão as folhas verdes, que não têm sacarose e, portanto, não servem para as usinas. • Transporta a cana cortada em cada rua para a rua central. • Arruma a cana em montes ou esteirada na rua central (ALVES, 2006, p.92).

²⁴ Um canavial é dividido em talhões e cada talhão é composto por várias linhas de canas plantadas paralelas. Talhão é, portanto, a designação dada a uma área cultivada; não tem uma medida específica (pode medir 2 como 20 hectares). O espaçamento entre as linhas, formando as ruas, varia conforme a topografia, a área, o tipo de solo, a variedade de cana etc., mas em geral, se mantém uniforme em cada talhão. Estas linhas são agrupadas formando os eitos. Em geral os eitos são compostos por 5 linhas de cana, mas podem existir eitos de 6, 7 ou 8 ruas. A extensão de cada eito também varia. Os talhões cercados por ruas mais largas, os carreadores, onde circulam os tratores e caminhões que transportam a cana cortada para a usina. Disponível em <https://riscofisico.blogspot.com/2013/06/talhao-eito-carreador-leira-cana-de.html>. Acesso em 10/10/2019.

O pagamento dos trabalhadores é decorrente de sua produção, ou seja, quanto maior a produção maior será a remuneração. No corte de cana os trabalhadores recebem o eito de cana, definido pelo supervisor da turma, realiza as seguintes ações: “começa a cortar pela linha central, a linha em que será depositada a cana, em seguida corta as duas linhas laterais à central, de forma a que todas as linhas do eito sejam cortadas simultaneamente, sem deixar linhas sem cortar” (ALVES, 2006, p. 94).

O autor compara um trabalhador do corte de cana a um atleta, pois é necessário ter resistência física para a realização de uma atividade repetitiva e exaustiva, “a céu aberto, sob o sol, na presença de fuligem, poeira e fumaça, por um período que varia entre 8 e 12 horas” (p.94). O autor ainda descreve

Um trabalhador que corta 12 toneladas de cana, em média, por dia de trabalho realiza as seguintes atividades no dia: • Caminha 8.800 metros. • Despende 133.332 golpes de podão. • Carrega 12 toneladas de cana em montes de 15 kg, em média; portanto, faz 800 trajetos e 800 flexões, levando 15 kg nos braços por uma distância de 1,5 a 3 metros. • Faz aproximadamente 36.630 flexões e entorses torácicos para golpear a cana. • Perde, em média, 8 litros de água por dia, por realizar toda esta atividade sob sol forte do interior de São Paulo, sob os efeitos da poeira, da fuligem expelida pela cana queimada, trajando uma indumentária que o protege da cana, mas aumenta sua temperatura corporal (ALVES, 2006, p.96).

O esforço físico excessivo sob o sol de altas temperaturas faz com que os trabalhadores percam muita água e sais minerais, levando a um quadro de desidratação que favorece a ocorrência de câimbras que começam, geralmente, pelas mãos e pés, avançam pelas pernas e chegam ao tórax. Essas câimbras provocam fortes dores e convulsões. Para conter a desidratação e consequentemente as câimbras, algumas usinas fornecem aos trabalhadores soro fisiológico ou energéticos (ALVES, 2006).

Sobre as transformações que ocorreram no processo de trabalho no setor sucroalcooleiro na década de 90, Alves (2006) relata que esse período foi marcado pelo aumento significativo da produtividade do trabalho e, para garantir seus empregos, precisaram aumentar consideravelmente seu desempenho. O autor explica que esse aumento da produtividade se deu pelos seguintes fatores: 1) o aumento da quantidade de trabalhadores disponíveis no mercado para o corte de cana; 2) seleção mais apurada, optando pelos mais jovens; e 3) a implementação de período de experiência, no qual os trabalhadores que não conseguissem atingir a nova média de produção eram demitidos antes de completarem três meses de contrato.

As usinas reúnem trabalhadores por intermédio dos cabeçantes da aldeia. Megeredo (2014) descreve exatamente este processo:

O cabeçante é responsável pelas turmas que saem para trabalhar, a ele são encaminhados todos os holerites, além do desconto de 12% de cada trabalhador e 3% vão para a liderança da aldeia (capitão). Isso caracteriza o cabeçante e o capitão como *gatos* dos índios. Ao intermediar as relações de trabalho entre empresas e trabalhadores, as responsabilidades pelas turmas recaem nos cabeçantes. A contratação acontece da seguinte forma: um agenciador, normalmente empregado da destilaria comparece na aldeia, com documento comprovando autorização da empresa, entra em contato com o cacique, para formação de grupo de trabalho. São normalmente formados 5 grupos, cada qual com cerca de 45 a 50 índios, para trabalhar durante 60 dias. São eleitos os cabeçantes, dentre eles, um para cada grupo. Combinam as condições de trabalho, entre o cacique, os índios e o agenciador. Procuram então o chefe do posto para a formalização do contrato. Os índios recebem uma quantia, que chamam *adiantado* ficando este com a família (MEGEREDO, 2014, p. 8).

Portanto, são os cabeçantes que arrumam as turmas e organizam o local de trabalho, além de gerenciar esses trabalhadores, principalmente por conhecerem os dois idiomas (português e guarani) são responsáveis por mediar as relações entre empregado e empresa.

Em relação ao adiantamento, Megeredo (2014) explica que essa prática é comum nessa relação e constitui um pagamento de uma parte do salário antes de iniciar o trabalho com a justificativa de ajudar a família até o seu retorno dos canaviais (que se dá após o término do contrato). Porém, tanto o adiantamento quanto os vencimentos são insuficientes para prover o sustento por sessenta ou setenta dias (duração média do contrato).

Como se percebe ao longo do texto, muitos são os desdobramentos em relação à questão indígena no estado do Mato Grosso do Sul. O assalariamento pelas usinas de açúcar e álcool é apenas uma dessas problemáticas que, ao longo da história, marcaram definitivamente o modo de ser e viver dos povos guarani e kaiowá. Esse processo de assalariamento se efetivou de forma complexa e multifacetada, mas por outro lado, se constituía como a única alternativa de subsistência.

CAPÍTULO III

A PESQUISA

O interesse por este objeto de pesquisa surgiu quando tivemos a oportunidade de trabalhar na mesma usina de açúcar e álcool onde estavam os índios da aldeia Te'yikue. Essa vivência nos colocou frente à dura realidade vivida por eles e permitiu atentar para a necessidade de contribuir com a produção de conhecimento crítico a respeito deste tema que, via de regra, tem ficado à margem dos estudos psicológicos.

Foi a partir dos encontros com os trabalhadores indígenas, quando estavam cortando cana ou cultivando as lavouras, nos horários das refeições e/ou descanso, durante os treinamentos, quando da assinatura de contrato e rescisão ou nas idas a aldeia que o contexto da exploração a que estavam submetidos foi sendo revelado. Fato que culminou com o desejo de identificar os **significados e os sentidos que o trabalho nas usinas de cana-de-açúcar** tem para eles e para sua comunidade e se, de alguma forma, esse mesmo trabalho contribuiu para a melhoria das condições de vida ou se, ao contrário, reiterou ainda mais um processo histórico, cruel e desfavorável à manutenção da cultura material e imaterial dessa população.

Com o intuito de construir um conhecimento crítico acerca dos significados e sentidos que esse trabalho tem para os indígenas, apresentaremos, neste capítulo, o percurso metodológico, iniciando pelo método: o materialismo histórico e dialético. Logo após, descreveremos o contexto da pesquisa e o processo de produção dos dados, que se deu por meio de entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2008). Por fim, explicaremos o procedimento de análise dos dados e interpretação dos resultados, seguindo o procedimento denominado *Núcleos de Significação* (AGUIAR & OZELLA, 2006, 2013 e AGUIAR, 2015).

3.1 O Método

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, fundamentada no materialismo histórico e dialético, o homem é inerentemente social, cuja consciência é determinada pelas condições concretas de sua vida. Marx e Engels (1846/2007) escreveram que os fatos dos quais partem não são arbitrários nem dogmas, são pressupostos reais. Dessa maneira, devemos, em nossas análises, considerar que é no conjunto de suas relações sociais que o homem se constitui

como verdadeiramente humano. Que as condições reais de existência é que produzem sua subjetividade e as formas singulares de linguagem, pensamentos, sentimentos e ações. Soares (2011, p.104) escreve que “(...) o homem concreto, o homem em toda sua dimensão histórico-subjetiva, é, portanto, uma produção gestada na sua relação com o mundo material, com o social, e não uma produção natural/espontânea de si mesmo”.

O concreto, para Marx (1844/2008)

(...) é concreto porque é síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação (MARX, 1844/2008, p.258-259).

Isto significa que, na filosofia materialista-dialética, todo o processo de teorização, de construção de conhecimento científico deve ser mediado pela realidade. Para exemplificar Soares (2011) apresenta o modelo desse processo de produção de conhecimento que foi justamente o utilizado por Marx para explicar a realidade europeia do século XIX

(...) metodologicamente partiu do empírico (visão sincrética da realidade) e caminhou na perspectiva da análise da realidade em movimento (abstração de suas multideterminações), e destas à teorização (sistematização de categorias explicativas do movimento da realidade). Isto significa que, ao ter se debruçado sobre o real (a sociedade em movimento), objetivou apreender as múltiplas relações que o determinavam como unidade constituída de elementos aparentemente contraditórios (SOARES, 2011, p.105).

Na Psicologia, Vigotski no início do século XX, se empenhou em demonstrar as relações entre a definição de problemas de pesquisa, métodos de investigação e os princípios lógicos ao investigar as diversas tentativas de análise dos fenômenos psicológicos, “(...) identificando que tanto as concepções idealistas quanto as mecanicistas não explicavam o fenômeno psicológico em sua totalidade” (BERNARDES, 2010 p.300).

Este cenário, na história do estudo do psiquismo humano, é identificado por Vygotsky como a “crise da psicologia”, caracterizada por uma “crise metodológica”, que somente poderia ser superada pela via da metodologia científica que resgatasse a história do desenvolvimento humano (BERNARDES, 2010 p.300).

A autora aponta que, para Vigotski, a possibilidade de superar as concepções idealistas e naturalistas se daria pelo método materialista histórico dialético aplicado ao estudo do psiquismo humano e que “(...) a natureza que influi exclusivamente sobre o homem são as condições históricas e que o homem atua sobre a natureza e a transforma, criando, assim, novas condições de existência” (BERNARDES, 2010, p.301).

Na continuidade da discussão acerca do método em Psicologia proposto por Vigotski, Aguiar et al (2009) explica que

Vigotski evidencia que não existe método alheio a uma concepção de realidade, de relação homem/mundo. Assim, falamos de um homem que se constitui numa relação dialética com o social e a história, um homem que, ao mesmo tempo, é único, singular e histórico, um homem que se constitui através de uma relação de exclusão e inclusão, ou seja, ao mesmo tempo em que se distingue da realidade social, não se dilui nela, uma vez que são diferentes (AGUIAR et al, 2009, p.129).

Portanto, nesta perspectiva, busca-se a produção de um conhecimento crítico em Psicologia que passa, justamente, pela busca da historicidade dos fenômenos em sua concretude e materialidade. Kahhale & Rosa (2009) explicam que a matéria (categoria filosófica que significa a realidade objetiva) é movimento, e que todo fenômeno contém uma contradição interna que gesta transformações quantitativas e qualitativas. Segundo as autoras, o movimento da matéria

Significa todas as possibilidades reais e futuras e não só transferência mecânica ou deslocamento; envolve os movimentos mecânicos, as diversas formas físicas, químicas, biológicas e sociais. Todas as formas de movimento são interdependentes e interligadas, constituem uma unidade, pois umas dão origem às outras, implicando movimentos mais complexos, que caracterizam a dimensão histórica desse processo (KAHHALE & ROSA, 2009, p. 28).

Outras três categorias são importantes para explicitar o movimento do real. A contradição é uma delas e possibilita o desvelamento de forças contrárias que constituem a realidade (AGUIAR, 2015). A categoria mediação permite superar a ideia de que partes que constituem o todo podem ser apreendidas isoladamente, compreendendo como a “(...) singularidade se constrói na universalidade e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação” (OLIVEIRA, 2001, p. 01), ou seja, implica que o homem constitui sua singularidade conforme o contexto e situações específicas (mediações sociais).

A *totalidade*, categoria igualmente importante e que permite explicitar o movimento do real, e como as coisas são articuladas e interconectas, mesmo que não sejam aparentes, que se apresentem como essência “(...) implica uma articulação dialética em que a parte e o todo, o singular e o plural, estão imbricados dialeticamente um no outro, não se confundem, mas não existem isoladamente” (AGUIAR & OZELLA, 2013, p. 302).

Ainda no sentido de ampliar a compreensão acerca da categoria totalidade, apresentamos a explicação de Tonet (2013), que segundo ele, não apenas um sinônimo de tudo,

mas um aglomerado de partes, articuladas por mediações e contradições que estão em processo de efetivação. Também tem importância metodológica pois caracteriza a realidade em si mesma

Totalidade, portanto, como princípio metodológico, significa que nada pode ser compreendido de modo isolado. O sentido de cada parte, de cada fato, de cada dado só emerge na medida em que ele for apreendido como momento de um conjunto; como resultado de um processo através do qual cada um dos elementos parciais vai adquirindo a sua natureza e a sua especificidade. Trata-se, pois, de apreender o processo através do qual vão se constituindo, ao mesmo tempo, a totalidade de determinado objeto e as partes que o compõem, a hierarquia e a ordem entre os diversos momentos, o modo como se relacionam entre si o todo e as partes, sob a regência do primeiro, as relações das diversas partes entre si e a passagem de um momento a outro (TONET, 2013, p.116).

Considerando essas categorias nesta perspectiva, a tarefa da Psicologia é “(...) substituir a análise de um objeto pela análise do processo, da sua constituição, da sua gênese” (AGUIAR, 2009, p.129). Isso implica que o método deve possibilitar ao pesquisador estudar os processos psíquicos em seu movimento e que, portanto, seu papel “(...) não consiste simplesmente em descrever a realidade, mas em explicá-la e ser produtor de um conhecimento” (p.132).

Para explicar a realidade do objeto, o pesquisador deve ir além da aparência e apreender o movimento do objeto, que segundo a autora só é possível por meio da fala do sujeito, que é a palavra com significado, imprescindível ponto de partida para a análise, porém não abarca toda a totalidade do objeto. “Precisamos ir em busca do processo, das determinações, da gênese, entendidos aqui como propriedades essenciais”. (AGUIAR et al, 2009, p. 131). A autora adverte que, para compreender a fala do sujeito, não basta entender suas palavras, é necessário compreender seu pensamento (que sempre é emocionado), é preciso apreender o significado da fala, que é a unidade do pensamento e da linguagem. A respeito da palavra a autora afirma

(...) é um sistema complexo constituído de função tanto semântica quanto psicológica. Para compreendê-la, temos que nos apropriar não apenas da palavra em si, mas das condições materiais (objetivas e subjetivas) em que ela é produzida, mesmo que isso se faça no nível mais elementar. Por isso ela é o elemento mais importante para se tomar como ponto de partida na análise das significações da realidade (AGUIAR, 2015, p.63).

Os significados são construções históricas e sociais, ou seja, são fixos e compartilhados pelos sujeitos, apropriados e configurados pelos sujeitos conforme sua subjetividade. Sendo assim, os significados são o ponto de partida para análise e conduzem a apreensão dos sentidos

que, por sua vez, é mais amplo, instável e profundo que os significados (AGUIAR & OZELLA, p. 2013).

Os sentidos expressam o sujeito com mais precisão, pois é mais próximo da subjetividade e são “(...) constituídos de complexas reorganizações e arranjos, em que a vivência afetiva e cognitiva do sujeito estão totalmente imbricadas” (AGUIAR & OZELLA, 2013, p. 305). Assim é que, pensamento e afeto são categorias que devem ser analisadas dialeticamente, uma vez que “(...) a análise do primeiro incide necessariamente na revelação dos motivos, necessidades e interesses que orientam os seu movimento” (p. 305).

No próximo item trataremos dos procedimentos metodológicos utilizados para a produção dos dados.

3.2 Etapas Metodológicas

Esta pesquisa de campo aconteceu em três momentos distintos. O primeiro momento se deu no dia 06/06/2018 com a finalidade de estabelecer contato e solicitar as autorizações necessárias²⁵. Neste momento explicamos ao responsável legal pela aldeia, chamado por eles de capitão²⁶ os objetivos e a justificativa para a realização do estudo e também a necessidade de formalizarmos, por escrito, caso a pesquisa fosse autorizada.

O segundo momento foi a identificação e escolha dos sujeitos participantes, conforme estabelecido no projeto: trabalhadores indígenas da aldeia Te'yikue localizada no município de Caarapó-MS que atuaram em usinas no cultivo da cana-de-açúcar entre os anos de 1980 (período em que a contratação era informal, sendo considerada como trabalho análogo a escravidão) e 2000 (após a consolidação do Pacto Comunitário dos Direitos Sociais nas Relações de Trabalho Indígena) e que, atualmente, não trabalham mais, seja porque exercem outra atividade ou devido à idade. Esse processo se deu no dia 02/02/2019.

O terceiro momento de nossa pesquisa foram as entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2008) que aconteceram entre os dias 31/03 e 03/04/2019.

²⁵ Estamos nos referindo ao documento (em anexo). Autorização e existência de infraestrutura necessária para o desenvolvimento da pesquisa, exigência do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Após a assinatura deste documento o projeto foi postado na Plataforma Brasil em 22 de agosto de 2018 e aprovado em 19 de novembro de 2018 sob o CAAE nº.: 197856818.2.0000.5401.

²⁶ A partir da criação das Reservas, houve a implantação da figura do *Capitão*, bem como em outras populações indígenas. O *capitão*, sempre esteve associado à ideia de que ele deveria fazer a intermediação entre as comunidades indígenas das áreas demarcadas e os representantes do Serviço de Proteção ao Índio – SPI (e depois Fundação Nacional do Índio – FUNAI). Contudo, aos poucos essa situação modificou a relação de poder dentro das comunidades indígenas, fazendo com que o *capitão* passasse a assumir um papel de liderança dentro das Reservas (MARTINS, 2015, p.156)

3.2.1 O contexto da pesquisa

Esta pesquisa de campo foi realizada na aldeia indígena Te'yikue que está a 19km da área urbana de Caarapó no estado do Mato Grosso do Sul. Este município foi criado em 20 de dezembro de 1958 pela lei estadual nº 1190. Possui uma área 2.089,600km² e população estimada em 25.767mil²⁷. Sua economia é baseada na agricultura, principalmente, no cultivo de grãos (como soja e milho), cana-de-açúcar e pecuária.

Em relação a aldeia indígena Te'yikue, Smaniotto et al (2009) relatam²⁸

No dia 20 de novembro de 1924 foi criada, por Decreto do Presidente da República, a nossa Reserva Indígena Jose Bonifácio com 3.600ha, um retângulo de 4km por 9km, localizada no município de Caarapó. Era um espaço delimitado em mapa, feito sobre um espaço que a natureza criou. A Reserva, atualmente Te'yikue, tem hoje 3.594ha, quase a mesma extensão de quando foi criada, porém, sofreu profundas transformações. Segundo os mais antigos da nossa comunidade, no começo não tinha mais do que 30 pessoas morando na Aldeia. Tudo era mato fechado, com muita caça e pesca. Dizem eles que usavam o fogo para preparar as roças e que havia muita união e respeito entre as pessoas. Os meninos eram ensinados pelos pais e as meninas pelas mães. Conviviam bem com os fazendeiros que ficavam próximos. Com o passar dos anos, a população foi aumentando. Os moradores de diversas aldeias próximas foram expulsos pelos fazendeiros, que ocuparam suas terras. Podemos lembrar aqui as aldeias de Takuára, Javevyry/ São Lucas, Ypytã, Javorái, entre outras, cujas terras foram ocupadas. Seus moradores vieram para Te'yikue. Tinha muitos ervais nativos que foram, já na época da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, derrubados para dar lugar ao plantio. O mesmo aconteceu com os perobais e demais árvores importantes para a vida da nossa comunidade kaiowá e guarani. O trator tornou-se importante para ajudar no plantio, porém, o espaço para plantar e a qualidade da terra não permitem mais que as famílias sobrevivam do que plantam, tal como era antigamente.

²⁷ O povoamento da região que hoje constitui o Município de Caarapó foi iniciado pelos “mineiros”, como eram chamados os empregados da Cia. Mate Laranjeira, que se dedicavam à extração da erva-mate nativa, abundante naquelas paisagens. A primeira povoação a surgir teve a denominação de Santa Luzia, atualmente, Vila Juti. Foi construída pela citada companhia em virtude da necessidade de se estabelecer um ponto de pouso para os tropeiros que demandavam o norte do Estado ou ervateiros que afluíam, em grande número, vindos do Paraguai. Em 1927, nasceu o povoado, atual sede do Município de Caarapó, que teve como fundadores Nazário de Leon e Manoel Benites. Posteriormente, ali se instalou o médico Humberto de Freitas Coutinho, procedente de Uberaba, Minas Gerais, acompanhado do cuiabano Francisco Serejo, homem dedicado ao comércio e à política. O progresso da região teve por base a extração da erva-mate, pois a Cia. Mate Laranjeira, concessionária da exploração, entregava a terceiros, áreas previamente delimitadas, chamadas sesmarias, onde deveriam construir uma “Racheada” ou casa sede e uma larga trilha no seio da floresta, para permitir a passagem dos veículos de tração animal, que procediam o escoamento da produção de erva-mate. Essas trilhas, conhecidas no vocabulário indígena como “tape-jacienda”, se prolongavam até às margens do Rio Amambai. Daí por diante, o transporte da erva-mate era efetuado por via fluvial até os centros consumidores. O topônimo de origem tupi-guarani, sobreveio em consequência da grande quantidade de erva-mate existente: CAA, erva-mate e RAPÓ, raiz de erva-mate, em síntese, terra da erva-mate. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/caarapo/panorama>. Acesso em 21/09/2019.

²⁸ Este relato foi extraído do livro Atlas socioambiental terra indígena Te'yikue (2009), cujos escritores são os próprios moradores e alguns cientistas da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB – Campo Grande. Nosso objetivo em descrever literalmente a introdução deste livro é mostrar a percepção que essa população tem sobre suas condições de vida e os problemas que assolam sua comunidade.

Hoje tem pouca mata e quase não se veem animais. Peixes só existem nas represas que foram construídas recentemente na Aldeia. O fogo, tão importante, para o preparo das roças, segundo os mais antigos, passou a ser um grave problema e responsável pelo desaparecimento dos restos de mata. A população aumentou muito, há muitas casas, estradas e caminhos que cortam a terra indígena em todas as direções. Surgiram escolas, o Posto da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, da Fundação Nacional da Saúde – FUNASA, do Centro de Referência da Assistência Social – CRAS.

Com o Serviço de Proteção ao Índio – SPI, vem a figura do capitão, depois vem as igrejas, primeiro a Igreja Presbiteriana e a partir da década de 1970, muitas outras se instalaram na aldeia, levando a conversão de muitos guarani e kaiowá à religião cristã, proibindo os costumes e a tradição. Os *Ñanderu*, tão importantes na história do nosso povo kaiowá e guarani, ficam cada vez mais fracos e sua sabedoria vai se perdendo.

Com o confinamento e o comprometimento da terra, das matas e da água, a agricultura se torna cada vez mais difícil. Para se viver, resta como alternativa o trabalho assalariado. Especialmente, a partir de 1980, os homens passam meses distantes de suas famílias, trabalhando no plantio e na colheita da cana-de-açúcar, fazendo com as novas gerações deixem de lado o trabalho na roça. Com a água dos córregos poluída vem como solução a água encanada. A energia elétrica e o fogão a gás tornam-se importantes para o dia a dia na aldeia trazendo mais conforto, porém, fazendo desaparecer hábitos tradicionais e aumentando a necessidade, cada vez maior, da busca de dinheiro para a sobrevivência das famílias.

Mas, nos últimos anos, as lideranças e, especialmente, nós professores vimos realizando um importante trabalho para proteger e recuperar os recursos naturais da Aldeia. Diversas iniciativas foram realizadas. Mas muitas outras ainda precisam ser executadas. A experiência mostrou que um papel importante nesse esforço de proteger e recuperar recursos naturais cabe à escola, em especial a nós professores e alunos, e à sabedoria dos mais velhos. Este quadro histórico contribuiu efetivamente para o enfraquecimento do modo de vida guarani e kaiowá. Os *Ñanderu*, principal autoridade religiosa guarani e kaiowá, ficaram cada vez mais fracos e a sua sabedoria vai se perdendo, diante da aproximação gradativa e estreita ao modo de vida não indígena (SMANIOTTO et al, 2009, p. 12-13).

O relato acima evidencia os principais problemas enfrentados pela população indígena da aldeia Te'yikue que é a quinta maior população indígena do estado. Entre essas questões, evidencia-se: degradação ambiental, aumento populacional, território reduzido, falta de trabalho e perspectiva de vida. De acordo com Brand & Vietta (2001), os problemas vivenciados pelos guarani e kaiowá refletem um processo histórico desfavorável, com a perda de parte significativa do território tradicional, provocando forte repercussão sobre setores fundamentais da sociedade, tais como a economia, organização social e religião. Situam-se nesse contexto, também, as taxas recentes de suicídio entre as pessoas com idade entre doze e vinte e quatro anos.

O relatório de diagnóstico realizado no segundo semestre de 1996 pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), sobre a degradação ambiental na aldeia, registra que:

Entre as principais causas da degradação ambiental das Reservas Indígenas de Caarapó e Jarará, podemos destacar o desmatamento, queimadas, invasão de colônias, proliferação desordenada de formigas e contaminação dos recursos hídricos. Levantamentos realizados “*in loco*” constataram modificações ambientais na fauna e flora nativa. Como consequência, 90% (noventa por cento) da área encontra-se totalmente desmatada, pouca cobertura rasteira, as montanhas das microbacias internas estão totalmente devastadas, grandes voçorocas e diminuição acentuada do potencial hídrico. Suspeita-se que a substituição da mata nativa por culturas domésticas deixa o solo exposto à ação das chuvas que carregam os nutrientes para as camadas profundas do solo, tornando-os inacessíveis para suas raízes pequenas, inviabilizando o desenvolvimento vegetal e provocando transformações drásticas ao ambiente (TEODORO et al, 1996, p.90).

Portanto, 90% da área encontra-se desmatada reduzindo, quase totalmente, as atividades extrativistas de subsistência. A perda de parte significativa do território tradicional, o confinamento de grande contingente populacional nas aldeias indígenas e a degradação ambiental das áreas ocupadas podem ser consequências do intenso contato dos kaiowá e guarani com a sociedade envolvente, desta forma, parte significativa dos adultos e jovens buscam seu sustento, e o de suas famílias, como mão-de-obra nas usinas de açúcar e álcool da região ou como boias-frias em fazendas, impossibilitando-os do cultivo da terra (BRAND & VIETTA, 2001).

A aldeia indígena de Caarapó Te'yikue possui noventa e cinco anos. Desde sua demarcação muitas transformações ocorreram, não apenas em relação a degradação ambiental, mas quanto ao modo de subsistência do povo guarani e kaiowá. Chegaram os não-índios e, aos poucos, a paisagem mudou. Atualmente, possui muitas construções de alvenaria e o tráfego de veículos de todo tipo é constante, devido às inúmeras fazendas e canaviais localizados ao seu entorno. Hoje também conta com comércios pequenos como mercearia, borracharia e bicicletaria.

Atualmente, a aldeia Te'yikue conta com quatro escolas municipais que, juntas, atendem cerca de 1.560 alunos e oferecem Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ao todo são cento e vinte professores e a maioria é indígena, residentes na própria aldeia e formados em Licenciatura Indígena denominada *Teko Arandu*²⁹. Também possui uma

²⁹ O curso de Licenciatura Intercultural Indígena "Teko Arandu" é um curso de licenciatura voltado para a formação de professores indígenas das etnias Guarani e Kaiowá. Ele foi implantado no ano de 2006, a partir de conjugação de esforços institucionais envolvendo a UFGD, a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), o Movimento de Professores Indígenas, o governo do Estado, MEC, FUNAI, cerca de 20 prefeituras municipais e outras entidades. Essa graduação é oferecida pela metodologia da alternância (atividades de ensino na Universidade e também nas aldeias e escolas indígenas) e formou a sua primeira turma em 2011. O curso oferece Licenciatura Plena em Educação Intercultural, com habilitações em quatro áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza. Disponível em https://portal.ufgd.edu.br/cursos/licenciatura_intercultural_indigena/index. Acesso em 15/10/2019.

escola estadual com cento e noventa alunos matriculados em período integral (Ensino Médio) e no período noturno atende a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesta escola, a maioria dos professores também são índios. A prefeitura da cidade fornece transporte escolar para os alunos que residem longe da escola.

Os serviços de saúde são oferecidos pela Secretaria Especial em Saúde Indígena (SESAI)³⁰ em dois postos localizados em pontos estratégicos da aldeia Te'yikue. Possuem equipe multidisciplinar, composta por: enfermeiros, médico, técnicos de enfermagem, dentista, farmacêutico, psicólogo e nutricionista, além de dez agentes de saúde e apenas estes são índios residentes na reserva. Os demais profissionais são não-índios e residem, alguns em Caarapó, outros em Dourados. Todos estes profissionais são contratados mediante concurso público.

A aldeia Te'yikue conta ainda com o Centro de Referência de Assistência Social - CRAS que oferece serviços de assistência social. Todos os profissionais são não-índios. Também possui um viveiro de mudas e uma horta experimental, cujo objetivo é incentivar o cultivo de hortaliças e raízes para consumo próprio e comercialização, bem como promover o reflorestamento com árvores nativas da região. Contudo, estes projetos não recebem recursos financeiros e não são assessorados por qualquer órgão ou entidade.

O capitão da aldeia representa oficialmente os interesses da aldeia perante a sociedade não-indígena. Além disso, ele representa a lei, zela pelo cumprimento de regras e estabelece punições. Também é responsável por autorizar casamentos e divórcios e aconselhar em casos de conflitos. O capitão é eleito por meio de votação secreta, organizada pelos professores indígenas. É autorizado a participar como candidato, moradores da aldeia que tiverem boa conduta, bom conhecimento da língua portuguesa e também do guarani e ser bem conhecido pelos moradores.

Em geral, a aldeia Te'yikue é uma comunidade que, apesar de estar localizada próxima a área urbana (19km), ainda convive com dificuldades de acesso a muitos serviços, políticas públicas e educação. Muitos jovens indígenas precisam residir em Caarapó-MS para poderem

³⁰ A Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) é responsável por coordenar e executar a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas e todo o processo de gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS) no Sistema Único de Saúde (SUS). A missão da secretaria é implementar um novo modelo de gestão e de atenção no âmbito do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, articulado com o SUS (SasiSUS), descentralizado, com autonomia administrativa, orçamentária, financeira e responsabilidade sanitária dos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs). Entre as atribuições da Sesai destacam-se: desenvolver ações de atenção integral à saúde indígena e educação em saúde, em consonância com as políticas e os programas do SUS e observando as práticas de saúde tradicionais indígenas; e realizar ações de saneamento e edificações de saúde indígena. Disponível em <http://www.saude.gov.br/sesai>. Acesso em 10/10/2019.

cursar uma universidade, visto que não são disponibilizados meios de transporte da aldeia para Caarapó e Dourados-MS³¹.

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) não possui posto de atendimento na aldeia Te'yikue. Os servidores desse órgão realizam visitas duas vezes por semana e, de acordo com o site oficial da FUNAI, suas responsabilidades junto às comunidades indígenas são:

Qualificação da política de transferência de renda, em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), notadamente o Programa Bolsa Família;
Monitoramento e acompanhamento das ações de saúde executadas pelo Ministério da Saúde (MS);
Promoção da acessibilidade dos povos indígenas à política previdenciária, em parceria com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS);
Promoção da acessibilidade dos povos indígenas à documentação civil básica, em parceria com a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR);
Acesso ao Registro Administrativo de Nascimento Indígena (RANI);
Promoção da acessibilidade à energia elétrica, em parceria com o Ministério de Minas e Energia (MME);
Distribuição emergencial de alimentos aos povos indígenas em situação de insegurança alimentar e nutricional, em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB/MAPA) e com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai);
Realização de obras de moradia e infraestrutura comunitária, em parceria com o Ministério das Cidades (FUNAI, 2019)³².

Em resumo, a partir da década de 1940, o desmatamento da região para implantação das fazendas de gado e das Colônias Agrícolas fizeram com que dezenas de aldeias dos guarani e kaiowá fossem abandonadas para que suas terras fossem incorporadas pela colonização. A população dessas aldeias foi obrigada a se refugiar dentro das, assim denominadas Reservas Indígenas. Por esse motivo, a aldeia Te'yikue é constituída hoje por famílias kaiowá e guarani / Ñandeva que vieram de diferentes regiões de um extenso território, que ultrapassa os limites do Brasil e penetra em terras, especialmente, do Paraguai (SMANIOTTO et al, 2009).

Diante desse processo histórico, os guarani e kaiowá da aldeia Te'yikue tiveram que buscar alternativas diferentes daquelas próprias de sua cultura e que definem sua identidade. Sem o rio, sem a mata e sem terra boa para a agricultura, precisaram trabalhar fora da aldeia, nas fazendas, primeiro nos ervais, depois de gado e nas usinas de açúcar e álcool da região. A princípio só homens eram recrutados³³, depois as mulheres e crianças também eram levadas

31 ATENÇÃO: De Caarapó a Dourados são 19km. De Caarapó a Dourados são 47km e da Aldeia a Dourados 66km. Cabe ressaltar que em Caarapó-MS possui uma faculdade, mas que oferece poucos cursos de graduação. Dourados-MS oferece mais opções de cursos, inclusive na área da Saúde.

32 Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/direitos-sociais>. Acesso em 10.out.2019.

33 Vale destacar que a contratação era informal.

para os canaviais em cidades distantes da aldeia, principalmente nos municípios de Rio Brilhante, Nova Andradina, Bataguassu e Naviraí. Ficavam em alojamentos por, aproximadamente, sessenta dias, dependendo da atividade realizada (se fosse corte ficavam sessenta, se fosse plantio, ficavam quarenta dias).³⁴

Essa realidade de trabalho teve início na década de 1980 com a implantação do Proálcool e se estendeu até 1998 com a implementação do Pacto Comunitário dos Direitos Sociais nas Relações de Trabalho Indígena, sob o *modelo de contrato de equipe*³⁵. Essa modalidade de contratação confere ao trabalhador rural indígena os mesmos direitos trabalhistas e previdenciários de um trabalhador não-índio.

Porém, o pacto que estabelece esse modelo de contratação que garante ao trabalhador indígena direitos trabalhistas e previdenciários teve início apenas no final da década de 1990. Antes disso, não há registro algum, apenas os relatos dos trabalhadores. Algumas das usinas e destilarias foram vendidas e, até fechadas, e os trabalhadores não puderam dispor de aposentadoria por tempo de serviço. Ademais, sofrem com as doenças ocupacionais adquiridas durante esse período, cujas atividades eram desgastantes e exaustivas e que os impedem de exercerem outra atividade laboral atualmente. Órgãos como o Ministério Público do Trabalho e Emprego (MPTE) têm buscado alternativas para essa situação, contudo a falta de registros e documentos dificultam que ações sejam implementadas, principalmente que estes trabalhadores sejam aposentados pelos INSS.

Aos poucos a contratação de mão de obra indígena passou a não ser mais viável por vários fatores como: a atuação mais efetiva dos órgãos responsáveis por meio de auditorias, fiscalizações e implementações de Termo de Ajuste de Conduta (TAC)³⁶, além das mudanças ocorridas economia, especificamente, no setor sucroenergético e às questões ambientais que impedem as queimadas e impõem o uso da mecanização agrícola³⁷.

³⁴ Conforme Rezende (2011).

³⁵ Em anexo.

³⁶ TAC - O termo de ajustamento de conduta é um acordo que o Ministério Público celebra com o violador de determinado direito coletivo. Este instrumento tem a finalidade de impedir a continuidade da situação de ilegalidade, reparar o dano ao direito coletivo e evitar a ação judicial. Disponível em <http://www.transparencia.mpf.mp.br/conteudo/atividade-fim/termos-de-ajustamento-de-conduta>. Acesso em 10/06/2020.

³⁷ A queima da cana antes da pré-colheita manual aumenta a capacidade do corte e a produtividade do trabalhador. Porém, as consequências são negativas para a saúde da população (irritação nos olhos, ataques de asma, falta de ar, tosse, dores de cabeça), ao meio ambiente (desequilíbrio ecológicos na fauna e flora e mudanças no microclima das zonas canavieiras, afetando o ciclo hidrológico e a incidência de radiação solar e também os impactos sociais como aumento de acidentes nas estradas devido a fumaça, aumento da procura por atendimento médico, entre outros (Ribeiro & Ficarelli, 2010). Devido a essas consequências negativas, a queima de cana no estado do Mato Grosso do Sul, aos poucos foi sendo proibida. Este tema gerou grande repercussão no estado que, apesar de coibir os impactos negativos, gerou desemprego, pois sem a queima da cana foi necessário substituir mão de obra por máquinas.

Atualmente, apenas uma usina, localizada na cidade de Caarapó-MS, contrata trabalhadores indígenas da aldeia Te'yikue sob o modelo de contratação de equipe. Fornecem transporte diário da aldeia até os canaviais (saem por volta das 4h e retornam depois das 16h) e trabalham de segunda a sexta-feira. Devido a mecanização, não realizam mais atividade de corte de cana-de-açúcar, fazem apenas serviços no plantio e de manutenção das lavouras. Contratam, atualmente, cerca de duzentos trabalhadores e a preferência é pelos mais jovens e que possuem escolaridade média³⁸.

3.2.2 A produção dos dados

Para a produção dos dados, iniciamos por identificar e selecionar os sujeitos participantes que atendiam aos critérios de inclusão prescritos no projeto. Ressaltamos, porém, que nessa escolha consideramos o interesse e a disponibilidade para participarem desta pesquisa, convidando-os a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que constará em anexo.

A identificação dos sujeitos participantes foi feita com auxílio do capitão da aldeia, em virtude da distância e do difícil acesso às casas dos possíveis participantes sugerimos que ele convocasse, para uma reunião, todos aqueles que trabalharam em usina em algum período de suas vidas e, nesse dia, selecionaríamos os que mais atendessem ao nosso critério de inclusão e, principalmente, que aceitasse ser entrevistado e contribuir com a nossa pesquisa.

Marcamos a reunião no sábado (02/02/2019) às 9h no posto da aldeia (local próximo as escolas, ao posto médico e que funciona como um ponto de encontro e o capitão usa para fazer reuniões, porém não há estrutura física, apenas uma construção em ruína). A reunião aconteceu com todos os presentes, aproximadamente oitenta pessoas. Iniciamos falando sobre a pesquisa e seus objetivos, mas a toda hora éramos interrompidos por alguém, que requeria a chance para fazer algum relato. Aos poucos fomos conseguindo concluir e, na medida do possível, fazer com que eles entendessem que a pesquisa não tinha um viés legal e que, portanto, não poderia ajudá-los a reaver seus direitos.

Fomos muito questionados sobre o que era Psicologia e também sobre questões legais e ações trabalhistas. A simplicidade e a pouca informação é uma constante. Também foi explicado que não entrevistaremos a todos, que selecionaríamos apenas os que trabalharam em

³⁸ Informações colhidas durante as entrevistas no período de 31/03 a 03/04/2019. Não buscamos maiores informações sobre essa relação empregatícia por estar fora dos limites da pesquisa que versa, principalmente, pelas relações de trabalho entre os anos de 1980 a 2000.

usinas entre as décadas de 1980 e 2000 e que, atualmente, não trabalham mais. Encontramos dificuldades para fazê-los entender, todos queriam falar, contar suas experiências e histórias. Alguns, a partir do entendimento dos objetivos da pesquisa e critérios de inclusão/exclusão, foram se dispersando. Ao final, conseguimos identificar alguns participantes para a pesquisa, todavia, explicamos que a entrevista seria feita em outra data a ser definida e, previamente, agendada seguindo a disponibilidade de cada um e autorização do capitão.

A conversa durou cerca de uma hora, com muitas interrupções e falas paralelas. Percebemos que o assunto traz certo desconforto. Finalizando a conversa, muitos foram embora e outros continuaram no local, tomando tererê³⁹ e conversando assuntos diversos. Ponderamos que voltaram para casa decepcionados, pois não apresentamos nada que pudesse mudar a situação tão precária em que vivem.

A próxima visita ocorreu em 31/03/2019. Mais uma vez precisamos contar com a ajuda do capitão para agendar as entrevistas, pois em alguns pontos da aldeia não há rede de telefonia, nem acesso à internet e a identificação das casas é difícil, já que não há endereço. As casas ficam em meio. Porém, dos que se propuseram a participar da pesquisa (selecionados na reunião do dia 02/02/2019) apenas cinco compareceram, visto que havíamos selecionado dezessete.

Os cinco participantes relataram que sobrevivem com a cesta básica fornecida pela FUNAI e recebem o benefício Bolsa Família, já que todos possuem filhos em idade escolar e estão desempregados. Contaram que possuem plantações de mandioca, milho, abóbora, e criação de galinhas, mas não conseguem fazer muita coisa devido às condições de saúde, principalmente problemas de coluna. A esposa de nenhum deles tem trabalho formal ou informal. Vale destacar que um deles é estudante de graduação – licenciatura intercultural indígena – e também está desempregado.

As entrevistas foram permeadas de emoção por se tratar de um assunto que evoca o passado e, principalmente, coisas não tão agradáveis e que estão diretamente ligadas ao presente e às atuais condições de vida. Os participantes reiteravam demasiadamente um tema, um acontecimento, não permitindo avançar para os outros questionamentos. Isso foi recorrente nas duas primeiras entrevistas. Além da emoção e a necessidade de enfatizar algum aspecto, também encontraram dificuldades em relação à língua portuguesa e ao entendimento de algumas palavras e expressões que faziam parte do roteiro de entrevista que preparamos para o momento da produção de dados.

³⁹ Essa bebida é típica do Sul da América feita com a infusão da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) em água fria. Tem origem guarani.

Foi então que concluímos que não deveríamos utilizar o roteiro de entrevista estruturada⁴⁰ como instrumento para a produção dos dados e passamos a utilizar a entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2008). Assim, os participantes poderiam destacar os aspectos mais relevantes de sua experiência como trabalhador rural em usinas de cana-de-açúcar, segundo sua avaliação e desejo.

De acordo com Gil (2002) a entrevista como técnica de investigação é a que apresenta maior flexibilidade, pois pode assumir as mais variadas formas. Pode ser informal, quando se distingue da simples conversação. Pode ser focalizada, quando o interesse é um tema bem específico. Também pode ser parcialmente estruturada e, por fim, pode ser totalmente estruturada. Neste caso, havíamos adotado a entrevista parcialmente estruturada, que, de acordo com Gil (2002, p. 117), “(...) o entrevistador guia-se por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado em folhas próprias”.

A entrevista narrativa, segundo Jovchelovitch & Bauer (2008), é diferente da entrevista estruturada, pois restringe o entrevistador e concede maior liberdade ao entrevistado. Seguindo a indicação dos autores, a entrevista narrativa foi composta por quatro fases: a primeira foi a iniciação, em que nos apresentamos, explicamos os objetivos da pesquisa e os convidamos a assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e formulamos o tópico inicial da entrevista. Em seguida, o sujeito participante fez a narração central, sem que houvesse interrupções por parte do pesquisador. Após a narrativa, fizemos algumas perguntas para sanar dúvidas e depois concluímos a entrevista de maneira informal (sem gravação do conteúdo).

Ainda de acordo com os autores Jovchelovitch & Bauer (2008), esse tipo de instrumento metodológico é útil nos seguintes casos: investigações de acontecimentos específicos; projetos em que variadas versões estão em jogo e situações que combinem histórias de vida e contexto sócio-histórico. No caso desta pesquisa, a utilização deste instrumento se justifica, pois estamos investigando um acontecimento específico que combina histórias singulares num dado contexto histórico que é a contratação de mão-de-obra indígena da aldeia Te'yikue pelas usinas de açúcar e álcool no município de Caarapó, estado de Mato Grosso do Sul.

Essas primeiras cinco entrevistas foram produtivas, mas era necessário que houvessem mais participantes que estivessem trabalhando, formalmente, em ocupações diferentes das realizadas em usinas, como consta no projeto da pesquisa. Durante algumas entrevistas e

⁴⁰ O roteiro de entrevista estruturada não constará em anexo, visto que não foi utilizado. Colocá-lo poderia confundir o leitor.

conversas com moradores da aldeia, soubemos que na escola haviam vários funcionários que também tinham trabalhado como cortadores de cana-de-açúcar. Então os procuramos, explicamos sobre nossos objetivos e os três aceitaram participar da pesquisa. Durante as entrevistas foram mencionados os nomes de algumas mulheres que também haviam trabalhado em usinas e que, atualmente, trabalhavam na escola e, dentre elas, uma se disponibilizou a participar da pesquisa.

Portanto, entrevistamos nove participantes num período de quatro dias consecutivos (31/03 a 03/04/2019). Cinco deles identificados na primeira reunião e os outros quatro foram citados em entrevistas e conversas informais e, por se tratar de experiências interessantes para o objetivo deste estudo, fomos ao encontro deles. Segue o perfil dos nove participantes⁴¹:

NOME (INICIAIS)	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO
M. G. V	MASCULINO	44	SUPERIOR INCOMPLETO	ESTUDANTE DA LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
V. C. M.	MASCULINO	57	ANALFABETO	NÃO POSSUI ATIVIDADE REMUNERADA
A. B. G.	MASCULINO	55	ANALFABETO	NÃO POSSUI ATIVIDADE REMUNERADA
F. G. R.	MASCULINO	53	ANALFABETO	NÃO POSSUI ATIVIDADE REMUNERADA
S. P. F.	MASCULINO	51	FUNDAMENTAL INCOMPLETO	NÃO POSSUI ATIVIDADE REMUNERADA
G. A. G	MASCULINO	41	SUPERIOR COMPLETO	DIRETOR DE ESCOLA
C. A. F	MASCULINO	40	MESTRADO	COORDENADOR DE ESCOLA
F. P. E.	MASCULINO	57	MÉDIO	INSPETOR DE ESCOLA
Z. B. N.	FEMININO	52	SUPERIOR COMPLETO	PROFESSORA

Quadro 1 – Perfil dos participantes da pesquisa – entrevista realizada entre os dias 31/03 a 03/04/2019.

Também realizamos visitas no Posto da Funasa (Fundação Nacional de Saúde) e nas Escolas Estadual e Municipal. Identificamos alguns dados que estão contemplados no item que trata do contexto da pesquisa. Não seguimos nenhum roteiro de entrevista, apenas propusemos uma conversa informal, a partir do nosso conhecimento com os servidores dessas instituições.

Após a realização das entrevistas narrativas, estas foram transcritas seguindo as orientações de Jovchelovitch & Bauer (2008). Os autores recomendam que as transcrições sejam feitas pelo próprio entrevistador, considerando os aspectos paralinguísticos, como tom de voz e pausas, porém o detalhamento, ou não, depende exclusivamente dos objetivos do estudo em questão. O conteúdo das transcrições foram analisadas conforme o procedimento denominado *Núcleos de Significação* proposto por Aguiar; Ozella (2006, 2013) e Aguiar (2015).

Apesar de termos entrevistado nove participantes, neste estudo utilizaremos para análise e interpretação o conteúdo de apenas três entrevistas, devido a extensão das narrativas

⁴¹ As iniciais dos nomes são fictícias, a fim de preservar a identidade dos participantes.

e as inúmeras informações nelas contidas, que podem prejudicar a estrutura do trabalho e a concretização dos objetivos centrais do estudo. Porém, as demais entrevistas servirão de apoio, tendo em vista complementar o entendimento das questões que envolvem as particularidades de nosso objeto. Estas entrevistas também foram transcritas, lidas e consultadas ao longo do processo de análise e interpretação.

3.2.3 Procedimentos de análise

Os dados produzidos nesta pesquisa foram analisados de acordo com a proposta de Aguiar & Ozella (2006, 2013) e Aguiar (2015) denominada *Núcleos de Significação*, um procedimento metodológico de interpretação de dados que permite aos pesquisadores avançar para além da descrição das informações. Aguiar e Ozella (2006, p. 18) esclarecem sobre os instrumentos que podem ser utilizados para a construção de dados: “(...) observação, utilização de relatos escritos, narrativas, histórias de vida, frases incompletas, autoconfrontação ou videoscopia, videogravação e, inclusive, questionários ou desenhos, desde que complementados e aprofundados por meio de entrevistas”.

Nesta pesquisa, os dados analisados foram constituídos durante as entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2008) que foram gravadas e transcritas, observando, sobretudo, pausas, entonações que indicavam, principalmente, emoção. De acordo com Aguiar (2015, p. 63) “(...) a palavra com significado é o mais importante material de análise e interpretação utilizado pelo pesquisador para apreender as significações constituídas pelo sujeito frente à realidade”. Porém, Aguiar & Ozella (2006) advertem que não é a partir de qualquer palavra, mas daquelas inseridas num contexto que vai além do momento da narrativa até as condições histórico-sociais que o constituem.

A partir das inúmeras leituras do conteúdo das entrevistas narrativas e da identificação de palavras inseridas num contexto que lhes atribui sentido, que iniciamos os primeiros passos na sistematização dos núcleos de significação. Este **primeiro passo** consiste na identificação de pré-indicadores que se dá por meio de leituras sistemáticas do conteúdo das narrativas. Aguiar (2015, p. 64) ensina que o pesquisador precisa ser “(...) perspicaz na observação de aspectos particulares de sua fala, como a frequência, a ênfase e a reiteração de determinadas palavras e expressões, sua carga emocional, suas insinuações” que, apesar de evidenciarem apenas a aparência, são pontos de partida importantes para a apreensão do movimento de significação da realidade.

Ainda sobre essa primeira etapa do processo de análise, se explica que os pré-indicadores não podem ser considerados como discursos plenos e absolutos, “(...) mas como teses que, na tríade dialética (tese-antítese-síntese), configuram-se como produções subjetivas mediadas por objetivações históricas das quais o sujeito se apropria (AGUIAR, 2015, p. 64). Portanto, os pré-indicadores são construções sociais adquiridas por meio de um processo histórico e cultural e que constituem o movimento de significação do real. É fundamental garantir que os pré-indicadores não sejam palavras esvaziadas de significados e sentidos, descolados da história e dos fenômenos da vida dos sujeitos (AGUIAR, 2015).

Após a identificação dos pré-indicadores, fase mais empírica deste processo de análise e interpretação de dados, seguimos para o **segundo passo**, cujo intuito é a articulação dos pré-indicadores em indicadores. Segundo Aguiar (2015), nesta etapa do processo a tarefa é penetrar nos significados das palavras, abstrair toda a complexidade das relações contraditórias e históricas que o constituem. Em suma, nessa etapa, a intencionalidade do pesquisador deve ser a de apreender o “(...) modo pelo qual os pré-indicadores se articulam constituindo as formas de significação da realidade” (AGUIAR, 2015, p. 68).

Na segunda etapa deste processo, conforme a autora explica, a dimensão empírica de conhecimento das significações será superada pela dimensão concreta. Este segundo momento da análise:

Tem como finalidade a *negação* do discurso tal como se apresenta, isto é, a negação do dito. Para que isso seja possível, é preciso explicitar, por meio do processo de análise e síntese, as contraditórias relações existentes entre os pré-indicadores, relações estas que, inclusive, nos levam a articulá-los para compor os indicadores. Por se revestirem da dimensão contraditória da realidade, são os indicadores que permitem ao pesquisador avançar em direção ao processo da síntese, isto é, dos sentidos constituídos pelo sujeito (AGUIAR, 2015, p. 68).

A autora destaca, neste trecho, a importância da categoria contradição neste processo. Para ela, é a contradição que permite ao pesquisador se apropriar do movimento dos pré-indicadores “(...) que lutam entre si, se chocam, se constituem, apontando a urgência de serem articulados para, assim, e só desse modo, indicarem uma nova síntese, o devir” (AGUIAR, 2015, p. 69).

Depois dessa etapa de articulação e sistematização dos pré-indicadores em indicadores, chegamos ao **terceiro passo** de nosso processo de análise e interpretação de dados, que é a construção dos núcleos de significação, momento mais específico da síntese. Visa, sobretudo, superar o discurso aparente, descontextualizado dos elementos da realidade social e histórica.

De acordo com Aguiar (2015, p.70), essa etapa do processo é composta por dois momentos: o primeiro é a inferência e organização dos núcleos de significação a partir da articulação de indicadores, e o segundo se refere a discussão teórica dos conteúdos que constituem tais núcleos. Em outras palavras, é o momento de “(...) interpretação dos sentidos, que, produzidos na atividade social e histórica, configuram o modo de pensar, sentir e agir dos sujeitos participantes da pesquisa”. A nossa intenção, nesta etapa do processo, é superar as teses e antíteses que surgiram nas duas etapas anteriores e avançar em direção a síntese.

Ao pesquisador, nesse processo de análise e interpretação, se exige um profundo poder de análise, visto que em todas as etapas se constituíram momentos de síntese, mesmo que em níveis diferentes, de compreensão e aprofundamento da realidade estudada. Além da capacidade de análise, cabe ao pesquisador ter domínio da técnica de sequenciar as etapas da proposta, mas o imprescindível é que ele tenha os pressupostos teórico-metodológicos como base, que orientará e fundamentará o seu processo de análise e interpretação das formas de significação da realidade pelo sujeito. Caso contrário, a proposta dos núcleos de significação se torna apenas algo instrumental, um procedimento técnico (AGUIAR, 2015).

Portanto, “(...) os pré-indicadores devem apontar teses próprias do sujeito, que serão superadas no movimento de articulação com o todo que é a realidade histórica e social, e não como temos presenciado, algumas vezes, uma articulação circunscrita ao contexto da fala” (AGUIAR, 2015, p.73). Isso significa que esse procedimento de análise e interpretação não é uma análise linguística ou do discurso, mas uma análise do sujeito histórico, que se constitui nas relações que estabelece com os outros e com a natureza. Especificamente, neste estudo, nos referimos aos aspectos culturais e sociais da aldeia, sua localização, suas formas de produção e reprodução, economia, políticas públicas, o trabalho nas usinas e tantos outros elementos que compõem essa articulação.

CAPÍTULO IV

PERCURSO DA ANÁLISE DOS DADOS: DOS PRÉ-INDICADORES AOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Neste capítulo faremos a apresentação e organização dos dados conforme o procedimento teórico-metodológico proposto por Aguiar & Ozella (2006, 2013) e Aguiar (2015) e denominado por eles como Núcleos de Significação. Conforme já exposto, os dados foram produzidos por meio de entrevistas narrativas na qual os participantes relatam suas experiências enquanto trabalhadores no cultivo de cana-de-açúcar em usinas e destilarias que os contratavam sem nenhum teor legal, sujeitando-os a condições análogas à escravidão. Os trechos dos relatos sinalizam seus sentimentos de satisfação ou insatisfação, suas expectativas, o modo como pensam o trabalho que realizaram nas usinas durante algum período de suas vidas e também como pensam e vivem após essas experiências. As narrativas são permeadas de significações, resultam de sensações e sentimentos e de suas interações com o meio no qual são inseridos.

Faremos agora a apresentação de alguns elementos que integram os conteúdos das entrevistas narrativas, seguindo as seguintes etapas: 1ª) inventário dos pré-indicadores; 2ª) aglutinação e sistematização dos indicadores e a 3ª) que consiste na construção dos núcleos de significação que revelarão, de forma mais profunda e efetiva, os significados e sentidos do trabalho indígena em usinas de açúcar e álcool.

4.1 O lugar dos *pré-indicadores* nas narrativas

A primeira etapa do procedimento teórico-metodológico proposto por Aguiar & Ozella (2006, 2013) e Aguiar (2015) é a organização e o arrolamento dos pré-indicadores que somente é possível pelas leituras flutuantes e, depois, leituras mais direcionadas ao objetivo deste estudo.

Nesta etapa, o trabalho consiste em captar questionamentos, hipóteses e indagações (AGUIAR & OZELLA, 2006). Nessa perspectiva, apresentamos abaixo os quadros com os pré-indicadores apreendidos a partir das entrevistas narrativas (EN) realizadas com os sujeitos G.A.G; Z.B.N e F.G.R.

Quadro 2 – Pré-indicadores produzidos com base nas entrevistas narrativas (EN) do sujeito 01

PRÉ INDICADORES
Óh... eu fui em mil... deixa eu ver... mil... mil... novecentos e noventa e seis... mil... novecentos e noventa e sete... por aí... Eu fui pra usina, até ... 98 pra 99...Fiquei... quatro ano, né... sai e fui pra usina... porque... a dificuldade aqui na aldeia era... era muito, né... e a gente era em 3 irmão... e a minha mãe era a única pessoa que trabalhava, ne...e... a minha mãe era separada também, ne... (EN01)
Ela trabalhava lá na escola na Loide, não era aqui não... Você conhece? Aquela lá perto da casa do Hiopólito, em frente assim...na escola... então ela tinha que mante nós 3 na escola... e... a dificuldade via muita, né...aí o fato de a gente estuda na cidade também...Não tinha escola aqui, né... que dize... tinha até o primeiro ao quinto... de sexto ao nono era tudo lá...mas era difícil estuda lá... pega ônibus, na cidade não era fácil não... aí sai da escola e fui na usina, né! fui mesmo pra lá... (EN 01)
Tava... tava... até o sétimo ano... aí eu fui, ne... com 16 anos eu fui pra usina... é... primeira vez ... o pessoal podia leva, ne... (EN01)
A minha vida nas usina era isso... muito, muito triste...não tinha o que fazer que não fosse na usina... ou podia carpi soja, arranca feijão, né...mas não se ganhava dinheiro suficiente, ne... aí nessa época entro a usina e todo mundo gostava de ir porque chegava dinheiro, comprava... tudo o que não podia ter... e nessa linha aí o pessoal começo i..
Vê o povo fica nesse ponto... e tinha que trabalha, né... não tinha outra coisa, né... isso que fico marcado em mim...
e eu fui na usina e eu percebi lá que o trabalho era bem braçal...ne... e... é sofrido, você tem que levanta cedo... come comida fria... é...pão... chá... né... era servido pão, chá... e você tinha que dá seus pulo pra você ganha dinheiro... senão não dá seus pulo... não ganha nada, ne...(EN 01)
Fica lá é 60 dias... é 60 dias... e depende muito da safra... tem uns que leva 40 dias... tem uns que é 60... e... a gente ficava nesses 60 dias aí... no trabalho mesmo... se é colheita, ne... eles fala... naquela época chamava assim... corte, ne... de cana... quando é assim é 60 dias, ne...e... alojamento... alojamento era distante da usina, ne... a estrutura não era confortável não assim... era beliche, não era colchão...um ficava perto do outro... e... banheiro era longe assim... e tomava banho no rio, ne... sempre fazia o alojamento assim... rente a rios ou açudes, ne... Na Debrasa quando eu fui... lá era na beirada, os alojamentos era na beirada do rio...um rio grande... e o maior sofrimento é quando você ia no período do frio, ne...no frio...ne... porque você se melava tudo com sujeira da cana, do corte, e você tem que chega e toma banho e... é sofrimento mesmo... (EN 01)
... dessa recordação da usina que eu tenho é isso... não é... não é bom não... é sofrido...é... a pessoa tem que se ausenta 60 dias... passa sol, calor, passa... se come, as vezes, a comida azeda... você não come... não come cara... se você não ... se você não come tudo seu pão no café da manhã que era dois pãozinho ... eu mesmo comia a metade e guardava o resto... teve um dia que azedo a comida ... nossa! Aí como... quando azeda a comida, aí o chefe maior vem e dispensa o pessoal... vai pro alojamento ... aí tem que espera lá a janta chega lá 6horas... 6 e meia...até lá meu filho? Você fica com fome... (EN01)
vixi... Na chuva, você tinha que i lá... só se chovesse demais, demais, ne... aí dispensava... mas quando tá chovendo... você sobe no carro e vai embora... no carro... vinha aquela chuva que você se molhava tudo... kkk... é sofrido, nossa! E... é muito triste, rapaiz... Cheguei vive isso... Lídio, Liel... vê que mais professores aí... (EN01)
ne... e a minha experiência nesses anos aí de usina... além dessas usinas, eu passei por várias outras usinas... nesses 4 anos...ne... i... eu percebi assim que ganha dinheiro, mas... e... por um lado prejudica muito a saúde... ne... Porque (EN 01)

vejo assim nas pessoas que trabalhavam comigo... da minha idade e ... cê vê que eles parece que tem uma aparência bem mais velha... sabia... bem assim... debilitado na saúde, ne... e... eu tenho muita dó, né... (EN01)

eu vejo bastante que os meus colega que trabalhavam comigo que tinha minha idade, né... a gente era em 5...cara... em 5 colega... assim que a gente era inseparável... aí, né... eu voltei estuda, né...o outro meu primo... aí um... deixa eu ve... 3 morreu... só fico um...eles continuo nessa vida de usina, essas coisa... aí sobro só um... aí esse morreu por esses anos aí... morreu...nossa! Ai eu fiquei assim... a única pessoa que sobro mesmo fui eu... aí ... (EN01)

eles se matavam naquilo, trabalhando, saúde, envolvia droga, nesses negócio... bebida, violência... pensei por isso eu vejo que o fim deles foi nesse sentido, ne... (EN01)

Uma coisa mesmo que ficou em mim assim... é... quando na hora da safra ... do corte... nossa! Você ve muita gente passando mal...desidratado, né... essas coisa... chegando dá câimbra... naquela época ia 45 pessoas ou 50... e você via 30 assim... sabia? Num calor... no mínimo 42 grau... e você tinha que te aquele negócio pra você não ... como se diz assim... não machuca... sei lá, né... não se corta... e aquele negócio quente e a água não tinha ... não tinha água gelada... só tinha água quente...normal...e as pessoa desi... é ... trabalhava muito... é desi.. desidratava no calor... você via a pessoa vomita... ficava 2 dia doente.. e assim... descansando no soro, no alojamento... cara! (EN01)

youê ganha dinheiro, mas se não investi o dinheiro que se ganho...se acaba que perdendo só... (EN01)

Você via essas coisas tristes... eu não passei por isso porque eu trabalhava médio... tem uns que trabalhava muito, ne... pegava memo... fazia diária aí pra três dias... mesmo... essas pessoa sofria muito... e... uma coisa que fico muito marcada em mim... se entendeu... é muito triste, você vê muita gente aí... tempo que não tem nem ambulância, nessa época, ne...não tinha assistência nenhuma... o cabeçante tinha que pega o carro da ... nem era carro, nem era ônibus... era carro assim tudo de lona, né... levava o pessoal lá na usina que tinha hospital... lá tinha hospital, né... ambulatório... levava lá, dava soro tudo... ficava dois dias lá parado... tem uns que até vinha com soro... de lá vinha de ambulância... mas assistência mesmo na roça como hoje tem ali ... não sei se tem né... o pessoal me falaram que tem, né... alí já é diferente não é como era antes, mas mesmo assim é sofrido... e isso que fico marcado em mim... véio... Isso é muito chocante, cara! (EN01)

porque eu sou bem observador naquela época... percebia assim que lá não era o meu futuro não... que aquilo lá era uma experiência... uma coisa passageira...e foi quando... depois desses 4anos, né... eu vi que... completei 20, 19 pra 20, ne... falei... não! (EN 01)

A minha mãe converso comigo, ne... falo: eu acho que você tem que volta estuda... porque isso aí não vai é... não vai da futuro nada não... você tem que volta estuda... e isso ... é só isso que a gente tem pra dá pra você... porque caso contrário, você vai se acaba nisso daí... e bem que ela falo, ne... Aí eu voltei estuda de 99 pra 2000. Ai voltei estuda... (EN01)

Eu vejo assim... porque eu voltei a estuda... porque a perspectiva da educação é diferente, né... abre a...a nossa mente... de você enxerga outra visão...(EN01)

ne... e.. eu já não ... eu já me vi diferente nesse sentido... que a educação transforma a gente, né... Eu acredito... é... que transforma a gente sim... eu sou uma prova disso... eu, o Lídio... tem muito colega meu aqui, que é meu funcionário que trabalharam na usina e voltaram pra estuda... hoje o Lídio... o Lídio tem quase a minha idade... deve te uns 40... 41... não, acho que ele é mais novo que eu... ele entro nessa vida também, mas depois volto a estuda... e... acho que a gente volto junto praticamente... é... a gente volto junto e fez o Araverá junto... o Tequarandu junto... e...(EN01)

E eu aprendi isso nesta... experiência... e eu sempre passo isso pros alunos... sempre falo pros alunos, sempre falo pros alunos que vão sai no nono ano... é... que trabalha aí fora de braçal não é fácil... já com estudo já tá sendo difícil... e a tendência lá na frente é se mais difícil ainda... mas nada melhor do que estuda... estuda, você se prepara e... que a vida braçal lá não é fácil... não é fácil, prejudica a saúde, sua feição muda, falei... quantos anos eu tenho? Ah! Você tem tantos

anos, tal... não, eu vou fazer 40...eu vo faze 40, eu falo... então, porque.. porque eu voltei estuda... aí eu mostrei a foto de um colega meu que já morreu, eu mostrei assim... ó...ele tem a mesma idade... ele não paro onde eu parei... eu parei pra continua outro caminho e ele continuo no mesmo caminho... óh, o jeito dele. Eu encontrei antes dele morre... eu encontrei ele... ele tava bem... assim...bem mais abatido, magro assim... aí falei... pedi pra tira foto dele, né... fui na casa dele... apesar de ele ter casa, ter moto... ter tudo essas coisa... Aí eu mostrei pra eles... nossa! Realmente... é.... isso aqui é o resultado da pessoa não.. não é porque ele quis...vai ve que ele tinha alguma dificuldade... tal, tal... cada um tem uma dificuldade, né... mas ele teve que segui esse caminho... porque? Porque não tinha outro... e... eu segui esse caminho porque eu queria estuda... então! Aí disse ... Nossa! É triste mesmo, tem que estuda! Eu sei que ... estuda não significa que você vai trabalha, você tem que tá preparado pra entra em qualquer lugar, se não tiver preparado... não adianta você termina o terceiro ano e fica ali... vai... vo arruma trabalho... é isso aí... quanto mais você estuda, é melhor... se você tem uma oportunidade hoje... de trabalhar aqui... pega ele e faz ele como uma ponte... (EN01)
Nossa! Eu vo para com isso aqui, vo volta a estuda... kkk... e foi o que eu fiz... e a minha mãe também me ajudou nesse sentido... (EN01)
Ah sim...bom.... o que me ajudou bastante aqui com aquela experiência da usina é você... é... como diz assim... trabalha no coletivo... pensa pra ajuda um ao outro, entendeu? E... outra coisa também é... conversa... é... conversa... não assim... mante aquela superioridade.. entendeu...não é porque eu sou diretor que eu tenho que tá lá encima...e... ser nariz empinado, entendeu? (EN01)
Ah sim...bom.... o que me ajudou bastante aqui com aquela experiência da usina é você... é... como diz assim... trabalha no coletivo... pensa pra ajuda um ao outro, entendeu? E... outra coisa também é... conversa... é... conversa... não assim... mante aquela superioridade.. entendeu...não é porque eu sou diretor que eu tenho que tá lá encima...e... ser nariz empinado, entendeu? (EN01)
A usina ... é... nos ensinou a se humilde, entendeu... ajuda um ao outro, né... cuida um ao outro, né... se o outro tá doente, se o outro tá... é... no pego o alimento antes do carro i...se... observador ... é isso que me ensino a usina, né... e... sempre te... humildade... e ouvi, né... respeita os mais velho... e... é isso, que às vezes eu trago muito no meu trabalho de hoje... eu gosto de.. de... ouvi as pessoas, eu não gosto de puni as pessoas antes de conversa certinho, né... saber o que aconteceu... e... é o que eu passo com os alunos, professores, né... com os coordenadores, né... eu sou uma pessoa ... igual o Lídio... calmo pra caramba... eu e ele aprende rápido... já umas coisa que eu percebi que nas mulheres que trabalham aqui, elas já não tem isso... teve uma experiência aqui... que a gente ... teve uma reunião ali que a gente, o diretor, coordenador, capitão, secretária... houve um bate boca do caramba ali ... e... as mulhe tudo brava, né... e eu e o Lídio... a gente... parece que só observava...a gente não queria debate uma coisa com capitão e secretária... se ele não entende bem, né...a gente não vai gasta energia com ele (EN01)
Uma das coisa... é sabe conversa... nas reunião de professor eu só observava... ouvia... eu fala as coisas bem objetiva... só... minha idéia era que quem fala demais, as vezes fala o que não presta...então eu era bem assim... mas eu resguardado no dia assim... e nisso aprendi que... quando vim na direção eu tinha que muda... tinha que muda... tinha que sabe conversa, ouvi... sabe pedi... sabe ouvi... entendê o que aconteceu, né... e... o pior de tudo isso é não... não... não ter aquela superioridade, ne... é... uma das coisas que eu sempre converso... com o pessoal é... é... no trabalho a gente tem que ter essa herarquia...ó...professor, coordenador, diretor... na hora da <i>função</i>, cada um faz <i>a sua</i> parte... mas... quando é... questão assim de conversa... é parte pedagógica, parte burocrática, né...a responsabilidade é nossa, entendeu (EN01)
Não quero sair daqui porque aqui... é... a comunidade já tem uma formação diferente, ne! Essa divisão... da comunidade em vista de outra aldeia por aí...você vê contra professor, é... comunidade contra professor... é aquela rixa... aqui a gente mantem... isso porque a maioria dos professores é mais que professor, então a gente procura trabalha com isso, com o pai, com a mãe, nesse sentida da coletividade... tá sempre informando ele... a gente puxa o capitão... fala é isso aqui... aqui... aqui...tem essa participação do capitão, do rezado, do pessoal da igreja que agora a aldeia também tem igreja.... chama tudo pra reunião... ajuda a pensa nos problemas, nas vária situações...não é dividido... e isso ... eu acho que... não é mérito de como que é... internado... isso já vinha de alguns professor interior que vinha criando... sonhando ... e .. uma das coisas que a gente

sempre que a gente vai em outros lugares, nós sempre é visto, né... ó Caarapó...e... a gente não fala mais, a gente faz as coisa acontece mesmo... quando a gente consegue algum determinado... tema... um determinado... é... defeito... a gente faz mesmo... a gente chama...a questão cultural da língua... é ... a gente bate de frente com esse governante, a gente bate de frente com ... a secretaria... então a gente não... não é do tipo assim... que recebe toda as coisa não... a gente analisa... pera í...como eu disse, não é só um é a maioria... então a gente é forte nesse sentido da organização... é... por isso que eu gosto.. não penso de... agora para pra estuda, faz um mestrado... aí sim... aí essa parte... eu vo vê esse ano... se consigo termina meu projeto... e... se de certo ingressa, mas pra isso sim, né... mas pra sai assim... abandona... como diz assim... só se eu ganha na mega sena (kkkk) aí sim... (EN01)
Não... não saio daqui... eu tenho casa aqui... moro aqui. Tenho minha filha que mora aqui... eu tenho uma namorada não-índia, né... que mora lá... aí eu só vo finais de semana, de vez em quando, quando tem reunião na secretaria e chove ... hoje, amanhã... fico lá... eu sou igual o Lídio gosto de fica aqui... porque aqui tem liberdade... te quintal, vê terra, ser livre, vê a planta... (EN01)
Eu não consegui me organiza nesse sentido, mas é por fato de ter muita coisa... mas o Lídio sempre dá um jeito... mas... é ... aqui é melhor, tranquilo.... na cidade é diferente... Vejo minha namorada pena as coisa lá... falei... vixi... falei: eita porra... aqui é complicado as coisas... Aqui a vida assim... cada dia é um desafio, cada ano, então.. se a gente nao tem uma equipe preparada pra defende, luta, a gente não vai consegui nao... e muitas aldeia tem essa dificuldade, não é igual nós não... aqui tem união... a escola conversa com tudo... igreja, capitão, rezador... tudo...nóis é foda! (EN01)

Fonte: Dados obtidos por meio de entrevista narrativa

Quadro 3 – Pré-indicadores produzidos com base nas entrevistas narrativas (EN) do sujeito 02

PRÉ-INDICADORES
Então eu morava na aldeia lá em Amambai... ai eu casei e meu marido largou de mim, foi embora com outra mulher... aí lavava roupa por aí né! Carpia, trabalhava na bóia fria... Aí ele foi embora ... aí a minha menininha, meu menininho tinha três ano outro um ano... acho... Aí chegou um cabeçante da Usina né, falou assim que ele tava pegando mulher para levar na usina também né! mulher e homem para levar na usina. Tem vez que vai família inteira, criança, mulher, tudo vai para lá também aquela época que eu foi, né! (EN02)
Foi... não lembro...acho que foi em 80... por aí... 78 por aí! Aí eu falei pra minha mãe... vou pra usina! ela ficou brava! falou: você não vai não! Você tá doida! Aí meu tio também ficou brabo... você não vai na usina não! (EN02)
Lá na usina é ... a gente sofre muito! a gente dorme embaixo do barraco... não sei o que... você vai sofrer muito! A gente almoça na poeira na roça... (EN02)
19 anos quando eu fui na usina... aí... eu fui lá... onde tava a liderança e o cabeçante tava lá... eu também vou pra usina! batemos o contrato, né! pego meu documento e fez o contrato. Aí eu vim embora pra casa de noite e iam levar no outro dia de manhã. Aí eu fui embora pra casa... falei pra minha mãe, eu vou pra usina e já vô deixa dinheiro com a senhora e você faz compra pras crianças... É ... o adiantamento... (EN02)
Ai eu peguei... no outro dia dez horas eu embarquei e fui embora pra usina... aí deixei as duas crianças com minha mãe... fazer o que? Tinha que ir trabalhar pra poder sustentar as crianças, comprar roupas... ai eu fui, né? (EN02)

Aí eu cheguei lá, a usina era usina PAM, que chamava...aí eu cheguei lá e o cabeçante falou assim pra mim, por enquanto **você não vai na roça, você vai lavar a roupa da turma... era 160 calça, 160 camisa, tinha que levar num dia tudo, todo dia. Aí eu lavei... o contrato era três mês...aí eu fiquei... aguentei lavar dois mês...** depois peguei a doença, né? (EN02)

O doutor falou pra mim que peguei doença da água, né! que eu ficava dentro da água em pé no rio o dia inteirinho... e colocava tábuas assim na beirada da água e lavava roupa ali... isso aqui inchou tudo, esse meu joelho, parecia que tinha água dentro... aí o doutor me deu atestado... aí eu levei pro meu cabeçante... Só que o doutor não falou o nome da doença não! Tratou muito dia... aí eu fui na roça. (EN02)

Aí o cabeçante falou pra mim que a única coisa era que agora eu ia na roça cortar cana... aí meu deu facão e eu fui! (EN02)

Aí lá na tava o meu tio... três tio meu junto comigo, primo...quase tudo minha família lá também... **aí eles me ajudava, né!** Porque a gente pegava eito pra cortar cana, né! **aí ele me ajudava pra eu tirar meu eito... porque sozinha eu acho que eu não aguentava não! aí ele ajudava, né!** corta cana (EN02)

Eu fiquei lá quatro mês... aí eu vim embora, aí fez pagamento. Aí nois voltamos pra lá de novo... **fiquei quatro mês sem ver as criança nada!** Aí no outro contrato eu fui de novo... cortei cana de novo... aí... o contrato era sessenta dias... ia e ficava lá sem vê a família às vez quarenta dia, às vez, sessenta! (EN02)

O alojamento era um barraco de lona. Ah! home tinha bastante! o barraco era comprido assim... um atrás do outro. Era uma vila de barraco. Bastante home, bastante gente mesmo! Só que naquele barraco que eu tava, era quase tudo meu parente, primo tudo. Aí meu tio falava pra mim, você vai dormir aqui no meio de nós, se não esses home vai pegar você e... **Tinha bastante mulher...** só que o nosso cabeçante era de Dourados, né! aí de lá ele levava turma... aí a gente ficava lá... **almoçava na roça... a nossa marmita era cheia de poeira e comia assim mesmo... água tudo quente...** naquele tempo não tinha geladeira nem freezer... **tomava água quente... e trabalhava assim. Dormia assim na beliche, mas não era muito boa a cama, era dura... uma do lado da outra, só que não era separado home de mulher, de criança... era tudo junto mesmo!** (EN02)

No domingo não trabalhava... só sábado, até sábado... **e no domingo nois não trabalhava não... descansava, lavava nossa roupa, almoçava, assim...** naquela usina trabalhei um ano... aí eu fui pra Santa Helena... depois na Santa Helena fiquei três mês... **Lá a mulher do meu cabeçante era muito ruim, né!** Aí lá eu peguei de novo pra lavar roupa, né! aí fui lavar roupa de novo no rio... **aí a mulher do cabeçante era ruim não mandava marmita pra mim no rio onde eu lavava... eu ia procurar marmita no barraco já tinha acabado...** a panela tava tudo limpo já. Aí eu não almoçava... **aí eu fiquei só dois mês... eu falei eu vou embora que assim não dá não! sai eu vim embora, isso tá ruim de mais!.** aí eu vim embora aqui em Caarapó já! (EN02)

Vim direto aqui em Caarapó, na casa da minha tia... aí daqui eu fui de novo pra usina... aí eu fui lá e fiquei dois mês de novo... mesma fazenda, lá na fazenda é... PAM, que chamava antigamente perto de Rio Brilhante...lá eu fui de novo dois mês. **Lá eu cortei cana de novo lá...** aí de lá eu vim embora pra cá, achei meu esposo, né! que faleceu agora... aí eu vim embora mora com ele aqui, né! morava lá embaixo. **Aí daí ele me levou pra lá de novo, mas só que eu não trabalhava mais na roça...** ele já era cabeçante também, né! aí eu não trabalhei mais na roça...**ficava ajudando ele a coordena o pessoal...** (EN02)

O trabalho da usina era muito escravo, né! aquele tempo nós não tinha nem ônibus. Nós ia daqui pra usina era de gaiola... aquele de gado... (EN02)

É que lá na usina você fica forte! Tem que aprendê a ficar forte! Sei lá!Você tudo aquilo lá e enfrenta, só que tem se forte mesmo! (EN02)

Já nesse tempo eu ficava lá cuidando das cozinheiras, já tinha cozinheira... E os meus filhos ficava com minha mãe...ai depois que eu busquei um e um ficou com minha mãe...minha mãe que criou o rapaz que tá lá! (EN02)

Depois... depois que ... é... casei com esse meu esposo... aí construiu uma escola... a Saverá! não sei se você já viu a escola Saverá...aí esse Agripino era liderança... aí eu morava lá onde tá a represa... bem ali... aí o chefe era o Israel... um barbudo da Funai... Ai foi lá em casa e falou pra mim assim: **Catalina, você não quer trabalhar de merendeira lá na escola?** que tá pra funciona lá a escola? ai eu falei pra ele: Eu vou pensa! e a escola estava bonita, pintando... já ia inaugurá a escola... ai um dia a liderança... esse Agripino... foi lá de novo com o Fernando e falou pra mim de novo: Catalina, você não quer trabalha na escola Saverá? Aí meu esposo falou assim pra mim: Se você quer trabalha... trabalha... aí de tardzinha o Fernando era o motorista da Funai, pegou o caminhão... foi, buscou minha mudança... tinha uma casa que construiu assim... aí deu pra nós mora... eu e meu esposo que nós entremo naquele escola... primeira vez trabalha... escola Saverá... aí ... **parei de i na usina com meu esposo (esse que morreu) e trabalhei lá de merendeira, lá muito tempo...acho que era depois de oito anos... não sete ano...** já era outra liderança... era Silvio Paulo... aí foi lá e falou pra mim.: Catalina, falou pra mim... **tem um projeto de quem quer estuda pra professora...**tô procurando... falou pra mim... **você não quer estuda? Pra você sai da cozinha,** pra você ... é ... **ensina nossas criança!** falou pra mim, né! O projeto era Araverá... ai eu falei pra ele de novo...eu brinco muito com ele na época... né! eu vou pensa uma semana... aí domingo você vem almoça com nós daí eu ... nós vamo conversa bem... e ele veio no domingo de novo...foi lá em casa... aí eu falei pra ele: **Eu vou! eu vou estuda!** (EN02)

Eu parei no terceiro ano... terceira série... que falava aquela época... **aí eu fui estuda de novo!** aí eu estudei aqui em Caarapó, estudei depois o Araverá... terminei com quatro anos... **depois que eu fui estuda Araverá já fui pra sala...** a diretora foi e falo pra mim: Você vai pra sala... **você vai sai da cozinha e vai pra sala... fiquei assustada! E agora o que eu vou ensina?** Eu não sei nem o que vô ensina pras criança...aí ela falou pra mim: **você não vai entra sabendo de tudo lá na sala de aula... tem tudo tem coordenadora, tem eu pra ajuda você da aula... daí nós vai se ajuda...** ela falo! **Ai eu fui!** aí acho que eu fiquei parada de novo uns seis anos depois do Araverá e eu fui estuda **Teku Arandu**, a licenciatura indígena... lá no UFGD. **Ai aquele eu terminei de novo... a faculdade...** Depois fiquei parada... não estudei mais! Meu concurso é educação infantil... até o quinto ano... (EN02)

Agora não tô na sala porque eu entrei de depressiva muito forte, né! aí o doutor liberou eu de trabalhar... me readaptou no outro serviço... agora ajudo a coordenadora fazer o material didático... fico aqui nesta escola... (EN02)

No ano passado... ano retrasado... quando teve a retomada aqui... foi ano passado... né? Em 2016. Aí eu levei um tiro desse lado aqui... aí eu acho que eu levei muito tiro, sei lá! e aqueles tiro assim, aquela fumaça, todo mundo correndo... parece que ouço toda hora... dentro da minha casa...na hora não queria nem sair de casa... fora assim... não queria ver ninguém, assim.... e naquele ano meu esposo também faleceu... aí ele faleceu com AVC hemorrágica... aí... ele morreu também... **aí junta tudo e eu não aguentei mais!** (EN02)

Tava junto daquele que morreu ... daquele sete que levou tiro... um morreu, né? **Ai depois que fiquei assim!** (EN02)

Aí... me deram serviço aqui pra trabalha com a criança especiais e junto com o psicólogo lá... Ele... é quieto... eu sentada assim, ele também assim ... sentado... quieto, **ninguém falava com ninguém, quando chegava quatro horas eu chorava não aguentava mais aquele silencio! as criança também vinha conversava com nós... contava problema pra nós ... ai quatro horas eu não aguentava.... chorava...** e o psicólogo falava assim pra mim: o que que foi Catalina, que você tá chorando? Falei pra ele: nada... nada... e foi, foi, foi... **que eu não aguentei mais!** (EN02)

Eu sei que o trabalho braçal não é fácil... não é fácil não! Eu trabalhei na usina... o trabalho é ruim... a gente não dorme bem... a gente não come bem...é a gente fica doente, passa sol forte, quente... a gente come comida que não é igual da nossa casa... eu falo pra eles... eu conto minha história pra eles... eu conto sempre pro meu filho Elivelto, né... e ele fala: Mãe ... isso já passo! não pode conta mais, é passado, ele fala pra mim...eu falo pra ele: Eu tô contando... mas ele fala: eu não quero nem ouvi (risos)... (EN02)

É ruim demais só que dá lição pra gente também né! não é trabalho fácil não! não sei agora que a turma vai trabalha...não sei se tão trabalhando bem... tá comendo bem... não sei agora... **mas naquele tempo era ruim, mas tinha que ficar lá pra criar os filhos meu, eu era separada!** (EN02)

Na época tinha três filho, hoje tenho cinco... seis com um adotivo... São adultos... uma trabalha na secretaria... a outra era agente de saúde, só que quebrou tudo essa parte aqui do braço... caiu de moto... ta parado lá! não tá trabalhando não! **a outra não quer nem estuda, acredita nisso?** a minha caçula que tem 26 anos. (EN02)

Eu moro sozinha ali, e ela mora na cidade... eu fico uma semana com ela lá na cidade... depois eu volto pra cá de novo... **Não aguento fica lá, não!** Tudo preso, você não vê o vizinho, o parente, não tem pra onde ir, fica preso dentro da casa! **Eu não gosto de cidade, não tem amizade, lá!** (EN02)

Coisa boa não tinha na usina não, naquela época! Não! O preço da cana era muito baixinho... não vendia não! tinha hora que a gente fica tudo parado no corte da cana pra aumenta preço... mas mesmo assim ... não subia não o preço... a gente parava de trabalha... ai o fiscal vinha e mandava trabalha de novo...**era ruim... a gente trabalha assim, empurrando... é ruim!** (EN02)

No alojamento também tinha gente que se matava... um dia eu tava lavando roupa... e aquela mosca vinha assim na minha roupa... era bastante roupa, né! aquela mosca verde... aí eu falei assim: o que é que foi? Era uma hora dessa... eu tava assim sozinha lavando roupa no corgo... aquela mosca vinha daquele lado assim... esquerda... aí eu fui... era bastante homem... tinha muito... eu não conhecia tudo... era da Jaguapiri... era de Amambai... era de Caarapó... era de Dourado... era de Bororo...tudo... tava lá... ai eu fui... subi assim... perto daquela árvore... aumento aquela mosca... eu fui... eu fui... acho que tava com três, quatro, dia porque a barriga estava estufada já... ele arrebento o galho de lá e caiu e a corda no pescoço... aquele galho de árvore caiu encima dele.. A corda tava no pescoço... e só mosca, aquele fedo...e era do Limão Verde... **que se suicidou lá.** Agora não sabe... ninguém sabe porque, né? Ai a perícia foi lá e colocou no caixão e levou embora... (EN02)

Naquele tempo também levava criança, nenenzinho, criança pequena, e levava na roça ainda, criança pequena. Ficava o dia todo lá...aquele criança mais grandinho cuidava do mais pequeno... enquanto a mãe cortava cana... o pai ficava na roça... e nois ia pra roça... tudo criança... tudo... **guri menor de 12 anos, 13 anos, cortava cana já... era um monte de adolescente lá cortando cana...** (EN02)

Vinha marmitta ... cedo era só café...arroz branco e chá queimado... aquele de açúcar... pouquinho também... **Naquele tempo foi feio, mas... tinha gente que morria lá... matado ... matava com facão na roça... ou brigava... se suicidava...**ai fugia de lá... **porque o cabeçante era ruim, batia... quando a gente não levantava cedo... ele ia na cama bate na gente...** né! ai tinha que levanta e ir...tem gente que algum dia não queria ir, tava com dor... ficava na cama... ai ele vinha de lá...empurrava, colocava no caminhão pra ir trabalha... era assim... **não foi fácil não! era um escravo! bem diz escravo! Almoço era só meio dia... marmitta cheia de terra, fria, às vez até azeda e depois só a janta!** (EN02)

Fonte: Dados obtidos por meio de entrevista narrativa

Quadro 4– Pré-indicadores produzidos com base nas entrevistas narrativas (EN) do sujeito 03

PRÉ-INDICADORES
Eu tenho agora 53 anos... hoje... Hoje tô parado... agora... porque eu mandei minha carteira agora, mas não sei se vai aprovar, doutora... porque agora a firma ... ele pega agora... aquele cara que dá produção... aquele que não dá produção ele pergunta pro cabeçante se ele vai fazer produção ou não... né! se não dá, logo, logo, ele já pega e já encosta... não que pega mais! Então por isso que eu falo, já como o Braz fala, né, quando já tem idade já não pega mais! Pega só aquele pessoal novo, aquele pá pode dá produção... pra empresa não paga pra ele. Como eu já tenho idade, né! pra mim alcançar o pulo do novo, já não dá mais! já trabalho menos... o que eu pode fazer, eu faço, né! mais pra corta cana como aquele rapaz novo, né! naquela época que era novo alcançava diária boa, né! sessenta, setenta, oitenta real a diária, mas agora com essa idade, já tem machucadura, dor na perna... se trabalhar muito já cansa aqui no meu joelho... (EN03)
Naquela época estudava até a terceira série... eu lembro do dia que peguei meu livro assim, indo pra escola, larguei embaixo da arvore, embaixo da árvore memo! ali e fui pega uma diária na roça... ai como eu parei naquela época, nem pai, nem minha mãe, não tinha salário, né! Aquele meu pai era analfabeto...também minha mãe... eu não tenho carçado, não tem nada... comecei... como fala pra você... trabalha na diária... eles falava pra mim que tinha que trabalha... aí eu fui...né! sai da escola e nunca mais vortei... né! ai agora como tô parado... (EN03)
Eu também tenho a vista... já tá estragado... pra mim enxerga bem longe assim... eu não enxergo... Machuquei com a foia da cana... naquela época... igual o Osvaldo fala... naquela época não tem aquele protetor... pra salva nosso olios...quando me abaixava assim pra pegar a cana assim... a folha da cana enfiava assim nos meu olios... bem assim... aqui no cantinho...depois daquela já não... parece que tem aquele fumaça nos meu olios...embarassado... só de um lado enxerga... Ai eu fui na dotora pra mim tira o óculo.... falo pra mim que eu tava perdendo o positivo desse lado... tava só o negativo... a noite eu não enxergo... só se eu coloca um óculo... ai enxergo... mas enxerga assim... não enxergo não... por isso que eu falo... (EN03)
Eu trabalho assim, mas não alcanço mais aquele que é novo... produção do novo não alcanço não! Eu tenho desejo de trabalha, mas só que a empresa não pega mais! a gente tá de idade... né! agora mesmo tô parado... (EN03)
No alojamento.... Nois parava no alojamento embaixo da lona... trabalhava aqui na Nova Andradina... depois trabalhei na PAM... depois eu trabalhei ... ai ... ai já mudou... na... na.. Nova Alvorado do Sul também trabalhei ali já era alojamento... Mais primeiro... primeira coisa... eu trabalhava na Nova Andradina embaixo da lona... como diz... nóis fazia tarimba pra nois dormi encima da cama... aquele que a gente tinha que coloca pau pra nois dormi... não tem nem colchão... tinha que leva daqui pra nois fora aquele pau pra nós dormi... café, naquela época só não tinha... tinha o chá...patrão não pagava nem... como assim se diz... nem... feriado... nem décimo terceiro... como assim... não pagava nada... ele não pagava também o fundo de garantia... falava que pagava... nois só pega mesmo pela nossa produção... vem de lá... vem de lá... ele paga pra nós só o que ele tão fazendo na roça... o resto... o resto... não paga pra nós... aí quando nós veio de lá... falava ... saia pagamento pra nós só aquilo ali...só aquele que nós tava fazendo na roça... nós trabalha sem caneleira... trabalhava sem nada... nada mesmo! pra pode coloca agora... que nem diz agora... o mangote..... ponhava esse calça jeans... ponhava assim na outra perna...tirava da perna e colocava no braço pra não machuca tudo... forra nosso braço... não tinha nada não... ai a garrafa... aquele galão... se tive... se não tive nós arrumava aquele garrafa... aquele de refrigerante... tem um dia o cara levo... também usava aquele garrafa de vinho... Aquele se bate já quebra... mas levava... levava na roça e enterrava no chão pra pode bebe água fria. Trabalhei muito! muito sofrido! Desde cedo fui no fueiro! (EN03)

Fueiro é aquele carro que carrega cana... é... é... caminhão grande! carregador de cana... aquele fueiro que chama assim... cheio de lama... naquele carro... melado porque nós tem que segura naquele carro cedo... no frio. E nós ia! só que não era só quarenta pessoa... era oitenta, noventa... é... é... bem cedo você tem que tá de pé e cinco hora já tem que tá na roça já! e a tarde também mesma coisa... né! era só chega o fueiro nós já largava o facão pra subi no fueiro... é ... nós sofria! (EN03)
Trabalhei muito... de setenta e oito, setenta e nove até pra cá em noventa e nove... Depois eu passei na carteira aquele que tava dando pra nós...era contrato, não era carteira...era contrato, Ele pega a carteira só que não contrata, só engana! (EN03)
Eu trabalhei muito, muito...dormi embaixo na lona... andava naquele fueiro... tudo isso a gente passo na usina pra trabalha! (EN03)
E naquela época ainda eu alcancei diária boa pra mim mante minha família... pra mim mante minha esposa... mas agora com essa idade, já não alcança mais não! pode fala de mim... será que aquela pessoa ainda alcança diária boa? não alcança mais! pra mim iguala ... o pulo daquele pessoal novo...agora... não alcança mais não! (EN03)
Olha! da minha parte queria ser encostado... não adianta mais anda pra cima pra baixo na usina... se eu ir na usina... fala a mesma coisa... na outra usina na vai fala mesma coisa... vai olha na minha idade e vai fala... você já tem idade...e nessa idade quase não pega mais! como diz os irmão dele... porque pra mim eu ainda tenho família... tenho meu guri que tem 13 ano ainda aí... ainda tá na escola... tenho dois filho pequeno ainda... (EN03)
Agora não... naquela época tinha... pra pode trabalha ... ir na diária... na diária até pode vim alguém e leva pra trabalha... mas agora com essa usina que tá não pega não! na diária tá difícil pra trabalha na diária... é difícil trabalha na usina! só na produção... não alcança mais o pulo do novo porque naquela época tinha diária... na fazenda...leva pra faze alguma coisa... passa veneno ou cata raiz, na diária, né... agora não tem mais! pra pode mante nossa família... como vô mante? Minha esposa não é assalariada, nem ele... agora esse nesse causo... tá bem difícil! não sei o que vai faze com isso... (EN03)
É... só esse aí... só esse por enquanto... tá tudo parado... se eu tivesse salário ia tá bom... né! falava assim... eu vou fica trabalhando porque tenho um salário... vou fica trabalhando pra mim ... pra mante a família só que como eu não tenho... do que eu vou vive... do que vou me mante? (EN03)
Minha mãe era analfabeta, meu pai era analfabeto... meus parente tudo analfabeto. Não tinha que i na escola, escola naquela época pra que? Sei lá se tinha até professor, naquela época. A ideia era que tinha que trabalha, fazê diária por aí, depois veio a usina... agora... fico assim... ... mas eu assino meu nome... agora lê... lê mesmo... eu não sei não! leio mais ou meno o meu nome... (EN03)
Naquele época não tinha nem escola não pra estuda... não tinha não! tinha lá uma casinha e as criança ia... mais logo largava ... tinha que trabalha... falava: larga escola e vai pega na enxada senão não vai tê nada pra comê... não tinha carçado, não! não tinha caderno... tinha nada não! aí não ia... já ia tudo pra roça... (EN03)

Fonte: Dados obtidos por meio de entrevista narrativa

4.2 A sistematização dos *pré-indicadores* em *indicadores*

Após identificar os pré-indicadores, estes foram sistematizados seguindo os critérios estabelecidos por Aguiar & Ozella (2013) de similaridade, complementaridade e contraposição.

Quadro 4 – A construção dos indicadores

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
Fica lá é sessenta dias... É sessenta dias e sem voltar pra casa e depende muito da safra... tem uns que leva quarenta dias... tem uns que é sessenta... e... a gente ficava nesses sessenta dias aí... no trabalho mesmo... se é colheita, né! eles fala... naquela época chamava assim... corte, né! de cana... quando é assim é sessenta dias, né! alojamento... alojamento era distante da usina, né! A estrutura não era confortável não assim... era beliche, não era colchão...um ficava perto do outro... e... banheiro era longe assim... e tomava banho no rio, né! sempre fazia o alojamento assim... rente a rios ou açudes, né!. Na Debrasa quando eu fui... lá era na beirada, os alojamentos era na beirada do rio...um rio grande... e o maior sofrimento é quando você ia no período do frio, né! no frio, né! porque você se melava tudo com sujeira da cana, do corte, e você tem que chega e toma banho e... é sofrimento mesmo! (EN 01)	Situações que revelam as precárias condições do trabalho s condições do trabalho
Você tem que levanta cedo... come comida fria... é... pão... chá... né! era servido pão, chá... e você tinha que dá seus pulo pra você ganha dinheiro... senão não dá seus pulo... não ganha nada, né! (EN 01)	
É... a pessoa tem que se ausenta 60 dias! passa sol, calor, passa... cê come, às vezes, a comida azeda... você não come... não come cara! Se você não ... se você não come tudo seu pão no café da manhã que era dois pãozinho ... eu mesmo comia a metade e guardava o resto... teve um dia que azedo a comida ... nossa! Aí como... quando azeda a comida, aí o chefe maior vem e dispensa o pessoal... vai pro alojamento ... aí tem que espera lá a janta chega lá seis horas... seis e meia...até lá meu filho? Você fica com fome! (EN01)	
Vixi! Na chuva, você tinha que i lá! só se chovesse demais, demais, né, aí dispensava, mas quando tá chovendo... você sobe no carro e vai embora... no carro... vinha aquela chuva que você se molhava tudo (kkk) (EN01)	
Num calor... no mínimo 42 grau... e você tinha que te aquele negócio pra você não ... como se diz assim... não machuca... sei lá, né! não se corta... e aquele negócio quente e a água não tinha ... não tinha água gelada... só tinha água quente...normal...e as pessoa desi... é ... trabalhava muito... é desi... desidratava no calor... você via a pessoa vomita... ficava dois dia doente.. é assim... descansando no soro, no alojamento... cara! (EN01)	
Você vê muita gente aí... tempo que não tem nem ambulância, nessa época, né! não tinha assistência nenhuma... o cabeçante tinha que pega o carro da ... nem era carro, nem era ônibus... era carro assim tudo de lona, né! e levava o pessoal lá na usina que tinha hospital... lá tinha hospital, né! ambulatório... levava lá, dava soro tudo... ficava dois dias lá parado... tem uns que até vinha com soro... de lá vinha de ambulância... mais assistência mesmo na roça como hoje tem ali ... não sei se tem né... o pessoal me falaram que tem, né! ali já é diferente não é como era antes, mas mesmo assim é	

sofrido! e isso que fico marcado em mim... véio! Isso é muito chocante, cara! (EN01)	
Lá na usina é ... a gente sofre muito! a gente dorme embaixo do barraco... não sei o que... você vai sofrer muito! A gente almoça na poeira na roça... (EN02)	
O alojamento era um barraco de lona. Ah! home tinha bastante! o barraco era comprido assim... um atrás do outro. Era uma vila de barraco. Bastante home, bastante gente mesmo! Só que naquele barraco que eu tava, era quase tudo meu parente, primo tudo. Ai meu tio falava pra mim, você vai dormir aqui no meio de nós, se não esses home vai pegar você e... Tinha bastante mulher... só que o nosso cabeçante era de Dourados, né! aí de lá ele levava turma... aí a gente ficava lá... almoçava na roça... a nossa marmita era cheia de poeira e comia assim mesmo... água tudo quente... naquele tempo não tinha geladeira nem freezer... tomava água quente... e trabalhava assim. Dormia assim na beliche, mas não era muito boa a cama, era dura... uma do lado da outra, só que não era separado home de mulher, de criança... era tudo junto mesmo! (EN02)	
No domingo não trabalhava... só sábado, até sábado... e no domingo nois não trabalhava não... descansava, lavava nossa roupa, almoçava, assim... naquela usina trabalhei um ano... aí eu fui pra Santa Helena... depois na Santa Helena fiquei três mês... Lá a mulher do meu cabeçante era muito ruim, né! Aí lá eu peguei de novo pra lavar roupa, né! aí fui lavar roupa de novo no rio... aí a mulher do cabeçante era ruim não mandava marmita pra mim no rio onde eu lavava... eu ia procurar marmita no barraco já tinha acabado... a panela tava tudo limpo já. Ai eu não almoçava... aí eu fiquei só dois mês... eu falei eu vou embora que assim não dá não! sai eu vim embora, isso tá ruim de mais! aí eu vim embora aqui em Caarapó já! (EN02)	
Eu fiquei lá quatro mês... aí eu vim embora, aí fez pagamento. Ai nois voltemo pra lá de novo... fiquei quatro mês sem ver as criança nada! Ai no outro contrato eu fui de novo... cortei cana de novo... aí... o contrato era sessenta dias... ia e ficava lá sem vê a família às vez quarenta dia, as vez, sessenta! (EN02)	
Vinha marmita ... cedo era só café...arroz branco e chá queimado... aquele de açúcar... pouquinho também... Naquele tempo foi feio, mas... tinha gente que morria lá... matado ... matava com facão na roça... ou brigava... se suicidava... aí fugia de lá... porque o cabeçante era ruim batia... quando a gente não levantava cedo... ele ia na cama bate na gente... né! aí tinha que levantá e ir...tem gente que algum dia não queria ir, tava com dor... ficava na cama... aí ele vinha de lá...empurrava, colocava no caminhão pra ir trabalha... era assim... não foi fácil não! era um escravo! bem dizê escravo! Almoço era só meio dia... marmita cheia de terra, fria, às vez até azeda e depois só a janta! (EN02)	
Fueiro é aquele carro que carrega cana... é.. é... caminhão grande! carregador de cana... aquele fueiro que chama assim...	

cheio de lama... naquele carro... melado porque nós tem que segura naquele carro cedo... no frio. E nós ia! só que não era só quarenta pessoa... era oitenta, noventa... é... é... bem cedo você tem que tá de pé e cinco hora já tem que tá na roça já! e a tarde também mesma coisa... né! era só chega o fueiro nós já largava o facão pra subi no fueiro... é ... nós sofria! (EN03) Eu trabalhei muito, muito...dormi embaixo na lona... andava naquele fueiro... tudo isso a gente passo na usina pra trabalha! (EN03)	
Ó!... Eu fui em mil... deixa eu ver... mil... mil.. Novecentos e noventa e seis... mil... Novecentos e noventa e sete... por aí... Eu fui pra usina, até ... 98 pra 99...Fiquei... quatro ano, né... sai e fui pra usina... porque... a dificuldade aqui na aldeia era... era muito, né! e a gente era em três irmão... e a minha mãe era a única pessoa que trabalhava, né! E... a minha mãe era separada também, né! (EN01) Ela trabalhava lá na escola na Loide, não era aqui não... Você conhece? Aquela lá perto da casa do Hipólito, em frente assim... na escola... então ela tinha que mante nós três na escola... e... a dificuldade via muita, né! Aí o fato de a gente estudá na cidade também...Não tinha escola aqui, né! qué dize... tinha até o primeiro ao quinto... de sexto ao nono era tudo lá... mas era difícil estuda lá... pega ônibus, na cidade não era fácil não! aí sai da escola e fui na usina, né! fui mesmo pra lá.. (EN01) A minha vida nas usina era isso... muito, muito triste! não tinha o que fazer que não fosse na usina... ou podia carpi soja, arranca feijão, né! mas não se ganhava dinheiro suficiente, né! aí nessa época entro a usina e todo mundo gostava de ir porque chegava dinheiro, comprava... tudo o que não podia ter... e nessa linha aí o pessoal começo i.. (EN 01) Então eu morava na aldeia lá em Amambai... ai eu casei e meu marido largou de mim, foi embora com outra mulher... aí lavava roupa por aí né! Carpia, trabalhava na bóia fria... Aí ele foi embora... aí a minha menininha, meu menininho tinha três ano outro um ano... acho... Aí chegou um cabeçante da usina né, falou assim que ele tava pegando mulher para levar na usina também né! mulher e homem para levar na usina. Tem vez que vai família inteira, criança, mulher, tudo vai para lá também aquela época que eu foi, né! (EN02) Ai eu peguei... no outro dia dez horas eu embarquei e fui embora pra usina... aí deixei as duas crianças com minha mãe... fazer o que? Tinha que ir trabalhar pra poder sustentar as crianças, comprar roupas... aí eu fui, né? (EN02)	As necessidades e os motivos que os levaram a trabalhar nas usinas

Naquela época estudava até a terceira série... eu lembro do dia que peguei meu livro assim, indo pra escola, larguei embaixo da árvore, embaixo da árvore memo! ali e fui pega uma diária na roça... aí como eu parei naquela época, nem pai, nem minha mãe, não tinha salário, né! Aquele meu pai era analfabeto...também minha mãe... eu não tenho carçado, não tem nada... comecei... como fala pra você... trabalha na diária... eles falava pra mim que tinha que trabalha... aí eu fui...né! sai da escola e nunca mais vortei... né! ai agora como tô parado... (EN03)	
Naquele época não tinha nem escola não pra estuda... não tinha não! tinha lá uma casinha e as criança ia... mais logo largava ... tinha que trabalha... falava: larga escola e vai pega na enxada senão não vai tê nada pra comê... não tinha carçado, não! não tinha caderno... tinha nada não! aí não ia... já ia tudo pra roça... (EN03)	
Porque vejo assim... nas pessoas que trabalhavam comigo... da minha idade e ... cê vê que eles parece que tem uma aparência bem mais velha... sabia? bem assim... debilitado na saúde, né! e... (EN 01)	Consequências para a saúde física e psicológica do trabalhador
Eu vejo bastante que os meus colega que trabalhavam comigo que tinha minha idade, né! A gente era em cinco...cara! em cinco colega... assim que a gente era inseparável... aí, né, eu voltei estudá, né! o outro meu primo... aí um... deixa eu vê... três morreu... só fico um...eles continuo nessa vida de usina, essas coisa... aí sobro só um... aí esse morreu por esses anos aí... morreu...nossa! Ai eu fiquei assim... a única pessoa que sobro mesmo fui eu... aí ... (EN01)	
Eles se matavam naquilo, trabalhando, saúde, envolvia droga, nesses negócio... bebida, violência... pensei por isso eu vejo que o fim deles foi nesse sentido, né! (EN01)	
O doutor falou pra mim que peguei doença da água, né! que eu ficava dentro da água em pé no rio o dia inteirinho... e colocava tábuas assim na beirada da água e lavava roupa ali... isso aqui inchou tudo, esse meu joelho, parecia que tinha água dentro... aí o doutor me deu atestado... aí eu levei pro meu cabeçante... Só que o doutor não falou o nome da doença não! Tratou muito dia... aí eu fui na roça. (EN02)	

No alojamento também tinha gente que se matava... um dia eu tava lavando roupa... e aquela mosca vinha assim na minha roupa... era bastante roupa, né! aquela mosca verde... aí eu falei assim: o que é que foi? Era uma hora dessa... eu tava assim sozinha lavando roupa no corgo... aquela mosca vinha daquele lado assim... esquerda... aí eu fui... era bastante homem... tinha muito... eu não conhecia tudo... era da Jaguapiri... era de Amambai... era de Caarapó... era de Dourado... era de Bororo...tudo... tava lá... ai eu fui... subi assim... perto daquela árvore... aumento aquela mosca... eu fui... eu fui... acho que tava com três, quatro, dia porque a barriga estava estufada já... ele arrebento o galho de lá e caiu e a corda no pescoço... aquele galho de árvore caiu encima dele.. A corda tava no pescoço... e só mosca, aquele fedo...e era do Limão Verde... **que se suicidou lá.** Agora não sabe... ninguém sabe porque, né? Ai a perícia foi lá e coloco no caixão e levou embora... (EN02)

Eu também tenho a vista... já tá estragado... pra mim enxerga bem longe assim... eu não enxergo... **Machuquei com a foia da cana...** naquela época... igual o Osvaldo fala... **naquela época não tem aquele protetor... pra salva nosso olhos...**quando me abaixava assim pra pegar a cana assim... a folha da cana enfiava assim nos meu olhos... bem assim... aqui no cantinho...depois daquela já não... parece que tem aquele fumaça nos meu olhos...embarassado... só de um lado enxerga... Ai eu fui na dotora pra mim tira o óculo.... Falo pra mim que eu tava perdendo o positivo desse lado... tava só o negativo... a noite eu não enxergo... só se eu coloca um óculo... ai enxergo... mas enxerga assim... não enxergo não... por isso que eu falo... (EN03)

Tava... tava... até o sétimo ano... aí eu fui, né! **com 16 anos eu fui pra usina...** é... primeira vez ... **o pessoal podia levá, né!** (EN01)

Naquele tempo também levava criança, nenenzinho, criança pequena, e levava na roça ainda, criança pequena. Ficava o dia todo lá...aquele criança mais grandinho cuidava do mais pequeno... enquanto a mãe cortava cana... o pai ficava na roça... e nois ia pra roça... tudo criança... tudo... **guri menor de 12 anos, 13 anos, cortava cana já... era um monte de adolescente lá cortando cana...** (EN02)

Percepção acerca da ilegalidade na contratação

No alojamento.... Nois parava no alojamento embaixo da lona... trabalhava aqui na Nova Andradina... depois trabalhei na PAM... depois eu trabalhei ... ai ... ai já mudou... na... na.. Nova Alvorado do Sul também trabalhei ali já era alojamento... Mais primeiro... primeira coisa... eu trabalhava na Nova Andradina embaixo da lona... como diz... nóis fazia tarimba pra mois dormi encima da cama... aquele que a gente tinha que coloca pau pra nois dormi... não tem nem colchão... tinha que leva daqui pra nois fora aquele pau pra nois dormi... café, naquela época só não tinha... tinha o chá...patrão não pagava nem... como assim se diz... nem... feriado... nem décimo terceiro... como assim... não pagava nada... ele não pagava também o fundo de garantia... falava que pagava... nois só pega mesmo pela nossa produção... vem de lá... vem de lá... ele paga pra nós só o que ele tão fazendo na roça... o resto... o resto... não paga pra nós... aí quando nós veio de lá... falava ... saia pagamento pra nós só aquilo ali...só aquele que nós tava fazendo na roça... nós trabalha sem caneleira... trabalhava sem nada... nada mesmo! pra pode coloca agora... que nem diz agora... o mangote..... ponhava esse calça jeans... ponhava assim na outra perna...tirava da perna e colocava no braço pra não machuca tudo... forra nosso braço... não tinha nada não... aí a garrafa... aquele galão... se tive... se não tive nós arrumava aquele garrafa... aquele de refrigerante... tem um dia o cara levo... também usava aquele garrafa de vinho... Aquele se bate já quebra... mas levava... levava na roça e enterrava no chão pra pode bebe água fria. Trabalhei muito! muito sofrido! Desde cedo fui no fueiro! (EN03)	
Ele pega a carteira só que não contrata, só engana! (EN03)	

Eu tenho muita dó, né! desse pessoal aí que vive essa vida aí, de usina! Passando tudo essas coisas lá! (EN01)	Empatia e colaboração entre os trabalhadores
Uma coisa mesmo que ficou em mim assim... é... Quando na hora da safra ... do corte... nossa! Você vê muita gente passando mal, desidratado, né! essas coisa! Era muito feio, vê aquelas pessoas no chão, gritando de dor chegando dá câimbra! Naquela época ia quarenta e cinco pessoas ou cinquenta... e você via trinta assim, sabia? (EN01)	
Você via essas coisas tristes, acontecendo com o pessoal! eu não passei por isso porque eu trabalhava médio... Tem uns que trabalhava muito, né! pegava memo! fazia diária aí pra três dias... mesmo... essas pessoa sofria muito... é... uma coisa que fico muito marcada em mim... cê entendeu? é muito triste! (EN01)	
Aí lá na tava o meu tio... três tio meu junto comigo, primo...quase tudo minha família lá também... aí eles me ajudava, né! Porque a gente pegava eito pra cortar cana, né! aí ele me ajudava pra eu tirar meu eito... porque sozinha eu acho que eu não aguentava não! ai ele ajudava, né! cortar cana (EN02)	

E eu fui na usina e eu percebi lá que o trabalho era bem braçal, né! E... é sofrido! (EN01)	Percepção em relação ao trabalho
É sofrido, nossa! E... é muito triste, rapaiz! Cheguei vivê isso! Lídio, Liel... vê que mais professores aí... (EN01)	
Porque eu sou bem observador naquela época... percebia assim que lá não era o meu futuro não! que aquilo lá era uma experiência... uma coisa passageira...e foi quando... depois desses quatro anos, né! eu vi que... completei 20, 19 pra 20, né! falei... não! (EN 01)	
Dessa recordação da usina que eu tenho é isso... não é... não é bom não! É sofrido! (EN 01)	
E eu aprendi isso nesta experiência... e eu sempre passo isso pros alunos... sempre falo pros alunos, sempre falo pros alunos que vão sai no nono ano... é... que trabalha aí fora de braçal não é fácil! já com estudo já tá sendo difícil... e a tendência lá na frente é se mais difícil ainda... mas nada melhor do que estudá! (EN01)	
Trabalhar de braçal prejudica a saúde, sua feição muda, falei... quantos anos eu tenho? Ah! Você tem tantos anos, tal... não! eu vou fazer 40...eu vô faze 40! eu falo... então, porque... porque eu voltei estuda... aí eu mostrei a foto de um colega meu que já morreu, eu mostrei assim... ó! ele tem a mesma idade... ele não paro onde eu parei... eu parei pra continua outro caminho e ele continuo no mesmo caminho... ó! o jeito dele! Eu encontrei antes dele morre... eu encontrei ele... ele tava bem... assim... bem mais abatido, magro assim... aí falei... pedi pra tira foto dele, né! fui na casa dele... apesar de ele ter casa, ter moto, ter tudo essas coisa... Aí eu mostrei pra eles... nossa! Realmente... é.... isso aqui é o resultado da pessoa não! não é porque ele quis...vai vê que ele tinha alguma dificuldade... tal, tal... cada um tem uma dificuldade, né! mas ele teve que segui esse caminho... porque? Porque não tinha outro... e... eu segui esse caminho porque eu queria estuda... então! Aí disse ... (EN 01)	
O trabalho da usina era muito escravo, né! aquele tempo nós não tinha nem ônibus. Nós ia daqui pra usina era de gaiola... aquele de gado... (EN02)	
Eu sei que o trabalho braçal não é fácil... não é fácil não! Eu trabalhei na usina... o trabalho é ruim... a gente não dorme bem... a gente não come bem...é a gente fica doente, passa sol forte, quente... a gente come comida que não é igual da nossa casa... eu falo pra eles... eu conto minha história pra eles... eu conto sempre pro meu filho Elivelto, né... e ele fala: Mãe ... isso já passo! não pode conta mais, é passado, ele fala pra mim...eu falo pra ele: Eu tô contando... mas ele fala: eu não quero nem ouvi (risos)... (EN02)	
É ruim demais só que dá lição pra gente também né! não é trabalho fácil não! não sei agora que a turma vai trabalha...não sei se tão trabalhando bem... tá comendo bem... não sei agora... mas naquele tempo era ruim, mas tinha que ficar lá pra criar os filhos meu, eu era separada! (EN02)	

Coisa boa não tinha na usina não, naquela época! Não! O preço da cana era muito baixinho... não vendia não! tinha hora que a gente fica tudo parado no corte da cana pra aumenta preço... mas mesmo assim ... não subia não o preço... a gente parava de trabalha... aí o fiscal vinha e mandava trabalha de novo...era ruim... a gente trabalha assim, empurrando... é ruim! (EN02)	
A minha mãe converso comigo, né! falo: eu acho que você tem que volta estuda... porque isso aí não vai... é... não vai da futuro nada não! você tem que volta estuda... e isso ... é só isso que a gente tem pra dá pra você... porque caso contrário, você vai se acaba nisso daí... e bem que ela falo, né! Aí eu voltei estuda de 99 pra 2000. Ai voltei estudá! (EN 01) Foi... não lembro...acho que foi em 80... por aí... 78 por aí! Aí eu falei pra minha mãe... vou pra usina! ela ficou brava! falou: você não vai não! Você tá doida! Aí meu tio também ficou brabo... você não vai na usina não! (EN02)	Percepção dos outros em relação ao trabalho em usina
Aí eu cheguei lá, a usina era usina PAM, que chamava...aí eu cheguei lá e o cabeçante falou assim pra mim, por enquanto você não vai na roça, você vai lavar a roupa da turma... era 160 calça, 160 camisa, tinha que levar num dia tudo, todo dia. Aí eu lavei... o contrato era três mês...aí eu fiquei... aguentei lavar dois mês... depois peguei a doença, né? (EN02) Aí o cabeçante falou pra mim que a única coisa era que agora eu ia na roça cortar cana... aí meu deu facão e eu fui! (EN02) Vim direto aqui em Caarapó, na casa da minha tia... aí daqui eu fui de novo pra usina... aí eu fui lá e fiquei dois mês de novo... mesma fazenda, lá na fazenda é... PAM, que chamava antigamente perto de Rio Brilhante...lá eu fui de novo dois mês. Lá eu cortei cana de novo lá... aí de lá eu vim embora pra cá, achei meu esposo, né! que faleceu agora... aí eu vim embora mora com ele aqui, né! morava lá embaixo. Ai daí ele me levou pra lá de novo, mas só que eu não trabalhava mais na roça... ele já era cabeçante também, né! aí eu não trabalhei mais na roça...ficava ajudando ele a coordena o pessoal... (EN02) Já nesse tempo eu ficava lá cuidando das cozinheiras, já tinha cozinheira... E os meus filhos ficava com minha mãe...aí depois que eu busquei um e um ficou com minha mãe...minha mãe que criou o rapaz que tá lá! (EN02)	Atividades que realizaram na usina
É a minha experiência nesses anos aí de usina... além dessas usinas, eu passei por várias outras usinas... nesses 4 anos, né! I... eu percebi assim que ganha dinheiro, mas... e... por um lado prejudica muito a saúde... né! (EN 01)	

Ah sim! bom... o que me ajudou bastante aqui com aquela experiência ruim da usina é você... é... como diz assim... trabalha no coletivo... pensa pra ajuda um ao outro, entendeu? E... outra coisa também é... conversa... é... conversa... não assim... mante aquela superioridade, entendeu? não é porque eu sou diretor que eu tenho que tá lá encima...e ser nariz empinado, entendeu? (EN01)	Lado positivo <i>versus</i> negativo do trabalho
E com o dinheiro que eu trabalhei durante esses anos aí... que eu trabalhei... eu ajudei a minha mãe... eu fiz a casa pra ela... comprei bicicleta, ne! é...coisa assim de casa que eu ajudei minha mãe... né! e... Mas que era...nesses anos todos aí ne... a gente conseguiu mesmo é fazer uma casa, ne! né! pra minha mãe, compra as coisas de casa... fogão... é... coisas de casa mesmo... que a gente não tinha.... Cama... é... meus irmãos...é... então eu consegui... como diz assim... estrutura... a residência da minha mãe! (EN 01)	
É um negócio que você ganha dinheiro... ganha muito dinheiro, mas se não investi o dinheiro que se ganho...se acaba que perdendo só! então tem o lado bom, ganha dinheiro, muito dinheiro! (EN01)	
Por isso que essa experiência foi boa sim! Teve coisa ruim, sim! muita mesmo! mas gente trabalha tudo unido aqui! Aprende a se respeita! vive junto com o outro! (EN01)	

Por isso que eu não quero sair daqui porque aqui, vive em outro canto! é a comunidade já tem uma formação diferente, né! Essa divisão... da comunidade em vista de outra aldeia por aí...você vê contra professor, é... comunidade contra professor... é aquela rixa... aqui a gente mantém... isso porque a maioria dos professores é mais que professor, então a gente procura trabalhar com isso, com o pai, com a mãe, nesse sentido da coletividade... tá sempre informando ele... a gente puxa o capitão... fala é isso aqui... aqui... aqui...tem essa participação do capitão, do rezado, do pessoal da igreja que agora a aldeia também tem igreja.... Chama tudo pra reunião... ajuda a pensa nos problemas, nas várias situações...não é dividido... e isso ... eu acho que... não é mérito de como que é... internado... isso já vinha de alguns professor interior que vinha criando, sonhando ... e ... uma das coisas que a gente sempre que a gente vai em outros lugares, nós sempre é visto, né! Ó! Caarapó...e... a gente não fala mais, a gente faz as coisa acontece mesmo... quando a gente consegue algum determinado... tema... um determinado... é... defeito... a gente faz mesmo... a gente chama...a questão cultural da língua... é ... a gente bate de frente com esse governante, a gente bate de frente com ... a secretaria... então a gente não... não é do tipo assim... que recebe toda as coisa não! a gente analisa... pera í...como eu disse, não é só um é a maioria... então a gente é forte nesse sentido da organização... é... por isso que eu gosto... não penso sai daqui não! pra sai assim... abandona... como dize assim... só se eu ganha na mega sena (kkkk) aí sim... (EN01)	A Relação com a comunidade (aldeia)
---	---

Não! não saio daqui... eu tenho casa aqui... moro aqui! Tenho minha filha que mora aqui... eu tenho uma namorada não-índia, né! que mora lá... aí eu só vô finais de semana, de vez em quando, quando tem reunião na secretaria e chove ... hoje, amanhã... fico lá! eu sou igual o Lídio gosto de ficar aqui... porque aqui tem liberdade... tem quintal, vê terra, ser livre, vê a planta... (EN01)	
Eu não consegui me organiza no sentido de ter uma rocinha, mas é por fato de ter muita coisa... mas o Lídio sempre dá um jeito, mais... é ... aqui é melhor, tranquilo! Na cidade é diferente... Vejo minha namorada que pena com as coisa lá! falei... vixi... falei: eita porra! aqui é complicado as coisas! (EN01)	
E muitas aldeia tem essa dificuldade, não é igual nós não! Aqui tem união... a escola conversa com tudo... igreja, capitão, rezador... tudo... nós enfrenta tudo o que vier! nós é foda! (EN01)	
Eu moro sozinha ali, e ela mora na cidade... eu fico uma semana com ela lá na cidade... depois eu volto pra cá de novo... Não aguento fica lá, não! Tudo preso, você não vê o vizinho, o parente, não tem pra onde i, fica preso dentro da casa! Eu não gosto de cidade, não tem amizade, lá! (EN02)	
Tem outra coisa, aí, doutora! Tinha que ajeita pra eu encosta... aqui não dá mais pra trabalha. Pensei de i pra Caarapó, mais lá também não vai tê i lá é mais ruim, porque você tem fica preso num lugarzinho só... só no quintal da casa, igual o povo aí fala! Só aquilo e lá também não tem o parente, não! Aí fica pior do que tá aqui! (EN02)	
19 anos quando eu fui na usina... aí... eu fui lá... onde tava a liderança e o cabeçante tava lá... eu também vou pra usina! batemos o contrato, né! pego meu documento e fez o contrato. Aí eu vim embora pra casa de noite e iam levar no outro dia de manhã. Aí eu fui embora pra casa... falei pra minha mãe, eu vou pra usina! e já vô deixa dinheiro com a senhora e você faz compra pras crianças... É ... o adiantamento... (EN02)	Decisão de trabalhar na usina
Aqui a vida assim... cada dia é um desafio, cada ano... então.. Se a gente não tem uma equipe preparada pra defende, luta, a gente não vai consegui não! (EN01)	Percepção sobre os desafios futuros

A usina... é... nos ensinou a se humilde, entendeu? ajuda um ao outro, né! cuida um ao outro, né! se o outro tá doente, se o outro tá... é... não pegou o alimento antes do carro i...se... observador ... é isso que me ensino a usina, né! e... sempre te... humildade... e ouvi, né! respeita os mais velho... e... é isso, que às vezes eu trago muito no meu trabalho de hoje... eu gosto de.. de... ouvi as pessoas, eu não gosto de puni as pessoas antes de conversa certinho, né! saber o que aconteceu... e... é o que eu passo com os alunos, professores, né! com os coordenadores, né! eu sou uma pessoa ... igual o Lídio... calmo pra caramba... eu e ele aprende rápido... já umas coisa que eu percebi que nas mulheres que trabalham aqui, elas já não tem isso... teve uma experiência aqui... que a gente ... teve uma reunião ali que a gente, o diretor, coordenador, capitão, secretária... houve um bate boca do caramba ali ... e... as mulhe tudo brava, né! e eu e o Lídio... a gente... parece que só observava...a gente não queria debate uma coisa com capitão e secretária... se ele não entende bem, né! a gente não vai gasta energia com ele (EN01)	Mudanças no comportamento devido a experiência de trabalho na usina
A coisa principal que essa experiência de usina me deu é sabe conversa... nas reunião de professor eu só observava, ouvia... eu falava as coisas bem objetiva... só... minha ideia era que quem fala demais, as vezes fala o que não presta...então eu era bem assim... mais resguardado no dia assim... e nisso aprendi que... quando vim na direção eu tinha que muda... tinha que muda... tinha que sabe conversa, ouvi... sabe pedi... sabe ouvi... entendê o que aconteceu, né? e... o pior de tudo isso é não! não... não ter aquela superioridade, né! é... uma das coisas que eu sempre converso... com o pessoal é... é... No trabalho a gente tem que ter essa hierarquia... ó... professor, coordenador, diretor... na hora da função, cada um faz a sua parte, mas... quando é... questão assim de conversa... é parte pedagógica, parte burocrática, né! a responsabilidade é nossa, entendeu? (EN01)	
É que lá na usina você fica forte! Tem que aprendê a fica forte! Sei lá!Você tudo aquilo lá e enfrenta, só que tem se forte mesmo! (EN02)	
Vê o povo ficá nesse ponto... e tinha que trabalha, né! não tinha outra coisa, né! isso que fico marcado em mim... (EN01)	Conformidade com o caráter desgastante do trabalho
É ruim demais só que dá lição pra gente também né! não é trabalho fácil não! não sei agora que a turma vai trabalha...não sei se tão trabalhando bem... tá comendo bem... não sei agora... mas naquele tempo era ruim, mas tinha que ficar lá pra criar os filhos meu, eu era separada! (EN02)	

Eu vejo assim... porque eu voltei a estudar... porque a perspectiva da educação é diferente, né! abre a...a nossa mente... de você enxerga outra visão, né! E.. Eu já não! eu já me vi diferente nesse sentido... que a educação transforma a gente, né! Eu acredito... é... que transforma a gente sim! eu sou uma prova disso... eu, o Lídio... tem muito colega meu aqui, que é meu funcionário que trabalharam na usina e voltaram pra estudar... hoje o Lídio... o Lídio tem quase a minha idade... deve ter uns 40... 41... não, acho que ele é mais novo que eu... ele entrou nessa vida também, mas depois voltou a estudar... e... acho que a gente voltou junto praticamente... é... a gente voltou junto e fez o <i>Araverá</i> junto... o <i>Teku Arandu</i> junto... e... (EN01)	A educação como a única possibilidade de evitar o trabalho braçal e melhorar as condições de vida
Nossa! Eu vou pára com isso aqui, vou volta a estudar (kkk) e foi o que eu fiz... e a minha mãe também me ajudou nesse sentido... (EN01)	
Estuda, você se prepara e... que a vida braçal lá não é fácil... não é fácil! (EN01)	
Nossa! É triste mesmo por isso que tem que estudar! Eu sei que ... estudar não significa que você vai trabalhar, você tem que tá preparado pra entrar em qualquer lugar, se não tiver preparado... não adianta você terminar o terceiro ano e ficar ali... vai... vou arrumar trabalho... é isso aí! quanto mais você estuda, é melhor... se você tem uma oportunidade hoje... de trabalhar aqui... pega ele e faz ele como uma ponte... (EN01)	
Só que lá na usina eu peguei sim... uma lição boa porque eu sempre falo pro meu colega daqui, né! pras crianças que eu do aula... falo no ensino médio... de sexto ao nono ano... eu conto minha história pra eles... e falo: vocês tem que estudar! (EN02)	
Na época tinha três filhos, hoje tenho cinco... seis com um adotivo... São adultos... uma trabalha na secretaria... a outra era agente de saúde, só que quebrou tudo essa parte aqui do braço... caiu de moto... tá parado lá! não tá trabalhando não! a outra não quer nem estudar, acredita nisso? a minha caçula que tem 26 anos. (EN02)	

Depois... depois que ... é... casei com esse meu esposo... aí construiu uma escola... a Saverá! não sei se você já viu a escola Saverá...aí esse Agripino era liderança... aí eu morava lá onde tá a represa... bem ali... aí o chefe era o Israel... um barbudo da Funai... Ai foi lá em casa e falou pra mim assim: Catalina, você não quer trabalhar de merendeira lá na escola? que tá pra funciona lá a escola? aí eu falei pra ele: Eu vou pensa! e a escola estava bonita, pintando... já ia inaugurá a escola... aí um dia a liderança... esse Agripino... foi lá de novo com o Fernando e falou pra mim de novo: Catalina, você não quer trabalha na escola Saverá? Aí meu esposo falou assim pra mim: Se você quer trabalha... trabalha... aí de tardizinha o Fernando era o motorista da Funai, pegou o caminhão... foi, buscou minha mudança... tinha uma casa que construiu assim... aí deu pra nós mora... eu e meu esposo que nós entremo naquele escola... primeira vez trabalha... escola Saverá... aí ... parei de i na usina com meu esposo (esse que morreu) e trabalhei lá de merendeira, lá muito tempo...acho que era depois de oito anos... não sete ano... já era outra liderança... era Silvio Paulo... aí foi lá e falou pra mim.: Catalina, falou pra mim... tem um projeto de quem quer estuda pra professora...tô procurando... falou pra mim... você não quer estuda? Pra você sai da cozinha, pra você ... é ... ensina nossas criança! falou pra mim, né! O projeto era Araverá... aí eu falei pra ele de novo...eu brinco muito com ele na época... né! eu vou pensa uma semana... aí domingo você vem almoça com nós daí eu ... nós vamo conversa bem... e ele veio no domingo de novo...foi lá em casa... aí eu falei pra ele: Eu vou! eu vou estuda! (EN02)	Como se deu o processo de transição da usina para a escola e as dificuldades encontradas
Eu parei no terceiro ano... terceira série... que falava aquela época... aí eu fui estuda de novo! aí eu estudei aqui em Caarapó, estudei depois o Araverá... terminei com quatro anos... depois que eu fui estuda Araverá já fui pra sala... a diretora foi e falo pra mim: Você vai pra sala... você vai sai da cozinha e vai pra sala... fiquei assustada! E agora o que eu vou ensina? Eu não sei nem o que vô ensina pras criança...aí ela falou pra mim: você não vai entra sabendo de tudo lá na sala de aula... tem tudo tem coordenadora, tem eu pra ajuda você dá aula... daí nós vai se ajuda... ela falo! Ai eu fui! aí acho que eu fiquei parada de novo uns seis anos depois do Araverá e eu fui estuda Teku Arandu, a licenciatura indígena... lá no UFGD. Ai aquele eu terminei de novo... a faculdade.... Depois fiquei parada... não estudei mais! Meu concurso é educação infantil... até o quinto ano... (EN02)	
Agora não tô na sala porque eu entrei de depressiva muito forte, né! aí o doutor liberou eu de trabalhar... me readaptou no outro serviço... agora ajudo a coordenadora fazer o material didático... fico aqui nesta escola... (EN02)	Condições atuais de vida (como estão e o que fazem?)

No ano passado... ano retrasado... quando teve a retomada aqui... foi ano passado... né? Em 2016. Aí eu levei um tiro desse lado aqui... aí eu acho que eu levei muito tiro, sei lá! e aqueles tiro assim, aquela fumaça, todo mundo correndo... parece que ouço toda hora... dentro da minha casa...na hora não queria nem sair de casa... fora assim... não queria ver ninguém, assim.... e naquele ano meu esposo também faleceu... aí ele faleceu com AVC hemorrágica... aí... ele morreu também... **aí junta tudo e eu não aguentei mais!** (EN02)

Tava junto daquele que morreu ... daquele sete que levou tiro... um morreu, né? **Ai depois que fiquei assim!** (EN02)

Aí... me deram serviço aqui pra trabalha com a criança especiais e junto com o psicólogo lá... Ele... é quieto... eu sentada assim, ele também assim ... sentado... quieto, **ninguém falava com ninguém, quando chegava quatro horas eu chorava não aguentava mais aquele silencio! as criança também vinha conversava com nós... contava problema pra nós ... ai quatro horas eu não aguentava.... Chorava...** e o psicólogo falava assim pra mim: o que que foi Catalina, que você tá chorando? Falei pra ele: nada... nada... **E foi, foi, foi... que eu não aguentei mais!** (EN02)

Eu tenho agora 53 anos... hoje... **Hoje tô parado...** agora... porque **eu mandei minha carteira agora, mas não sei se vai aprovar**, doutora... porque agora a firma ... **ele pega agora... aquele cara que dá produção... aquele que não dá produção ele pergunta pro cabeçante se ele vai fazer produção ou não... né! se não dá, logo, logo, ele já pega e já encosta... não que pega mais!** Então por isso que eu falo, já como o Braz fala, né, **quando já tem idade já não pega mais! Pega só aquele pessoal novo, aquele pá pode dá produção... pra empresa não paga pra ele. Como eu já tenho idade, né! pra mim alcançar o pulo do novo, já não dá mais! já trabalho menos...** o que eu pode fazer, eu faço, né! **mais pra corta cana como aquele rapaz novo, né! naquela época que era novo alcançava diária boa, né! sessenta, setenta, oitenta real a diária, mas agora com essa idade, já tem machucadura, dor na perna... se trabalhar muito já cansa aqui no meu joelho...** (EN03)

Eu trabalho assim, **mas não alcanço mais aquele que é novo... produção do novo não alcanço não! Eu tenho desejo de trabalha, mas só que a empresa não pega mais! a gente tá de idade... né! agora mesmo tô parado...** (EN03)

E naquele época ainda eu alcancei diária boa pra mim mante minha família... pra mim mante minha esposa... **mas agora com essa idade, já não alcança mais não!** pode fala de mim... será que aquela pessoa ainda alcança diária boa? não alcança mais! **pra mim iguala ... o pulo daquele pessoal novo...agora... não alcança mais não!** (EN03)

Olha! da minha parte queria ser encostado... não adianta mais anda pra cima pra baixo na usina... **se eu ir na usina...** fala a mesma coisa... na outra usina na vai fala mesma coisa... **vai olha na minha idade e vai fala... você já tem idade...e nessa idade quase não pega mais!** como diz os irmão dele... **porque**

pra mim eu ainda tenho família... tenho meu guri que tem 13 ano ainda aí... ainda tá na escola... tenho dois filho pequeno ainda... (EN03) Agora não... naquela época tinha... pra pode trabalha ... ir na diária... na diária até pode vim alguém e leva pra trabalha... mas agora com essa usina que tá não pega não! na diária tá difícil pra trabalha na diária... é difícil trabalha na usina! só na produção... não alcança mais o pulo do novo porque naquela época tinha diária... na fazenda...leva pra faze alguma coisa... passa veneno ou cata raiz, na diária, né... agora não tem mais! pra pode mante nossa família... como vô mante? Minha esposa não é assalariada, nem ele... agora esse nesse causo... tá bem difícil! não sei o que vai faze com isso... (EN03) Eu não posso fala que vô mante... porque não tenho salario ... não tem! e com essa idade... a usina não pega com essa idade... eu tenho que trabalha ainda... pra mim parece que eu tô são ainda, mas a usina.... A usina... vai fala: será que você vai da produção pra mim ainda? Com esses cinquenta e três ano? Não garante mais que dá pra faze a produção do jeito que o novo ta fazendo... então essa é minha preocupação... da minha parte era pra mim encosta mesmo... (EN03) É.. Só esse aí... só esse por enquanto... tá tudo parado... se eu tivesse salário ia tá bom... né! falava assim... eu vou fica trabalhando porque tenho um salário... vou fica trabalhando pra mim ... pra mante a família só que como eu não tenho... do que eu vou vive... do que vou me mante? (EN03)	
Minha mãe era analfabeta, meu pai era analfabeto... meus parente tudo analfabeto. Não tinha que i na escola, escola naquela época pra que? Sei lá se tinha até professor, naquela época. A ideia era que tinha que trabalha, fazê diária por aí, depois veio a usina... Agora... fico assim... mas eu assino meu nome... agora lê... lê mesmo... eu não sei não! leio mais ou meno o meu nome... (EN03)	O trabalho como prioridade

Fonte: Dados obtidos por meio de entrevista narrativa e da autora

4.3 A organização dos *Núcleos de Significação*

Após construirmos os indicadores, passaremos para a terceira etapa do processo de interpretação e análise que é a constituição dos núcleos de significação que, conforme Aguiar & Ozella (2006) orientam, deve seguir os critérios de semelhança, complementaridade ou contradição.

Ainda de acordo com os autores, os núcleos devem apreender “os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que

revelam as suas determinações constitutivas”. Nesse processo, portanto, foi possível inferir e sistematizar quatro núcleos de significação.

Quadro 5 – Dos indicadores aos núcleos de significação

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
As necessidades e os Motivos que o levaram a trabalhar nas usinas	O que os motivou a trabalhar nas usinas? Necessidades, motivos e as condições que determinaram a ida e a permanência
O trabalho como prioridade	
Decisão de trabalhar na usina	
Conformidade com o caráter desgastante do trabalho	Sobre o trabalho nas usinas? características e estratégias para lidar com as dificuldades
Situações que revelam as precárias condições do trabalho	
Percepção acerca da ilegalidade na contratação	
Atividades que realizaram na usina	
Consequências para a saúde física e psicológica do trabalhador	
Percepção dos outros em relação ao trabalho em usina	
Percepção em relação ao trabalho	
Lado positivo <i>versus</i> negativo do trabalho	
Empatia e colaboração entre os trabalhadores	O que mudou e por que mudou? Transformações nos modos de pensar, de sentir e de agir após o trabalho nas usinas
Mudanças de comportamento devido a experiência de trabalho na usina	
A educação como a única possibilidade de evitar o trabalho braçal e melhorar as condições de vida	
Como se deu o processo de transição da usina para a escola e as dificuldades encontradas	Como estão e o que fazem após a experiência nas usinas? As atuais condições de vida e perspectivas para o futuro
A Relação com a comunidade (aldeia)	
Percepção sobre os desafios futuros	
Condições atuais de vida (como estão e o que fazem?)	

Fonte: Dados da autora

Ressaltamos que, para Aguiar & Ozella (2006), as três etapas consistem num trabalho de organização do dado empírico em pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação e se caracteriza como um processo de análise. Os núcleos resultantes deste processo serão analisados no próximo capítulo e será o momento de apreender de forma mais completa, complexa e sistematizada os elementos e as múltiplas determinações que constituem e revelam o movimento do nosso objeto de estudo à luz da teoria Histórico-Cultural.

CAPÍTULO V

OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO INDÍGENA NA PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR

Considerando que toda palavra possui um significado, interpretamos, sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, as falas de três sujeitos participantes desta pesquisa, obtidas por meio de entrevistas narrativas e analisadas seguindo o procedimento metodológico denominado Núcleos de Significação. Esse processo é construtivo-interpretativo e tem por objetivo apreender os significados e sentidos do trabalho dos indígenas da aldeia Te'ýikue nas usinas de açúcar e álcool.

Sendo assim, nesta pesquisa, também não ficaremos presos aos aspectos mais visíveis e óbvios dos fatos, isto é, dos dados empíricos, mesmo que estes sejam indispensáveis ao nosso processo de investigação, uma vez que o empírico (aparência) e o concreto (essência) são instâncias de um processo dialético que é o da construção de conhecimento acerca da realidade. Segundo Kosik (1976, p. 12) o real “é a unidade do fenômeno e da essência” que, por sua vez, só se torna acessível pela mediação do intelecto, da ciência e da filosofia. O autor enfatiza que sem a mediação teórica, os fenômenos são reduzidos a representações comuns, independentes e naturais e a destruição da pseudoconcreticidade (falsa realidade) é possível a partir da

[...] 1) crítica revolucionária da práxis da humanidade, que coincide com o devenir humano do homem, com o “processo de humanização do homem”, do qual as revoluções sociais constituem as etapas-chave; 2) pensamento dialético, que dissolve o mundo fetichizado da aparência para atingir a realidade e a “coisa em si”; 3) realizações da verdade e criação da realidade humana em um processo ontogenético, visto que para cada indivíduo humano o mundo da verdade é, ao mesmo tempo, sua criação própria, espiritual, como indivíduo social-histórico (KOSIK, 1976, p. 19).

Em suma, a pseudoconcreticidade, pode ser destruída com a práxis humana, que dá poder ao indivíduo, que o faz capaz de transformar sua realidade à medida que é transformado por ela e que o faz compreender que a verdade não é inatingível, tampouco alcançável de uma só vez. A verdade não é eterna, mas se constrói, se desenvolve e se realiza sob múltiplas determinações (KOSIK, 1976, p. 19).

Neste capítulo, o esforço será na tentativa de captar a realidade e suas inúmeras determinações, considerando a historicidade do processo de assalariamento da mão de obra indígena pelas usinas de açúcar e álcool, as mediações que permitiram que o objetivo (real) se

tornasse subjetivo (significações) e as suas contradições. Entretanto, Aguiar e Ozella (2006, p. 229) advertem que a apreensão dos sentidos não significa apreender uma resposta única, coerente, definida, completa – mas às vezes contraditórias, parciais – pois “muitas vezes, o próprio sujeito o desconhece, não se apropria da totalidade de suas vivências, não as articula”.

Para tanto, os quatro núcleos de significação, inferidos e sistematizados a partir dos dados empíricos produzidos por meio de entrevistas narrativas, nos permitirão perceber além da aparência, considerando as condições subjetivas, contextuais e históricas. São eles: 5.1 O que os motivou a trabalhar nas usinas? Necessidades, motivos e as condições que determinaram a ida e a permanência; 5.2 Sobre o trabalho nas usinas: características e estratégias para lidar com as dificuldades; 5.3 O que e por que mudou? Transformações nos modos de pensar, de sentir e de agir após o trabalho nas usinas; 5.4 Como estão e o que fazem após a experiência nas usinas? As atuais condições de vida e perspectivas para o futuro.

Como citado no capítulo III, que trata sobre os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, utilizamos apenas a entrevista narrativa (EN⁴²) de três participantes: Participante 1 – G.A.G.; Participante 2 - Z.B.N.; Participante 3 – F.G.R.

5.1 NÚCLEO 1 - O que os motivou a trabalhar nas usinas? Necessidades, motivos e as condições que determinaram a ida e a permanência

Este núcleo é o resultado da articulação de um conjunto de indicadores, cujos conteúdos temáticos nos permitem caminhar em busca do concreto que constitui a dimensão subjetiva das necessidades, dos motivos e das condições reais que favoreceram a ida e a permanência dos índios da aldeia Te'ýikue nas usinas de açúcar e álcool. Os indicadores que fazem parte deste núcleo são: a) As necessidades e os Motivos que o levaram a trabalhar nas usinas; b) O trabalho como prioridade; c) Decisão de trabalhar na usina e d) Conformidade com o caráter desgastante do trabalho.

Com o objetivo, então, de apreendermos as significações constitutivas deste núcleo, iniciaremos com o relato do participante G.A.G.

sai e fui pra usina... porque... a dificuldade aqui na aldeia era... era muito, né! e a gente era em três irmão... e a minha mãe era a única pessoa que trabalhava, né! E... a minha mãe era separada também, né! (EN01).

Ele explica as condições que favoreceram sua ida e permanência por quatro anos nas usinas de cana-de-açúcar. Revela uma realidade marcada, sobretudo, pela falta de alternativas

⁴² EN – Entrevista Narrativa

e possibilidades, a não ser aquela do trabalho braçal, que lhe garantisse a satisfação de necessidades básicas de subsistência. Na sequência, enfatiza, mais uma vez, o quão grande era a dificuldade na aldeia que o faz abandonar os estudos e buscar um trabalho que lhe permitisse auxiliar a mãe e os irmãos na luta pela sobrevivência. Além das dificuldades financeiras, também relata que as condições de acesso à educação eram precárias. Precisava se deslocar de ônibus até a cidade (Caarapó-MS) para estudar, pois havia apenas uma escola na aldeia e só atendia o ensino fundamental I⁴³. O seu relato evidencia que, naquele momento, trabalhar na usina era melhor do que estudar. Ir à escola na cidade parecia ser muito mais difícil e penoso.

e... a dificuldade via muita, né! Aí o fato de a gente estudá na cidade também... Não tinha escola aqui, né! qué dize... tinha até o primeiro ao quinto... de sexto ao nono era tudo lá... mas era difícil estuda lá... pega ônibus, na cidade não era fácil não! aí sai da escola e fui na usina, né! fui mesmo pra lá! (EN 01).

Enfatiza a falta de alternativas/possibilidades em outro tipo de atividade/trabalho. Menciona o serviço em lavouras (outras culturas) como diaristas, pouco atrativo, pois o ganho (remuneração) era menor e revela, também, a situação de exploração de mão de obra indígena pelos fazendeiros da região. Mas, para ele, o emprego na usina era a única possibilidade para melhorar as condições de vida de sua família, garantia de poder aquisitivo para ter tudo aquilo nunca antes possível e que agora, com o salário da usina, se tornara acessível. Também demonstra muito sofrimento e emoção ao mencionar o trabalho como a única alternativa de sobrevivência

muito, muito triste! não tinha o que fazer que não fosse na usina... ou podia carpi soja, arranca feijão, né! mas não se ganhava dinheiro suficiente, né! aí nessa época entro a usina e todo mundo gostava de ir porque chegava dinheiro, comprava... tudo o que não podia ter... e nessa linha aí o pessoal começo i.. (EN 01)

A participante Z.B.N. também revela condições precárias de subsistência: mulher, abandonada pelo marido com dois filhos pequenos, que não vê outra alternativa a não ser trabalhar nas usinas de cana-de-açúcar. Sua narrativa aponta outras atividades, como o serviço em lavoura e os domésticos, mas, para ela, a usina também era a melhor alternativa, a que lhe possibilitaria melhores condições de vida para si e para seus filhos.

⁴³ O período a que se refere o sujeito 1 é o ano 1994. Atualmente, a reserva possui uma escola estadual que oferece o Ensino Fundamental II e Médio (inclusive na modalidade EJA) nos períodos matutino, vespertino e noturno. E cerca de 50% dos professores são indígenas.

ai eu casei e meu marido largou de mim, foi embora com outra mulher... aí lavava roupa por aí né! Carpia, trabalhava na boia-fria... Aí ele foi embora... (EN 02)

aí deixei as duas crianças com minha mãe... fazer o que? Tinha que ir trabalhar pra poder sustentar as crianças, comprar roupas... aí eu fui, né? (EN 02)

Com argumentos muito semelhantes, o participante F.G.R. relata que desde criança trabalha nas lavouras e nas fazendas próximas a aldeia. Abandonou a escola por ordem dos pais analfabetos, que não viam na educação escolar uma possibilidade para melhorar as condições de vida. Também conta que não tinha condições de frequentar uma escola, pois não tinha caderno e nem calçado.

ai como eu parei naquela época, nem pai, nem minha mãe, não tinha salário, né! Aquele meu pai era analfabeto...também minha mãe... eu não tenho carçado, não tem nada... comecei... como fala pra você... trabalha na diária... eles falava pra mim que tinha que trabalha... aí eu fui...né! sai da escola e nunca mais vortei... (EN 03)

... tinha que trabalha... falava: larga escola e vai pega na enxada senão não vai tê nada pra comê... não tinha carçado, não! não tinha caderno... tinha nada não! aí não ia... já ia tudo pra roça... (EN 03)

Como vemos, os três participantes relatam que as necessidades que os fizeram buscar o trabalho nas usinas de cana-de-açúcar eram as básicas de sobrevivência, como comer e vestir, e também revelam o desejo de melhorar de vida. A usina representava, naquele momento, a esperança de construir uma história diferente, com menos pobreza e mais dignidade. Foi essa esperança e a busca por melhores condições de vida que impulsionaram a ida e a permanência, mesmo em condições precárias e análogas à escravidão, aos canaviais.

A teoria de Leontiev (1978b) sobre necessidades e motivos nos auxilia na compreensão desta realidade. Segundo ele, a necessidade nada mais é do que um impulso, uma tendência que, ao encontrar-se com o objeto se transforma em motivo. Assim, a ação do homem no mundo, considerando suas necessidades, só se efetiva quando este consegue significar algo do mundo social como possível para satisfazer suas necessidades. É assim que a “possibilidade de realizar uma atividade que vá em direção da satisfação das necessidades, modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividades” (AGUIAR & OZELLA, 2013).

Portanto, foram a pobreza e as péssimas condições de subsistência que motivaram a ida e a permanência nas lavouras de cana-de-açúcar. O trabalho nas usinas passou a significar

a alternativa mais viável para a obtenção de renda, como explica Brand (2001) acerca da realidade das comunidades indígenas no estado do Mato Grosso Sul⁴⁴

O que caracteriza a situação desses povos em nosso estado é o seu confinamento em áreas de terra insuficientes para a sua sobrevivência física e cultural. O processo histórico tem se caracterizado pela progressiva perda territorial para as frentes de colonização que adentraram os territórios indígenas tradicionais. Esses povos vivem hoje em reservas de terra que, em sua maior parte, são demarcadas pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Todas são, porém, superpovoadas, considerando-se o modo específico de vida e as relações que tradicionalmente esses indígenas mantêm com a natureza. Os recursos naturais estão profundamente comprometidos, não oferecendo mais as mínimas condições para a sobrevivência dessas coletividades. Os indígenas são obrigados, então, a se assalariarem nas usinas de produção de álcool e açúcar (BRAND, 2001, p.59).

Portanto, as necessidades evidenciadas pelos participantes acima mencionados refletem o quanto a forma de produção capitalista abarcou, decisivamente, os modos de produção original dos povos guarani-kaiowá. Originalmente, caçavam, pescavam, cultivavam a terra e viviam em pequenas comunidades de produção e consumo. Respeitavam os recursos naturais e deles se utilizavam de forma sustentável, de modo a não torná-los escassos, pois sabiam que sem eles não poderiam sobreviver.

O contato com os não-índios e o modo de produção e consumo capitalista alterou essa economia, gerou necessidades que antes eram satisfeitas por meio da troca, pela própria produção e, principalmente, pelo uso e consumo conscientes dos recursos naturais, estritamente necessários à sobrevivência. Marx (1844/2008, p.247) estabelece uma unidade dialética entre as categorias de produção e consumo no capitalismo. Segundo ele, “a produção é, pois, imediatamente consumo, o consumo, é imediatamente produção”. Uma vez que “a produção cria os objetos para o consumo; o consumo cria a necessidade como objeto interno, com finalidade da produção. Sem produção não há consumo; sem consumo não existe produção” (MARX, 1844/2008, p. 249).

Percebe-se, portanto, que, com o avanço do capitalismo e com a globalização e, conseqüentemente, com o aumento significativo da produção, fez-se necessário criar novas necessidades, novos consumidores, uma vez que sem a necessidade não há produção, da mesma forma que não há produção sem consumo, haja vista que este reproduz a necessidade. Ainda na

⁴⁴Este estudo se refere apenas aos trabalhadores indígenas da aldeia Te'ýikue, município de Caarapó-MS. Porém, Rezende (2011) afirma que esse processo de assalariamento, iniciado na primeira metade da década de 1980, absorveu essa mão de obra em grande quantidade, em função de sua localização, especialmente os Nandeva e Kaiowá de Caarapó, Dourados, Panambi e Panambizinho.

continuidade desta discussão, Marx (1844/2008) afirma que a produção gera o consumo da seguinte maneira: a primeira é fornecendo-lhes os materiais; a segunda é estabelecendo seus modos de consumo e a terceira é estimulando, no consumidor, a necessidade dos produtos que a produção determinou como objeto.

Esse movimento, em que as necessidades vão sendo modificadas ao longo do tempo, obedecendo aos modos de produção capitalista, pode ser compreendido também com base na afirmação de Leontiev (1978b)

(...) as necessidades humanas são geradas pelo desenvolvimento da produção. Afinal, a produção é também diretamente consumo, o qual cria a necessidade. Em outras palavras, o consumo é mediado pela necessidade de um objeto, sua percepção ou sua apresentação mental. Nesta, em sua forma refletida, o objeto aparece como o motivo ideal, internamente gerado (LEONTIEV, 1978b, s/p).

O autor ainda explica que o desenvolvimento das necessidades humanas é cíclico. Ou seja, primeiro o homem age buscando a satisfação de suas necessidades básicas, contudo, com o tempo isso se modifica, satisfaz suas necessidades básicas para, então, poder agir. Ainda segundo o autor, “(...) por trás desse movimento se esconde o desenvolvimento de seu conteúdo objetivo, isto é, os motivos concretos para a atividade humana” (LEONTIEV, 1978b, s/p).

Os motivos são, portanto, preenchidos por conteúdos objetivos, concretos e, por isso, Leontiev (1978b) afirma que a análise psicológica das necessidades torna-se, necessariamente, uma análise dos motivos que levam o homem a agir, ou seja, que levam à atividade e, necessariamente, são multi-motivacionais: voltadas à sociedade e voltadas à própria pessoa. “Assim, a atividade do trabalho é socialmente motivada, mas também é dirigida a motivos, como, digamos, a recompensa material. Embora coexistam, é como se esses dois motivos ocupassem planos diferentes” (LEONTIEV, 1978b, s/p.). As necessidades são, portanto, constituídas a partir de um processo mediado pelas relações sociais de caráter único, singular, subjetivo e histórico (AGUIAR & OZELLA, 2006).

Portanto, os motivos que levaram os participantes a buscarem o assalariamento nas lavouras de cana-de-açúcar eram não somente para satisfazer suas próprias necessidades, mas também para atender as necessidades de suas famílias. Necessidades estas que foram criadas e impostas pelas práticas do capitalismo.

O participante G.A.G. buscava melhorar as condições de vida da sua família (mãe e irmãos) e *“comprar tudo aquilo que não podia ter”* (EN 01). Ele não cita necessidades básicas como alimentos, até porque sua mãe era contratada pela prefeitura e trabalhava na escola da aldeia. No trecho *“aí nessa época entro a usina e todo mundo gostava de ir porque chegava*

dinheiro, comprava... tudo o que não podia ter... e nessa linha aí o pessoal começo i..” (EN 01). Percebemos certa tendência, uma moda entre os moradores da aldeia. Iam, traziam dinheiro e podiam comprar o que antes não era possível. A respeito desse comportamento reproduzido, acrítico, pautado no imediatismo, acerca da realidade, podemos nos valer da explicação de Kosik (1986)

Os homens usam o dinheiro e com ele fazem as transações mais complicadas, sem ao menos saber, nem ser obrigados a saber, o que é o dinheiro. Por isso, a práxis utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade (KOSIK, 1986, p.10).

Na continuidade o autor, fundamentado em Marx, afirma que esse tipo de compreensão fragmentada da realidade é historicamente determinada e unilateral, porque é “baseada na divisão do trabalho, na divisão da sociedade em classes e na hierarquia de posições sociais” e são consideradas ideais por aqueles que efetivamente determinam as condições sociais (KOSIK, 1986, p. 10). No que tange ao uso do dinheiro, por exemplo, o povo guarani kaoiwá passou a utilizá-lo mais de forma a imitar a atitude econômica capitalista do que como uma demanda cultural, e seu valor era mais simbólico do que real, conforme explica Schaden (1974).

Os participantes Z.B.N. e F.G.R citam necessidades básicas de subsistência como alimentos e roupas para si e para seus familiares – o assalariamento para eles era a única forma de garantir a sobrevivência. Isso para Marx (1844/2008, p.84) é consequência da alienação que, por sua vez, é produto de uma sociedade dividida em classes, em que o trabalho é reduzido a um meio de existência física, de modo que “a vida mesma aparece só como meio de vida”.

Os sentidos nos levam à compreensão de que este trabalho era considerado como a única alternativa e última possibilidade para a melhoria das condições de vida, garantindo o necessário para sobreviver, ou seja, a obtenção de renda para si e para seus familiares, pois como afirma Gonzalez-Rey (2004, p. 54) “as necessidades subjetivas aparecem a partir da ativação do sujeito diante de uma situação social da qual participa”. Dessa maneira, concordamos que as necessidades têm a ver, ao mesmo tempo, com o sujeito e com a realidade na qual está inserido. Necessidades estas que foram se constituindo historicamente a partir de eventos de exploração, violações de direitos e de descaso das entidades governamentais, como explica Brand (2001)

Além das perdas provocadas pela redução das extensões de terra ocupadas, a qualidade de vida dessas comunidades foi comprometida mais ainda por um modelo de desenvolvimento agrícola transplantado das grandes propriedades rurais regionais. Esse modelo, centrado na monocultura e na mecanização provocou a destruição dos recursos naturais, desarticulando as formas

tradicionais de produção, sem conseguir gerar, no entanto, os alimentos necessários ao sustento das mesmas comunidades. Essa imposição de fora para dentro contribuiu para o aumento da fome e da desnutrição entre a população indígena local (BRAND, 2001, p. 62).

O afeto também tem interferência direta na decisão de buscar melhores condições de vida por meio do assalariamento nas lavouras de cana-de-açúcar, uma vez que o sentido é uma unidade constituída pela relação entre cognição e afeto ou, como afirma Gonzalez-Rey (2004, p. 51), “a unidade constitutiva da subjetividade, capaz de expressar processos de subjetivação naquilo que têm de dinâmico, irregular e contraditório”. A fala dos participantes Z.B.N. e G.A.G refletem o quanto o afeto esteve presente nessa decisão.

... mas naquele tempo era ruim, mais tinha que ficar lá pra criar os filhos meu, eu era separada! (EN 02)

Vê o povo ficá nesse ponto... e tinha que trabalha, né! não tinha outra coisa, né! isso que fico marcado em mim... (EN 01)

Revela também a conformidade com as condições do trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar, que não lhes agregou maiores benefícios a não ser a renda. O trabalho nos canaviais é comparado à condição do animal, que executa uma atividade à contragosto apenas para a satisfação de suas necessidades primárias. De acordo com Marx (1844/2008, p. 83), em suas funções humanas, o trabalhador se reduz a um animal e só se sente livre e ativo em suas funções de animais: “o animal se torna humano e o humano se torna o animal”.

Neste núcleo, portanto, estabelecemos as necessidades que motivaram a decisão dos indígenas a procurar o trabalho nas usinas de produção de açúcar e álcool e o considerar como prioridade, mesmo sendo desgastante, alienado e estranhado. Para Marx (1844/2008), os modos de produção capitalista modificam a visão de liberdade do homem, à medida que o obriga a vender sua força de trabalho como uma mercadoria qualquer para conseguir sobreviver. Este trabalho, dissociado de quem efetivamente o realiza, que impossibilita ao trabalhador ter controle sobre o produto e sobre o processo de sua produção não humaniza, ao contrário, aliena e os afasta da condição de agente transformador da sua própria realidade.

Sobre o processo de alienação, Leontiev (1978a), também alicerçado na teoria marxiana, destaca que ele pode ocorrer de duas formas: a primeira pela impossibilidade de acesso às riquezas, tanto materiais quanto imateriais, historicamente produzidas e a segunda pela dissociação entre o significado social da atividade e o sentido da ação. Nos modos de produção capitalista, o trabalhador busca, por meio de sua atividade, satisfazer suas necessidades de alimento, vestuário, habitação, porém o produto objetivo dessa atividade é

diferente. Em outras palavras, não é a utilidade social daquilo que é produzido, mas o salário que dele deriva, conforme explica Duarte (2004, p. 57) “a atividade produtiva na sociedade capitalista é essencialmente movida pela lógica econômica de reprodução do capital. É isso que determina o sentido dessa atividade”.

Na continuidade da discussão acerca do processo de ruptura entre o sentido pessoal e o significado social do trabalho, Duarte (2004) analisa suas consequências para o desenvolvimento da personalidade humana. Segundo ele, o trabalho deveria ser o mediador entre o homem e a natureza, de modo que permitisse ao indivíduo objetivar sua personalidade. No entanto, o sistema capitalista reduz o trabalho a uma mercadoria, o torna externo e estranho e o impede de ser o centro do processo da objetivação da personalidade do indivíduo. Sem a capacidade da objetivação, “(...) a personalidade fica restrita, limitada em seu desenvolvimento. Igualmente o indivíduo não tem na atividade de trabalho, com raras exceções, algo que o impulse a se apropriar de conhecimentos, habilidades e valores que o enriqueçam como ser humano” (DUARTE, 2004, p.57).

Em resumo, a constituição histórica da necessidade e a identificação e reconhecimento do objeto que possibilitaria transformá-la em motivo, foram elementos definidores das narrativas sobre o sentido que o trabalho nas usinas foi adquirindo na consciência dos participantes. Por outro lado, o trabalho no corte de cana-de-açúcar, representativo da mediação que os sujeitos estabeleciam com a realidade da vida na aldeia, foi o que possibilitou essa forma de representação produzida pela consciência, ou seja, a execução das ações na lavoura e tudo aquilo que dela derivou: sentimentos, sofrimento, etc...produziram os sentidos, que também são mediações, pois são conteúdos da consciência desses sujeitos e encerram processos cognitivos e afetivos.

5.2 NÚCLEO 2 – Sobre o trabalho nas usinas: características e estratégias para lidar com as dificuldades

A Teoria da Atividade de Leontiev (1978) enfatiza que o desenvolvimento humano se dá por meio da atividade que o indivíduo executa. Ou seja, para o psicólogo russo, atividade e consciência formam uma unidade dialética em que as transformações (quantitativas e/ou qualitativas) ocorridas na consciência, ao longo do desenvolvimento ontogenético, são conduzidas pela atividade empreendida pelo homem.

Neste sentido, este núcleo se refere exatamente a atividade empreendida pelos indígenas da aldeia Te'yikue nas lavouras de cana-de-açúcar. Discutiremos as características e peculiaridades deste tipo de trabalho, bem como as estratégias adotadas por eles para lidar com as dificuldades deste período de suas vidas. Os indicadores são: a) Situações que revelam as precárias condições do trabalho; b) Percepção acerca da ilegalidade na contratação; c) Atividades que realizaram na usina; d) Consequências para a saúde física e psicológica do trabalhador; e) Percepção dos outros em relação ao trabalho em usina; f) Percepção em relação ao trabalho; g) Lado positivo *versus* lado negativo do trabalho; h) Empatia e colaboração entre os trabalhadores, as experiências vividas.

Sobre condições de trabalho, as descrevem como análogas à escravidão. O participante G.A.G. relata a rotina e as características dos alojamentos às quais eram sujeitados. O primeiro ponto destacado por ele diz respeito ao período que ficavam alojados em situações inadequadas de higiene e conforto⁴⁵. Também relata as precárias condições de trabalho que resultavam no desgaste do trabalhador e o tipo de atendimento médico prestado pela usina.

Fica lá é sessenta dias... É sessenta dias e sem voltar pra casa e depende muito da safra... tem uns que leva quarenta dias... tem uns que é sessenta... e... a gente ficava nesses sessenta dias aí... no trabalho mesmo... se é colheita, né! eles fala... naquela época chamava assim... corte, né! de cana... quando é assim é sessenta dias, né! alojamento... alojamento era distante da usina, né! A estrutura não era confortável não assim... era beliche, não era colchão...um ficava perto do outro... e... banheiro era longe assim... e tomava banho no rio, né! sempre fazia o alojamento assim... rente a rios ou açudes, né!. Na Debrasa quando eu fui... lá era na beirada, os alojamentos era na beirada do rio...um rio grande... e o maior sofrimento é quando você ia no período do frio, né! no frio, né! porque você se melava tudo com

⁴⁵ De acordo com relatos de processos trabalhistas citados por Rezende (2011) os trabalhadores indígenas ficavam de quarenta a sessenta dias em alojamentos, longe da aldeia e, conseqüentemente, da família. No ato da contratação, que geralmente era informal, recebiam um adiantamento e, após esse período, o restante do salário, porém descontado alimentação, remédios, etc.

Simone Beatriz Assis de Rezende é Procuradora do Trabalho na Procuradoria Regional da 24ª Região/ MS desde 1999. Em sua dissertação de mestrado “Potencialidade de desenvolvimento local dos Kaiowá e dos Guarani cortadores de cana-de-açúcar da Aldeia Te'yikue” (2011) investiga as condições de trabalho no corte manual da cana-de-açúcar, ao longo de três décadas, a partir da análise de documentos produzidos judicialmente, baseados em ações trabalhistas e, extrajudicialmente, por meio dos documentos insertos em procedimentos investigatórios que tramitaram no Ministério Público do Trabalho do estado de Mato Grosso do Sul, dentre eles relatórios elaborados por membros do Ministério Público do Trabalho, de organizações não governamentais e pela Fiscalização do Trabalho (Ministério do Trabalho e Emprego).

⁴⁵ É o sistema pelo qual o empregador mantém o empregado em trabalho de servidão por dívidas com ele contraídas, ou seja, é a condição de trabalho similar à de escravo, tendo em vista que o empregador obriga seu empregado a gastar seu salário dentro da empresa. Costuma incidir no trabalho rural, onde o empregador faz com que seus empregados comprem seus utensílios de subsistência na própria fazenda. Outro exemplo é a empresa que desconta de seu funcionário o uniforme utilizado para cumprir suas funções. Disponível em <https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/1949909/o-que-se-entende-por-truck-sistem-no-direito-do-trabalho-renata-cristina-moreira-da-silva>. Acesso em 23/02/2020.

sujeira da cana, do corte, e você tem que chega e toma banho e... é sofrimento mesmo! (EN 01)

Você tem que levanta cedo... come comida fria... é... pão... chá... né! (EN 01)
É... a pessoa tem que se ausenta 60 dias! passa sol, calor, passa... cê come, às vezes, a comida azeda... você não come... não come cara! (EN 01)

Vixi! Na chuva, você tinha que i lá! só se chovesse demais, demais, né, aí dispensava, mas quando tá chuviscando... você sobe no carro e vai embora... no carro... vinha aquela chuva que você se molhava tudo (kkk) (EN 01)

Num calor... no mínimo 42 grau... e você tinha que te aquele negócio pra você não ... como se diz assim... não machuca... sei lá, né! não se corta... e aquele negócio quente e a água não tinha ... não tinha água gelada... só tinha água quente...normal...e as pessoa desi... é ... trabalhava muito... é desi... desidratava no calor... você via a pessoa vomita... ficava dois dia doente.. é assim... descansando no soro, no alojamento... cara! (EN 01)

Você vê muita gente aí... tempo que não tem nem ambulância, nessa época, né! não tinha assistência nenhuma... o cabeçante tinha que pega o carro da ... nem era carro, nem era ônibus... era carro assim tudo de lona, né! e levava o pessoal lá na usina que tinha hospital... lá tinha hospital, né! ambulatório... levava lá, dava soro tudo... ficava dois dias lá parado... tem uns que até vinha com soro... de lá vinha de ambulância... mais assistência mesmo na roça como hoje tem ali ... não sei se tem né... o pessoal me falaram que tem, né! ali já é diferente não é como era antes, mas mesmo assim é sofrido! e isso que fico marcado em mim... véio! Isso é muito chocante, cara! (EN 01)

A participante Z.B.N. também descreve as precárias condições dos alojamentos, onde homens e mulheres dormiam no mesmo espaço. Conta que haviam crianças nos alojamentos, as quais eram levadas pelos pais para trabalhar nos canaviais. Em relação a alimentação, diz que as marmitas eram preparadas em péssimas condições de higiene e o armazenamento era feito de forma inadequada. Outro ponto destacado em sua narrativa é a forma com que eram tratados pelos cabeçantes⁴⁶, deixando-os sem comer, agredindo-os fisicamente e impondo o ritmo de trabalho, conforme a demanda da produção. Destaca, também, assim como o participante G.A.G. o tempo que ficavam alojados sem contato com a família.

Lá na usina é ... a gente sofre muito! a gente dorme embaixo do barraco... não sei o que... você vai sofrer muito! A gente almoça na poeira na roça... (EN 02)

O alojamento era um barraco de lona. Ah! home tinha bastante! o barraco era comprido assim... um atrás do outro. Era uma vila de barraco. Bastante home, bastante gente mesmo! Só que naquele barraco que eu tava, era quase tudo meu parente, primo tudo. Ai meu tio falava pra mim, você vai dormir aqui no meio de nós, se não esses home vai pegar você e... Tinha bastante mulher... só que o nosso cabeçante era de Dourados, né! aí de lá ele levava turma... aí a gente ficava lá... almoçava na roça... a nossa marmita era cheia

⁴⁶ Agenciadores internos (também índio) que supervisionavam os trabalhos nas lavouras e recebiam um salário fixo mais um percentual sobre a produção dos companheiros (geralmente 7,5%).

de poeira e comia assim mesmo... água tudo quente... naquele tempo não tinha geladeira nem freezer... tomava água quente... e trabalhava assim. Dormia assim na beliche, mas não era muito boa a cama, era dura... uma do lado da outra, só que não era separado home de mulher, de criança... era tudo junto mesmo! (EN 02)

... E no domingo nois não trabalhava não... descansava, lavava nossa roupa, almoçava, assim... naquela usina trabalhei um ano... aí eu fui pra Santa Helena... depois na Santa Helena fiquei três mês... Lá a mulher do meu cabeçante era muito ruim, né! Aí lá eu peguei de novo pra lavar roupa, né! aí fui lavar roupa de novo no rio... aí a mulher do cabeçante era ruim não mandava marmitta pra mim no rio onde eu lavava... eu ia procurar marmitta no barraco já tinha acabado... a panela tava tudo limpo já. Aí eu não almoçava... aí eu fiquei só dois mês... eu falei eu vou embora que assim não dá não! sai eu vim embora, isso tá ruim de mais! aí eu vim embora aqui em Caarapó já! (EN 02)

... fiquei quatro mês sem ver as criança nada! Aí no outro contrato eu fui de novo... cortei cana de novo... aí... o contrato era sessenta dias... ia e ficava lá sem vê a família às vez quarenta dia, as vez, sessenta! (EN 02)

Vinha marmitta ... cedo era só café...arroz branco e chá queimado... aquele de açúcar... pouquinho também... Naquele tempo foi feio, mas... tinha gente que morria lá... matado ... matava com facão na roça... ou brigava... se suicidava...aí fugia de lá... porque o cabeçante era ruim batia... quando a gente não levantava cedo... ele ia na cama bate na gente... né! aí tinha que levantá e ir...tem gente que algum dia não queria ir, tava com dor... ficava na cama... aí ele vinha de lá...empurrava, colocava no caminhão pra ir trabalha... era assim... não foi fácil não! era um escravo! bem dize escravo! Almoço era só meio dia... marmitta cheia de terra, fria, às vez até azeda e depois só a janta! (EN 02)

Nota-se, neste relato, a consciência acerca das condições impostas pelas usinas: **era um escravo! bem dize escravo!** (EN 02). Mas se a participante Z.B.N. possuía essa consciência, de que as condições eram análogas à escravidão, por que permanecia nessa situação e não buscava outra alternativa para garantir sua sobrevivência? Marx e Engels (1846/2007, p.93) explicam que “a produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente, entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real”. Isso significa que há uma inversão de como as coisas estão postas, consequência de uma atividade alienada, que tem implicações diretas para o processo de desenvolvimento de determinados processos e funções psíquicas do indivíduo. Sendo assim, não poderia pensar em outra possibilidade que não fosse aquela, imposta à sua comunidade de maneira tão cruel e desumana.

A narrativa do participante F.G.R. também revela as condições subumanas a quais foram sujeitados. Aborda a dificuldade em acordar e levantar de madrugada, subir num caminhão e ir para o canavial. O sofrimento de trabalhar no corte de cana.

Fueiro⁴⁷ é aquele carro que carrega cana... é.. é... caminhão grande! carregador de cana... aquele fueiro que chama assim... cheio de lama... naquele carro... melado porque nós tem que segura naquele carro cedo... no frio. E nós ia! só que não era só quarenta pessoa... era oitenta, noventa... é... é... bem cedo você tem que tá de pé e cinco hora já tem que tá na roça já! e a tarde também mesma coisa... né! era só chega o fueiro nós já largava o facão pra subi no fueiro... é ... nós sofria! (EN 03)

Eu trabalhei muito, muito...dormi embaixo na lona... andava naquele fueiro... tudo isso a gente passo na usina pra trabalha! (EN 03)

Os três participantes descreveram as precárias condições de trabalho e dos alojamentos oferecidos pelas usinas. Apesar de terem trabalhado em épocas e empresas diferentes⁴⁸, evidenciam a mesma precariedade dos alojamentos, da alimentação e da forma com que eram tratados pelas lideranças (nos casos citados, são os cabeçantes que, geralmente, eram escolhidos pelo capitão da aldeia e indicados às empresas). Nessa escolha era levado em consideração o bom relacionamento com o capitão da aldeia e pela influência exercida na comunidade. Outro requisito importante para se tornar um cabeçante era possuir um bom conhecimento da língua portuguesa para manter a comunicação com os gestores da empresa. Por vezes, eram escolhidos dentre os cortadores de cana aqueles que se destacavam na equipe, portanto, o recrutamento, tanto do cabeçante quanto da equipe de trabalho, não era feito pela empresa, esta apenas passava sua demanda e o capitão da aldeia era quem escolhia esses trabalhadores⁴⁹.

Sobre todas essas irregularidades, Rezende (2011, p.77) atesta que na década de 1980 a contratação de indígenas pelas usinas era feita de forma verbal e, posteriormente, passou a ser efetivada por meio de contratos de trabalho que se traduziam por “simples locação de mão de obra, ambas sem as garantias mínimas de direitos, com a utilização de práticas como *truck*

⁴⁷ Caminhão com carroceria aberta utilizado pelas usinas para transportar os trabalhadores indígenas dos alojamentos para a lavouras de cana.

⁴⁸ O participante 1, trabalhou no período de 1994 a 1998; A participante 2 não cita exatamente mas inferimos que foi na década de 1980. O participante 3 também não cita o período, mas devido ao seu relato inferimos que foi entre 1980 a 2000.

⁴⁹ Sobre essa prática, Rezende (2011) apresenta relatos que evidenciam a forma com que as lideranças indígenas da aldeia e a FUNAI participavam como agenciadores de mão de obra mediante pagamento de taxa comunitária. “Os trabalhadores indígenas saíam de suas aldeias para cortar cana nas destilarias, os empresários faziam o pagamento de uma... De um valor em dinheiro denominado: —taxa comunitária. Essa taxa comunitária, o empresário fazia o pagamento ao cacique ou ao capitão. E dizia-se que o objetivo era fazer melhorias nas aldeias. Não era o que se via. Se via determinados caciques ou capitães desfilando de caminhonete e as aldeias cada vez mais miseráveis; os trabalhadores cada vez mais miseráveis. Mas alguns caciques e capitães realmente[...] Via-se que eles estavam melhorando de vida. Tinham melhores condições de vida. Então, a taxa comunitária - na verdade - servia de pagamento para o cacique e para o capitão. Pagamento para liderar os trabalhadores. E aí, tem um outro detalhe que é cruel, né? É que as informações que nós tínhamos é que essa taxa comunitária também era dividida com alguns funcionários da FUNAI. Nós não conseguimos apurar isso” (REZENDE, 2011, p.102). Segundo ela, essa prática também dificultava a regularização das contratações.

*system*⁵⁰, o trabalho forçado, alojamento de lona e o total descumprimento das normas de segurança e saúde do trabalhador.

As irregularidades na contratação são descritas pelos participantes G.A.G. e F.G.R. que confirmam a informalidade da relação empregatícia, que não lhes conferia nenhum direito, tais como férias de trinta dias, gratificação natalina, pagamento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), muito menos daqueles que garantiriam a segurança e a saúde, como previdência social, auxílio doença e auxílio saúde. Além da sonegação de direitos trabalhistas e previdenciários, os sujeitos também evidenciam a exploração do trabalho infantil.

Naquele tempo também levava criança, nenenzinho, criança pequena, e levava na roça ainda, criança pequena. Ficava o dia todo lá...aquele criança mais grandinho cuidava do mais pequeno... enquanto a mãe cortava cana... o pai ficava na roça... e nois ia pra roça... tudo criança... tudo... guri menor de 12 anos, 13 anos, cortava cana já... era um monte de adolescente lá cortando cana... (EN02)

No alojamento.... Nois parava no alojamento embaixo da lona... trabalhava aqui na Nova Andradina... depois trabalhei na PAM... depois eu trabalhei ... aí ... aí já mudou... na... na.. Nova Alvorado do Sul também trabalhei ali já era alojamento... Mais primeiro... primeira coisa... eu trabalhava na Nova Andradina embaixo da lona... como diz... nós fazia tarimba pra mois dormi... encima da cama... aquele que a gente tinha que coloca pau pra nois dormi... não tem nem colchão... tinha que leva daqui pra nois fora aquele pau pra nós dormi... café, naquela época só não tinha... tinha o chá...patrão não pagava nem... como assim se diz... nem... feriado... nem décimo terceiro... como assim... não pagava nada... ele não pagava também o fundo de garantia... falava que pagava... nois só pega mesmo pela nossa produção... vem de lá... vem de lá... ele paga pra nós só o que ele tão fazendo na roça... o resto... o resto... não paga pra nós... aí quando nós veio de lá... falava ... saia pagamento pra nós só aquilo ali...só aquele que nós tava fazendo na roça... nós trabalha sem caneleira... trabalhava sem nada... nada mesmo! pra pode coloca agora... que nem diz agora... o mangote..... ponhava esse calça jeans... ponhava assim na outra perna...tirava da perna e colocava no braço pra não machuca tudo... forra nosso braço... não tinha nada não... aí a garrafa... aquele galão... se tive... se não tive nós arrumava aquele garrafa... aquele de refrigerante... tem um dia o cara levo... também usava aquele garrafa de vinho... Aquele se bate já quebra... mas levava... levava na roça e enterrava no chão pra pode bebe água fria. Trabalhei muito! muito sofrido! Desde cedo fui no fueiro! (EN03)

Ele pega a carteira só que não contrata, só engana! (EN 03)

⁵⁰ É o sistema pelo qual o empregador mantém o empregado em trabalho de servidão por dívidas com ele contraídas, ou seja, é a condição de trabalho similar à de escravo, tendo em vista que o empregador obriga seu empregado a gastar seu salário dentro da empresa. Costuma incidir no trabalho rural, onde o empregador faz com que seus empregados comprem seus utensílios de subsistência na própria fazenda. Outro exemplo é a empresa que desconta de seu funcionário o uniforme utilizado para cumprir suas funções. Disponível em <https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/1949909/o-que-se-entende-por-truck-sistem-no-direito-do-trabalho-renata-cristina-moreira-da-silva>. Acesso em 23/02/2020.

Ele também aponta um dado importante a ser mencionando. O fato de ter trabalhado em várias empresas do setor sucroalcooleiro e nas mesmas condições análogas à escravidão, evidenciando, portanto, a naturalização deste processo exploratório da mão de obra indígena que, apesar de parecer recente, seu início remonta aos anos de 1500 com a chegada dos portugueses ao Brasil.

“Nova Andradina... depois trabalhei na PAM... depois eu trabalhei ... aí ... aí já mudou... na... na.. Nova Alvorado do Sul também trabalhei ali já era alojamento... Mais primeiro... primeira coisa... eu trabalhava na Nova Andradina” (EN 03)

Também evidenciam as doenças decorrentes do trabalho excessivo realizado em precárias condições.

nas pessoas que trabalhavam comigo... da minha idade e ... cê vê que eles parece que tem uma aparência bem mais velha... sabia? bem assim... debilitado na saúde, né! e... (EN 01)

Eles se matavam naquilo, trabalhando, saúde, envolvia droga, nesses negócio... bebida, violência... pensei por isso eu vejo que o fim deles foi nesse sentido, né! (EN01)

O doutor falou pra mim que peguei doença da água, né! que eu ficava dentro da água em pé no rio o dia inteiro... e colocava tábua assim na beirada da água e lavava roupa ali... isso aqui inchou tudo, esse meu joelho, parecia que tinha água dentro...(EN 02)

No alojamento também tinha gente que se matava... (EN 02)

Eu também tenho a vista... já tá estragado... pra mim enxerga bem longe assim... eu não enxergo... Machuquei com a foia da cana... naquela época... igual o Osvaldo fala... naquela época não tem aquele protetor... pra salva nosso olhos... (EN 03)

As consequências para a saúde física e mental dos trabalhadores indígenas nas usinas foram objeto de estudo de Faker (2009). Segundo ela, durante o processo de trabalho, é comum o surgimento de graves problemas de saúde, causados por fatores físicos, fisiológicos e psicológicos. A pesquisadora explica que os fatores físicos estão relacionados às limitações naturais do ser humano, como força, peso, tempo de reação, tamanho, idade e visão. Já os fisiológicos são: fadiga, contato com produtos químicos, doenças e condições ambientais como poeira, friagem, calor excessivo. Os psicológicos, por sua vez, são os conflitos e tragédias pessoais, problemas interpessoais, dificuldades financeiras e inseguranças.

Portanto, além da sobrecarga física de trabalho, que expõe o trabalhador a distúrbios posturais a curto, médio e longo prazos, Faker (2009) aponta a carga cognitiva, pois lhe é exigido qualidade, que está diretamente ligada ao ritmo do andamento do processo. No que se

refere aos processos psíquicos, existem tensões, como medo das exigências por produtividade e qualidade, bem como a manutenção do emprego e da remuneração. Em resumo, a atividade agrícola de corte-de-cana, a qual foram submetidos estes trabalhadores, demandaram cargas de trabalho que afetaram significativamente sua saúde física e mental, levando-os ao desgaste de sua saúde em geral e resultando em problemas agudos e crônicos.

Por meio da pesquisa realizada por Rezende (2011) se constata que a utilização da mão de obra indígena pelas usinas teve início no estado do Mato Grosso do Sul por volta de 1980, porém, foi só na década de 1990 que começaram a “documentar de forma mais sistematizada as denúncias e as visitas feitas nos locais de trabalho, intensificando-se o enfrentamento das irregularidades trabalhistas perpetradas por empregadores escravagistas, inclusive os do setor sucroalcooleiro”. Destaca ainda que, em 1993, foi implantada no estado a Procuradoria Regional do Trabalho da 24ª Região 68, Lei n.º 8.470 de 05 de outubro de 1992. “A Resolução SEJT/DRT/INSS n.º 10/96, publicada no Diário Oficial do Estado em 24.06.1993 cria a Comissão Permanente de Investigação e Fiscalização das Condições de Trabalho nas Carvoarias e Destilarias de Mato Grosso do Sul⁵¹”. Vale destacar que a primeira denúncia envolvendo o setor sucroalcooleiro ocorreu no final do ano de 1993. (REZENDE, 2011, p.77).

Por mais que estes órgãos, responsáveis por fiscalizações referentes a irregularidades trabalhistas, tenham sido criados no estado no ano de 1992, a FUNAI já existia desde 1967 com o princípio fundamental de proteger e promover os direitos dos povos indígenas⁵². Os intervalos de tempos, descritos acima, evidenciam o descaso dos poderes executivo, legislativo e judiciário, haja visto que foram mais de dez anos de exploração da força de trabalho indígena sem que nenhum órgão governamental tomasse alguma providência. Mais uma vez constatamos o quanto o processo exploratório das minorias é um fato naturalizado.

Outro ponto que merece destaque, é o fato de que a primeira denúncia envolvendo o setor sucroalcooleiro no estado, e que se tem notícia por escrito, foi a Representação n.º 12/1993, vinda da Procuradoria Regional do Trabalho da 19ª Região/AL e lá instaurada cópias de duas Reclamações Trabalhistas pelo Juiz Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de União dos Palmares/AL, que apontavam a existência de intermediação de mão de obra ou tráfico de mão de obra (REZENDE, 2012). Ou seja, as primeiras denúncias que versam sobre as irregularidades trabalhistas são originárias de outro estado, a partir do que se questiona: será que até aquele momento nenhum órgão competente havia se atentado para tais situações? Onde

⁵¹ Atualmente denominada Comissão Permanente de Investigação e Fiscalização das Condições do Trabalho no Estado de Mato Grosso do Sul CPIFCT/MS. REZENDE (2011, p. 77).

⁵² Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>. Acesso em 23/04/2020.

estavam, principalmente, a FUNAI, o Ministério do Trabalho e do Emprego, os Sindicatos dos trabalhadores, até a ocasião?

Ainda no ano 1993, por conta de noticiários na imprensa,

(...) o Procurador da República, de cópia de Inquérito Civil Público contra o Presidente da FUNAI para apurar omissão e conivência nos contratos de trabalho firmados pelas Destilarias do Estado de Mato Grosso do Sul e indígenas, — com o aval da Fundação e ainda o envio de cópia do Relatório da Subcomissão de Trabalho Escravo e Acidentes de Trabalho da Câmara dos Deputados, em novembro de 1994, foram instaurados, na PRT 24^a Região, os Inquéritos Cíveis Públicos n.º 001/1994 (Anexo G) e 002/1994 (Anexo H), tendo como investigadas — DESTILARIAS DE AÇÚCAR E ÁLCOOL DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, ambos com objeto a exploração de mão de obra nas usinas, mas o primeiro deles no que se referia especificamente ao trabalhador indígena (REZENDE, 2011, p. 79).

A partir daí, houveram efetivas fiscalizações nas diversas usinas e destilarias do estado, constando que, entre as safras de 1993 e 1994, cerca de 14.000 (quatorze mil) indígenas “(...) haviam se ativado nas destilarias e que esses trabalhadores em momento algum tiveram carteira assinada” (REZENDE, 2011, p. 79).

Ainda sobre a contratação de mão de obra indígena pelas usinas no Mato Grosso do Sul podemos verificar, pelos registros de Rezende (2011), que foi um processo longo, multifacetado e com muitos desdobramentos. Em resumo, ela aponta que, inicialmente, a contratação era verbal, depois passou a ser efetivada por meio de contratos de trabalho “intermediados por servidores da FUNAI, e que também não garantiam direitos e tentativas de caracterizar o indígena como trabalhador autônomo, apesar da evidente existência dos requisitos caracterizadores da relação jurídica empregatícia (REZENDE, 2011).

Posterior a esse, surge um terceiro tipo denominado contrato de trabalho unificado, mas que não foi implantado por ausência de substrato legal, tendo em vista que se tratava do mesmo contrato de prestação de serviços, com acréscimo de algumas cláusulas que garantiam a saúde e segurança no trabalho. Essa tentativa representou a terceira fase no processo de regularização da contratação de mão de obra indígena pelas usinas (REZENDE, 2011).

A pesquisadora afirma que a partir do ano de 1993 os órgãos competentes não mediram esforços para regularizar e garantir melhores condições de trabalho aos indígenas nas usinas, ou seja, por fim à informalidade dessa contratação. A partir daí inúmeros foram os desdobramentos. Somente em 17 de dezembro de 2001 foi firmado o Pacto⁵³, “ (...) agora com cláusulas específicas acerca da contratação mediante Contrato de equipe, com a devida anotação nas Carteiras de Trabalho e Previdência Social”. Além de estabelecer direitos

⁵³ Em anexo

trabalhistas e previdenciários também contém “ (...) disposições específicas para atender a diversidade cultural, fixou como de 70 (setenta) dias o prazo máximo de labor de cada turma contratada — de modo a favorecer a continuidade da vida comunitária nas aldeia⁵⁴” (REZENDE, 2011, p. 110).

Sobre as atividades que realizavam nas usinas, a participante Z.B.N. conta que, além do corte de cana, também trabalhou como lavadeira e, posteriormente, como chefe das cozinheiras (após se casar com um dos cabeçantes). Mais uma vez, esse relato evidencia que existe uma luta dentro da própria classe trabalhadora, tal como afirma Marx (1848/2005, p.40) no início do Manifesto Comunista “(...) a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classe”.

*Aí eu cheguei lá, a usina era usina PAM, que chamava...aí eu cheguei lá e o cabeçante falou assim pra mim, por enquanto **você não vai na roça, você vai lavar a roupa da turma... era 160 calça, 160 camisa, tinha que levar num dia tudo, todo dia. Aí eu lavei... o contrato era três mês...aí eu fiquei... aguentei lavar dois mês... depois peguei a doença, né?** (EN 02)*

Aí o cabeçante falou pra mim que a única coisa era que agora eu ia na roça cortar cana... ai meu deu facão e eu fui! (EN 02)

*Vim direto aqui em Caarapó, na casa da minha tia... aí daqui eu fui de novo pra usina... ai eu fui lá e fiquei dois mês de novo... mesma fazenda, lá na fazenda é... PAM, que chamava antigamente perto de Rio Brilhante...lá eu fui de novo dois mês. **Lá eu cortei cana de novo lá... ai de lá eu vim embora pra cá, achei meu esposo, né! que faleceu agora... ai eu vim embora mora com ele aqui, né! morava lá embaixo. Ai daí ele me levou pra lá de novo, mas só que eu não trabalhava mais na roça... ele já era cabeçante também, né! aí eu não trabalhei mais na roça...ficava ajudando ele a coordena o pessoal...** (EN 02)*

Já nesse tempo eu ficava lá cuidando das cozinheiras (EN 02)

O relato acima evidencia que existe luta no interior de uma mesma classe e não somente entre as classes. Vemos, portanto, o índio explorando o próprio índio, o seu próprio povo, a seu proveito, para conquistar algum tipo de vantagem. Aquela que foi explorada e sofreu nas mãos dos cabeçantes e de suas esposas, passou a ser “a esposa”. Como será que coordenou sua equipe de trabalho? Da mesma forma com que foi tratada durante anos? Isso não é, tão somente, uma questão de índole (boa ou má), mas de reprodução das atitudes.

Essas condições precárias de trabalho e os riscos à integridade física e psicológica eram de conhecimento da comunidade indígena. Todos ali sabiam que era um trabalho

⁵⁴ Atualmente este tipo de contrato é pouco utilizado, já que devido a mecanização agrícola a mão de obra indígena quase não é mais utilizada pelas usinas.

desgastante, que não lhes proporcionaria um futuro melhor e que os colocariam em risco iminente de doenças e, até, morte. Porém, para eles, apesar das precárias condições e consequências para saúde, este trabalho era considerado a única alternativa de renda e sobrevivência, pelo menos num certo período da vida. Os relatos a seguir evidenciam a percepção desse tipo de trabalho como ruim, desgastante, precário, mas necessário.

*A minha mãe converso comigo, né! falo: **eu acho que você tem que volta estuda... porque isso aí não vai... é... não vai da futuro nada não! você tem que volta estuda...** e isso ... é só isso que a gente tem pra dá pra você... **porque caso contrário, você vai se acaba nisso daí...** e bem que ela falo, né! **Aí eu voltei estuda de 99 pra 2000. Aí voltei estudá!** (EN 01)*

*Foi... não lembro...acho que foi em 80... por aí... 78 por aí! **Aí eu falei pra minha mãe... vou pra usina! ela ficou brava! falou: você não vai não! Você tá doida! Aí meu tio também ficou brabo... você não vai na usina não!** (EN 02)*

Acreditar que este era o trabalho essencial e fundamental, naquele momento, e que somente ele poderia satisfazer as necessidades de sobrevivência nos remete novamente a teoria de Kosik (1976) acerca da pseudoconcreticidade. O filósofo define este termo como sendo “(...) o complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural” (KOSIK, 1976, p. 11).

Com isso, ele enfatiza que estamos imersos no caráter imediato e provisório dos fenômenos, naquilo que nos está acessível e que podemos conhecer sem a mediação do intelecto e, por isso, normalizamos, naturalizamos e não problematizamos cada ato, cada gesto e movimento humano, simplesmente vivemos. Não nos é dada a possibilidade para assumirmos uma atitude consciente e transformadora da nossa própria realidade.

Para além disso, o que o relato dessas pessoas sobre o trabalho nas usinas apresentou foi a vivência da fragmentação dentro do processo produtivo. Os trabalhadores indígenas se ocupavam de apenas uma das ações contidas no interior da produção de açúcar e álcool. Diferentemente das gerações anteriores que sobreviviam dos produtos cultivados, armazenados e consumidos no interior da própria comunidade, as narrativas dessas pessoas, acerca do trabalho nas usinas, explicita a ruptura com a vivência das ações coletivas, do acompanhamento e gestão de todo o processo produtivo na aldeia, conforme explica Souza (2002)

Independente do tamanho da família-grande⁵⁵, a unidade doméstica Guarani detinha o controle do processo da produção. A organização do trabalho prevalecia pela divisão sexual, que predominava na sociedade como um todo. Nisso, os Guarani reproduziam o padrão dos cultivadores de floresta, onde o homem detinha o status de caçador pescador e a mulher possuía o papel de cultivo da terra (SOUZA, 2002, p. 227-228).

Na continuidade da explicação acerca do modo de produção dos guaranis e kaiowá, o autor explica que nas sociedades, cuja base se sustenta no parentesco, o setor econômico possuía as seguintes características: a produção é orientada pelas necessidades familiares; o processo de produção é simples, bem como a divisão do trabalho; a produção de alimentos é predominante; não existe imposição quanto a utilização de recursos para a produção e as trocas são comprometidas com a redistribuição de produtos mais elaborados. É neste processo que o grupo familiar aparece, tanto como unidade de produção quanto de consumo. A economia doméstica do guarani e kaiowá pode ser analisada como “a forma elevada de sociabilidade econômica (de cada um de acordo com suas possibilidades, para cada um de acordo com as suas necessidades)” (SOUZA, 2002, p.23).

A diferença entre os modos de produção originais do guarani e kaiowá e da cultura ocidental do tipo capitalista, explica uma formação diferente na consciência do trabalhador indígena a partir do momento em que vivenciam atividades fragmentadas, cujas ações não correspondem a efetivação de uma atividade coletiva. A vivência da fragmentação das ações no trabalho, indica a constituição de uma consciência também fragmentada, cindida, que o impede de assumir uma postura crítica e reflexiva diante da vida.

O trabalho, na cultura guarani e kaiowá, era realizado de forma coletiva, de modo a expressar a solidariedade e reciprocidade do grupo e não apenas garantir alimentos, habitação, etc., conforme Souza (2002, p. 231-232) explica “(...) tinha a capacidade de transformar a realização de tarefas produtivas numa espécie de jogo, dando ao labor tal sentido lúdico quase inexistente nas sociedades complexas atuais”. Já o trabalho nas usinas tinha um único motivo: apenas a obtenção de renda e a forma de realizá-lo era diferente, privilegiava-se, sobretudo, a individualização, a competição, a produtividade e, conseqüentemente, o dinheiro.

Em sua teoria, Leontiev (1978a) explica que, no contexto da atividade, as ações podem estar separadas umas das outras, mas devem manter, entre si, o mesmo objetivo comum, que é aquele que governa, dirige e organiza a atividade como um todo, ou seja, o objetivo de cada ação deve estar conectado ao objetivo maior da atividade. Nas usinas, os trabalhadores

⁵⁵ Compostas pelo casal, filhos, filhas, os genros e a geração seguinte e formam uma unidade de produção e consumo.

indígenas realizavam, basicamente, o plantio e o corte da cana, ações isoladas e que não atendiam a outro objetivo senão o de trazer o ganho financeiro. Eram fragmentadas e não correspondiam, na consciência de cada um deles, a efetivação de uma atividade coletiva que tinha início com o plantio, cultivo, corte, carregamento e que culminava com a fabricação do álcool e do açúcar.

Apesar de estarem envolvidos num sistema que privilegiava, sobretudo, o individualismo e a competição, cuja remuneração dependia, exclusivamente, da força e do ritmo de seu trabalho, os participantes G.A.G. e Z.B.N. relataram as estratégias para lidar com as dificuldades. A fala do participante G.A.G. a esse respeito é permeada pelo sentimento de empatia e emoção. Além disso, também revela sua estratégia para não sofrer como seus companheiros sofriam.

Você via essas coisas tristes acontecendo com o pessoal! eu não passei por isso porque eu trabalhava médio... Tem uns que trabalhava muito, né! pegava memo! fazia diário aí pra três dias... mesmo... essas pessoa sofria muito... é... uma coisa que fico muito marcada em mim... cê entendeu? é muito triste! (EN01)

Também no sentido de expressar a solidariedade e a empatia entre os trabalhadores, a participante Z.B.N. explica que para conseguir atingir a meta de produção, necessária para manter seu emprego, contava com o auxílio dos tios e primos que também trabalhavam nas mesmas condições análogas à escravidão.

Aí lá na tava o meu tio... três tio meu junto comigo, primo...quase tudo minha família lá também... aí eles me ajudava, né! Porque a gente pegava eito pra cortar cana, né! ai ele me ajudava pra eu tirar meu eito... porque sozinho eu acho que eu não aguentava não! ai ele ajudava, né! cortar cana (EN02)

No dois relatos percebemos que havia solidariedade entre os trabalhadores, seja no auxílio às atividades ou na empatia pelo sofrimento físico dos companheiros. Apesar das condições que favoreciam o individualismo, restava-lhes o sentimento de união e de coletividade, próprios de sua cultura original. Porém, cabe ressaltar, que a cooperação e a empatia eram as estratégias para lidar com as inúmeras dificuldades e não correspondiam aos objetivos de produção e consumo nas comunidades originárias. Ou seja, na cultura guarani e kaiojá as atividades eram realizadas em conjunto num clima lúdico de interação. Nas usinas, era necessária a cooperação para manter o emprego e garantir a sobrevivência.

Em outros trechos da narrativa, podemos resgatar a teoria de Leontiev (1978b) sobre necessidades e motivos. Possuíam necessidades e viram no assalariamento das usinas uma forma de supri-las, encontraram, portanto, um “objeto” uma possibilidade que os moveram para

a ação. Porém, ao suprir suas necessidades mais básicas, que o trabalho na lavoura lhes possibilitava, viram surgir outras necessidades, nem tanto de ordem material, que os impulsionaram a buscar novas possibilidades. Ou seja, num determinado momento, aquele tipo de trabalho não mais estava atendendo às suas necessidades

E eu fui na usina e eu percebi lá que o trabalho era bem braçal, né! E... é sofrido! (EN 01)

É sofrido, nossa! E... é muito triste, rapaiz! Cheguei vivê isso! (EN 01)

Porque eu sou bem observador naquela época... percebia assim que lá não era o meu futuro não! que aquilo lá era uma experiência... uma coisa passageira...e foi quando... depois desses quatro anos, né! eu vi que... completei 20, 19 pra 20, né! falei... não! (EN 01)

E eu aprendi isso nesta experiência... e eu sempre passo isso pros alunos... sempre falo pros alunos, sempre falo pros alunos que vão sair no nono ano... é... que trabalha aí fora de braçal não é fácil! (EN 01)

Trabalhar de braçal prejudica a saúde, sua feição muda (EN 01)

O trabalho da usina era muito escravo, né! aquele tempo nós não tinha nem ônibus. Nós ia daqui pra usina era de gaiola... aquele de gado... (EN02)

Eu sei que o trabalho braçal não é fácil... não é fácil não! Eu trabalhei na usina... o trabalho é ruim... a gente não dorme bem... a gente não come bem...é a gente fica doente, passa sol forte, quente... a gente come comida que não é igual da nossa casa... (EN02)

É ruim demais só que dá lição pra gente também né! não é trabalho fácil não! não sei agora que a turma vai trabalha...não sei se tão trabalhando bem... tá comendo bem... não sei agora... mas naquele tempo era ruim, mas tinha que ficar lá pra criar os filhos meu, eu era separada! (EN02)

Coisa boa não tinha na usina não, naquela época! Não! O preço da cana era muito baixinho... não vendia não! tinha hora que a gente fica tudo parado no corte da cana pra aumenta preço... mas mesmo assim ... não subia não o preço... a gente parava de trabalha... aí o fiscal vinha e mandava trabalha de novo...era ruim... a gente trabalha assim, empurrando... é ruim! (EN02)

Apesar de apontarem inúmeras condições desfavoráveis em relação a este trabalho, o participante G.A.G. aponta as vantagens de terem vivido esta experiência. Segundo ele, essa experiência o ajudou a ser mais solidário e humilde e a pensar como coletivo. Analisa essa experiência como algo que uniu o grupo. Outro ponto destacado por ele é de ordem prática, ou seja, com o dinheiro que ganhou conseguiu ajudar a família.

Ah sim! bom... o que me ajudou bastante aqui com aquela experiência ruim da usina é você... é... como diz assim... trabalha no coletivo... pensa pra ajuda um ao outro, entendeu? E... outra coisa também é... conversa... é... conversa... não assim... mante aquela superioridade, entendeu? não é porque eu sou diretor que eu tenho que tá lá encima...e ser nariz empinado, entendeu? (EN 01)

E com o dinheiro que eu trabalhei durante esses anos aí... que eu trabalhei... eu ajudei a minha mãe... eu fiz a casa pra ela... comprei bicicleta, né! é... coisa assim de casa que eu ajudei minha mãe... né! e... Mas que era... nesses anos todos aí né... a gente conseguiu mesmo é fazer uma casa, né! né! pra minha mãe, compra as coisas de casa... fogão... é... coisas de casa mesmo... que a gente não tinha.... Cama... é... meus irmãos...é... então eu consegui... como diz assim... estrutura... a residência da minha mãe! (EN 01)

É um negócio que você ganha dinheiro... ganha muito dinheiro, mas se não investi o dinheiro que se ganha...se acaba que perdendo só! então tem o lado bom, ganha dinheiro, muito dinheiro! (EN 01)

Por isso que essa experiência foi boa sim! Teve coisa ruim, sim! muita mesmo! mas gente trabalha tudo unido aqui! Aprende a se respeita! vive junto com o outro! (EN 01)

Ainda demonstrou novamente empatia ao falar do coletivo e das situações vividas por seus colegas de trabalho.

Eu tenho muita dó, né! desse pessoal aí que vive essa vida aí, de usina! Passando tudo essas coisas lá! (EN01)

Uma coisa mesmo que ficou em mim assim... é... Quando na hora da safra ... do corte... nossa! Você vê muita gente passando mal, desidratado, né! essas coisa! Era muito feio, vê aquelas pessoas no chão, gritando de dor chegando dá câimbra! Naquela época ia quarenta e cinco pessoas ou cinquenta... e você via trinta assim, sabia? (EN01)

Você via essas coisas tristes, acontecendo com o pessoal! eu não passei por isso porque eu trabalhava médio... Tem uns que trabalhava muito, né! pegava memo! fazia diária aí pra três dias... mesmo... essas pessoa sofria muito... é... uma coisa que fico muito marcada em mim... cê entendeu? é muito triste! (EN01)

Percebe-se, portanto, que o sofrimento era compartilhado. As narrativas não continham relatos sobre sentimentos de rivalidade ou competitividade e aquelas situações, apesar de constantes, não eram consideradas comuns ou naturais, ao contrário ainda causavam indignação e sofrimento.

Logo, se pode analisar que tais expressões narrativas deram aos afetos um lugar na constituição dos sentidos, como um conteúdo da consciência representativo da realidade que esses trabalhadores indígenas mantêm sobre tudo o que vivenciaram nas usinas. Suas narrativas trazem sentimentos como tristeza, compaixão, solidariedade e respeito a dor do outro frente à dureza do trabalho na safra da cana.

Esses elementos materializam as ideias preconizadas pela Psicologia Histórico-Cultural acerca da unidade de cognição e afeto na produção do sentido derivado da vivência de objetos, fenômenos e processos históricos. As narrativas indicaram que os trabalhadores

indígenas vivenciaram a contradição de vislumbrar, nas ações de trabalho nas usinas, possibilidades reais de ganho financeiro que viriam a custear suas necessidades e as de seus familiares, necessidades essas determinadas por um estilo de vida que não era próprio da cultura indígena, mas que se firmaram no seu contexto de vida por meio de um processo econômico e cultural, advindo do fortalecimento do processo de industrialização.

Entretanto, as mesmas possibilidades que viabilizavam o acesso a bens de consumo, se mostraram insuficientes para manter a atividade laboral, porque se criou uma tensão entre os **elementos objetivos** que marcaram a situação do trabalho – as precárias condições ofertadas pelas usinas, as relações trabalhistas, o esgotamento físico e emocional decorrentes do distanciamento familiar e da sobrecarga diária de energia – e o que tudo isso representou cognitivamente e afetivamente a partir da vivência desse tipo de trabalho, ou seja, os **elementos subjetivos** decorrentes desse processo.

Assim como os elementos objetivos e subjetivos são produzidos em situações concretas, sejam sociais ou culturais, entendemos que é por meio da atividade que as necessidades emergem, sendo elas, portanto, históricas e sociais. É exatamente desse movimento que trataremos no Núcleo 3.

5.3 NÚCLEO 3 - O que e por que mudou? Transformações nos modos de pensar, de sentir e de agir após o trabalho nas usinas

Este núcleo representa o movimento. O início de uma nova etapa na vida dos participantes G.A.G. e Z.B.N. A Psicologia Histórico-Cultural, que é fundamentada pelo materialismo histórico e dialético, considera, sobremaneira, a possibilidade do “novo”, que se estabelece não de forma imediata, mas mediada por elementos históricos objetivos e também subjetivos. A esse respeito podemos citar Vigotski (2004, p.69) “cada minuto do homem está cheio de possibilidades não realizadas”. Isto significa, portanto, que o homem, a partir de suas relações sociais, está sempre em movimento, constituindo novas maneiras de ser e atuar no mundo.

Os indicadores que compõem este Núcleo de Significação revelam as contradições que permitiram esse movimento e as mediações existentes nesse processo de transformação, que culminou em um novo modo de pensar, sentir e agir dos participantes desta pesquisa. Seguem os indicadores: a) Como se deu o processo de transição da usina para a escola e as dificuldades encontradas; b) Mudanças de comportamento devido a experiência de trabalho na usina e c) A

educação como a única possibilidade de evitar o trabalho braçal e melhorar as condições de vida.

A narrativa do participante G.A.G. aponta a escolha pela educação escolar como uma nova perspectiva, capaz de abrir e revelar novas possibilidades. Percebemos, neste processo, a mediação do outro que resultou em sua decisão de voltar a estudar. O outro, neste caso, é a sua mãe, funcionária de uma das escolas da aldeia que, por sua atuação neste espaço também foi constituída por inúmeras mediações que lhe possibilitaram considerar a educação escolar como a única alternativa de um futuro melhor para o filho.

Eu vô pára com isso aqui, vô volta a estuda (kkk) e foi o que eu fiz... e a minha mãe também me ajuda nesse sentido... (EN01)

A participante Z.B.N., relata como se deu o processo de escolarização e sua formação como professora. Assim como G.A.G., ela também teve a mediação do outro neste processo. Tinha um relacionamento próximo com o capitão da aldeia e também com o representante da FUNAI e estes a convidaram para trabalhar, inicialmente, como merendeira da escola e, depois, fizeram-lhe o convite para retomar seus estudos e ser professora. Percebemos que a mediação do outro está presente em todo o seu relato, seja oferecendo as oportunidades de trabalho e estudo, seja apoiando-a e incentivando-a nas dificuldades.

*Depois... depois que ... é... casei com esse meu esposo... aí construiu uma escola... a Saverá⁵⁶! não sei se você já viu a escola Saverá... aí esse Agripino era liderança... aí eu morava lá onde tá a represa... bem ali... aí o chefe era o Israel... um barbudo da Funai... Ai foi lá em casa e falou pra mim assim: **Catalina, você não quer trabalhar de merendeira lá na escola?** que tá pra funciona lá a escola? aí eu falei pra ele: Eu vou pensa! e a escola estava bonita, pintando... já ia inaugurá a escola... aí um dia a liderança... esse Agripino... foi lá de novo com o Fernando e falou pra mim de novo: Catalina, você não quer trabalha na escola Saverá⁵⁷? Aí meu esposo falou assim pra mim: Se você quer trabalha... trabalha... aí de tardinha o Fernando era o motorista da Funai, pegou o caminhão... foi, buscou minha mudança... tinha uma casa que construiu assim... aí deu pra nós mora... eu e meu esposo que nós entremo naquele escola... primeira vez trabalha... escola Saverá... aí ... **parei de i na usina com meu esposo (esse que morreu) e trabalhei lá de merendeira, lá muito tempo...acho que era depois de oito anos... não sete ano... já era outra liderança... era Silvio Paulo... aí foi lá e falou pra mim.: Catalina, falou pra mim... tem um projeto de quem quer estuda pra professora...tô procurando...falou pra mim... você não quer estuda? Pra você sai da cozinha, pra você ... é ... ensina nossas criança! falou pra mim, né! O projeto era Araverá... aí eu falei pra ele de novo...eu brinco muito com ele na***

⁵⁶ O Decreto Municipal nº 029/91 cria a sala de aula Saverá na reserva Indígena de Caarapó, para atender crianças de 1ª a 4ª séries. Segundo documento, “Saverá”, em Guaraní significa “sa” o número 100 (cem), “verá” brilho, 100% (cem por cento) brilhante (BATISTA, 2005, p.73).

*época... né! eu vou pensa uma semana... aí domingo você vem almoça com nós daí eu ... nós vamo conversa bem... e ele veio no domingo de novo...foi lá em casa... aí eu falei pra ele: **Eu vou! eu vou estuda!** (EN02)*

*Eu parei no terceiro ano... terceira série... que falava aquela época... **aí eu fui estuda de novo!** aí eu estudei aqui em Caarapó, estudei depois o Araverá... terminei com quatro anos... **depois que eu fui estuda Araverá já fui pra sala...** a diretora foi e falo pra mim: *Você vai pra sala... **você vai sai da cozinha e vai pra sala... fiquei assustada! E agora o que eu vou ensina? Eu não sei nem o que vô ensina pras criança...***ai ela falou pra mim: ***você não vai entra sabendo de tudo lá na sala de aula... tem tudo tem coordenadora, tem eu pra ajuda você dá aula... daí nós vai se ajuda...*** ela falo! ***Ai eu fui! aí acho que eu fiquei parada de novo uns seis anos depois do Araverá e eu fui estuda Teku Arandu, a licenciatura indígena... lá no UFGD. Ai aquele eu terminei de novo... a faculdade....*** (EN02).*

A categoria mediação nos permite olhar para os fatos e fenômenos reconhecendo a existência de um elemento intermediário numa relação que, até então, parecia ser direta, imediata e espontânea. Ou seja, se não houvesse a mediação do outro, provavelmente a história de vida de ambos seria diferente. Não teriam tido acesso à educação, nem a possibilidade de transformar sua condição de vida, tal como ocorreu com o participante F.G.R. que, além de não ser bem relacionado com as lideranças os pais não tinham escolaridade. Passou sua infância trabalhando nas fazendas da região e depois nas usinas e não apresentou, em seus relatos, oportunidades concretas para superar as condições de vida.

Sobre a explicação acerca da categoria mediação, Soares explica (2011, p.37-38) “(...) que só se efetivam em espaços sociais onde o sujeito atua, isto é, espaços onde o sujeito atua na relação com objetos e outros sujeitos, espaços estes que possibilitam o processo de objetivação do homem e de subjetivação da realidade”. O desenvolvimento do indivíduo está condicionado a sua interação com a realidade em que vive e atua. O ambiente econômico, social e cultural é determinante neste processo: quanto mais empobrecido for o seu universo simbólico (mediações), menores serão as possibilidades de desenvolvimento pleno das suas funções psicológicas superiores e, por conseguinte, sua emancipação enquanto ser genérico.

Outra categoria, não menos importante nesse processo de transformação e movimento, que permitiu superar as condições de vida, especificamente, dos sujeitos G.A.G. e Z.B.N., é a contradição. Na perspectiva materialista histórico e dialética, a contradição sustenta o movimento de transformação constante da realidade, permitindo que as dicotomias razão-emoção, objetivo-subjetivo, sujeito-objeto, natural-histórico sejam superadas num processo que é dialético e mediado. As contradições existentes nesse processo residem justamente no fato de que a mesma realidade social que os excluiu das inúmeras possibilidades de garantir a

sobrevivência, de forma digna, também foi capaz de inseri-los numa outra condição mais favorável e emancipadora, que é o contexto escolar.

Este período, no qual a participante Z.B.N. situa sua narrativa acerca do seu processo de formação profissional, foi marcado também pelas transformações na educação escolar da aldeia Te'yikue⁵⁸. Sua história se confunde, justamente, com o processo histórico das mudanças ocorridas nas políticas de educação indígena no estado do Mato do Grosso do Sul. Foi a primeira funcionária de uma importante escola da aldeia (que é a Saverá) no ano de 1991, também foi aluna da primeira turma do magistério específico para professores indígenas e do curso de licenciatura intercultural indígena no estado.

A narrativa da participante Z.B.N. ainda nos coloca frente a teoria de Leontiev (1978) acerca da atividade. Ela iniciou sua carreira escolar como merendeira, em seguida ingressou no curso de magistério (nível Ensino Médio) e depois foi cursar uma graduação. Sua atividade foi gerando novas necessidades que motivaram a busca pela formação e aprimoramento profissional. A teoria, acima citada, revela que a atividade se constituiu num processo em constante transformação, que gera novas necessidades e motivos e que, desta forma, origina outras atividades, estruturalmente novas, culminando em novas formações na consciência.

O participante G.A.G. também relata o seu processo de formação profissional e o quanto a educação escolar contribuiu para sua transformação pessoal. É possível perceber aí um importante processo de ampliação da consciência, pautada, sobretudo, em uma relação ativa de compreensão do sujeito no meio em que está inserido

Eu vejo assim... porque eu voltei a estuda... porque a perspectiva da educação é diferente, né! abre a...a nossa mente... de você enxerga outra visão, né! E.. Eu já não! eu já me vi diferente nesse sentido... que a educação transforma a gente, né! Eu acredito... é... que transforma a gente sim! eu sou

⁵⁸ A primeira escola foi criada, em 1965, pelo SPI e funcionava em uma sala construída pelo mesmo órgão. Os primeiros alunos foram os homens e o objetivo era ensiná-los a falar Português. O professor era quase sempre o chefe do posto indígena ou sua esposa, as aulas aconteciam de acordo com a disponibilidade deles. Em 1967, com o advento da FUNAI, encerrou-se a alfabetização de adultos para iniciar o ensino formal com crianças. O professor segue sendo chefe do posto e o objetivo era o mesmo ensinar as crianças a falar Português, incentivando o índio a desvalorizar a sua própria língua, cultura, dança, a sua organização, empobrecendo a espiritualidade Kaiowá e Guarani. A FUNAI, nessa época, coordenava o trabalho de educação, fornecia parte do material didático e ajudava as professoras. Os conteúdos trabalhados nas salas de extensão da aldeia Indígena e o calendário eram os mesmos das escolas rurais. As crianças das primeiras séries eram alfabetizadas com cartilha em Português e a supervisão do trabalho ficava a cargo de técnicos do Departamento de Educação do Município. No ano de 1997 começam os movimentos de luta dos professores indígenas Kaiowá e Guarani do MS, em prol de um “Magistério Específico”, que respeitasse a cultura e o seu jeito de ser indígena. Essa luta teve fim em 1999 e, assim, 80 professores Kaiowá e Guarani tiveram a oportunidade de cursar o Magistério Específico. Entre os cursistas estavam 18 professores da aldeia indígena Te'yikue que participaram da primeira turma do Curso em Nível Médio, “Projeto Ara Verá”, curso de formação inicial nas áreas de atuação: educação nas comunidades indígenas, educação nos anos iniciais do ensino fundamental e educação infantil (BATISTA, 2005, p. 70-75). Em 2006 foi criado o curso de Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu que habilita em quatro áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza.

uma prova disso... eu, o Lídio... tem muito colega meu aqui, que é meu funcionário que trabalharam na usina e voltaram pra escola... hoje o Lídio... o Lídio tem quase a minha idade... deve ter uns 40... 41... não, acho que ele é mais novo que eu... ele entrou nessa vida também, mas depois voltou a estudar... e... acho que a gente voltou junto praticamente... é... a gente voltou junto e fez o Ara Verá junto... o Teku Arandu junto... e... (EN01)

Ele atribui à educação escolar seu processo de evolução “(...) **que a educação transforma a gente, né! Eu acredito... é... que transforma a gente sim! eu sou uma prova disso...(.)**” (EN01). A educação escolar foi, para ele, o elemento mediador entre o *antes* (marcado pelas dificuldades de sobrevivência, o trabalho duro nos canaviais) e o *depois* (marcado por melhores condições de vida).

A teoria de Leontiev (1978a) ressalta que o processo de apropriação é sempre mediatizado pelas relações estabelecidas pelos seres humanos. E esse processo de transmissão de experiências sociais resulta num processo educativo que pode ser direto ou indireto, possuir, ou não, a intencionalidade de educar. É o que evidenciamos no relato do participante G.A.G., segundo o qual, as experiências vividas na usina lhe conferiram um sentimento de respeito e cuidado para com o outro. A humildade e senso de coletividade o ajudaram nas diversas situações que ocorreram no exercício de suas atribuições como diretor da escola da aldeia. Enfim, as vivências negativas do trabalho nas usinas lhe propiciaram momentos de intenso aprendizado. Eis aí outra contradição que possibilitou o movimento de transformação, em que as condições objetivas, a realidade concreta, foram apropriadas e subjetivadas.

A usina... é... nos ensinou a se humilde, entendeu? ajuda um ao outro, né! cuida um ao outro, né! se o outro tá doente, se o outro tá... é... não pegou o alimento antes do carro i...se... observador ... é isso que me ensino a usina, né! e... sempre te... humildade... e ouvi, né! respeita os mais velho... e... é isso, que às vezes eu trago muito no meu trabalho de hoje... eu gosto de.. de... ouvi as pessoas, eu não gosto de punir as pessoas antes de conversa certinho, né! saber o que aconteceu... e... é o que eu passo com os alunos, professores, né! com os coordenadores, né! (EN 01)

Em suma, este terceiro Núcleo de Significação define, precisamente, o momento (no sentido de temporalidade) e o movimento de transformação na vida dos participantes G.A.G. e Z.B.N. evidenciando as mediações e as contradições, existentes neste processo, que culminou não apenas na qualidade da vida material destes, mas também no desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores (VYGOTSKI, 1995) e, conseqüentemente, na ampliação da consciência (este último aspecto fica mais evidente na narrativa do participante 1). Sabendo que a consciência é sinônimo de reflexão, intencionalidade e reflexividade, podemos inferir que

quanto maior for a consciência do sujeito maior será sua capacidade de atuar como transformador da realidade e é exatamente o que o Núcleo de Significação 4 apresenta, ou seja, a possibilidade, ou não, de transformar a realidade ou, melhor, ser agente de transformação.

5.4 NÚCLEO 4 - Como estão e o que fazem após a experiência nas usinas? As atuais condições de vida e perspectivas para o futuro

A perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural é radical quanto a unidade entre fenômeno social e a constituição da subjetividade. O fenômeno social é considerado como processo que só pode ser compreendido em sua totalidade quando se considera os sujeitos e suas possibilidades de agir, de se relacionar, de produzir as próprias representações dos objetos e de sua relação com ele. Da mesma forma a subjetividade também é considerada um processo que expressa a capacidade de vivenciar, registrar e comunicar essas experiências e utilizar estes registros.

A capacidade de vivenciar, registrar, comunicar e utilizar estes registros são elementos da subjetividade, configurados e delimitados a partir da realidade concreta e objetiva. Desta forma, é por meio das experiências vividas na relação com o outro, que o indivíduo constrói sua subjetividade.

Formado por três indicadores - a) Relação com a comunidade (aldeia); b) Condições atuais de vida (como estão e o que fazem?) e c) Percepção sobre os desafios futuros – este Núcleo de Significação evidencia, principalmente, a maneira como foram elaboradas as experiências vividas no contexto das usinas e como cada entrevistado explicitou sua subjetividade e seus sistemas de significação acerca das coisas e da sua própria realidade.

Sobre como se dá a relação entre os moradores da aldeia, o participante G.AG. quis enfatizar o quanto a comunidade é unida, se ajudam e pensam como um coletivo. Compartilham ideais e lutam juntos por eles. O quanto todas as esferas da comunidade se relacionam com certa organicidade.

Por isso que eu não quero sair daqui porque aqui, vive em outro canto! é a comunidade já tem uma formação diferente, né! Essa divisão... da comunidade em vista de outra aldeia por aí...você vê contra professor, é... comunidade contra professor... é aquela rixa... aqui a gente mantém... isso porque a maioria dos professores é mais que professor, então a gente procura trabalha com isso, com o pai, com a mãe, nesse sentido da coletividade... (EN 01).

*E muitas aldeia tem essa dificuldade, não é igual nós não! **Aqui tem união...** a escola conversa com tudo... igreja, capitão, rezador... tudo... **nós enfrenta tudo o que vier!** nós é foda! (EN01)*

A participante Z.B.N. não relata, com tanta clareza, essa união, mas enfatiza sua preferência por continuar a residir na aldeia, pelas amizades que possui ali e, principalmente, pelo sentimento de liberdade que aquele lugar lhe proporciona. Mais uma vez vemos as relações sociais mediando os modos de pensar, sentir e agir no mundo.

*Eu moro sozinha ali, e ela mora na cidade... eu fico uma semana com ela lá na cidade... depois eu volto pra cá de novo... **Não aguento fica lá, não!** Tudo preso, você não vê o vizinho, o parente, não tem pra onde i, fica preso dentro da casa! **Eu não gosto de cidade, não tem amizade, lá!** (EN02)*

*Tem outra coisa, aí, doutora! Tinha que ajeita pra eu encosta... aqui não dá mais pra trabalha. Pensei de i pra Caarapó, **mais lá também não vai tê i lá é mais ruim**, porque você tem fica preso num lugarzinho só... só no quintal da casa, igual o povo aí fala! Só aquilo **e lá também não tem o parente, não!** Aí fica pior do que tá aqui! (EN02)*

Em relação às condições de vida atual, a participante Z.B.N. enfatiza e pontua as causas do seu adoecimento. Cumpre destacar as repetições da frase “**Eu não aguentei mais!**” (EN 02) evidenciando o quanto a carga de ser mulher, mãe, esposa, professora e tantos outros papéis que assumiu na vida fosse pesado demais para ela. Descreve em seu relato o seu processo de adoecimento

***Agora não tô na sala porque eu entrei de depressiva muito forte, né! aí o doutor liberou eu de trabalhar... me readaptou no outro serviço... agora ajudo a coordenadora fazer o material didático... fico aqui nesta escola...** (EN02)*

*No ano passado... ano retrasado... quando teve a retomada aqui... foi ano passado... né? Em 2016. Aí eu levei um tiro desse lado aqui... aí eu acho que eu levei muito tiro, sei lá! e aqueles tiro assim, aquela fumaça, todo mundo correndo... parece que ouço toda hora... dentro da minha casa...na hora não queria nem sair de casa... fora assim... não queria ver ninguém, assim... e naquele ano meu esposo também faleceu... aí ele faleceu com AVC hemorrágica... aí... ele morreu também... **aí junta tudo e eu não aguentei mais!** (EN02)*

*Tava junto daquele que morreu ... daquele sete que levou tiro... um morreu, né? **Aí depois que fiquei assim!** (EN02)*

Aí... me deram serviço aqui pra trabalha com a criança especiais e junto com o psicólogo lá... Ele... é quieto... eu sentada assim, ele também assim ... sentado... quieto, ninguém falava com ninguém, quando chegava quatro horas eu chorava não aguentava mais aquele silencio! as criança também vinha conversava com nós... contava problema pra nós ... aí quatro horas eu não aguentava.... Chorava... e o psicólogo falava assim pra mim: o que

que foi Catalina, que você tá chorando? Falei pra ele: nada... nada... E foi, foi, foi... que eu não aguentei mais! (EN02)

O relato emocionado nos remete, novamente, a uma condição alienada de trabalho. Além da emoção, percebemos um cansaço diante de tantos acontecimentos e personagens que atravessam seus relatos. Histórias estas que confundem e representam as lutas vividas pelos povos indígenas, seja pela sobrevivência, seja pela retomada de seu território, pela luta por uma educação escolar que contemple categorias específicas da cultura indígena, como a língua materna e a vida na aldeia.

A participante Z.B.N., entretanto, enfatizou os acontecimentos que considera causadores de seu adoecimento (morte do marido, conflitos por território⁵⁹). O tom da sua narrativa revela sofrimento, cansaço e desesperança. O participante F.G.R. se refere, principalmente, a sua carência financeira, sua necessidade por um emprego que lhe garanta renda e seu desejo pela aposentadoria que, para ele, é sua única esperança, visto que com idade avançada não será contratado pela usina. Suas necessidades ainda estão voltadas para a obtenção de renda que lhe garanta os meios necessários de sobrevivência.

Sobre as condições atuais de vida do participante F.G.R., descritas por ele mesmo, se pode constatar a ausência de perspectiva de um futuro melhor. Desempregado, adoecido por conta dos inúmeros anos trabalhados nas lavouras de cana-de-açúcar em condições análogas à escravidão, e sem direitos trabalhistas e previdenciários que lhe garantisse um envelhecimento mais digno. Mesmo com problemas de saúde tem procurado emprego na única usina que ainda contrata mão de obra indígena na região, porém sabe que não será contratado devido a sua idade.

Demonstrando simplicidade e ingenuidade, sabe que a única coisa que teve a vida toda foi a força do seu trabalho, a qual teve que vender para sobreviver, e quanto mais produziu mais pobre se tornou, conforme a explicação de Marx (1844/2008 p.80) “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz”, se torna apenas uma mercadoria muito mais barata e acessível do que aquela que ele produziu.

Eu tenho agora 53 anos... hoje... Hoje tô parado... agora... porque eu mandei minha carteira agora, mas não sei se vai aprovar, doutora... porque agora a firma ... ele pega agora... aquele cara que dá produção... aquele que não dá produção ele pergunta pro cabeçante se ele vai fazer produção ou não... né! se não dá, logo, logo, ele já pega e já encosta... não que pega mais! Então por isso que eu falo, já como o Braz fala, né, quando já tem idade já não pega

⁵⁹ Está se referindo ao episódio ocorrido em junho de 2016 quando produtores rurais e índios entraram em conflito armado por disputas de território. Este evento ficou conhecido como retomada.

mais! Pega só aquele pessoal novo, aquele pá pode dá produção... pra empresa não paga pra ele. Como eu já tenho idade, né! pra mim alcançar o pulo do novo, já não dá mais! já trabalho menos... o que eu pode fazer, eu faço, né! mais pra corta cana como aquele rapaz novo, né! naquela época que era novo alcançava diária boa, né! sessenta, setenta, oitenta real a diária, mas agora com essa idade, já tem machucadura, dor na perna... se trabalhar muito já cansa aqui no meu joelho... (EN 03)

Eu trabalho assim, mas não alcanço mais aquele que é novo... produção do novo não alcanço não! Eu tenho desejo de trabalha, mas só que a empresa não pega mais! a gente tá de idade... né! agora mesmo tô parado... (EN 03)

E naquela época ainda eu alcancei diária boa pra mim mante minha família... pra mim mante minha esposa... mas agora com essa idade, já não alcança mais não! pode fala de mim... será que aquela pessoa ainda alcança diária boa? não alcança mais! pra mim iguala ... o pulo daquele pessoal novo...agora... não alcança mais não! (EN 03)

Olha! da minha parte queria ser encostado... não adianta mais anda pra cima pra baixo na usina... se eu ir na usina... fala a mesma coisa... na outra usina na vai fala mesma coisa... vai olha na minha idade e vai fala... você já tem idade...e nessa idade quase não pega mais! como diz os irmão dele... porque pra mim eu ainda tenho família... tenho meu guri que tem 13 ano ainda aí... ainda tá na escola... tenho dois filho pequeno ainda... (EN 03)

Agora não... naquela época tinha... pra pode trabalha ... ir na diária... na diária até pode vim alguém e leva pra trabalha... mas agora com essa usina que tá não pega não! na diária tá difícil pra trabalha na diária... é difícil trabalha na usina! só na produção... não alcança mais o pulo do novo porque naquela época tinha diária... na fazenda...leva pra faze alguma coisa... passa veneno ou cata raiz, na diária, né... agora não tem mais! pra pode mante nossa família... como vô mante? Minha esposa não é assalariada, nem ele... agora esse nesse caso... tá bem difícil! não sei o que vai faze com isso... (EN 03)

Eu não posso fala que vô mante... porque não tenho salario ... não tem! e com essa idade... a usina não pega com essa idade... eu tenho que trabalha ainda... pra mim parece que eu tô são ainda, mas a usina.... A usina... vai fala: será que você vai da produção pra mim ainda? Com esses cinquenta e três ano? Não garante mais que dá pra faze a produção do jeito que o novo ta fazendo... então essa é minha preocupação... da minha parte era pra mim encosta mesmo... (EN 03)

É.. Só esse aí... só esse por enquanto... tá tudo parado... se eu tivesse salário ia tá bom... né! falava assim... eu vou fica trabalhando porque tenho um salário... vou fica trabalhando pra mim ... pra mante a família só que como eu não tenho... do que eu vou vive... do que vou me mante? (EN 03)

Este Núcleo de Significação nos remete, portanto, ao caráter teleológico da atividade humana, como sendo um processo adequado a um fim, relacionado com as formas históricas específicas de trabalho, especialmente o trabalho alienado e estranhado da sociedade capitalista. O contrário seria agir de maneira consciente e livre, de modo que as condições de vida pudessem

ser modificadas tendo a atividade de trabalho como a mediadora deste processo. Que seu fim almejasse o desenvolvimento como gênero humano, como ser genérico. E desenvolver a genericidade implica em se apropriar das objetivações humanas como a linguagem e as relações cotidianas interpessoais até as formas mais elevadas como a ciência, a arte, a filosofia, É neste sentido que Duarte (2013) afirma

“(...) a atividade vital deve assegurar, antes de tudo, as condições materiais de existência do gênero humano. Sem isso, não há história. Essa produção não apenas constitui a indispensável base material da vida em sociedade, como também gera a dinâmica fundamental do processo histórico de desenvolvimento do gênero humano, isto é, a relação entre objetivação e apropriação (DUARTE, 2013, p.25).

Assim, a atividade de trabalho deve contribuir para que o indivíduo haja para além das necessidades básicas de sobrevivência. Que o auxilie no processo dialético de apropriação e objetivação das características do gênero humano, uma vez que estas foram constituídas “ao longo do processo histórico de apropriação da natureza pela atividade social e de objetivação dos seres humanos na natureza transformada” (DUARTE, 2013, p. 37-38). Dessa maneira, se pode afirmar que o desenvolvimento humano não é só determinado por características biológicas transmitidas pelo código genético, mas é um processo histórico e dialético de apropriação e objetivação.

Portanto, o trabalho nas usinas não possibilitou aos participantes Z.B.N. e F.G.R. que suas vidas fossem transformadas, pelo contrário, o participante F.G.R. continua, depois de mais de trinta anos, nas mesmas condições – lutando pela sobrevivência – implorando por um emprego, justamente na usina, que lhe possibilite viver com alguma dignidade. Suas ações de trabalho, ao longo do tempo, não contribuíram para transformar os conteúdos da sua consciência.

A participante Z.B.N. apesar de ter tido outras oportunidade – pôde cursar uma universidade e trabalhou como professora – também demonstrou estar imersa num processo de adoecimento psíquico. Atualmente não precisa mais se preocupar com a obtenção de renda, pois é funcionária pública municipal concursada, mas ainda luta contra as memórias de toda uma vida, marcadas, sobretudo, pela discriminação e pelas injustiças sociais.

Em relação ao participante G.A.G., embora tenha modificado suas condições de vida por meio da educação escolar, pois conseguiu cursar uma universidade e ter sido aprovado em concurso público municipal, ainda se constata certa limitação na maneira de perceber a realidade, devido a sua forma de se comunicar. Além disso, não verificamos uma postura crítica frente aos fatos.

Dessa maneira, o trabalho e as relações sociais são primordiais no processo de desenvolvimento humano. Não há características inatas, nem processos naturais de desenvolvimento, mas sim condições concretas, reais e objetivas que possibilitam ao indivíduo se apropriar e objetivar novas condições de sociabilidade humana.

(...) Os seres humanos agem a partir de circunstâncias com as quais se deparam; estabelecem objetivos, fazem planos, traçam estratégias e põem em movimento os recursos disponíveis para transformar a realidade, atingindo algo diferente do que antes existia. Isso desencadeia novos processos que estabelecem novas necessidades, novos desafios, para cujo enfrentamento os seres humanos constroem novos planos e assim por diante, num processo que não tem fim enquanto exista a humanidade (DUARTE, 2013, p.24-25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentido da palavra é sempre uma formação dinâmica, variável e complexa, estabelecido sob inúmeras determinações do contexto em que cada indivíduo está inserido. Portanto, apreender os significados e os sentidos constituídos pelos indígenas acerca do trabalho nas usinas, particularmente na produção de cana-de-açúcar, implicou tomar conhecimento do contexto em que este trabalho transcorreu, levando em conta as diferentes determinações que o envolveu.

Os sentidos têm na linguagem uma de suas importantes vias de acesso. Vigotski (1998) esclarece que o pensamento e a linguagem são fundamentais para a compreensão da consciência humana. Segundo ele, a estrutura da linguagem não é um mero reflexo da estrutura do pensamento e não coincidem de forma direta ou imediata, mas são interligados por meio de transformações e transições complexas e, no processo do desenvolvimento humano, ambos estão em unidade, mas não em identidade.

Em suma, se pode dizer que a linguagem não representa o pensamento genuíno, porém o pensamento se reestrutura ao transformar-se em linguagem. Daí a afirmação de Vigotski (1998) de que o pensamento não se expressa na palavra, mas é por palavras que o pensamento se realiza.

Portanto, tanto o processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem quanto os de desenvolvimento do psiquismo e o de atribuição de sentidos são interligados. Ao atribuir sentido, estamos nos apropriando, ativamente, dos significados que, por sua vez, são compartilhados socialmente. Neste processo, estão implícitos a transformação do objetivo em subjetivo e a unidade de linguagem e pensamento, constitutiva dos significados, os quais operam com a representação da realidade na consciência. Além disso, significado e sentido estabelecem uma relação de mediação, quer dizer, um não é sem o outro, um constitui o outro.

Mas a realidade não se apresenta de maneira automática, ao contrário, o sujeito opera sobre ela ativamente, considerando suas experiências de vida. Isso implica que no processo de apropriação da realidade e de seus significados, o indivíduo atua sobre ela (realidade), podendo criar novas combinações e estabelecer novas conexões. Acerca desse processo de apropriação e objetivação da realidade, podemos seguir a explicação de Pino (2005, p.112) para quem “a internalização das relações sociais consiste numa conversão das relações físicas *entre pessoas* em relações semióticas *dentro da pessoa*. Em outros termos, algo que ocorre no mundo público passa a ocorrer também no mundo privado”.

Essa afirmação leva a compreensão de que mesmo vivenciando experiências similares, o indivíduo as elabora atribuindo sentidos diferentes. Sentindo, vivendo e agindo de maneiras muito distintas.

Esta pesquisa nos possibilitou o encontro com narrativas e experiências de vida que, apesar de únicas, revelaram muitas similaridades. Mesmo na singularidade de cada trabalhador indígena, conseguimos identificar características comuns. A cada relato, aspectos da mesma história ia se repetindo e nos revelando sentidos compartilhados, porém singulares.

A produção dos dados, por meio de entrevistas narrativas, foi idealizada para que o assunto fosse introduzido e, sem interrupções, as histórias de cada um ocupassem, efetivamente, a centralidade do encontro entre duas realidades muito distintas: a do pesquisador não-índio e a do trabalhador indígena. E, por meio desse processo, o que se produziu foram histórias que, apesar de heterogêneas, trouxeram aspectos equivalentes.

O primeiro desses aspectos foi a composição de um “antes”, um “durante” e um “depois” do trabalho nas usinas, elementos que estiveram presentes nas três narrativas. Isso demonstrou, sobretudo, que a experiência do trabalho na produção de cana-de-açúcar interferiu nas condições de vida de cada indígena ao longo de um tempo histórico; da história singular de cada um em unidade dialética com a história social de uma época, datada e objetivada por inúmeros registros.

Essa unidade histórica se apresentou por meio de uma cronologia, uma sucessão de fatos no tempo, mas esse não foi o único e principal aspecto, o que vimos acontecer foi o emergir de uma *história* como processo e produto, que foi traduzindo, em conteúdo e forma, os registros de memória de cada um – e aqui se pode dizer de outras funções psíquicas, tais como as sensações, o pensamento, a linguagem, os sentimentos – que se organizaram para materializar esse conteúdo na consciência e, ao dar os contornos subjetivos a cada narrativa indígena sobre uma vida de trabalho, culminou com uma singularidade ímpar.

Desse processo se pode depreender que o sentido, conforme assinalado pela Psicologia Histórico-Cultural é, de fato, pessoal, subjetivo, uma síntese elaborada individualmente a partir de uma vivência coletiva de uma situação social. Além disso, outra constatação que derivou da pesquisa foi o *movimento*, que pelo método histórico-dialético se faz movido por contradições, e que se explica pela tensão entre polos antagônicos, mas complementares, por meio do qual foi possível explicar a *transformação dos sentidos*. O sentido, portanto, tem uma dinâmica interna em unidade dialética com as transformações exteriores (LEONTIEV, 1978a).

Outro aspecto a ser destacado, diz respeito a relação entre significado social e sentido do trabalho identificado pela pesquisa. Por meio dos Núcleos de Significação, que se constituíram em mediações teóricas, foi possível entender o percurso da internalização (Vygotski, 1995) das experiências de trabalho.

Em cada um dos conjuntos sistematizados foi se revelando elementos que (des)vinculavam o significado social do trabalho, tal como concebido por Marx (1844/2008) dos sentidos experimentados por cada um dos participantes indígenas. Desse modo, compreendemos que o significado social e o sentido deste trabalho não coincidiam, pelo contrário, se distinguiam e as ações na produção de cana-de-açúcar se explicavam, tão somente, como um meio para a produção de mercadorias, tendo por motivação o salário e não a produção de bem útil à população indígena.

Assim, ações e relações se revelaram alienadas gerando, consequentemente, sentidos alienados. Submetidos à objetividade alienante, que é característico das sociedades organizadas sob o modo de produção capitalista e suas relações de imposição à exploração de mão de obra indígena, o trabalho produziu nos índios marcas/registros de processos fragmentados, de adoecimento e submissão.

Este trabalho alienado, que coisifica o humano e humaniza as coisas, é o que coloca as mercadorias que produz como o centro da sociabilidade. Para elucidar tal processo, Duarte (2013, p. 98) afirma que “(...) na formação do indivíduo será alienante todo processo que não resultar em efetivação, na existência individual, das possibilidades historicamente produzidas de objetivação consciente, social, livre e universal.

Todavia, este mesmo processo que produziu alienação e os colocou a margem das objetivações humano-genéricas também foi capaz de subsidiar novas possibilidades – a educação escolar representou para muitos a melhora das condições de vida. Porém, mesmo mudando as condições financeiras, as consequências deste tipo de atividade são marcantes. Carregam os traços de uma atividade que não contribuiu para o desenvolvimento pleno de suas funções psicológicas. O trabalho que deveria servir à humanização do trabalhador, se transforma em dor e sofrimento e tende a afastar, cada vez mais, os indivíduos das inúmeras possibilidades alcançadas pelo gênero humano.

Este estudo, além de apreender o conjunto das significações-sentidos acerca do trabalho nas usinas, serviu para apontar o quanto de descaso, negligência e irresponsabilidade envolve a questão indígena. Não contamos algo novo e nem fizemos grandes descobertas. Temos consciência que não abarcamos a totalidade desse processo, mas apenas uma pequena

parte de um todo que foi constituído por múltiplas determinações ao longo do tempo. Apontar o carácter histórico desses fatos implicou, necessariamente, em identificar categorias importantes como: contradição, totalidade, mediação que nos levaram a compreensão que este não foi um processo natural e não pode jamais ser encarado como tal, mas construído a partir condições reais e objetivas da vida desses trabalhadores indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. M. J. **Reflexões a partir da Psicologia sócio-histórica sobre a categoria “consciência”**. Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 125-142, julho/2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742000000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 22/07/2019.

_____, W. M. J. & OZELLA, S. **Núcleos de significação como instrumento de para a apreensão da constituição dos sentidos**. Psicologia Ciência e profissão, 2006. n. 26 (2). p. 222-245. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932006000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 27/06/2018.

_____, W. M. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. IN.: BOCK, A. M. B. (org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____, W. M. J. et al Reflexões sobre sentido e significado. In.: BOCK, A. M. B. & GONÇVALVES, M. G. M. **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 54-72

_____, W. M. J. & OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/15.pdf>. Acesso em 27/06/2018.

_____, W. M. J. et al. **Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações**. Cadernos de Pesquisa. V. 45, n. 155 p. 56-75. Jan./mar.2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n155/1980-5314-cp-45-155-00056.pdf>. Acesso em 22/06/2019.

AITA, E. B. & TULESKI, S. C. **O desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da psicologia histórico-cultural**. Perspec. Dial.: Rev. Educ. e Soc., Naviraí, v. 4, n. 7, p. 97-111, jan. - jun. 2017. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/3195>. Acesso em 27/08/2019.

ALVES, F. **Por que morrem os cortadores de cana?** Saúde e Sociedade v. 15, n.3, p.90-98, set-dez 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902006000300008 Acesso em 21/08/2019.

BATISTA, T. A. C. **A luta por uma escola indígena em Te'yikue, Caarapó/MS. 2005**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Dom Bosco. Campo Grande-MS.

BENITES, E. **Oguata Pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena na reserva indígena Te'ýikue**, 2014.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014.

BERNARDES, M. E. M. **O método de Investigação na Psicologia Histórico-Cultural e a Pesquisa sobre o Psiquismo Humano**. PSICOLOGIA POLÍTICA. VOL. 10. Nº 20 . PP. 297-313. JUL. – DEZ. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2010000200009&lng=pt&nrm=iso Acesso em 23/08/2019.

BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 12/08/2019.

_____, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In.: Bock, A. M. B. et. al (orgs). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____, A. M. B. & GONÇALVES, M. G. M. A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais. In.: BOCK, A. M. B. & GONÇALVES, M. G. M. **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 116-157.

BRAND, A. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowa/Guarani: os difíceis caminhos da palavra**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

_____, A. **Os complexos caminhos da luta pela terra entre os Kaiowá e Guarani no MS**. Tellus, ano 4, n. 6, p. 137-150, abr. 2004 Campo Grande – MS. Disponível em: <http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/view/82> . Acesso em 21/07/2019.

_____, A. **Desenvolvimento Local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 1, N. 2, p. 59-68, Mar. 2001. Acesso em 21.mar.2020.

_____, A. J. **Formação de professores: um estudo de caso**. In: 25º Reunião Anual da ANPED, Caxambu./MG - Educação: manifestações, lutas e utopias, 2002.

_____, A. & VIETTA, K. **Análise gráfica das ocorrências de suicídios entre os Kaiowá/Guarani, no Mato Grosso do Sul, entre 1981 e 2000**. 2Tellus, ano 1, n. 1, Campo Grande, UCDB, out. 2001. Disponível em <http://www.gpec.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/viewFile/18/17>. Acesso em 10/10/2019.

BRASIL, FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE (FUNASA). II Conferência Estadual de Saúde dos Povos Indígenas de Mato Grosso do Sul – **Efetivando o SUS: acesso, qualidade e humanização na atenção à saúde dos povos** 116 José Antônio

BRAGA NETO et al. Levantamento do estado de saúde indígenas com controle social. Campo Grande-MS, abr. 2001.

BUCKER, M. B. et al. **A força de trabalho indígena da Aldeia Amambai na Indústria sucroalcooleira em Mato Grosso do Sul (2010 – 2011)**. Albuquerque: revista de História, Campo Grande, MS, v. 4 n. 7 p. 185-212, jan./jun. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/4004>. Acesso em 21/07/2019.

CAMPOS, A. **Exploração de indígenas nos canaviais do MS é história**. Disponível em <http://reporterbrasil.org.br/2008/07/exploracao-de-indigenas-nos-canaviais-do-ms-e-historica>, 21/07/2008. Acesso em 30/06/2018

CONCEIÇÃO, E. **História de MS**. Governo do Estado do Mato Grosso do Sul. Disponível em <http://www.ms.gov.br/a-historia-de-ms>. Acesso em 21.set.2019.

CORREA, F. M. **O trabalho de indígenas nas usinas do MS**. UFMS. Aquidauana, 2014. Disponível em: http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1411268342_ARQUIVO_AN_PUHMS2014.pdf. Acesso em 10/11/2018.

CORRÊA, A. S. **Transformações na estrutura produtiva em Mato Grosso do Sul. Um estudo sobre o capital agroindustrial canavieiro no município de Dourados-MS**, 2010 (Dissertação de mestrado). UFGD, Dourados.

CUNHA, M. C. **Índios na constituição**. Novos estud. CEBRAP vol.37 no.3 São Paulo Set./Dec 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002018000300429 Acesso em 22/08/2019.

DICIONÁRIO FINANCEIRO. **Benchmarking**. Disponível em <https://www.dicionariofinanceiro.com/benchmarking>. Acesso em 31/10/2019.

DUARTE. N. **A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo**. 3. ed. Campinas,SP: Autores Associados, 2013.

_____. **A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 20, n. 02, p.279-301, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9646/8881>. Acesso em 22/08/2019.

_____. **A formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev**. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 44-63, abril 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 21/10/2018.

ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**, 1876/1999. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macaco.pdf>. Acesso em 20/06/2019.

FURTADO, O. & SVARTMAN, B. P. Trabalho e alienação. IN.: BOCK, A.M.B. & GONÇALVES, M.G.M. (org). **Dimensões Subjetivas da Realidade: uma leitura sócio-Histórica**. São Paulo: Cortez, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, A. Nosso Marx. In.: CHASIN, J. et al. **Marx hoje**. Editora Ensaio: São Paulo, 1987. (CADERNOS ENSAIO 1)

GOMES, C. A. V. O afetivo para a psicologia histórico-cultural: considerações sobre o papel da educação escolar. Marília: UNESP, 2008 (TESE DE DOUTORADO).

GONCALVES, M. G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: A historicidade como noção básica. IN.: BOCK. A. M.. B. (org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GONZÁLEZ-REY, F. **As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural**. Psic. da Ed., São Paulo, 24, 1º sem. de 2007, pp. 155-179. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-69752007000100011. Acesso em 12/04/2019.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social**. 2.ed. Petrópolis-RJ. Vozes, 2009.

HISTÓRIA E CULTURA GUARANI. FUNAI. Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani/>. Acesso em 13.abr.2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 20/09/2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico. Caarapó-MS. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/caarapo/panorama>. Acesso em 21.set.2019.

JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático** Petrópolis: Vozes, 2008 (pp. 90-113).

JUSBRASIL. O que se entende por truck sistem no Direito do Trabalho? 2009. Disponível em <https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/1949909/o-que-se-entende-por-truck-sistem-no-direito-do-trabalho-renata-cristina-moreira-da-silva>. Acesso em 23.fev.2020.

KAHHALE, E. M. S. P. & ROSA, E. Z. A construção de um saber crítico em psicologia. IN: **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 19-51

KONDER, L. **O que é dialética**. 28.ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

KOSIK, K. **A dialética do concreto**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978a.

_____. A. **Actividade, Consciência e Personalidade**. 1978b (Maria Silvia Cintra Martins Trad.). Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=2309. Acesso em 21.abr.2019.

LONGAREZI, A. M. & PUENTES, R. V. (orgs). **Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos**. Uberlândia : EDUFU, 2013.

_____, A. M. & FRANCO, P. L. J. A. N. Leontiev: a vida e a obra do psicólogo da atividade. LONGAREZI, A. M. & PUENTES, R. V. (orgs). **Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos**. Uberlândia : EDUFU, 2013, p.67-110.

LURIA, A. R. **O desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Ícone, 1999.

MARTINS, E. S. **O papel das lideranças tradicionais na demarcação das terras indígenas Guarani e Kaiowá**. Tellus, ano 15, n. 29, p. 153-172, jul./dez. 2015. Campo Grande, MS. Disponível em www.tellus.ucdb.br. Acesso em 12/09/2019

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 1846/2007.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 1867/2017.

_____. K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 1844/2008.

_____. K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 1848/2008.

MEGEREDO, F. C. **O trabalho de indígenas nas usinas do MS. XII Encontro da Associação Nacional de História – Sessão Mato Grosso do Sul**. UFMS Aquidauana-

MS, 2014. Disponível em http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1411268342_ARQUIVO_AN_PUHMS2014.pdf Acesso em 21/09/2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde Indígena**. Disponível em <http://www.saude.gov.br/sesai>. Acesso em 10.out.2019.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. FUNAI. Nossas ações. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/direitos-sociais>. Acesso em 10.out.2019

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Termos de ajustamento de conduta firmados. Disponível em <http://www.transparencia.mpf.mp.br/contendo/atividade-fim/termos-de-ajustamento-de-conduta>. Acesso em 10.jun.2020.

MITO E COSMOLOGIA. 2018. Disponível em <http://www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/245-mito-e-cosmologia>. Acesso em 20.set.2019.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORENO, J. R. Seminário Internacional sobre todas as formas de discriminação no Trabalho. 1999. Disponível em <http://www.pgt.mpt.gov.br/publicacoes/pub26.html>. Acesso em 17/09/2017.

MOTA, J. G. B. **Os Guarani e Kaiowá e suas lutas pelo tekoha**: os acampamentos de retomadas e a conquista do teko porã (bem viver). REVISTA NERA – ANO 20, Nº. 39 – Dossiê 2017 – ISSN: 1806-6755, p. 60-85, 2017. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera>. Acesso em 21/09/2019.

MURA, F. **À procura do bom viver**: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os kaiowá. 1.ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2019.

NETTO, J. P. & CARVALHO, M. C. B. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVEIRA, B. A. Dialética do singular-particular-universal. In.: Encontro de Psicologia Social e Comunitária. Anais do V Encontro em Bauru, SP. Abrapso, 2001. P. 1-24. Disponível em <http://stoa.usp.br/mpp5004/files/1/18602/ADialeticaDoSingularParticular>. Acesso em 10/10/2019.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. 3. ed. São Paulo: Scipione; 1995.

PASQUALINI, J. C. **Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: Desenvolvimento infantil em Vigotski**,

Leontiev e Elkonin. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação Faculdade de Ciências e Letras - UNESP Araraquara, 2006

PINO, A. **A corrente sócio-histórica de psicologia:** fundamentos epistemológicos e perspectivas educacionais. Em Aberto Brasília, ano 9, n. 48, out./dez. 1990. Disponível em: http://www.proiac.uff.br/sites/default/files/documentos/corrente_socio-historica_repeb.pdf. Acesso em 21/03/2019.

_____. A. **O social e o cultural na obra de Vigotski.** Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/00. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a03v2171.pdf> . Acesso em 21/03/2019.

_____. A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski.** São Paulo: Cortez, 2005.

PRADO JR, C. **Histórias econômicas do Brasil.** 43ed. São Paulo: Brasiliense, 2012

REZENDE, S. B. A. **Potencialidades de desenvolvimento local dos kaiowá e dos guarani cortadores de cana-de-açúcar da aldeia Te'yikue.** 2011 (Dissertação de Mestrado) UCDB: Campo Grande-MS.

RIBEIRO, H. & FICARELLI, T. R. A. **Queimadas nos Canaviais e Perspectivas dos Cortadores de Cana-de-açúcar em Macatuba, São Paulo.** Saúde Soc. São Paulo, v.19, n.1, p.48-63, 2010. Disponível em <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2010.v19n1/48-63>. Acesso em 16/06/2020.

RICARDO, C. A. **Povos indígenas no Brasil.** São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 1995.

RISCO FÍSICO: TALHÃO, EITO, CARREADOR, LEIRA. Disponível em: <https://riscofisico.blogspot.com/2013/06/talhao-eito-carreador-leira-cana-de.html>. Acesso em 10.out.2019.

ROMANI, A. Vida e obra de Egon Shaden são lembradas na USP. Jornal da USP. Disponível em <https://jornal.usp.br/cultura/vida-e-obra-de-egon-schaden-sao-lembradas-na-usp>. Acesso em 04.set.2019.

SABOURIN, E. **Teoria da Reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento Sociologias.** Porto Alegre, ano 13, no 27, mai./ago. 2011, p. 24-51. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/soc/v13n27/a03v13n27.pdf> . Acesso em 21/09/2019.

SAWAIA, B. B. Prefácio. In.: MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky.** Petrópolis: Vozes, 2003. p. 09-13.

SCHAFF, A. **O marxismo e o indivíduo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani.** 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1974

SMANIOTTO, C. R. et al. **Atlas socioambiental terra indígena Te'yikue**. Campo Grande: UCDB, 2009.

SILVA, E. C. A. **Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 133, p. 480-500, set./dez. 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n133/0101-6628-sssoc-133-0480.pdf>. Acesso em 05/09/2020.

SOARES, J. R. **A atividade docente e subjetividade: sentidos e significados constituídos pelos professor acerca da participação do alunos em atividades de sala de aula**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), 2011. (TESE DE DOUTORADO).

SOARES, W. R. A. & SCHALLENBERGER, E. **Negociação e hibrismo cultural no espaço missionário do Guairá pelos escritos de Antônio Ruiz de Montoya (1609-1632)**. IHS. Antiguos jesuítas en Iberoamérica ISSN vol. 1 nº 1 2013. p. 112-131. Disponível em <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/article/view/17574>. Acesso em 23/09/2019.

SOUSA, M. C. S. **Avaliação econômica do Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL): uma análise de equilíbrio geral**. Pes. Plan. Econ. Rio de Janeiro 17(2), p. 381-410, ago.1987. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6025/1/PPE_v17_n02_Avaliacao.pdf Acesso em 16/09/2019.

SOUZA, J. O. C. **O sistema econômico nas sociedades indígenas Guarani Pré-coloniais**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 211-253, dezembro, 2002.

TANAMACHI, E. R. **A Psicologia Histórico-cultural: fundamentos, pressupostos e articulações com a Psicologia da Educação**. IN.: MEIRA, M. E. M & FACCI, M. G. D. **Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro com a subjetividade e a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007 p. 27-62.

TASSINARI, A. M. I. **Escola Indígena: Novos Horizontes Teóricos, Novas Fronteiras de Educação**. In: SILVA, A. L; LEAL. FERREIRA, M. K. (Orgs). **Antropologia, História e Educação**. São Paulo: Global/Mari, 2001.

TEODORO, A. J. et al. **Relatório de diagnóstico ambiental da aldeia indígena de Caarapó/MS**. Universidade Católica Dom Bosco, outubro de 1996. Disponível em <http://www.multitemas.ucdb.br/article/view/1349>. Acesso em 10/10/2019.

TOMANIK, E. A. **O sujeito humano e o conhecimento: constituição psicossocial e complexidade**. In.: TOMANIK et al. **A constituição do sujeito e a historicidade**. Campinas-SP: Alínea, 2009, p. 33-62.

TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Luckács, 2013.

TULESKI, S. C. **Vygotski: a construção de uma psicologia marxista**. 2.ed. Maringá: Eduem, 2008.

_____. Em defesa de uma leitura histórica da Teoria Vigotskiana. In.: FACCI, M. G. D. et al. **A escola de Vigotski: contribuições para a psicologia e a educação**. Maringá: Eduem, 2009, p. 35-62.

UFGD – UNIVERSIDADE DA GRANDE DOURADOS. Licenciatura Intercultural Teko Arandu. Disponível em https://portal.ufgd.edu.br/cursos/licenciatura_intercultural_indigena/index. Acesso em 15.out.2019.

VYGOTSKI, L.S. El problema de desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: **Obras escolhidas III: História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Madrid: Visor, 1931/1995. 11-46

_____. **Pensamento e linguagem**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VITALE, M. P. et al. **Psicologia e Povos Indígenas: Um estudo preliminar do “Estado da Arte”**. Revista Psicologia e Saúde, 2009, 1 (1), pp. 15-30

ZANELLA, A. **Vygotski: contexto, contribuições à psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal**. Itajai: Univali, 2007.

ZOIA, P. et. al. Lev Semionovitch Vigotski: um estudo da vida e da obra do criador da psicologia histórico-cultural. In.: LONGAREZI, A. M. & PUENTES, R. V. (orgs). **Ensino desenvolvimental : vida, pensamento e obra dos principais representantes russos**. Uberlândia : EDUFU, 2013 p.47 -66.

ANEXOS

Pacto Comunitário dos Direitos Sociais nas relações de trabalho indígena, assinado em 21 de maio de 1999 em Mato Grosso do Sul⁶⁰

1. A EMPREGADORA contrata através deste instrumento, mão-de-obra indígena para o plantio, corte e tratamentos culturais da cana-de-açúcar, nas áreas próprias ou arrendadas, bem como em qualquer outra propriedade que venha a explorar tal tipo de atividade, seja a título de arrendamento ou a qualquer outro, durante o prazo de vigência do presente CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS EM EQUIPE, realizada pelo prazo máximo de 60 dias, de modo a favorecer a continuidade da vida comunitária nas aldeias, nos termos do art. 16, § 1º, da Lei 6.001/73.

2. O contrato tem o prazo máximo de 60 (sessenta) dias, possibilitando-se ao indígena, sempre o retorno à sua aldeia. As usinas, inclusive, assentiram em não aplicar a pena prevista no art. 480, da CLT, para o caso rescisão antecipada do contrato de trabalho por iniciativa do índio.

3. A equipe contratada como EMPREGADA é composta por no máximo 50 trabalhadores, somados ao líder da equipe, ao cozinheiro e seu assistente.

4. O líder da equipe receberá no mínimo o salário normativo da categoria, acrescido de um percentual de 8% sobre a produção da equipe. Trata-se de salário diferenciado para o líder em razão do grau de responsabilidade e de comando.

Parágrafo Único – O líder da equipe ficará responsável pela CTPS de todos os trabalhadores indígenas de sua turma, comprometendo-se a entregá-las no final do contrato para a devida baixa, e nos casos de substituição acima previstos”.

A EMPREGADORA garantirá aos trabalhadores indígenas, que percebem remuneração variável por produção, renda mínima, nunca inferior ao salário normativo da categoria, hoje equivalente a ...”

6. O pagamento dos salários dos trabalhadores indígenas será feito individualmente, em moeda corrente, mediante recibo, discriminando-se as parcelas salariais e descontos, sendo vedado descontos para parcelas in natura.”

§ 2º - A EMPREGADORA fornecerá os mantimentos em quantidade suficiente para a realização de três refeições por dia”.

7. Os vencimentos serão apurados mensalmente, ficando estabelecido porém, que o pagamento da produtividade somente se dará no final do contrato, no prazo máximo de 48 horas após o vencimento do contrato. Parágrafo Único – O atraso no pagamento acima estipulado acarretará multa prevista no art. 477 da CLT.

⁶⁰ Disponível em <http://www.pgt.mpt.gov.br/publicacoes/pub35.html>. Acesso em 17/09/2017.

12. A realização de sucessivos Contratos de Prestação de Serviços em Equipe, não caracterizará continuidade de vínculo empregatício, uma vez que os mesmos serão firmados pelo prazo máximo de 60 dias, alternadamente, visando aos índios a manutenção de sua vida social, costumes e tradições, nos termos da Lei nº 6.001/73 e art. 231 da Constituição Federal.

13. A EMPREGADORA efetuará o pagamento de uma taxa comunitária revertida à aldeia de origem dos trabalhadores, num percentual de 10% sobre o valor do adiantamento concedido, sendo que 50% deste valor a empresa pagará e os 50% serão efetuados com desconto a este título da remuneração dos indígenas, desde que devidamente autorizada por escrito.

14. O Presente Contrato de Prestação de Serviços em Equipe serão celebrados com anotações na Carteira de Trabalho dos indígenas.

16. A EMPREGADORA não fornecerá, seja a título gratuito ou oneroso, bebidas alcoólicas aos trabalhadores indígenas, durante o expediente ou fora dele. A cláusula, além da relevância social, tem por objetivo comprometer a empresa no combate ao alcoolismo

17. A EMPREGADORA transportará trabalhadores indígenas em veículos adequados ao transporte de pessoas, mantendo o sistema de transporte em ônibus, sem qualquer ônus a este título ao trabalhador indígena. Cláusula de responsabilidade do empregador, de transporte dos trabalhadores com segurança e sem qualquer ônus a estes, inclusive sendo especificado o tipo do veículo transportador, evitando-se o uso de caminhões do tipo “pau-de-arara”.

18. Não haverá por parte da EMPREGADORA nenhuma forma de tratamento discriminatória aos trabalhadores indígenas, ficando assegurado aos mesmos, o respeito à organização social, costumes, crenças e tradições, respeitado o direito de cidadania e as características específicas de cada etnia indígena, conforme prescrito no art. 231 da Constituição Federal.

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA NA RESERVA INDÍGENA TE'YIKUE

Eu, **ADÃO MANOEL**, vice-cacique líder da Reserva Indígena Tey'Kuey localizada no município de Caarapó-MS autorizo a realização da pesquisa **“Significados e sentidos do trabalho indígena nas usinas de cana-de-açúcar: uma análise histórico-cultural”** nesta comunidade sob a responsabilidade da pesquisadora **RENATA XAVIER CARNIEL**, mestranda regularmente matriculada sob o RA PSC170658 no curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de conhecimento: Psicologia e Sociedade – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis-SP.

Os participantes desta pesquisa serão os moradores da reserva indígena Te'yikue que trabalharam em usinas de cana-de-açúcar e que atualmente não trabalham mais, ou seja, aqueles que exercem outra atividade distinta àquela exercida nas usinas. A coleta de dados será feita por meio de entrevistas estruturadas com início previsto para novembro/2018, podendo ser prorrogada para dezembro/2018 e término previsto para junho/2019.

Esta pesquisa atenderá plenamente o Regimento do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis e normas complementares ao mesmo

Caarapó-MS ____ de _____ de 2018.

Adão Manoel CPF 010.789-381-99

Vice-Cacique Líder

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Capítulo IV, itens 1 a 8 da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**Significados e sentidos do trabalho indígena em usinas de cana-de-açúcar: uma análise histórico-cultural**”, realizada pela estudante de Pós-Graduação em Psicologia da faculdade de ciências e letras da UNESP–Campus de Assis, Renata Xavier Carniel, RG 1212881 SSP/MS

Este termo deverá ser elaborado em duas vias. Depois de lido, rubricado e assinado, uma via ficará em poder do participante e a outra via em poder do pesquisador responsável.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Campus de Assis. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos, poderão ser esclarecidas pelo telefone (18) 3302-5884 ou pelo e-mail cep@assis.unesp.br, ou diretamente com o pesquisador pelo telefone (14) 997734273, ou e-mail joice.otavio@gmail.com.

I. Objetivos

Analisar os significados e sentidos atribuídos ao trabalho pelos índios da Reserva Te'yikue do município de Caarapó-MS em usinas de cana-de-açúcar.

Identificar a significação social e o sentido pessoal atribuído ao trabalho pela população indígena da Reserva Te'yikue;

Conhecer a cultura do povo guarani-kaiowá da Reserva Indígena Te'yikue do município de Caarapó-MS;

Resgatar a historicidade da contratação de mão-de-obra indígena pelas usinas e destilarias de cana-de-açúcar no estado do Mato Grosso do Sul.

Contribuir para que a ciência psicológica se abra a realidade social, despertando em seus profissionais o compromisso com a dimensão social e histórica da comunidade na qual está inserido.

II. Procedimentos

Pesquisa quantitativa para identificar os sujeitos que trabalharam em usinas no período de 1980 a 2000 e entrevistas.

III. Riscos/desconfortos

A presente atividade não oferecerá riscos aos participantes. Entretanto, caso os senhores sintam algum desconforto, todos os cuidados serão tomados para adequar o procedimento às suas necessidades, podendo-se fazer até mesmo a interrupção das entrevistas.

O pesquisador buscará ajudá-los no que for necessário, assumindo total responsabilidade pela prestação de assistência. Além disso, no decorrer da atividade, esclarecerá todos os procedimentos.

IV. Liberdade/garantias

Os senhores participantes têm total liberdade para se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento.

V. Sigilo/anonimato

As informações coletadas nas entrevistas e no procedimento de desenho-estória serão divulgadas na forma de debate realizado posteriormente junto do orientador do pesquisador e potencialmente em uma publicação de caráter científico. Os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo, caso algum trecho das entrevistas ou do material colhido através do procedimento desenho-estória seja empregado em publicações, isso será feito sem mencionar o nome do depoente e qualquer outro elemento que possa identifica-lo.

VI. Despesas/indenização

Essa atividade não resultará em ônus de qualquer espécie para os senhores.

VII. Publicação

O resultado final poderá ser publicado.

VIII. Material coletado

O material coletado ficará sob a guarda do pesquisador responsável em armário trancado na universidade. Após cinco anos o material impresso será destruído por uma fragmentadora de papel e o CD com áudio das entrevistas serão quebrados.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, portador do RG de nº _____, concordo em participar da pesquisa **Significados e sentidos do trabalho indígena em usinas de cana-de-açúcar: uma análise histórico-cultural**. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador responsável Renata Xavier Carniel dos procedimentos nela envolvidos e os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido, ainda, que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso incorra em qualquer penalidade. Declaro, ainda, que (☐) concordo / (☐) não concordo com a publicação dos resultados dessa atividade, ciente da garantia quanto ao sigilo das minhas informações pessoais.

Caarapó ____ de _____ de 2019

Assinatura

Eu, Renata Xavier Carniel, pesquisadora responsável pelo estudo, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante.

Renata Xavier Carniel